

literatura
livre

Avatar

THÉOPHILE
GAUTIER

Avatar (1856)

Tradução: Bruno Anselmi Matangrano

Edição bilingue:
PORTUGUÊS • FRANCÊS

Sesc

— •
literatura
livre

Avatar

Théophile Gautier

Edição Bilingue

 **sesc**  **mojo**^{org}

— •
literatura
livre

Avatar

Théophile Gautier

Tradução:

Bruno Anselmi Matangrano

Edição Bilingue

Português-Francês

sesc **mojo**^{org}

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP

G277 Gautier, Théophile (1811-1872)
Avatar / Théophile Gautier. Tradução e notas de Bruno Anselmi
Matangrano. – São Paulo: Instituto Mojo, 2022. (Coleção Literatura
Livre).
E-Book: PDF, ePUB, MOBI
Disponível em: <https://mojo.org.br>

*Título Original: Avatar. Publicado originalmente no jornal Le Moniteur
universel, entre fevereiro e abril de 1856, em formato de folhetim.
Edição bilingue: Português - Français.*

ISBN 978-65-89008-29-3

1. Literatura Francesa. 2. Romance. 3. Literatura Fantástica. 4.
Proto Ficção-científica 5. Amor Romântico. I. Título. II. Série.
III. Matangrano, Bruno Anselmi, Tradutor. IV. Instituto Mojo de
Comunicação Intercultural. V. Literatura Livre. VI. Gautier, Pierre
Jules Théophile (1811-1872).

CDU 821.112.2

CDD 840

Catalogação elaborada por Regina Simão Paulino – CRB 6/1154

Avatar

1	7
2	25
3	43
4	53
5	65
6	79
7	95
8	111
9	127
10	141
11	157
12	171
Avatar	191
I	193
II	209
III	223
IV	233

V	243
VI.....	255
VII.....	269
VIII.....	283
IX.....	297
X.....	309
XI.....	323
XII.....	337

Manifesto pela democratização

do domínio público	351
Literatura Livre	352
Instituto Mojo.....	353
Ficha técnica	354

1

Ninguém conseguia entender a doença que lentamente minava Octave de Saville. Ele não estava de cama e levava sua vida normalmente. Não se ouvia uma queixa sequer sair de seus lábios e, no entanto, definhava a olhos vistos. Interrogado pelos médicos que a solicitude de seus pais e de seus amigos o forçava a consultar, não indicava nenhum sofrimento específico, e a ciência não descobria nele qualquer sintoma alarmante. Quando auscultado, seu peito devolvia um som favorável e com certa dificuldade; ao encostarem a orelha sobre o seu coração, alguns batimentos lentos ou rápidos demais eram surpreendidos. Ele não tossia, não tinha febre, mas a vida se retirava dele e fugia por uma dessas fendas invisíveis, as quais o homem tem várias, como diria Terêncio¹.

1 Terêncio (190 a.C.–159 a.C.) foi um poeta cômico latino nascido em Cartago (atual Tunísia), autor de seis peças de grande renome. Como indicam Dominique Trouvé e Catherine Henri, em sua edição *Contes fantastiques* (1999), de Gautier, na peça “O

Por vezes uma bizarra síncope o fazia empalidecer e enregelar como mármore. Durante um ou dois minutos, dava para achar que estava morto; depois, detido por um misterioso dedo, o pêndulo retomava seu movimento e, não estando mais retido, Octave parecia despertar de um sonho. Enviaram-lhe às águas, mas as ninfas termais nada puderam fazer por ele. Uma viagem a Nápoles não produziu melhor resultado. Aquele belo sol tão vangloriado lhe parecera negro como o da gravura de Albrecht Dürer.² O morcego que carrega em sua asa aquela palavra escrita, “melancolia”, chicoteava aquele anil faiscante com suas membranas poeirentas e voava entre ele e a luz. Sentira-se congelar no cais da Mergellina, onde os Lazzaroni³ seminus se queimam e dão às suas peles uma pátina de bronze.

Eunuco, um de seus personagens diz: ‘Estou cheio de fendas e me esvaio por toda parte.’” (p. 235).

- 2 Albrecht Dürer (1471-1528), chamado às vezes como “o Jovem” para não fosse confundido com seu pai, foi um pintor alemão renascentista. Na sequência, Gautier refere-se à sua gravura *Melancolia I*, de 1514, na qual se vê um ser alado com ares de tédio e um morcego de asas estendidas quase à frente do sol, trazendo uma espécie de faixa com o título da obra.
- 3 Mergellina é uma região costeira da cidade italiana de Nápoles, enquanto “Lazzaroni” é o termo pelo qual eram conhecidas as pessoas das classes mais pobres da cidade.

Então, voltara ao seu pequeno apartamento na rua Saint-Lazare e retomara, pelo que parecia, aos seus antigos hábitos.

Aquele apartamento era tão confortavelmente mobiliado quanto poderia ser o lar de um homem solteiro. Mas, assim como o interior de uma casa toma com o tempo a fisionomia e talvez o pensamento daquele que a habita, a residência de Octave tinha entristecido pouco a pouco. O damasco das cortinas estava mais pálido e não deixava mais filtrar nada além de uma luz cinzenta. Os grandes buquês de peônias murchavam sobre o fundo menos branco do tapete; o dourado das molduras que enquadravam algumas aquarelas e alguns esboços de grandes pintores lentamente se avermelharam sob uma implacável poeira; o fogo desencorajado se apagava e fumegava por entre as cinzas. O velho carrilhão encrustado de cobre e de pedras verdes ressoava o ruído de seu tique-taque e o timbre das horas tediosas falava baixo como se faz no quarto de um doente; as portas voltavam a se fechar silenciosas e os passos dos raros visitantes eram amortecidos sobre a passadeira. O riso se detinha em si mesmo ao penetrar aqueles aposentos apáticos, frios e escuros, onde, no entanto, nada do luxo moderno faltava. Jean, o criado de Octave, deslizava por entre eles como uma sombra, um espanador sob o braço, uma bandeja na mão, pois, sem perceber a melancolia do lugar, acabara por perder a sua loquacidade.

Nas paredes, troféus, luvas de boxe, máscaras e floretes estavam pendurados, mas era fácil perceber que não haviam sido tocados fazia muito tempo; livros, recolhidos e jogados descuidadamente, jaziam sobre os móveis, como se Octave tivesse desejado, com toda aquela leitura, adormecer uma ideia fixa. Uma carta começada, em uma folha já oxidada, parecia ter esperado meses que a terminassem, e repousava no escritório como uma silenciosa censura. Embora habitado, o apartamento parecia deserto. A vida estava ausente e, ao entrar nele, recebia-se no rosto aquela lufada de ar frio que brota dos túmulos quando alguém os abre.

Naquela lúgubre morada, onde uma mulher nunca aventuraria a ponta de sua bota, Octave se sentia mais à vontade do que em qualquer outro lugar — aquele silêncio, aquela tristeza e aquele abandono lhe convinham. O alegre tumulto da vida o assustava, apesar de por vezes ter feito esforços para se misturar a ele. Mas voltava mais sombrio das festas, das despedidas ou das ceias às quais seus amigos o levavam. Assim, não lutava mais contra aquela dor misteriosa e deixava os dias irem embora com a indiferença de um homem que já não conta com o dia seguinte. Não fazia nenhum projeto, já que não acreditava mais no futuro, e tacitamente enviara a Deus sua demissão da vida, esperando que ele a aceitasse. No entanto, se o imaginam com um rosto

emagrecido e encovado, uma cor terrosa, com membros extenuados, um grande estrago exterior, estão enganados. No máximo, perceberiam algumas olheiras de tom ocre sob as pálpebras, algumas nuances alaranjadas em torno das órbitas, alguma flacidez nas têmporas sulcadas de veias azuladas. Só que o brilho da alma não brilhava nos olhos, cuja vontade, a esperança e o desejo tinham evaporado. Aquele olhar morto naquele rosto jovem formava um contraste estranho e produzia um efeito mais penoso do que o semblante descarnado, os olhos acessos de febre, da doença ordinária.

Octave fora, antes de definhar daquele jeito, o que pode ser chamado de um belo rapaz, e ele ainda o era. De cada lado de suas têmporas, espessos cabelos negros avolumavam-se em cachos abundantes, cuidados e lustrosos; seus olhos largos, aveludados, de um azul noturno, franjados por cílios recurvados, iluminavam-se, por vezes, com uma faísca úmida. Em repouso, e quando nenhuma paixão os animava, faziam-se notar por aquela quietude serena que possuem os olhos dos Orientais, no momento em que, à porta de um café de Esmirna ou de Constantinopla, fazem o *kief*⁴ após terem fumado seu narguilé. Sua tez nunca tinha sido corada, e se

4 Nome turco para “sesta”. Esmirna e Constantinopla (atual Istambul) são cidades na Turquia.

parecia com aquelas peles meridionais de um branco azeitonado que não produz todo seu efeito senão sob à luz. Sua mão era fina e delicada, seu pé estreito e arqueado. Vestia-se bem, sem preceder a moda nem a segui-la como retardatário, e sabia fazer valer maravilhosamente bem suas vantagens naturais. Ainda que não tivesse nenhuma pretensão de dândi ou de nobre cavaleiro, caso tivesse se apresentado no Jockey Clube, não o teriam recusado.

Como foi que um rapaz, jovem, rico, com tantas razões de ser feliz, se consumiu tão miseravelmente? Poderia se dizer que Octave estava ferido, que os romances da moda da época lhe tinham estragado o cérebro com suas ideias perversas, que ele não acreditava em nada, que de sua juventude e de sua fortuna desperdiçada em loucas orgias nada lhe restava além de dívidas. Todas essas suposições faltam com a verdade. Tendo usado muito pouco dos prazeres da vida, Octave não podia ficar desgostoso com isso; não era nem esplênico, nem romanesco, nem ateu, nem libertino, nem gastador; sua vida até então tinha sido regada a estudos e distrações como as dos outros rapazes. Sentava-se pela manhã no curso da Sorbonne e pela noite se plantava na escada da Ópera para ver passar o desfile de belas vestes. Não conhecia nem moças fáceis nem duquesas, e despendia sua renda sem fazer suas fantasias serem mordidas pelo capital – seu contador o

estimava; era, portanto, de caráter bem simples, incapaz de se atirar na geleira de Manfredo ou de acender o braseiro de Escousse.⁵ Quanto à causa do singular estado em que se encontrava e que deixava em pane a ciência da faculdade, não ousamos confessar, de tanto que a coisa é inverossímil em Paris, no século 19, e deixamos o cuidado de dizê-la ao nosso próprio herói.

Como os médicos comuns não entendiam nada sobre aquela estranha doença, pois ainda não dissecavam almas nos anfiteatros de anatomia, recorreram em última instância a um doutor singular, que retornara das Índias após uma longa estadia e que agora operava curas maravilhosas.

Octave, que apresentava uma perspicácia superior e era capaz de penetrar o segredo do doutor, parecia temer a sua visita, e foi apenas com as insistências reiteradas de sua mãe que consentira em receber o sr. Balthazar Cherbonneau.

Quando o doutor entrou, Octave estava recostado em um divã: uma almofada amparava sua cabeça, uma outra lhe sustentava o cotovelo, uma terceira lhe cobria os pés; uma

5 Referência ao personagem Manfredo, do poema homônimo de Lorde Byron (1788–1824), publicado em 1817, no qual ele tenta se suicidar numa geleira; e a Victor Escousse (1813–1832), um promissor poeta e dramaturgo que se suicidou por asfixia junto de um amigo por se sentirem incompreendidos.

*gandoura*⁶ o envolvia com suas pregas flexíveis e macias; estava lendo, ou melhor, segurava um livro, pois seus olhos detidos sobre uma página nada viam. Seu rosto estava pálido, mas como já dissemos, não apresentava qualquer alteração muito sensível. Uma observação superficial não diria que aquele jovem estava doente, em cuja mesa de cabeceira havia uma caixa de charutos no lugar dos frascos, xaropes, poções, infusões e outras farmacopeias habituais para casos semelhantes. Seus traços serenos, embora um pouco cansados, não tinham perdido quase nada de sua graça, e, salvo a atonia profunda e a incurável desesperança do olhar, Octave parecia gozar de uma saúde normal.

Por mais indiferente que Octave fosse, o aspecto bizarro do doutor o chocou. O sr. Balthazar Cherbonneau tinha ares de uma figura saída de um conto fantástico de Hoffmann, passeando numa realidade estupefata depois de ver aquela criação inusitada. Sua face extremamente morena parecia estar sendo devorada por um crânio enorme, cuja queda dos cabelos o fazia parecer ainda mais vasto. Aquele crânio nu, polido como marfim, tinha guardado seus matizes brancos, enquanto a máscara, exposta aos raios do sol, tinha se revestido, graças às sobreposições das camadas do bronzeado, de um

6 Longa túnica originária do Norte da África.

tom de carvalho velho ou de retrato envelhecido. As covas, as cavidades e as saliências de seus ossos se acentuavam tão vigorosamente que o pouco de carne que os recobria parecia, com suas mil rugas frisadas, uma pele molhada aplicada sobre a cabeça de um morto.

Os raros pelos cinzentos que ainda pairavam sobre o osso occipital, reunidos em três magras mechas das quais duas se erguiam acima das orelhas e cuja terceira partia da nuca para morrer na base da fronte, davam saudades de quando se usava a antiga peruca de juiz ou a moderna juba de piaçava, e coroavam de uma maneira grotesca aquela fisionomia de quebra-nozes. Mas o que invencivelmente prendia a atenção no doutor eram os seus olhos. No meio daquele rosto escurecido pela idade, calcinado por céus incandescentes, utilizado pelo estudo, onde as fadigas da ciência e da vida se inscreviam em sulcos profundos, em pés de galinha raiados e em pregas mais dobradas do que os cadernos de um livro, brilhavam duas íris de um azul de turquesa, de uma limpidez, de um frescor e de uma juventude inconcebíveis. Aquelas estrelas azuis brilhavam no fundo de órbitas morenas e de membranas concêntricas cujos círculos ferozes lembravam vagamente as plumas dispostas em auréola ao redor dos olhos nictalopes⁷

7 Isto é, capazes de ver no escuro.

dos mochos. Poderia se dizer que, por alguma bruxaria ensinada pelos brâmanes e panditas, o médico tinha roubado os olhos de uma criança e os tinha ajustado em sua face de cadáver. Naquele velhote, o olhar marcava vinte anos; no jovem rapaz, marcava sessenta.

O traje era o traje clássico de médico: jaleco e calças de tecido preto, colete de seda da mesma cor, e, sobre a camisa, um grande diamante, presente de algum rajá ou de algum nababo.⁸ Mas aquelas roupas flutuavam como se tivessem sido penduradas em um cabideiro e, quando se sentava, desenhavam pregas perpendiculares que os fêmures e as tíbias do doutor quebravam em ângulos agudos. Para produzir aquela magreza fenomenal, o voraz sol da Índia não bastara. Sem dúvida Balthazar Cherbonneau tinha se submetido, com algum objetivo iniciático, aos longos jejuns dos faquires e se mantido entre os quatro fogareiros ardentes sobre a pele de gazela junto dos iogues;⁹ mas aquela perda de substância não

8 Brâmanes são os membros da casta sacerdotal, a mais importante da cultura tradicional indiana. "Pandita" é um título honorífico que designa um sábio. Já "nababo" é um título de nobreza indiano que, por extensão, também foi usado para designar toda sorte de pessoas importantes do país.

9 Os iogues são os praticantes da ioga, mas, na filosofia hinduísta, o termo designa a pessoa que atingiu certo estágio de elevação espiritual.

denunciava nenhum enfraquecimento. Os ligamentos sólidos e tencionados de suas mãos, como as cordas sobre o braço de um violino, ligavam entre si os ossinhos descarnados das falanges e os faziam se mover sem que ranguessem demais.

O médico se sentou na cadeira ao lado do divã que Octave lhe designava com a mão, fazendo com os cotovelos uma espécie de régua dobrável e com movimentos que indicavam o hábito inveterado de se agachar em esteiras. Assim sentado, o sr. Cherbonneau dava as costas à luz, que iluminava em cheio o rosto do doente, situação favorável para o exame e que os observadores aceitavam de bom grado, mais curiosos em ver do que em serem vistos. Embora o rosto do doutor estivesse envolvido por sombras e o topo de seu crânio, brilhante e arredondado como um gigantesco ovo de avestruz, retivesse sozinho a passagem de um raio de luz, Octave distinguia a cintilação das estranhas írises azuis, as quais pareciam dotadas de uma luz própria como os corpos fosforescentes: delas, jorrava um raio agudo e claro, que o jovem doente recebia em cheio no peito com aquela sensação de formigamento e de calor produzido pelo vômito.

— Pois bem, meu senhor — o médico disse após um momento de silêncio durante o qual pareceu resumir os indícios reconhecidos em sua rápida inspeção —, já estou vendo que no seu caso não se trata de uma patologia vulgar.

O senhor não tem nenhuma dessas doenças catalogadas, com sintomas reconhecidos, que o médico cura ou faz piorar; e, quando eu tiver conversado alguns minutos com o senhor, não lhe pedirei papel para desenhar uma fórmula anódina do *Códice*, embaixo da qual colocaria uma assinatura hieroglífica e que seu criado particular levaria ao farmacêutico da esquina.

Octave sorriu fragilmente, como quem agradece ao sr. Cherbonneau por lhe poupar de inúteis e fastidiosos remédios.

— Mas não se alegre tão depressa — continuou o doutor. — Não é porque o senhor não tem nem hipertrofia do coração, nem nodosidades no pulmão, nem amolecimento da medula espinal, nem derrame seroso no cérebro, nem febre tifoide ou nervosa, que isso quer dizer que esteja em boa saúde. Dê-me sua mão.

Achando que o sr. Cherbonneau ia lhe tomar o pulso e esperando vê-lo sacar seu relógio em segundos, Octave repuxou a manga de sua gandoura, deixou seu punho descoberto e o estendeu mecanicamente ao doutor. Sem buscar com o polegar aquela pulsação rápida ou lenta que indica se o relógio da vida está desregulado em um homem, o sr. Cherbonneau tomou em sua mão morena, cujos dedos ossudos pareciam pinças de caranguejo, a palma delgada, úmida e cheia de veias do jovem; apalpou-a, apertou-a, amassou-a em alguma

medida, como que para entrar em comunicação magnética com seu objeto de interesse. Octave, mesmo sendo cético com a medicina, não podia se furtar de sentir certa emoção ansiosa, pois lhe parecia que o médico buscava a sua alma com aquela pressão, e o sangue abandonou totalmente seu rosto.

— Caro sr. Octave — disse o médico, largando a mão do rapaz —, sua situação é mais grave do que pensa, e a ciência, ao menos tal como praticada pelo velho costume europeu, não pode fazer nada. O senhor não tem mais vontade de viver e sua alma se desprende insensivelmente de seu corpo. Não há em sua pessoa nem hipocondria, nem lipemania, nem tendência melancólica ao suicídio. Não! Caso raro e curioso, o senhor poderia, se eu não me opusesse, morrer sem nenhuma lesão interior ou exterior apreciável. Já era hora de me chamar, pois seu espírito apenas se agarra à carne por um fio, mas vamos dar um bom nó nele.

E o doutor esfregou uma mão na outra com alegria, fazendo uma careta à guisa de sorriso que acentuou um turbilhão de rugas nas mil pregas de seu rosto.

— Sr. Cherbonneau, não sei se o senhor vai me curar e, depois de tudo, não tenho a menor vontade disso, mas devo confessar que o senhor penetrou logo de cara na causa do estado misterioso em que eu me encontro. Parece-me que meu corpo se tornou permeável e que deixa meu eu escapar

como a água pelos buracos de uma tela. Sinto como se eu estivesse me fundido ao grande todo, e mal me distingo do meio em que mergulho. A vida, cuja pantomima habitual levo a cabo o tanto quanto possível para não chatear meus pais e meus amigos, parece-me tão distante de mim que há momentos em que acredito já estar fora da esfera humana. Vou e venho pelos motivos que me determinaram outrora e cujo impulso mecânico ainda dura, mas sem participar daquilo que faço. Eu me coloco à mesa nas horas ordinárias e pareço comer e beber, embora não sinta nenhum gosto nem mesmo pelos pratos mais temperados e pelos vinhos mais fortes. A luz do sol me parece pálida como a da lua, e as velas têm chamas negras. Sinto frio nos mais quentes dias do verão; por vezes, faz-se em mim um grande silêncio como se meu coração não batesse mais e as engrenagens interiores tivessem parado por uma causa desconhecida. A morte não deve ser diferente desse estado se ela for avaliada pelos defuntos.

— O senhor tem uma impossibilidade crônica de viver — retomou o doutor. — Doença bem moral e mais frequente do que se pensa. O pensamento é uma força que pode matar como o ácido prússico, como a faísca da garrafa de Leiden, ainda que o traço de suas devastações não seja tangível pelos fracos meios de análise dos quais a ciência vulgar dispõe.

Qual desgosto enfia seu bico recurvado em seu fígado? Do alto de qual ambição secreta o senhor caiu, quebrado e derrotado? Que desespero amargo o senhor ruma em sua imobilidade? É a sede de poder que o atormenta? O senhor renunciou voluntariamente a um objetivo colocado fora do alcance humano? O senhor é muito jovem para isso. Uma mulher o enganou?

— Não, doutor — respondeu Octave. — Sequer tive essa felicidade.

— E, no entanto — retomou o sr. Balthazar Cherbonneau —, leio em seus olhos ternos, na maneira desencorajada de seu corpo, no timbre surdo de sua voz, o título de uma peça de Shakespeare tão nitidamente como se estivesse estampado em letras de ouro sobre a capa de uma encadernação marroquina.

— E qual é esta peça que eu traduzo sem o saber? — perguntou Octave, cuja curiosidade despertava contra sua vontade.

— *Love's labour's lost*¹⁰ — continuou o doutor, com certa pureza no sotaque que denunciava uma longa estada nas possessões inglesas da Índia.

10 Nome de uma peça de William Shakespeare (1564–1616), mais conhecida em português como *Trabalhos de amor perdidos*.

— Isso quer dizer, se não me engano, *dores de amores perdidos*.

— Precisamente.

Octave não respondeu. Um ligeiro rubor coloriu sua face e, para parecer indiferente, começou a brincar com a ponta de seu cordão. O doutor tinha dobrado uma de suas pernas sobre a outra, o que produziu o efeito dos ossos em cruz incrustados em tumbas, e segurava o pé com a mão à moda oriental. Seus olhos azuis mergulhavam nos de Octave e os interrogavam com um olhar imperioso e doce.

— Vamos, abra-se para mim — disse o sr. Balthazar Cherbonneau. — Sou o médico das almas, o senhor é meu paciente e, como o padre católico com seu penitente, eu lhe peço uma confissão completa, e a poderá fazer sem se colocar de joelhos.

— E para quê? Supondo que tenha adivinhado corretamente, contar-lhe minhas dores não as aliviaria. Não sou do tipo que fica tagarela quando sofre. Nenhum poder humano, nem mesmo o seu, saberia me curar.

— Talvez — falou o doutor, ajustando-se para ficar mais ereto em sua poltrona, como alguém que se dispõem a escutar uma confidência de certa duração.

— Não quero que o senhor me acuse de uma teimosia pueril — retomou Octave — e nem lhe dar, com meu silêncio,

um modo de lavar as próprias mãos ante minha morte. Então, como insiste, vou lhe contar minha história. O senhor já adivinhou a origem e não discutirei os detalhes com o senhor. Não espere por nada de singular ou de romanesco. É uma aventura bastante simples, bastante comum, bastante surrada. Mas, como diz a canção de Heinrich Heine,¹¹ “aquele com quem ela acontece sempre a considera nova, e fica com o coração partido”. Na verdade, tenho vergonha de dizer alguma coisa tão vulgar a um homem que já viveu nos mais fabulosos e quiméricos países.

— Não tenha medo algum, nada além do comum é extraordinário para mim — disse o doutor, sorrindo.

— Pois bem, doutor, estou morrendo de amor.

11 Heinrich Heine (1797–1856) foi um importante poeta romântico alemão, muito lido por seus homólogos franceses.

2

Eu me encontrava em Florença por volta do fim do verão, em 184..., a mais bela época para ver Florença. Tinha tempo, dinheiro, boas cartas de recomendação e então eu era um jovem rapaz de bom humor, não querendo nada além de diversão. Instalei-me sobre o longo rio Arno, aluguei uma carruagem e me deixei levar por aquela doce vida florentina, tão charmosa para os estrangeiros. De manhã, ia visitar alguma igreja, algum palácio ou alguma galeria, bem à vontade, sem me apressar, sem querer me provocar aquela indigestão de obras-primas que, na Itália, acomete os turistas apressados demais com a náusea da arte. Ora olhava as portas de bronze do batistério, ora o Perseu de Benvenuto sob a *Loggia dei Lanzi*, o retrato da Fornarina na Galeria dos Escritórios, ou então a Vênus de Canova no palácio Pitti, mas nunca mais de um objeto por vez. Depois, eu almoçava no café Doney, com uma xícara de café gelado, fumava alguns charutos, folheava os jornais e, com a botoeira florida de bom grado ou à força

por aquelas lindas floristas com grandes chapéus de palha que estacionavam diante do café, voltava para casa para fazer a sesta.

“Às três horas, a carruagem vinha me buscar e me levava ao Cascine. O Cascine é para Florença o que o Bosque de Bolonha é para Paris,¹² com a diferença de que todo o mundo se conhece e que a praça circular forma um salão ao ar livre, onde as poltronas são substituídas por carros, parados e organizados em semicírculos. As damas, em belas vestes, recostadas sobre os assentos, recebem as visitas dos admiradores e dos cavalheiros, dos dândis e dos adidos de

12 Referência à escultura de bronze intitulada *Perseu com a cabeça da medusa*, feita por Benvenuto Cellini (1500–1571) por volta de 1550, localizada na *Loggia dei Lanzi*, um célebre edifício da Praça da Signoria, em Florença. Fornarina (“padeira”, em italiano), por sua vez, era o nome pelo qual era conhecida Margarita Lutti, amante e modelo de Raffaello Sanzio (1483–1520), um dos mais importantes pintores do Renascimento, que lhe fez alguns retratos. A Galleria degli Uffizi, assim como o Palácio Pitti, abriga dois dos mais importantes museus de Florença. Antonio Canova (1757–1822) foi um importante pintor e escultor italiano, conhecido por seu estilo neoclássico. Por fim, o Café Doney foi uma célebre cafeteria da cidade durante o século 19, ficava perto do parque Cascine, um dos maiores e mais importantes parques da cidade, apenas comparável — no contexto europeu — ao gigantesco Bosque de Bolonha, localizado na fronteira oeste da capital francesa.

legaço¹³, que se mantêm de pé e com o chapéu abaixado sobre os degraus das carruagens. Mas o senhor sabe isso tudo tão bem quanto eu. Ali se formam os planos para a noite, os encontros são combinados, as respostas são dadas, os convites são aceitos. É como uma bolsa de valores da diversão, que se dá entre as três e as cinco horas, à sombra das belas árvores, sob o mais doce céu do mundo. É obrigatório, para todo ser de boa posição, fazer uma aparição no Cascine todo dia. Eu tomava o cuidado de não faltar, e, à noite, após o jantar, ia em alguns salões, ou ao Pergola,¹⁴ quando a cantora valia a pena.

“Passei assim um dos mais felizes meses da minha vida, mas aquela felicidade não devia durar. Um dia, uma magnífica carruagem fez sua primeira aparição no Cascine. Aquele soberbo produto da fábrica de Viena, obra-prima de Laurenzi,¹⁵ decorado com um brasão quase real e que refletia com um verniz reluzente, estava atrelado ao mais belo par de cavalos que já haviam desfilado no Hyde Park ou na sala de estar da

13 “Adido de legação” é um antigo cargo diplomático de baixo escalão conferido por nomeação. Uma legação era uma antiga forma de missão diplomática que se fazia as vezes de embaixada, mas sem ter a importância de uma.

14 Famoso teatro de Florença.

15 Referência a Ludwig Laurenzi (1788–1859), mestre seleiro, que foi sócio de uma importante fábrica vienense de carruagens.

rainha Victória no palácio Saint James,¹⁶ e era conduzido à Daumont¹⁷ do modo mais apropriado, por um cocheiro bem jovem em culote de couro branco e casaca verde. Os cobres dos arneses, as caixas das rodas, os puxadores das portinholas brilhavam como ouro e emitiam raios sob o sol. Todos os olhares seguiram aquela esplêndida tripulação que, após ter desenhado na areia uma curva tão regular quanto o seria se tivesse sido traçada com compasso, foi estacionar ao lado dos carros. A carruagem não estava vazia, como o senhor bem imagina. Mas, na rapidez do movimento, não deu para distinguir nada além de uma ponta de bota esticada sobre o assento da frente, uma larga dobra de xale e o disco de uma sombrinha com franja de seda branca. A sombrinha

16 O Hyde Park é um dos maiores e mais belos parques da capital inglesa; por sua vez, o Palácio de Saint James era a residência oficial da família real britânica durante o reinado da rainha Victória (1819–1901).

17 Isto é, à maneira de Daumont, expressão advinda do nome de Louis-Marie-Augustin d'Aumont de Rochebaron (1709–1782), duque francês, tenente do exército e cavaleiro renomado. Essa atrelagem específica era utilizada em eventos de gala, sobretudo por duques e outros membros da alta nobreza, na qual os cavalos cuidadosamente decorados com fitas eram montados por dois condutores — chamados de postilhões — também elegantemente trajados e acompanhados por dois valetes que cuidavam para abrir as portas e auxiliar o desembarque dos nobres.

se fechou e viu-se resplender uma mulher de uma beleza incomparável.

“Eu estava a cavalo e pude me aproximar o bastante para não perder nenhum detalhe daquela obra-prima humana. A nova aparição usava um vestido daquele verde-água com um brilho prateado que faz parecer preta como uma toupeira qualquer mulher cuja tez não seja impecável — uma insolência loira segura de si mesma. Um longo crepe chinês branco, todo em relevo por bordados da mesma cor, envolvia-a com seu drapeado flexível e todo enrugado com pequenas dobras, como uma túnica de Fídias.¹⁸ O rosto trazia um chapéu, que fazia o papel de auréola, feito com a mais fina palha de Florença e enfeitado com miosótis e delicadas plantas aquáticas de estreitas folhas glaucas; como única joia, um lagarto de ouro constelado de turquesas rodeava o braço que segurava o cabo de marfim da sombrinha.

“Perdoe-me, caro doutor, por essa descrição de revista de moda feita por um apaixonado para quem essas pequenas lembranças ganham uma importância enorme. Espessas faixas

18 Fídias (c. 480–430 a.C.) foi um escultor grego, nascido na cidade-estado de Atenas. Uma de suas mais famosas estátuas é chamada “Atena Partenos”, uma escultura de doze metros de altura que retrata a deusa da sabedoria com uma longa túnica toda drapeada que lhe cobre até os pés.

loiras frisadas, cujos cachos se formam como ondas de luz, desciam em véus opulentos dos dois lados de sua fronte mais branca e mais pura do que a neve virgem caída à noite sobre o mais alto pico de um Alpe. Cílios longos e finos como aqueles fios de ouro que os miniaturistas da Idade Média faziam brilhar ao redor das cabeças de seus anjos, semivelavam suas íris de um azul esverdeado semelhante àquelas luzes que atravessam as geleiras por alguns efeitos do sol. Sua boca, divinamente desenhada, apresentava aqueles tons purpúreos que colorem as valvas das conchas de Vênus, e as maçãs de seu rosto se pareciam com tímidas rosas brancas que a confissão do rouxinol ou o beijo da borboleta fariam corar.

“Nenhum pincel humano saberia produzir aquele tom de tamanho frescor, suavidade e transparência imateriais, cujas cores não pareciam se dever ao sangue grosseiro que ilumina nossas fibras. Apenas os primeiros rubores da aurora sobre o cume das *sierras nevadas*, o tom encarnado de algumas camélias brancas na base de suas pétalas, o mármore de Paros, entrevisto através de um véu de gaze rosada poderiam dar alguma ideia longínqua dela. O que se podia ver do pescoço entre as abas do chapéu e o topo do xale reluzia com uma brancura iridescente, na margem dos contornos, vagos reflexos de opala. Aquela cabeça deslumbrante não me arrebatou de pronto pelo desenho, mas sim pelo colorido,

como as belas produções da escola veneziana, embora seus traços fossem tão puros e tão delicados quanto aqueles dos bustos antigos recortados na ágata dos camafeus.

“Assim como Romeu esquece Rosalinda ao ver Julieta, diante da aparição daquela beleza suprema, esqueci meus amores de outrora. As páginas do meu coração voltaram a ser brancas: qualquer nome, qualquer lembrança desapareceu. Não entendia como havia conseguido encontrar alguma atração naquelas relações vulgares que poucos jovens evitam, e me repreendi por elas como se fossem infidelidades culpáveis. Uma nova vida se determinou para mim com aquele fatal encontro.

“A carruagem deixou o Cascine e retomou o caminho da cidade, levando a ofuscante visão. Parei meu cavalo ao lado do de um jovem russo muito amável, frequentador dos parques, presente em todos os salões cosmopolitas da Europa e que conhecia a fundo os viajantes da alta classe; conduzi a conversa sobre a estrangeira e soube que era a condessa Prascovie Labinska, uma lituana de nascimento, ilustre e grande fortuna, cujo marido lutava havia dois anos na guerra do Cáucaso.¹⁹

19 Entre 1795 e 1918, o povo lituano esteve sob jugo do Império Russo, que, por sua vez, entre os anos 1817 e 1864, guerreou contra os povos do Cáucaso, notadamente contra os georgianos. O

“É desnecessário lhe dizer quais diplomacias coloquei em ação para ser recebido na casa da condessa, uma vez que a ausência do conde a tornava bastante reservada quanto a ser apresentada para novas pessoas; enfim, fui admitido. Duas princesas viúvas e quatro baronesas de idade avançada responderam por mim em nome de suas antigas virtudes.

“A condessa Labinska tinha alugado uma *villa* magnífica, que pertencera outrora aos Salviati,²⁰ a meia hora de Florença e, em alguns dias, conseguira instalar todo o conforto moderno no antigo solar, sem perturbar em nada sua beleza severa e sua sóbria elegância. Grandes portões com brasões de armas se prendiam alegremente nas arcadas ogivais; poltronas e móveis de estilo antigo se harmonizavam com os murais revestidos com madeira escura ou com

conflito terminou com a expansão e dominação dos russos em detrimento dos povos da região. Entre 1569 e 1795, a Lituânia e a Polônia compunham um único país, chamado República das Duas Nações, onde o polonês e o latim eram as línguas mais faladas, motivo pelo qual a condessa Prascovie Labinska, apesar de ser apresentada como uma nobre lituana, tem o polaco como língua natal. Vale lembrar que a despeito de Gautier tratar os condes como eslavos, como de fato são os poloneses, o povo lituano é da família etnolinguística báltica.

- 20 Os Salviati compunham uma das mais importantes famílias italianas de banqueiros florentinos, associada aos Médici, depois tornados duques, conhecidos por serem mecenas de diversos artistas e poetas durante o Renascimento.

afrescos de um tom t nue e pálido como aqueles das velhas tapeçarias. Nenhuma cor pura demais, nenhum dourado brilhante demais incomodava o olhar, e o presente não destoava em meio ao passado. A condessa tinha um ar tão natural de uma castel  que o velho palácio parecia ter sido erguido especificamente para ela.

“Se eu já tinha sido seduzido pela radiante beleza da condessa, fiquei ainda mais ao fim de algumas visitas por seu intelecto tão raro, tão aguçado, tão vasto. Quando falava sobre algum assunto interessante, a alma lhe vinha à pele, por assim dizer, e se fazia visível. Sua brancura se iluminava como o alabastro de uma lamparina, com um raio interior. Havia em sua tez aquelas cintila es fosforescentes, aqueles tremores luminosos dos quais Dante fala quando pinta os esplendores do paraíso. Dava para dizer que era um anjo se destacando claramente contra um sol. Eu ficava ofuscado, extasiado e estupidificado. Abismado na contempla o de sua beleza, alegre com os sons de sua voz celeste que fazia de cada idioma uma música inefável. Quando me era absolutamente necessário responder, balbuciava algumas palavras incoerentes que deviam lhe dar a pior das impressões sobre a minha inteligência. Algumas vezes, inclusive, um imperceptível sorriso, de uma ironia amigável, passava como um brilho róseo sobre seus lábios encantadores ante algumas frases,

denotando, de minha parte, uma perturbação profunda ou uma tolice incurável.

“Eu ainda não lhe havia dito nada sobre o meu amor. Diante dela, eu ficava sem pensamentos, sem forças, sem coragem; meu coração batia como se quisesse sair do meu peito e se lançar aos joelhos de sua soberana. Por vinte vezes, estive decidido a me declarar, mas uma timidez intransponível me continha. A menor expressão fria ou reservada da condessa me causava apreensões mortais e comparáveis às de um condenado que, com a cabeça sob a lâmina, aguarda que o golpe do machado lhe atravesse o pescoço. Contrações nervosas me estrangulavam, suores gelados banhavam meu corpo. Eu corava, empalidecia e ia embora sem dizer nada, tendo dificuldade em encontrar a porta e cambaleando como um homem bêbado nos degraus de entrada.

“Quando já estava fora, minhas faculdades mentais retornavam e eu lançava os mais inflamados ditirambos²¹ ao vento. Endereçava ao meu ídolo ausente mil declarações de uma eloquência irresistível. Eu igualava aquelas apóstrofes mudas aos grandes poetas do amor. O *Cântico dos Cânticos*, de Salomão, com seu vertiginoso perfume oriental e seu

21 Ditirambos, canto de louvor dedicado principalmente a Dioniso, foram os primeiros elementos do gênero trágico e são versos líricos conhecidos por seu aspecto exagerado ou entusiasmado.

lirismo alucinado de haxixe, os sonetos de Petrarca com suas subtilidades platônicas e suas delicadezas etéreas, o *Intermezzo*, de Heinrich Heine com sua sensibilidade nervosa e delirante, não se aproximam daquelas efusões da alma, incontrolláveis, nas quais minha vida se esgotava. Ao fim de alguns daqueles monólogos, parecia-me que a condessa, conquistada, devia descer do céu para o meu coração e, mais de uma vez, cruzei meus braços sobre o peito, pensando que os fechava em torno dela.

“Eu estava tão completamente possuído que passava horas murmurando como se fossem litanias de amor aquelas duas palavras — Prascovie Labinska —, encontrando um encanto indefinível naquelas sílabas, ora desentranhadas lentamente como pérolas, ora ditas com a volubilidade febril do devoto cuja própria prece exalta. Em outras vezes, traçava o nome adorado nas mais belas folhas de velino, conferindo-lhe achados caligráficos dos manuscritos da Idade Média, com iluminuras em ouro, floreios azuis, ramagens de esmalte verde. Eu gastava naquele esforço, de uma minúcia apaixonada e de uma perfeição pueril, as longas horas que separavam minhas visitas à condessa. Não conseguia ler nem me ocupar com o que quer que fosse. Nada me interessava além de Prascovie, e sequer abria as cartas que vinham para mim da França. Diversas vezes, fiz esforços para sair daquele

estado; tentava lembrar os axiomas de sedução aceitos pelos jovens, os estratagemas que os Valmont empregam no café de Paris e os Dom Juan no Jockey Clube,²² mas ante a execução, o coração me faltava e lamentava não ter, como o Julian Sorel de Stendhal,²³ um pacote de epístolas progressivas para copiar para enviá-las à condessa. Eu me contentava em amar, dando-me inteiramente sem nada pedir em troca, sem nem mesmo uma esperança longínqua, pois meus sonhos mais audaciosos mal ousavam relar com seus lábios a ponta dos dedos rosados de Prascovie. No século 15, nem o jovem noviço com a fronte sobre os degraus do altar e nem o cavaleiro ajoelhado em rígida armadura deviam ter uma adoração mais prosternada por Nossa Senhora.”

O sr. Balthazar Cherbonneau havia escutado Octave com uma profunda atenção, pois para ele a narrativa do jovem rapaz não era somente uma história romanesca e ele disse como que para si mesmo durante uma pausa do narrador:

22 Trata-se de uma referência ao visconde de Valmont, personagem do romance *Ligações perigosas* (1782), de Choderlos de Laclos (1741–1803), um personagem libertino que, assim como Dom Juan na tradição hispânica, é conhecido por seus jogos de sedução.

23 Julien Sorel é o protagonista do livro *O vermelho e o negro* (1830), de Stendhal (1783–1842), um jovem noviço que fica tentado e dividido diante de duas possibilidades de futuro: uma vida monástica e uma vida como guerreiro.

— Sim, aí está o diagnóstico de amor-paixão, uma doença curiosa e com a qual me deparei apenas uma vez, em Chandernagar,²⁴ na casa de uma jovem pária que se envolveu com um brâmane. Ela morreu disso, a pobre garota, mas era uma selvagem. Já o senhor é um homem da civilização, sr. Octave, e nós o curaremos.

Fechando seu parêntese, fez um sinal com a mão para que o sr. de Saville continuasse. E, dobrando outra vez sua perna sobre a coxa como a pata articulada de um gafanhoto, de maneira a sustentar seu queixo sobre o joelho, ajeitou-se naquela posição impossível para qualquer outra pessoa, mas que para ele parecia especialmente cômoda.

— Não quero entediá-lo com os detalhes de meu martírio secreto — continuou Octave. — Estou chegando a uma cena decisiva. Um dia, não podendo mais moderar meu imperioso desejo de ver a condessa, adiantei a hora de minha visita habitual. O clima estava tempestuoso e pesado. Não achava a sra. Labinska no salão, ela tinha se abrigado sob um pórtico sustentado por esbeltas colunas, que davam para um terraço pelo qual se descia ao jardim. Tinha mandado levar para lá o seu piano, um sofá e poltronas de bambu. Jardineiras, repletas

24 Pequena cidade da Índia que por muitos anos fez parte dos territórios coloniais franceses no subcontinente indiano.

de esplêndidas flores — que em nenhum outro lugar são tão frescas nem tão aromáticas como em Florença! — preenchiam os vãos entre as colunas e impregnavam com seu perfume as raras lufadas de brisa que vinham dos Apeninos. Diante dela, pela abertura das arcadas, via-se os teixos e as sebes aparadas do jardim, de onde se erguiam alguns ciprestes centenários, e que mármores mitológicos povoavam no gosto atormentado de Baccio Bandinelli ou de Ammannati.²⁵ No fundo, abaixo da silhueta de Florença, arredondava-se o domo de Santa Maria del Fiore e brotava a torre quadrada do Palazzo Vecchio.

“A condessa estava sozinha, recostada no sofá de bambu. Nunca antes me parecera tão bela. Seu corpo indiferente, lânguido por conta do calor, banhado como o de uma ninfa marinha na espuma branca com um amplo penhoar de musselina das Índias, que uma barra bufante margeava de cima a baixo como a franja de prata de uma onda. Um broche de aço nigelado do Coraçone²⁶ fechava o peito daquele vestido tão leve quanto o drapeado que esvoaça ao redor da Vitória que amarra sua sandália. Das mangas abertas a partir da base do antebraço, como os pistilos do cálice de uma flor, saíam de seus braços um tom mais puro que o do alabastro no qual os

25 Baccio Bandinelli (1488–1560) e Bartolomeo Ammannati (1511–1592) foram dois escultores italianos do Renascimento.

26 Trata-se do nome dado à região nordeste do atual Irã até 2004.

estatuários florentinos talhavam cópias das estátuas antigas. Uma larga faixa negra amarrada na cintura, cujas pontas caíam soltas, dividia vigorosamente toda aquela brancura. O que aquele contraste de nuances atribuídas ao luto poderia ter de triste era iluminado pelo bico de uma pequena pantufa circassiana sem salto em azul marroquino, com arabescos amarelos em relevo, que despontava sob a última prega da musselina.

“Os loiros cabelos da condessa, cujos cachos flutuantes, como se tivessem sido erguidos por um sopro, revelavam sua fronte pura e suas têmporas transparentes, formavam um nimbo de onde a luz radiava em faíscas de ouro.

“Perto dela, em uma cadeira, tremulava ao vento um grande chapéu de palha de arroz, ornado com longas fitas pretas iguais à do vestido e jazia um par de luvas da Suécia que não haviam sido colocadas. Ao me ver, Prascovie fechou o livro que estava lendo — as poesias de Mickiewicz²⁷ — e fez para mim um sinalzinho de cabeça benevolente. Estava sozinha — circunstância favorável e rara. Sentei-me à sua frente sobre o assento que me designou. Um daqueles silêncios,

27 Adam Mickiewicz (1798–1855) foi um dos fundadores do romantismo polonês. Poeta cosmopolita, viajou muito e viveu em várias cidades, incluindo Paris, tornando-se conhecido na cena romântica da capital francesa.

dolorosos quando se prolongam, reinou por alguns minutos entre nós. Não achava à minha disposição nenhuma daquelas banalidades para conversar; minha cabeça se envergonhava, ondas de chamas me subiam do coração aos olhos, e meu amor gritava para mim: ‘Não perca essa ocasião suprema’.

“Ignoro o que teria feito se a condessa, adivinhando a causa de minha perturbação, não tivesse se erguido um pouco, estendendo em minha direção sua bela mão, como se para fechar minha boca.

— Não diga uma palavra, Octave. O senhor me ama, eu sei, eu sinto, eu acredito. Não estou brava consigo pois o amor é involuntário. Outras mulheres mais severas se mostrariam ofendidas. Já eu tenho pena do senhor, pois não posso amá-lo. E é uma tristeza, para mim, ser a causa de sua infelicidade. Lamento que tenha me encontrado, e amaldiçoo o capricho que me fez deixar Veneza por Florença. Esperava primeiro que minha frieza persistente o fizesse ir embora e se afastar, mas o verdadeiro amor, do qual vejo todos os sinais em seus olhos, não se deixa esmorecer por nada. Que minha doçura não faça nascer no senhor nenhuma ilusão, nenhum sonho e que não tome minha piedade por um encorajamento. Um anjo com escudo de diamante, com a espada flamejante, me protege contra qualquer sedução, melhor do que a religião, melhor do que o dever, melhor do que a virtude. E este anjo

é meu amor. Eu amo o conde Labinski. Tenho a felicidade de ter encontrado a paixão no casamento.

“Um turbilhão de lágrimas jorrou de minhas pálpebras diante daquela confissão tão franca, tão leal, tão nobremente pudica, e senti se quebrar em mim o eixo da minha vida.

“Prascovie, emocionada, levantou-se e, com um movimento gracioso de piedade feminina, passou seu lenço de cambraia em meus olhos.

“— Vamos, não chore — ela me disse. — Eu o proíbo. Trate de pensar em outra coisa, imagine que fui embora para todo o sempre, que estou morta. Esqueça-me. Viaje, trabalhe, faça o bem, empenhe-se ativamente na vida humana; console-se em uma arte ou num amor...

“Fiz um gesto de negação.

“— O senhor acha que sofreria menos continuando a me ver? — retomou a condessa. — Então venha, eu sempre o receberei. Deus diz que é preciso perdoar seus inimigos; por que trataríamos de modo pior aqueles que nos amam? No entanto, a ausência me parece um remédio mais seguro. Em dois anos, poderemos apertar as mãos sem perigo para o senhor — acrescentou, tentando sorrir.

“No dia seguinte, deixei Florença, mas nem o estudo, nem as viagens, nem o tempo diminuíram meu sofrimento, e me sinto morrer. Não impeça isso, doutor!”

— O senhor chegou a rever a condessa Prascovie Labinska? — perguntou o médico, cujos olhos azuis cintilavam bizarramente.

— Não — respondeu Octave. — Mas ela está em Paris. — E ele estendeu ao sr. Balthazar Cherbonneau uma carta impressa na qual se lia: “A condessa Prascovie Labinska estará em casa na quinta-feira”.

3

Entre os raros pedestres que seguíam da avenida Gabriel até a Champs-Élysées, saindo da embaixada otomana até o Élysée Bourbon,²⁸ preferindo o isolamento ao turbilhão poeirento e ao ruído elegante da rua principal, o silêncio e o calmo frescor daquela alameda ladeada de árvores de um lado e de jardins do outro, poucos seriam os que não teriam parado, sonhadores e com um sentimento misto de admiração e de inveja, diante de tal retiro poético e misterioso, no qual, coisa rara, a riqueza parecia abrigar a felicidade.

A quem nunca aconteceu de deter seu passo diante das grades de um jardim, de olhar longamente a branca mansão

28 A avenida des Champs-Élysées é uma das mais famosas de Paris, unindo a praça da Concórdia ao Arco do Triunfo. Por sua vez, o Palácio do Eliseu (*Palais de l'Élysée*, no original), antigamente chamado Élysée-Bourbon, é a residência oficial do presidente da república francesa desde 1848, mas antes já era uma importante construção que serviu de morada para familiares de Napoleão, dentre outras personalidades ilustres.

por entre a viçosa vegetação e de se distanciar com o coração pesado, como se o sonho da sua vida estivesse escondido atrás daqueles muros? Ao contrário, outras habitações, vistas assim de fora, inspiram-lhe uma tristeza indefinível; o tédio, o abandono e a desesperança gelam a fachada com seus tons acinzentados e amarelam os cumes meio calvos das árvores. As estátuas têm lepra de musgo, as flores esmaecem, a água dos tanques fica verde, as ervas daninhas invadem os caminhos apesar do rastelo; os pássaros, quando há algum, calam-se.

Os jardins, em desnível em relação à alameda, eram separados por uma vala e se prolongavam em faixas mais ou menos largas até a construção, cuja fachada dava para a rua do Faubourg-Saint-Honoré. Estes acabavam no fosso após uma elevação que ostentava uma parede de grossas rochas escolhidas pela irregularidade curiosa de suas formas e que, erguendo-se de cada lado à maneira de bastidores, emoldurava com suas asperezas rugosas e com suas formas escuras a refrescante e verde passagem espremida entre elas.

Nas reentrâncias daquelas rochas, o cacto opúncia, a asclépiã vermelha, o hipérico, a erva quebra-pedra, a cimbalária, a sempre-viva, a silene suecica e a hera da Irlanda encontravam bastante terra vegetal para nutrir suas raízes e cortavam com suas estruturas variadas o fundo vigoroso

da pedra. Um pintor não teria ao seu dispor, no primeiro plano de seu quadro, um melhor contraste.

As muralhas laterais que encerravam aquele paraíso terrestre desapareciam por trás de uma cortina de plantas trepadeiras, aristoloquias, maracujazeiros, campânulas, madressilvas, flores mosquitinho, glicínias da China, periplocas da Grécia, cujos cipós, gavinhas e caules se enlaçavam em uma treliça verde, pois a própria felicidade não quer ser aprisionada. E, graças àquela disposição, o jardim se parecia mais com uma clareira em uma floresta do que com um canteiro bastante estreito circunscrito pelas cercas da civilização.

Um pouco atrás das massas de pedra decorativa, estavam agrupados alguns buquês de árvores de porte elegante, de folhagem vigorosa, cujas folhas contrastavam de maneira pitoresca: laca-japonesa, ciprestes canadenses, plátanos da Virgínia, freixos verdes, salgueiros brancos, lodoeiros, nos quais dois ou três lariços-europeus se sobrepunham. Para além das árvores, havia um gramado de azevém, cujas pontas das folhas não ultrapassavam umas às outras, um gramado mais fino, mais sedoso do que o veludo do casaco de uma rainha, daquele verde de esmeralda ideal que só se obtém na Inglaterra diante dos degraus dos solares feudais, macios carpetes naturais que o olho adora acariciar e o passo teme relar; tapete vegetal no qual, durante o dia, só podem rolar

ao sol a gazela familiar com o jovem bebê da nobreza em seu vestido de renda, e, à noite, apenas deslizam ao luar alguma Titânia do West End, com sua mão entrelaçada à de um Oberon,²⁹ inscrito no registro de nobres e baronetes.

Uma aleia de areia peneirada, por medo de que um pedaço de concha ou que uma lasca de sílex ferisse os pés aristocráticos que ali deixassem suas pegadas delicadas, circulava como uma fita amarela aquele lençol verde, rente e espesso, que o cortador igualava e cujo frescor úmido a chuva fictícia do regador fazia durar, mesmo nos dias mais secos do verão.

Ao fim do trecho relvado reluzia, na época em que se passa esta história, verdadeiros fogos de artifício floridos por um buquê de gerânios, cujas estrelas escarlates flamejavam sobre o fundo castanho de húmus.

A elegante fachada da mansão finalizava a perspectiva. Esbeltas colunas em estilo jônico sustentavam a cobertura encimada em cada ponta por um gracioso grupo de mármore e lhe davam a aparência de um templo grego transportado

29 Titânia, a rainha das fadas, e Oberon, o rei dos elfos, são personagens da peça *Sonho de uma noite de verão*, de Shakespeare. West End, por sua vez, é o nome do bairro teatral de Londres, que no século 19 hospedou um renovado interesse no renomado dramaturgo.

pelo capricho de um milionário. E corrigiam, despertando uma ideia de poesia e arte, tudo o que aquele luxo poderia ter de excessivamente chamativo. Nos espaços entre as colunas, persianas, listadas por largas faixas cor-de-rosa e quase sempre abaixadas, abrigavam e delineavam as janelas que se abriam ao nível do solo sob o pórtico como se fossem portas de vidro.

Quando o céu fantástico de Paris se dignava a estender uma aba de anil atrás daquele *palazzino*, as linhas se desenhavam tão felizmente entre os tufos verdejantes que se podia tomá-los pela morada da rainha das fadas ou por um quadro de Baron aumentado.³⁰

De cada lado do solar, duas estufas avançavam no jardim formando alas, cujas paredes de cristal brilhavam como diamantes ao sol entre suas nervuras douradas e proporcionavam a uma multidão das mais raras e preciosas plantas exóticas a ilusão de seu clima natal.

Se algum poeta boêmio tivesse passado pela Avenida Gabriel aos primeiros rubores da aurora, teria escutado o

30 Embora vários pintores tivessem este sobrenome no século 19, como o belga Théodore Baron (1840–1899), ainda muito jovem quando *Avatar* foi publicado, ou Stéphane Baron (1827–1882), provavelmente, nessa passagem, Gautier esteja se referindo a Henri Baron (1816–1885), conhecido por suas pinturas de paisagens e de festas galantes.

rouxinol concluindo os últimos trinados de seu noturno e visto o melro passear com pantufas amarelas na alameda do jardim como um pássaro que está em seu próprio ninho. Mas, à noite, depois que os barulhos dos carros passando ao voltar da Ópera se extinguíam, no silêncio da vida adormecida, aquele mesmo poeta poderia distinguir vagamente uma sombra branca no braço de um belo jovem rapaz e teria retornado ao seu sótão solitário, com a alma tão triste quanto a morte.

Era ali que moravam havia algum tempo — o leitor sem dúvida já o adivinhou — a condessa Prascovie Labinska e seu marido o conde Olaf Labinski, que retornara da guerra do Cáucaso após uma gloriosa campanha, na qual, se não chegara a lutar corpo a corpo com o místico e incompreensível Shamil,³¹ certamente tinha lidado com os mais fanaticamente devotados dos muridas³² do ilustre xeique. Ele havia evitado as balas como os bravos as evitam, precipitando-se à frente delas, e os sabres curvos dos selvagens guerreiros se quebravam sobre seu peito sem perfurá-lo. A coragem é uma

31 Shamil (1797–1871) foi um sacerdote muçulmano e líder político que comandou a resistência contra a Rússia na Guerra do Cáucaso.

32 Os muridas são membros de um grupo político-religioso muçulmano nascido nas montanhas do Cáucaso.

couraça sem defeito. O conde Labinski possuía aquele valor louco das raças eslavas, que amam o perigo pelo perigo, e aos quais pode se aplicar ainda aquele refrão de um velho canto escandinavo: “Eles matam, morrem e riem!”.

Somente Thomas Moore poderia dizer, no estilo de *O amor dos anjos*,³³ com qual embriaguez tinham se reencontrado aqueles dois, para quem o casamento não era nada além da paixão permitida por Deus e pelos homens. Seria preciso que cada gota de tinta em nossa pena se transformasse em gota de luz e que cada palavra se evaporasse sobre o papel, lançando uma chama e um perfume como um grão de incenso. Como pintar aquelas duas almas fundidas em uma só e semelhantes a duas lágrimas de orvalho que, deslizando sobre uma pétala de lírio, encontram-se, misturam-se, absorvem-se uma à outra e não formam nada além de uma única pérola? A felicidade é uma coisa tão rara neste mundo que o homem não sonhou em inventar palavras para externá-la, enquanto o vocabulário relativo aos sofrimentos morais e físicos preenche inumeráveis colunas no dicionário de todas as línguas.

Olaf e Prascovie tinham se amado desde bem jovens, nunca seus corações tinham batido para outro nome. Sabiam

33 Thomas Moore (1779–1852) foi um escritor irlandês romântico. *O amor dos anjos* é um de seus mais famosos poemas, datado de 1822.

quase desde o berço que pertenciam um ao outro e o resto do mundo não existia para eles. Dava para dizer que as partes do andrógono de Platão, que se buscam em vão desde o primitivo divórcio, tinham se reencontrado e se reunido neles. Formavam aquela dualidade na unidade, que é a harmonia completa e, lado a lado, caminhavam, ou melhor, voavam através da vida com igual e elevado ímpeto, planando como duas pombas cujo mesmo desejo chama, para nos valer da bela expressão de Dante.

A fim de que nada perturbasse aquela felicidade, uma fortuna imensa a rodeava como uma atmosfera de ouro. Assim que aquele casal radiante aparecia, consolada, a miséria largava seus trapos, as lágrimas se secavam, pois Olaf e Prascovie tinham o nobre egoísmo da felicidade e não podiam sofrer com uma dor sequer em suas imediações.

Desde que o politeísmo levou consigo aqueles jovens deuses, aqueles gênios sorridentes, aqueles efebos celestes com formas de uma perfeição tão absoluta, de um ritmo tão harmonioso, de um ideal tão puro, e desde que a Grécia Antiga não canta mais o hino da beleza em estrofes de mármore, o homem abusou cruelmente da permissão que lhe fora dada de ser feio e, embora feito à imagem de Deus, representa-o de modo bastante ruim. Mas o conde Labinski não se aproveitara desta permissão. A forma oval

um pouco alongada de seu rosto, seu nariz elegante, de um desenho audaz e fino, seu lábio firmemente desenhado, que um bigode loiro com as pontas agudas acentuava, seu queixo erguido e marcado por uma covinha, seus olhos negros, de singularidade penetrante e graciosa estranheza, davam-lhe o ar de um daqueles anjos guerreiros, São Miguel ou Rafael, que lutam contra o demônio, vestidos com armaduras de ouro. Ele teria sido bonito demais sem o brilho masculino de seus olhos escuros e a camada bronzeada que o sol da Ásia depositara em suas feições.

O conde tinha estatura mediana, magro, esbelto, enérgico. Escondia músculos de aço sob uma aparente delicadeza, e quando, em algum baile de embaixada, retirava seu traje de magnata, todo incrustado em ouro, todo estrelado de diamantes, todo bordado de pérolas, passava entre os grupos como uma aparição reluzente, atiçando a inveja dos homens e o amor das mulheres, que comparadas a Prascovie o faziam indiferente. E nem acrescentamos que o conde possuía os dons da mente assim como os do corpo. As fadas benevolentes cobriram-no de dons em seu berço e a maligna feiticeira que a tudo estraga, mostrara-se de bom humor naquele dia.

É compreensível que com tal rival, Octave de Saville tinha pouca chance e que ele fazia bem em se deixar morrer tranquilamente sobre as almofadas de seu divã, apesar da

esperança que o fantástico doutor Balthazar Cherbonneau tentava devolver ao seu coração. Esquecer Prascovie teria sido o único meio, mas era uma coisa impossível; revê-la, de que serviria? Octave sentia que a resolução da jovem dama nunca fraquejaria em sua doce implacabilidade, em sua frieza compassiva. Tinha medo de que suas feridas não cicatrizadas se abrissem outra vez e que sangrassem diante daquela que inocentemente o matara e não queria acusar a doce assassina amada!

Dois anos tinham se passado desde o dia em que a condessa Labinska detivera a declaração de amor que não devia escutar dos lábios de Octave. Ele, caído do alto de seu sonho, distanciara-se, tendo o fígado no bico de um desgosto negro e não dando notícias suas a Prascovie. A única palavra que poderia ter lhe escrito era a única proibida. No entanto, mais de uma vez, o pensamento da condessa, assustada com aquele silêncio, recordara-se com melancolia do seu pobre admirador. Ele a esquecerá? Em sua divina falta de vontade de seduzir, torcia por isso, sem chegar a acreditar, pois a inextinguível chama da paixão iluminava os olhos de Octave, e a condessa não poderia ter se confundido. O amor e os deuses se reconhecem pelo olhar: aquela ideia atravessava como uma pequena nuvem a limpidez do céu azul de sua felicidade e lhe inspirava a ligeira tristeza dos anjos que, no céu, lembram-se da terra. Sua alma encantadora sofria em saber que lá embaixo alguém estava infeliz por sua causa, mas o que a estrela de ouro

cintilante do alto do firmamento pode fazer para o pastor obscuro que levanta em sua direção os braços perdidos? Nos tempos mitológicos, Febe descia dos céus em meio a raios de prata durante o sono de Endimião,³⁴ mas ela não era casada com um conde polonês.

Assim que chegara a Paris, a condessa Labinska enviara a Octave aquele convite banal que o doutor Balthazar Cherbonneau girava distraidamente entre seus dedos, e como ele não foi visitá-la, por mais que ela desejasse, disse a si mesma com um movimento de alegria involuntária: “Ele ainda me ama!”. No entanto, era uma mulher de uma pureza angelical e casta como a neve do mais alto cume do Himalaia.

Mas o próprio Deus, do fundo de seu infinito, nada tem para se distrair do tédio da eternidade além do prazer de escutar bater por ele o coração de uma pobre criaturinha perecível em um frágil globo perdido na imensidão. Prascovie não era mais severa do que Deus e o conde Olaf não poderia se queixar por aquela delicada volúpia de alma.

34 Referência ao mito grego, no qual a deusa Selene, a Lua, também chamada Febe, apaixonou-se pelo mortal Endimião — segundo algumas versões, rei de Élis; em outras, um pastor —, amaldiçoado a dormir eternamente.

— Seu relato, que escutei atentamente — disse o médico a Octave —, provou-me que qualquer esperança de sua parte seria quimérica. A condessa nunca compartilhará o seu amor.

— O senhor bem está vendo, sr. Cherbonneau, que tenho razão em não buscar me prender à vida que se esvai de mim.

— Eu disse que não havia esperança pelos meios ordinários — continuou o doutor. — Mas existem poderes ocultos que a ciência moderna desconhece e cuja tradição se conservou nestes países estrangeiros chamados de bárbaros por uma civilização ignorante. Lá, nos primeiros dias do mundo, a espécie humana, em contato imediato com as forças vivas da natureza, sabia dos segredos que se acreditam perdidos, e que não foram levados em suas migrações pelas tribos, que, mais tarde, formaram os povos. Esses segredos foram transmitidos, primeiro, de iniciado a iniciado, nas profundezas misteriosas dos templos; em seguida, escritas em idiomas sagrados incompreensíveis ao povo, esculpidos em painéis de hieróglifos ao longo das paredes crípticas de Ellora.³⁵ O senhor ainda encontrará, nas

35 As chamadas Grutas de Ellora são um complexo, localizado na Índia, de mais de trinta cavernas artificiais sagradas construídas entre os séculos 5 e 8 d.C.

costas do monte Meru, de onde escapa o Ganges, na base da escada de mármore branco de Benares,³⁶ a cidade santa, no fundo dos pagodes em ruínas de Ceilão, alguns brâmanes centenários soletrando manuscritos desconhecidos; alguns iogues ocupados em repetir o inefável monossílabo *om* sem se dar conta de que os pássaros do céu se aninham em suas cabeleiras; alguns faquires, cujos ombros carregam as cicatrizes dos ganchos de ferro de Jaggernat,³⁷ que possuem esses mistérios perdidos e obtêm com eles resultados maravilhosos quando se dignam a usá-los. Nossa Europa, completamente absorvida pelos interesses materiais, nem imagina o grau de espiritualismo ao qual os penitentes da Índia conseguiram chegar: jejuns absolutos, contemplações

36 Benares ou Varanasi é uma cidade indiana sagrada para o hinduísmo, construída às margens do rio Ganges, o mais importante do país. O monte Meru, por sua vez, é uma montanha ao norte do país, sagrada para as várias religiões presentes no subcontinente.

37 Mais comumente grafado “*Juggernaut*” (a partir da corruptela inglesa de uma palavra do sânscrito), designa uma procissão hinduísta em honra de Krishna na qual, segundo lendas que circularam na Europa do século 19, uma carruagem de ferro subjogava tudo em seu caminho. Por derivação, o termo passou a designar a ideia literal de “rolo compressor” e, metaforicamente, qualquer força que não pode ser contida. Os autores franceses românticos ficaram particularmente curiosos com a cerimônia, mencionando-a em diversas obras. O termo também designa uma cidade indiana sagrada.

assustadoras de imobilidade. Posturas impossíveis mantidas durante anos inteiros, atenuam tão bem seus corpos, que o senhor imaginaria, ao vê-los agachados sob um sol a pino, entre braseiros ardentes, deixando suas unhas crescidas perfurar as palmas das mãos, serem múmias egípcias retiradas de seus sarcófagos e em posições simiescas. Sua casca humana não é nada mais do que uma crisálida, que a alma, a borboleta imortal, pode deixar ou retomar à vontade. Enquanto seu magro despojo permanece ali, inerte, horrível de se ver, como uma larva noturna surpreendida pela luz, seu espírito, livre de qualquer vínculo, lança-se, sobre as asas da alucinação, a alturas incalculáveis nos mundos sobrenaturais. Eles têm visões e sonhos estranhos; de êxtase em êxtase, seguem as ondulações que as eras desaparecidas causam no oceano da eternidade; percorrem o infinito em todas as direções, assistem à criação dos universos, à gênese dos deuses e às suas metamorfoses. A memória lhes vem das ciências deglutidas pelos cataclismos plutônicos e diluvianos, das relações esquecidas do homem e dos elementos. Nesse estado bizarro, resmungam palavras que pertencem a línguas que nenhum povo sobre a superfície do globo fala mais há milhares de anos, reencontram o verbo primordial, o verbo que fez brotar a luz das antigas trevas. Nós os tomamos por loucos, mas são quase deuses!

Aquele preâmbulo singular superexcitou ao máximo a atenção de Octave que, não sabendo aonde o sr. Balthazar Cherbonneau queria chegar, fixava sobre ele olhos espantados e fervilhantes de perguntas. Não adivinhava qual relação podiam oferecer os penitentes da Índia com seu amor pela condessa Prascovie Labinska.

O doutor, adivinhando o pensamento de Octave, fez-lhe um sinal com a mão, como para prevenir suas questões, e lhe disse:

— Paciência, meu caro enfermo. O senhor vai compreender logo mais que não me enveredei em uma digressão inútil. Eu questionei a tudo com um bisturi sobre o mármore dos anfiteatros, cadáveres que não me respondiam e que não me deixaram nada para ver além da morte quando eu procurava pela vida. Trata-se de um projeto, um projeto tão audaz quanto ao de Prometeu, que escalou o céu para raptar de lá o fogo, de atingir e surpreender a alma, de analisá-la e dissecá-la, por assim dizer. Abandonei o efeito pela causa e criei um desdém profundo pela ciência materialista, cuja incapacidade me fora provada. Atuar sobre aquelas formas vagas, sobre aqueles conjuntos fortuitos de moléculas que logo se dissolvem, parecia-me a função de um empirismo grosseiro. Tentei pelo magnetismo relaxar os laços que acorrentavam o espírito ao seu invólucro. Logo ultrapassei

Mesmer, Deslon, Maxwel, Puységur, Deleuze³⁸ e os mais hábeis, em experiências realmente prodigiosas, mas que ainda não me contentavam: catalepsia, sonambulismo, visão à distância, lucidez extasiada. Produzi à vontade todos esses efeitos inexplicáveis para a multidão, simples e compreensíveis para mim. Subi ainda mais alto: dos arrebatamentos de Cardano e de São Tomás de Aquino, passei às crises nervosas das Pítias. Descubri os arcanos dos epoptas gregos e dos Neviim hebreus. Eu me iniciei retrospectivamente aos mistérios de Trofônios e de Esculápio, reconhecendo sempre, nas maravilhas que se contam sobre eles, uma concentração ou uma expansão da alma provocada pelo gesto, seja pelo olhar, seja pela palavra, seja pela vontade ou por qualquer outro agente desconhecido. Reproduzi um a um todos os milagres de Apolônio de Tiana.³⁹ No entanto, meu sonho

38 Franz Anton Mesmer (1734–1815), Charles Deslon (1750–1786), James Clerk Maxwell (1831–1879), Marquês de Puységur (1751–1825) e François Deleuze (1753–1853) foram adeptos da teoria do magnetismo animal, segundo a qual se acreditava que toda criatura tinha seu corpo material animado por uma alma imortal e invisível.

39 Gerolamo Cardano (1501–1576) foi um médico, inventor e mago italiano. São Tomás de Aquino (1225–1274), por sua vez, foi um frade italiano que desenvolveu uma importante teoria filosófica neorristotélica. As Pítias, ou Pitonisas, eram as sacerdotisas de Apolo no Antigo Oráculo de Delfos, responsáveis por transmitir as mensagens cifradas dos deuses aos mortais que

científico não havia sido concretizado; a alma continuava a me escapar. Eu a pressentia, eu a escutava, agia sobre ela. Eu entorpecia ou excitava suas faculdades, mas entre ela e eu havia um véu de carne que não conseguia afastar sem que se desvanecesse. Estava como o caçador de aves que segura um pássaro com um fio que não ousa retirar de medo de ver sua presa alada se perder no céu.

“Parti para a Índia, esperando encontrar a chave do enigma naquele país de antiga sabedoria. Aprendi o sânscrito e o prácrito, os idiomas eruditos e vulgares. Pude conversar com os panditas e com os brâmanes. Atravessei as selvas onde rugo o tigre agachado sobre as patas; margeei os tanques sagrados escamados pelos dorsos dos crocodilos. Ultrapassei florestas impenetráveis com barricadas de cipós, fazendo fugir nuvens de morcegos e de macacos, encontrando-me face a

as consultavam. Os epoptas eram os iniciados nos chamados “Mistérios de Elêusis”, um culto marcado pelo misticismo em torno das deusas Deméter e Perséfone. “Neviim” é a segunda parte da Bíblia Hebraica, composta pelos textos atribuídos a doze profetas conhecidos, o termo, aliás, significa “Profetas”, em hebraico. Trofônio, segundo a mitologia grega, foi o arquiteto responsável pela construção do Oráculo de Delfos. Esculápio, nome romano do deus Asclépio, é a divindade da medicina e da cura, filho de Apolo. Por fim, Apolônio de Tiana (cerca de 15 d.C.–100 d.C.) foi um filósofo grego neopitagórico, sobre o qual se atribuía a capacidade de realizar milagres.

face com o elefante no desvio da trilha, a qual foi aberta pelas feras selvagens para chegar à cabana de um iogue célebre na comunicação com os munis,⁴⁰ e me sentei por dias inteiros perto dele, compartilhando sua pele de gazela, para notar os vagos encantamentos que o êxtase murmurava sobre seus lábios negros e rachados. Captei ao acaso palavras todo-poderosas, fórmulas evocadoras, sílabas do Verbo criador.

“Estudei as esculturas simbólicas nas câmaras internas dos pagodes que nenhum olho profano vira antes e no qual uma veste de brâmane me permitia penetrar. Li muitos mistérios cosmogônicos, várias lendas de civilizações desaparecidas; descobri o sentido dos emblemas que aqueles deuses híbridos e densos como a natureza da Índia têm em suas múltiplas mãos. Meditei sobre o círculo de Brahma, sobre o lótus de Vishnu, sobre a naja de Shiva, o deus azul. Ganesha,⁴¹ desenrolando sua tromba de paquiderme e piscando seus olhinhos

40 Os “munis” eram ascetas das religiões indianas (hinduísmo, budismo e bramanismo), que viviam como eremitas em busca de elevação espiritual. O termo deriva de uma palavra do sânscrito que significa “silêncio”.

41 Brahma, Vishnu e Shiva foram o “Trimúrti”, a tríade dos deuses mais poderosos do hinduísmo. O primeiro é o deus da música; o segundo é o deus que mantém a ordem no universo; por fim, Shiva é o deus supremo, conhecido ao mesmo tempo como o Benevolente, o Transformador e o Destruidor. Já Ganesha é o deus da sabedoria com cabeça de elefante.

margeados de longos cílios, parecia sorrir diante de meus esforços e encorajar minhas pesquisas. Todas aquelas figuras monstruosas me diziam em sua língua de pedra: ‘Nós não somos nada além de formas. É o espírito que agita a matéria’.

“Um sacerdote do templo de Tiruvannamalai, a quem compartilhei a ideia que me preocupava, indicou-me, como novato no mais alto grau de sublimação, um penitente que habitava uma das grutas da Ilha de Elefanta.⁴² Eu o encontrei apoiado sobre o muro da caverna, envolvido num pedaço de trançado, os joelhos no queixo, os dedos cruzados sobre as pernas, em um estado de imobilidade absoluta. Suas pupilas reviradas não deixavam ver nada além do branco. Seus lábios se comprimiam contra seus dentes descarnados. Sua pele, marcada por uma incrível magreza, aderiu às maçãs de seu rosto. Seus cabelos, jogados para trás, pendiam em mechas rígidas, como filamentos de plantas pendurados na arcada de uma rocha. Sua barba fora dividida em dois cachos que quase tocavam o chão e suas unhas se recurvavam em garras de águia.

“O sol o havia ressecado e escurecido de maneira a dar a aparência do basalto à sua pele de indiano naturalmente

42 Tiruvannamalai é uma importante cidade no sul da Índia, sagrada para os adeptos do shivaísmo, corrente que crê na superioridade de Shiva sobre os demais deuses. A Ilha de Elefanta é um local localizado perto de Bombaim para peregrinação hinduísta.

castanha. Assim parado, parecia-se à forma e à cor de um vaso canópico.⁴³ A um primeiro olhar, achei que estivesse morto. Agitei seus braços como se endurecidos por uma rigidez cataléptica, gritei em sua orelha com a voz mais forte possível as palavras sacramentais que deviam me revelar a ele como um iniciado. Sequer estremeceu, suas pálpebras permaneceram imóveis. Ia me afastar, desesperado em tirá-lo de seu transe, quando escutei um borbulho singular. Uma faísca azulada passou diante de meus olhos com a fulgurante rapidez de uma luz elétrica, rodopiou um segundo sobre os lábios entreabertos do penitente e desapareceu.

“Brâmane-Logum (este era o nome do santo personagem) pareceu despertar de uma letargia. Suas pupilas retomaram seus lugares. Olhou para mim com um olhar humano e respondeu minhas perguntas.

“— Pois bem, seus desejos foram satisfeitos. Você viu uma alma. Consigo desprender a minha de meu corpo quando me agrada. Ela sai dele e volta para ele como uma abelha luminosa, perceptível somente aos olhos dos adeptos. Jejei tanto, rezei tanto, meditei tanto, mortifiquei-me tão rigorosamente, que consegui desfazer os laços terrestres que a

43 Nome dado ao recipiente utilizado para guardar os órgãos internos de um morto durante o processo de mumificação no Antigo Egito.

prendiam e Vishnu, o deus das dez encarnações, revelou-me a palavra misteriosa que a guia em seus avatares⁴⁴ através das diferentes formas. Se, após ter feito os gestos consagrados, eu pronunciar esta palavra, sua alma se elevará para animar o homem ou o animal que eu lhe designar. Legó a você este segredo, que agora só eu possuo no mundo. Estou bem satisfeito de que você tenha vindo, pois já me tardo a me fundir no seio do incriado, como uma gota d'água no mar.

“Então o penitente me cochichou, com uma voz fraca como o último sopro de um moribundo e, no entanto, claramente, algumas das sílabas me fizeram sentir nas costas aquele pequeno arrepio do qual fala Jó.”

— O que o senhor quer dizer, doutor? — exclamou Octave. — Não ousó sondar a aterradora profundidade de seu pensamento.

— Quero dizer — respondeu tranquilamente o sr. Balthazar Cherbonneau — que não me esqueci da fórmula mágica de meu amigo Brâmane-Logum e que a condessa Prascovie teria de ser muito perspicaz para reconhecer a alma de Octave de Saville no corpo de Olaf Labinski.

44 Termo que em sânscrito significa “descida” e, por extensão, “encarnação”, utilizado para designar, no hinduísmo, a vinda de um deus à Terra na forma de animal ou ser humano.

5

A reputação do doutor Balthazar Cherbonneau como médico e como taumaturgo⁴⁵ começava a se difundir em Paris. Suas bizarrices, enganosas ou verdadeiras, haviam-no alçado à moda. Mas longe de buscar para si criar, como se diz, uma clientela, esforçava-se em rechaçar os doentes, fechando-lhes sua porta ou receitando-lhes prescrições estranhas e dietas impossíveis. Aceitava apenas casos desesperados, encaminhando a seus colegas com um desdém soberbo os vulgares inchaços de peito, as banais enterites, as burguesas febres tifoides e, naquelas ocasiões supremas, alcançava curas realmente inconcebíveis. De pé ao lado do leito, fazia gestos mágicos sobre um cálice de água e os corpos já rígidos e frios, já prontos para o caixão, após terem sorvido algumas gotas daquela bebida que lhes destravava os maxilares crispados pela agonia, retomavam a flexibilidade da vida, as cores da saúde e se erguiam sobre

45 O mesmo que “milagreiro” e/ou “adivinho”.

seus acentos, olhando em volta com seus olhares já acostumados com as sombras do túmulo. Assim, chamavam-no de o médico dos mortos ou de o ressurreicionista.

Mesmo assim, nem sempre consentia em realizar aquelas curas e com frequência recusava grandes somas da parte de ricos enfermos. Para que se decidisse a entrar em luta contra a destruição, era necessário que fosse tocado pela dor de uma mãe implorando a saúde de um filho único, pelo desespero de um enamorado pedindo a graça a uma amante adorada, ou que ele julgasse a vida ameaçada útil à poesia, à ciência e ao progresso da espécie humana. Salvou assim um encantador bebê, cuja laringite aguda fechava sua garganta com seus dedos de ferro; uma delicada jovem tísica no último estágio; um poeta já tomado pelo *delirium tremens*; um inventor atacado por uma congestão cerebral que enterraria o segredo de sua descoberta sob algumas pazadas de terra. Fora casos assim, dizia que não se devia contrariar a natureza, que algumas mortes tinham sua razão de ser e que se arriscava, ao impedi-las, a desarranjar alguma coisa na ordem universal. Dava muito bem para perceber que o sr. Balthazar Cherbonneau era o médico mais paradoxal do mundo e que tinha trazido da Índia uma completa excentricidade, mas seu renome de magnetizador superava ainda mais sua glória de médico. Havia realizado diante de

um pequeno número de eleitos algumas seções das quais contavam maravilhas capazes de perturbar as noções do possível ou do impossível e que ultrapassavam os prodígios de Cagliostro.⁴⁶

O doutor morava no térreo de um velho edifício da rua du Regard, um apartamento em formato de corredor, como outrora eram feitos, e cujas altas janelas davam para um jardim com grandes árvores de tronco negro e fina folhagem verde. Embora fosse verão, potentes aquecedores sopravam por suas bocas gradeadas de latão lufadas de ar escaldante nas vastas salas, mantendo a temperatura a trinta e cinco ou quarenta graus de calor, pois o sr. Balthazar Cherbonneau, habituado ao clima incendiário da Índia, tinha calafrios nos nossos pálidos sóis, como um viajante que, voltando das nascentes do Nilo Azul, na África Central, tremiam de frio no Cairo. Ele somente saía em carros fechados, friolento e envelopado em uma pelica de raposa azul da Sibéria, com os pés apoiados sobre um regalo de flandres cheio de água fervente.

46 Giuseppe Balsamo, conhecido como conde de Cagliostro (1743–1795), foi um famoso ocultista e curandeiro, comumente considerado vigarista, que inspirou inúmeros escritores ao longo do século 19, dentre eles, Alexandre Dumas, pai (1802–1870), que lhe dedicou três romances.

Não havia outros móveis naquelas salas além de sofás baixos com estofados de Malabar,⁴⁷ decorados com elefantes quiméricos e pássaros fabulosos, prateleiras recortadas, coloridas e douradas com uma ingenuidade bárbara pelos nativos do Ceilão, vasos do Japão repletos de flores exóticas; e, de uma ponta a outra do apartamento, se estendia sobre o piso um daqueles tapetes fúnebres com ramagens pretas e brancas que os tugues⁴⁸ tecem na prisão como penitência, e cuja trama parece ser feita com o cânhamo de suas cordas de estranguladores. Alguns ídolos hindus de mármore ou de bronze com longos olhos amendoados, narizes enfeitados com anéis, lábios espessos e sorridentes, colares de pérolas que desciam até o umbigo, atributos singulares e misteriosos, cruzavam suas pernas sobre pedestais nos cantos. Ao longo das paredes estavam pendurados quadrinhos em guache, obra de algum pintor de Calcutá ou de Lucnau,⁴⁹ representando os nove avatares já assumidos por Vishnu nas formas de um peixe, de uma tartaruga, de um porco,

47 Nome dado à parte sul da costa ocidental do subcontinente indiano.

48 Os tugues foram uma gangue de ladrões e assassinos que assolaram a Índia por vários séculos, conhecidos por seu modo peculiar de matar suas vítimas, estrangulando-as com cordas.

49 Calcutá e Lucnau são duas importantes cidades indianas, capitais de seus respectivos estados.

de um leão com cabeça humana, de um anão brâmane, de Rama, de um herói que combateu o gigante de mil braços Cartasuciriargunen, de Krishna, a criança milagrosa na qual os sonhadores viam um Cristo indiano, de Buda, adorador do grande deus Mahadevi e, por fim, mostrando-o adormecido, no meio do mar leitoso, sobre a cobra de cinco cabeças curvadas como um dossel, esperando a hora de tomar, como última encarnação, a forma daquele cavalo branco alado que, deixando cair seu casco sobre o universo, deve trazer o fim do mundo.⁵⁰

Na sala ao fundo, ainda mais fortemente aquecida do que as outras, encontrava-se o sr. Balthazar Cherbonneau, rodeado de livros em sânscrito, desenhados com punções em finas lâminas de madeira perfuradas por um buraco e presas com um barbante de maneira a se parecerem mais com persianas do que com volumes na acepção da livraria europeia. Uma máquina elétrica, com suas garrafas cheias de folhas de ouro e seus discos de vidro sendo girados por

50 Na crença hindu, Vishnu já assumiu nove avatares (Matsya, o peixe; Kurma, a tartaruga; Varâha, o javali; Narasimha, o homem-leão; Vamana, o anão; Parashurama, um guerreiro; Râma, o rei, que combateu o gigante Cartasuciriargunen; Krishna, uma divindade, e o próprio Buda) e deverá assumir o décimo e último avatar, Kalkí, sempre representado ao lado de seu cavalo branco alado.

manivelas, elevava sua silhueta inquietante e complicada no meio do cômodo, ao lado de uma banheira mesmeriana em que um tubo de metal estava mergulhado e de onde irradiavam numerosos filamentos de ferro. O sr. Cherbonneau não tinha nada de charlatão e não buscava a encenação, mas, ainda assim, era difícil penetrar naquele refúgio bizarro sem sentir um pouco a impressão que outrora deviam causar os laboratórios de alquimia.

O conde Olaf Labinski ouvira falar dos milagres realizados pelo doutor e sua curiosidade meio crédula se acendera. As raças eslavas têm um pendor natural para o maravilhoso, que mesmo a educação mais cuidadosa nem sempre corrige e, aliás, testemunhas dignas de fé que tinham assistido àquelas seções diziam coisas impossível de acreditar sem serem vistas, por mais que se confiasse no orador. Portanto, ele tinha ido visitar o taumaturgo.

Quando o conde Labinski entrou na casa do doutor Balthazar Cherbonneau, sentiu como se fosse rodeado por uma suave chama; todo seu sangue afluiu para sua cabeça; as veias das têmporas palpitarão. O extremo calor que reinava no apartamento o sufocava. As lamparinas nas quais ardião óleos aromáticos e as largas flores de Java balançavam seus enormes cálices como incensórios, enebriaram-no com suas emanações vertiginosas e seus perfumes asfixiantes. Deu

alguns passos cambaleantes na direção do sr. Cherbonneau, que se mantinha empoleirado em seu divã, em uma daquelas estranhas poses de faquir ou de sannyâsi,⁵¹ com as quais o príncipe Soltikoff⁵² tão pitorescamente ilustrara sua viagem à Índia. Poderiam dizer, ao vê-lo traçando aqueles ângulos com suas articulações sob as pregas de suas vestes, que era uma aranha humana aninhada no centro de sua teia, mantendo-se imóvel diante de sua presa. Ante a aparição do conde, suas íris turquesas se iluminaram com raios fosforescentes no centro de sua órbita dourada com o ocre da hepatite e logo se extinguíram como se encobertos por uma tácita vontade. O doutor estendeu a mão para Olaf, cujo mal-estar percebeu, e em dois ou três passes mágicos o cercou com uma atmosfera de primavera, criando-lhe um fresco paraíso naquele inferno de calor.

— O senhor se sente melhor agora? Seus pulmões, habituados com as brisas do mar Báltico que ainda chegam

51 O sannyâsi é uma pessoa que atingiu a Sannyâsa, um estágio de alta elevação espiritual, caracterizado pela completa renúncia, ou mesmo dissolução, da noção de “eu”, segundo a tradição hindu.

52 Alexei Dmitrievich Soltykov (1806–1859) foi um príncipe e diplomata russo, que viveu em Paris. Era também um conhecido aventureiro que fez longas viagens pelo Oriente, notadamente, pela Pérsia e pela Índia, sobre as quais publicou alguns volumes e ilustrações.

bem frias por terem passado pelas neves centenárias do polo, devem ofegar como foles na forja neste ar brilhante, onde, no entanto, tenho calafrios, eu que fui cozido, recozido e meio calcinado nas fornalhas do sol.

O conde Olaf Labinski fez um sinal para testemunhar que não estava mais sofrendo com a alta temperatura do apartamento.

— Pois bem — disse o doutor com uma nota de bonomia —, sem dúvida o senhor escutou falar sobre meus truques de prestidigitação, e quer ver uma amostra da minha habilidade. Oh! Sou melhor do que Comus, Comte ou Bosco.⁵³

— Minha curiosidade não é tão frívola — respondeu o conde —, e eu tenho grande respeito por um dos príncipes da ciência.

— Eu não sou um erudito na acepção que se costuma dar a esta palavra, mas, ao contrário, ao estudar algumas coisas que a ciência desdenha, eu me tornei um mestre de forças ocultas ignoradas e alcancei efeitos que me parecem maravilhosos, embora naturais. De tanto observá-la, algumas vezes surpreendi a alma. Ela me fez confidências, as quais

53 O francês Nicolas-Philippe Ledru (1731-1807), mais conhecido como Comus, o suíço Louis Comte (1788-1859) e o italiano Bartolomeo Bosco (1793-1863) foram conhecidos ilusionistas e prestigiadores do século 19.

aproveitei, e me disse palavras que guardei. O espírito é tudo, a matéria só existe em aparência. O universo talvez não passe de um sonho de Deus ou de uma irradiação do verbo na imensidão. Eu torço os trapos do corpo ao meu bel prazer, paro ou apresso a vida; eu movo os sentidos, suprimo o espaço, aniquilo a dor sem ter necessidade de clorofórmio, de éter ou de qualquer outra droga anestésica. Armado com a vontade, essa eletricidade intelectual, vivifico ou fulmino. Nada mais é opaco aos meus olhos; meu olhar atravessa tudo. Vejo distintamente os raios do pensamento e, assim como projetamos os espectros solares sobre uma superfície, posso fazê-los passar por meu prisma invisível e os forçar a se refletir sobre a tela branca do meu cérebro. Mas tudo isso é pouca coisa se comparada aos prodígios que alguns iogues da Índia realizam ao chegarem ao mais sublime degrau do ascetismo. Nós, europeus, somos levianos demais, distraídos demais, fúteis demais, apaixonados demais por nossa prisão de argila para abrir janelas largas o bastante para a eternidade e para o infinito. No entanto, obtive alguns resultados bastante estranhos e o senhor vai julgá-los por si mesmo — disse o doutor Balthazar Cherbonneau, fazendo deslizar sobre seu trilho as rodinhas de uma pesada portinhola que mascarava uma espécie de alcova localizada no fundo da sala.

Com a claridade de uma chama de espírito-de-vinho⁵⁴ que oscilava sobre um tripé de bronze, o conde Olaf Labinski notou um espetáculo aterrador que o fez estremecer, apesar de sua bravura. Uma mesa de mármore negro sustentava o corpo de um jovem homem nu até a cintura e que se mantinha em uma imobilidade cadavérica. De seu torso espetado com flechas como o de São Sebastião, não escorria uma gota de sangue; era possível tomá-lo por uma imagem de mártir colorida, na qual se teria esquecido de tingir de cinábrio os lábios das feridas.

— Este estranho médico — disse para si mesmo Olaf — é talvez um adorador de Shiva e ele deve ter sacrificado essa vítima para seu ídolo.

— Ah, ele não está sofrendo nem um pouco. Espete-o sem medo, nem um músculo de seu rosto se mexerá — e o doutor lhe retirou as flechas do corpo, como se retirasse espinhos de um novelo.

Alguns movimentos rápidos de mãos libertaram o paciente da rede de eflúvios que o aprisionavam e ele despertou com o sorriso do êxtase nos lábios, como se saindo de um sonho bastante alegre. O sr. Balthazar Cherbonneau

54 Expressão que designa simplesmente o álcool destilado a partir do vinho.

o dispensou com um gesto e ele se retirou por uma pequena porta recortada na madeira com a qual a alcova era revestida.

— Eu teria conseguido lhe cortar uma perna ou um braço sem que ele percebesse — disse o doutor, repuxando suas rugas à guisa de sorriso. — Não o fiz porque ainda não consigo criar outro e o homem, inferior ao lagarto nisso, não tem uma seiva poderosa o bastante para refazer os membros que lhe são arrancados. Mas se não consigo criar, por outro lado, posso rejuvenescer.

E ele levantou o véu que cobria uma senhora idosa magneticamente adormecida em uma poltrona, não longe da mesa de mármore negro. Seus traços, que podiam ter sido bonitos, estavam murchos, e as agruras do tempo se liam nos contornos emagrecidos de seus braços, de seus ombros e de seu peito. O doutor fixou durante alguns minutos, com uma intensidade obstinada, os olhares de suas íris azuis. As linhas alteradas se refirmaram, o contorno do seio retomou sua pureza virginal, uma carne branca e acetinada preencheu a magreza do pescoço; as maçãs do rosto se arredondaram e se aveludaram, como pêssegos, com todo o frescor da juventude. Os olhos se abriram cintilantes em uma fluidez vivaz, a máscara da velhice lhe foi tirada como que por magia e deixava ver a bela jovem dama desaparecida já havia tanto tempo.

— O senhor acredita que a fonte da Juventude tenha vertido em algum lugar suas águas milagrosas? — perguntou o doutor ao conde estupefato com aquela transformação. — De minha parte, eu acredito, pois o homem não inventa nada e cada um de seus sonhos é uma adivinhação ou uma lembrança. Mas abandonemos por um momento esta forma remodelada pela minha vontade e consultemos esta jovem que dorme tranquilamente neste canto. Interrogue-a, ela sabe mais sobre isso do que as pitonisas e sibilas. O senhor pode enviá-la para um de seus sete castelos na Boêmia,⁵⁵ perguntar-lhe o que guarda a mais secreta de suas gavetas e ela lhe dirá, pois não será preciso à alma dela mais de um segundo para fazer a viagem, coisa pouco surpreendente, depois de tudo, já que a eletricidade percorre setenta mil léguas no mesmo espaço de tempo e a eletricidade é para o pensamento o que a carruagem é para o vagão. Dê-lhe a mão para entrar em contato com ela. O senhor não precisará formular sua questão, ela a lerá em sua mente.

A jovem, com uma voz átona como a de uma sombra, respondeu à pergunta mental do conde:

55 Segundo nota à edição *Contes Fantastiques*, de Théophile Gautier (La Bibliothèque Gallimard, 1999), trata-se de uma referência ao livro *A história do rei de Boêmia e de seus sete castelos* (1830), escrita por Charles Nodier (1780–1844), importante escritor romântico francês.

— No baú de cedro há um pedaço de terra salpicada de areia fina na qual se vê a pegada de um pequeno pé.

— Ela adivinhou corretamente? — perguntou o doutor negligentemente, como que seguro da infalibilidade de sua sonâmbula.

Um deslumbrante rubor cobriu as faces do conde. Ele tinha, de fato, nos primeiros momentos de seus amores, retirado da alameda de um parque a pegada de um passo de Prascovie, e ele a guardara como uma relíquia em uma caixa incrustada de madrepérola e prata, do mais precioso trabalho, cuja chave microscópica carregava pendurada em seu pescoço por uma corrente de Veneza.

O sr. Balthazar Cherbonneau, que sabia ser boa companhia, vendo o embaraço do conde, não insistiu e o conduziu a uma mesa sobre a qual estava apoiada uma água tão clara como diamante.

— O senhor sem dúvida ouviu falar do espelho mágico no qual Mefistófeles fez Fausto ver a imagem de Helena. Sem ter um pé de cavalo na minha meia de seda e duas penas de galo em meu chapéu, posso lhe regalar com este inocente prodígio. Incline-se sobre essa taça e pense fixamente na pessoa que o senhor gostaria de fazer aparecer. Viva ou morta, próxima ou distante, ela atenderá ao seu chamado, vinda do fim do mundo ou das profundezas da história.

O conde se inclinou sobre a taça, cuja água logo foi perturbada sob seu olhar e adquiriu tons opalinos, como se nela tivéssemos vertido uma gota de essência. Um círculo irradiante das cores do prisma coroou as bordas do recipiente, emoldurando o quadro que já se desenhava sob a nuvem esbranquiçada.

A névoa se dissipou. Uma jovem de penhoar de rendas, com os olhos verdes-marinhos, os cabelos de ouro cacheados, deixando suas belas mãos distraídas errando sobre o marfim das teclas como borboletas brancas foi desenhada, como se estivesse sob um bloco de gelo no fundo da água que voltou a ser transparente, com uma perfeição tão maravilhosa que teria feito morrer de desespero todos os pintores. Era Prascovie Labinska, que, sem o saber, obedecia à evocação apaixonada do conde.

— E agora, passemos a alguma coisa ainda mais curiosa — disse o doutor, pegando a mão do conde e a apoiando sobre uma das hastes de ferro da tina mesmeriana. Mal Olaf encostou no metal carregado de um magnetismo fulgurante, caiu como se fulminado.

O doutor o pegou em seus braços, levantou-o como se fosse uma pluma, colocou-o em um sofá, tocou a campainha e disse ao criado que apareceu na soleira da porta:

— Vá buscar o sr. Octave de Saville.

As rodas de um cupê foram ouvidas no pátio silencioso da residência e, quase na mesma hora, Octave se apresentou diante do doutor. Ele ficou estupefato quando o sr. Cherbonneau lhe mostrou o conde Olaf Labinski estendido em um sofá com a aparência de um morto. Primeiro, pensou em assassinato e ficou alguns instantes mudo de horror, mas, depois de um exame mais atento, percebeu que uma respiração quase imperceptível abaixava e levantava o peito do jovem adormecido.

— Aqui está seu disfarce já preparado — disse o doutor. — É um pouco mais difícil de vestir do que o traje de um baile de máscaras alugado no Babin, mas Romeu, ao subir no balcão de Verona, não se preocupou com o perigo que havia de partir o pescoço. Ele sabia que Julieta o esperava ali em cima no quarto sob os véus da noite. E a condessa Prascovie Labinska vale tanto quanto a filha dos Capuleto.

Octave, perturbado pela estranheza da situação, não respondeu nada. Continuava a olhar o conde, cuja cabeça

ligeiramente jogada para trás apoiava-se em uma almofada, parecendo àquelas efígies de cavaleiros deitados acima de seus túmulos nos claustros góticos, tendo sob suas nuças enrijecidas um travesseiro esculpido em mármore. Aquela bela e nobre figura que ia destituir da própria alma, inspirava-lhe alguns remorsos.

O doutor tomou o devaneio de Octave por hesitação; um vago sorriso de desdém passou pelas pregas de seus lábios e ele disse:

— Se o senhor não está decidido, posso despertar o conde, que irá embora assim como veio, maravilhado com meu poder magnético. Mas pense bem nisso, tal ocasião pode nunca mais aparecer. No entanto, por mais interesse que eu tenha por seu amor, por mais desejo que tenha de fazer uma experiência que nunca antes foi tentada na Europa, não devo lhe esconder que essa troca de almas tem seus perigos. Bata em seu peito, pergunte ao seu coração. O senhor arriscaria francamente sua vida por essa cartada suprema? O amor é forte como a morte, diz a Bíblia.

— Eu estou pronto — respondeu Octave, simplesmente.

— Bom, meu rapaz — exclamou o doutor, esfregando suas mãos morenas e secas com uma rapidez extraordinária, como se quisesse acender fogo à maneira dos selvagens. — Essa paixão que não recua diante de nada me agrada. Só há

duas coisas no mundo: a paixão e a vontade. Se o senhor não for feliz, certamente não será por minha culpa. Ah! Meu velho Brâmane-Logum, você vai ver do fundo do céu de Indra, onde as apsarás⁵⁶ o cercam com seus coros voluptuosos, se me esqueci da fórmula irresistível que você soprou no meu ouvido ao abandonar a sua carcaça mumificada. As palavras e os gestos, eu guardei tudo. Mãos à obra! Mãos à obra! Vamos fazer no nosso caldeirão um estranho prato, como as bruxas de Macbeth, mas sem a ignóbil feitiçaria do Norte. Coloque-se diante de mim, sentado nessa poltrona. Entregue-se com toda confiança ao meu poder. Pronto! Os olhos sobre os olhos, as mãos contra as mãos. O encanto já está agindo. As noções de tempo e de espaço estão se perdendo, a consciência do eu está se apagando, as pálpebras abaixando. Os músculos, não recebendo mais ordens do cérebro, ficam relaxados. O pensamento entra em vigília. Todos os laços delicados que seguram a alma no corpo estão desfeitos. O brâmane, no ovo de ouro em que sonhou por dez mil anos, não estava mais apartado das coisas exteriores. Saturemos seus eflúvios. Vamos banhá-lo em raios.

56 Indra é o deus supremo e senhor dos céus da mitologia védica. Por sua vez, os apsarás são divindades inferiores associadas à água e ao ar nas tradições hindu e budista.

Enquanto o doutor murmurava aquelas frases entrecortadas, seus passes de mágica não descontinuavam por um único instante: de suas mãos estendidas jorravam jatos luminosos que iam se chocar com a fronte ou com o coração do paciente, em torno do qual se formava pouco a pouco uma espécie de atmosfera visível, fosforescente como uma auréola.

— Muito bem! — falou o sr. Balthazar Cherbonneau, aplaudindo a si mesmo por sua obra. — Enfim, ele está como eu quero. Vejamos, vejamos, o que ainda está resistindo aí? — exclamou após uma pausa, como se estivesse lendo através do crânio de Octave o último esforço da personalidade prestes a ser aniquilada. — Que ideia rebelde é essa que, expulsa das circunvoluções do cérebro, está tentando fugir da minha influência, enrolando-se sobre a mônada primitiva, no ponto central da vida? Eu conseguirei pegá-la e domá-la.

Para vencer aquela rebelião involuntária, o médico recarregou a bateria magnética de seu olhar com ainda mais potência e atingiu o pensamento em motim entre a base do cerebelo e a inserção da medula espinhal, o santuário mais escondido, o tabernáculo mais misterioso da alma. Seu triunfo estava completo.

Então foi preparada uma solenidade majestosa para a experiência inaudita que ia tentar; vestiu-se, como um mago, com um traje de linho; lavou suas mãos em uma

água perfumada; tirou pó de diversas caixas, com os quais desenhou nas bochechas e na testa tatuagens hieráticas. Cingiu seu braço com o cordão dos brâmanes, leu dois ou três Shlokas⁵⁷ dos poemas sagrados e não omitiu nenhum dos ritos minuciosos recomendados pelo sannyâsi das grutas de Elefanta.

Uma vez terminadas aquelas cerimônias, ele abriu totalmente as saídas de calor e logo a sala foi tomada por uma atmosfera ardente que teria feito os tigres desmaiarem nas selvas, a couraça de barro no couro rugoso dos búfalos se rachar ou florescer com uma explosão a larga flor da babosa.

— Não é necessário nada além de duas fagulhas do fogo divino, que vão se encontrar nuas logo mais e, desprovidas de seu invólucro mortal durante alguns segundos, empalidecem ou se apagam no nosso ar glacial — disse o doutor, observando o termômetro, que marcava então 49 graus Celsius.

O doutor Balthazar Cherbonneau, entre aqueles dois corpos inertes, parecia, em suas brancas vestes, aquele que faz os sacrifícios em uma daquelas religiões sanguinárias que jogam cadáveres de homens sobre o altar de seus deuses. Ele lembrava aquele sacerdote de Vitzliputzli, o selvagem ídolo mexicano do qual Heinrich Heine fala em

57 Nome dado às estrofes dos cânticos sagrados indianos.

uma de suas baladas, mas suas intenções certamente eram mais pacíficas.

Ele se aproximou do conde Olaf Labinski ainda imóvel e pronunciou a inefável sílaba, que ia rapidamente repetir para Octave, profundamente adormecido. A figura ordinariamente bizarra do sr. Cherbonneau adquiria naquele momento uma majestade singular; a grandeza do poder do qual dispunha enobrecia seus traços desordenados e se alguém o tivesse visto realizando aqueles ritos misteriosos com uma gravidade sacerdotal, não teria reconhecido nele o médico hoffmaniano que evocava, desafiando-o, o lápis da caricatura.

Então coisas bem estranhas aconteceram: Octave de Saville e o conde Olaf Labinski pareceram simultaneamente agitados como se por uma convulsão de agonia. Seus rostos ficaram descompostos, uma leve espuma lhes subiu aos lábios; a palidez da morte descoloriu suas peles. Ainda assim, duas pequenas luzes azuladas e trêmulas cintilaram incertas acima de suas cabeças.

A um gesto fulgurante do doutor que parecia estar lhes traçando o caminho no ar, os dois pontos fosfóricos se colocaram em movimento e, deixando para trás um rastro luminoso, submeteram-se às suas novas moradas. A alma de Octave ocupou o corpo do conde Labinski, a alma do conde o de Octave. O avatar fora realizado.

Um leve rubor nas maçãs do rosto indicava que a vida acabava de entrar de volta naquelas argilas humanas que, durante alguns segundos, ficaram sem almas, e que, sem o poder do doutor, o Anjo Negro teria tomado como presas.

A alegria do triunfo fazia flamejarem os olhos azuis de Cherbonneau que, dando grandes passos pelo cômodo, dizia a si mesmo:

— Queria ver os médicos mais celebrados fazerem o mesmo! Eles, que tanto se orgulham em consertar o relógio humano da melhor forma possível quando este se desregula! Hipócrates, Galeno, Paracelso, Van Helmont, Boerhaave, Tronchin, Hahnemann, Rasori!⁵⁸ O menos importante faquir indiano, agachado sobre as escadarias de um pagode, sabe mil vezes mais do que vocês sobre isso! Que importa o cadáver quando comandamos o espírito!

58 Trata-se de uma longa lista, em ordem cronológica, de nomes associados às artes de cura e/ou alquímicas das mais diversas nacionalidades, a começar por Hipócrates (460–377 a.C.), dito “O pai da medicina”, ao qual seguem o romano Cláudio Galeno (c. 129–217 d.C.), o suíço Philippus von Hohenheim, conhecido como Paracelso (1493–1541), o belga Jan Baptista van Helmont (1580–1644), o neerlandês Herman Boerhaave (1668–1738), o suíço Théodore Tronchin (1709–1781), o germânico Samuel Hahnemann (1755–1843), famoso por criar a homeopatia, e, finalmente, o italiano Giovanni Rasori (1766–1837).

Ao terminar de dizer isso, o doutor Balthazar Cherbonneau deu várias cambalhotas de exaltação e dançou como as montanhas no *Shir hash-Shirim*,⁵⁹ do rei Salomão. Inclusive, quase caiu de nariz ao tropeçar nas pregas de sua túnica bramânica, pequeno acidente que o trouxe de volta a si e que lhe devolveu todo o sangue frio.

— Despertemos os nossos dorminhocos — disse o sr. Cherbonneau depois de ter tirado sua roupa de brãmene e de ter limpado as linhas de pó colorido com as quais havia estriado o rosto. E, colocando-se diante do corpo do conde Labinski habitado pela alma de Octave, fez os passes necessários para retirá-lo do estado de sonambulismo, sacudindo seus dedos sujos do fluido que estava removendo a cada gesto.

Ao fim de alguns minutos, Octave-Labinski (daqui em diante nós o designaremos assim para clareza da narrativa) ergueu-se de seu assento, passou suas mãos sobre os olhos e observou a si mesmo com um olhar espantado que a consciência do eu ainda não iluminava. Quando a percepção nítida dos objetos lhe foi voltando, a primeira coisa que percebeu foi sua forma sentada, fora de si, em um divã. Ele estava se vendo! Não estava sendo refletido por um espelho, mas na

59 Termo que designa a expressão “Cântico dos Cânticos”, em hebraico.

realidade. Ele gritou, mas o grito não ressoou com o timbre de sua voz e lhe causou uma espécie de pavor. Como a troca de almas se dera durante o sono magnético, não guardava dela nenhuma memória e sentia um singular mal-estar. Sua mente, servida por novos órgãos, era como um operário do qual se retiraram suas ferramentas habituais, trocando-as por outras. Exilada, Psiquê batia suas asas inquietas na abóboda daquele crânio desconhecido e se perdia nos meandros daquele cérebro em que ainda restavam alguns traços de ideias estrangeiras.

— Pois bem — disse o doutor quando havia desfrutado da surpresa de Octave-Labinski suficientemente —, que tal lhe parece sua nova habitação? Sua alma se encontra bem instalada no corpo desse encantador cavaleiro, hetman, hospodar⁶⁰ ou magnata, marido da mais bela mulher do mundo? O senhor não está mais com vontade de se deixar morrer como era seu projeto na primeira vez em que o vi em seu triste apartamento na rua Saint-Lazare, agora que as portas da mansão Labinski lhe estão totalmente abertas e que o senhor não tem mais medo de que Prascovie lhe coloque

60 Hetman era o título do segundo mais alto comandante militar (depois do monarca), usado do século 15 ao 18 na Polônia e no Grão-Ducado da Lituânia, que entre 1569 e 1795, formavam um só estado, chamado a República das Duas Nações, enquanto Hospodar era um antigo título dos príncipes vassallos do sultão, na Moldávia e na Valáquia.

a mão diante da boca, como o fez na *villa* Salviati, quando queria lhe falar de amor, está? O senhor bem está vendo que o velho Balthazar Cherbonneau, com sua cara de macaco, que só caberia a si mesmo mudar por outra, possui ainda em seu saco de truques receitas bastante boas.

— Doutor, o senhor tem o poder de um deus, ou, ao menos, de um demônio – respondeu Octave-Labinski.

— Oh, oh! Não tenha medo, não há a menor diabrura nisso. Sua salvação não está em perigo. Eu não vou fazê-lo assinar um pacto com letras vermelhas. Nada é mais simples do que o que acaba de se passar. O Verbo que criou a luz bem pode deslocar uma alma. Se os homens quisessem escutar Deus através do tempo e do infinito, tenho certeza de que poderiam fazer isso e muito mais.

— Como posso demonstrar meu reconhecimento, minha devoção por esse inestimável serviço?

— O senhor não me deve nada. Fiquei interessado por sua pessoa e para um velho gaiato como eu, queimado por todos os sóis, matizado por todos os acontecimentos, uma emoção é uma coisa rara. O senhor me revelou o amor e bem sabe que nós, sonhadores, um pouco alquimistas, um pouco mágicos, um pouco filósofos, estamos todos mais ou menos buscando o absoluto. Mas levante-se, então, mexa-se, caminhe, e veja se sua nova pele não o incomoda nas juntas.

Octave-Labinski obedeceu ao doutor e deu algumas voltas pelo cômodo. Já estava menos envergonhado. Embora habitado por outra alma, o corpo do conde conservava o impulso de seus antigos hábitos e o hóspede recente confiou em suas lembranças físicas, pois lhe era importante assumir o caminhar, o ritmo e os gestos do proprietário expulso.

— Se eu mesmo não tivesse operado agora há pouco a mudança de suas almas, eu acreditaria que nada se passou além do ordinário durante essa noite — disse o doutor Balthazar Cherbonneau, rindo. — E eu o tomaria pelo verdadeiro, legítimo e autêntico conde lituano Olaf Labinski, cujo eu ainda está dormindo ali na crisálida que o senhor desdenhosamente deixou. Mas logo vai soar meia-noite. Vá embora para que Prascovie não brigue com o senhor e não o acuse de preferir o lansquenete ou o bacará⁶¹ a ela. É melhor não começar sua vida de esposo com uma querela, isso seria um mau agouro. Enquanto isso, eu me ocuparei de despertar seu antigo invólucro com todas as precauções e respeito que ele merece.

Reconhecendo o quão justas eram as observações do doutor, Octave-Labinski se apressou a ir embora. Embaixo da

61 Lansquenete e bacará são dois jogos de cartas populares no século 19.

varanda, os magníficos cavalos baios do conde escoiceavam com impaciência, os quais, mascando suas rédeas, tinham coberto o pavimento diante deles de espuma. Ao ouvir o ruído dos passos do jovem, um soberbo criado vestido de verde, da raça perdida dos heiduques,⁶² precipitou-se para o degrau à porta que abriu com um estrondo.

Octave, que maquinalmente havia se dirigido primeiro para o seu modesto brougham,⁶³ instalou-se no alto e esplêndido cupê e pediu ao criado que por sua vez gritou ao cocheiro: “Para a mansão!” Mal a portinha fora fechada, os cavalos partiram à galope, quase virando, e o digno sucessor de Almançor⁶⁴ e de Azolan segurou-se nos largos cordões ornamentais com uma agilidade que sua grande altura não teria sugerido.

Para cavalos daquele porte, a corrida da rua du Regard ao Faubourg Saint-Honoré não era longa. A distância foi devorada em poucos minutos e o cocheiro gritava com sua voz

62 Os heiduques eram os membros de um exército húngaro de elite que patrulhava as fronteiras contra possíveis invasões otomanas.

63 Nome dado a um tipo de carruagem de quadro rodas, criada por Henry Brougham (1778–1868).

64 Abu Almafiri (c. 939–1002), conhecido como Almançor, foi um militar muçulmano que lutou contra os cristãos no sul da Espanha.

de Estentor:⁶⁵ “A porta!” As duas imensas grades, empurradas pelo porteiro, deram passagem ao carro, que manobrou em um grande pátio de areia e veio estacionar com uma precisão notável sob uma marquise raiada de branco e de rosa.

O pátio, que Octave-Labinski viu em detalhes com aquela rapidez visão que a alma adquire em algumas ocasiões solenes, era vasto, rodeado por construções simétricas, iluminado por postes de bronze, cujo gás dardejava suas línguas brancas nas lanternas de cristal parecidas com aquelas que outrora enfeitavam o *Bucentauro*,⁶⁶ e que tinham mais ar de palácio do que de mansão. Vasos com laranjeiras, dignos do terraço de Versalhes, estavam colocados sobre a margem do asfalto em intervalos, eles emolduravam o que estava no centro, como se fossem a borda de um tapete de areia.

Ao colocar o pé na soleira, o pobre apaixonado transformado foi obrigado a se deter por alguns segundos e a pôr a sua mão sobre o coração para conter os batimentos. Tinha o corpo do conde Olaf Labinski, mas não havia nada além da aparência física; todas as noções que aquele cérebro continha tinham se esvaído com a alma do primeiro proprietário. A

65 Segundo a *Ilíada* de Homero, Estentor foi um herói grego que lutou contra os troianos. Sua voz era mais poderosa do que a de cinquenta homens juntos.

66 Nome de um importante navio da marinha francesa.

casa que doravante devia ser a sua lhe era desconhecida, ignorava suas disposições interiores. Uma escadaria se apresentava à sua frente, ele a subiu por via das dúvidas, pois se necessário colocaria seu erro por conta de uma distração.

Os degraus de pedra polida brilhavam de brancura e faziam realçar o vermelho opulento da larga passadeira presa por hastes de cobre dourado que desenhava um caminho macio para os pés. Ao seu lado, jardineiras repletas das mais belas flores exóticas subiam a cada degrau.

Um imenso lustre entalhado e vazado, suspenso por um grosso cabo de seda púrpura ornamentado de borlas e laços, fazia lampejos de ouro correrem sobre as paredes revestidas de um reboco branco e polido como o mármore, projetando uma massa de luz sobre uma cópia da mão do próprio autor de um dos mais célebres grupos de Canova, *O Amor beijando Psiquê*.

O chão do único andar era pavimentado de mosaicos de um trabalho precioso e, nas paredes, cordas de seda suspendiam quatro quadros de Paris Bordone, de Bonifazzio, de Palma, o velho, e de Paolo Veronese,⁶⁷ cujo estilo arquitetural e pomposo harmonizava com a magnificência da escadaria.

67 Paris Bordone (1500–1571), Bonifazio Veronese (1487–1553), Jacopo Negretti, dito de Palma, o velho (1480–1528) e Paolo Veronese (1528–1588) são quatro grandes pintores italianos renascentistas.

Naquele hall, abria-se uma porta alta estofada com sarja, decorada com botões dourados. Octave-Labinski a empurrou e se viu em uma vasta antessala onde dormitavam alguns lacaios em belas vestes, que, ante sua aproximação, levantaram-se como se impulsionados por molas e se organizaram ao longo das paredes com a impassibilidade dos escravizados orientais.

Ele continuou seu caminho. Um salão branco e dourado, no qual não havia ninguém, se seguia à antessala. Octave tocou uma sineta. Uma criada de quarto apareceu.

— A senhora pode me receber?

— A senhora condessa está se trocando no momento, mas em breve estará apresentável.

7

Deixado sozinho com o corpo de Octave de Saville, habitado pela alma do conde Olaf Labinski, o doutor Balthazar Cherbonneau se viu no dever de devolver àquela forma inerte a vida ordinária. Ao fim de alguns passes de mágica, Olaf-de Saville (tomamos a liberdade de reunir esses dois nomes para designar um personagem duplo) saiu como um fantasma dos limbos do sono profundo, ou melhor, da catalepsia que o acorrentava, imóvel e rígido, no canto do sofá. Ele se levantou com um movimento automático que a vontade ainda não guiava e cambaleou ante uma vertigem mal dissipada. Os objetos vacilavam ao seu redor, as encarnações de Vishnu dançavam a sarabanda ao longo das paredes, o doutor Cherbonneau lhe aparecera com o rosto do sannyâsi de Elefanta, agitando seus braços como as asinhas de um pássaro e revirando seus olhos azuis nas órbitas de rugas morenas, parecidas com aros de óculos. Os espetáculos estranhos aos quais assistira antes de cair no aniquilamento magnético reagiam sobre sua razão e voltava

à realidade muito lentamente. Era como uma pessoa adormecida bruscamente despertada por um pesadelo, que ainda toma por espectros suas roupas espalhadas sobre os móveis, com vagas formas humanas, e que toma por olhos flamejantes de ciclope os pinos de cobre das cortinas, simplesmente iluminados pelo reflexo de uma pequena lâmpada.

Pouco a pouco aquela fantasmagoria se evaporou. Tudo voltou ao seu aspecto natural. O sr. Balthazar Cherbonneau não era mais um penitente da Índia, mas um simples doutor em medicina, que dirigia a seu cliente um sorriso de banal bonomia.

— O senhor conde está satisfeito com essas experiências que tive a honra de fazer na sua frente? — disse ele com um tom de obsequiosa humildade do qual se poderia desprender uma leve nuance de ironia. — Ouso esperar que não lamentará muito por sua noite e que partirá convencido de que tudo o que contam sobre o magnetismo não é fábula e brincadeira, como o pretende a ciência oficial.

Olaf-de Saville respondeu com um sinal de cabeça à guisa de assentimento e saiu do apartamento acompanhado do doutor Cherbonneau, que lhe fez profundas referências a cada porta.

O brougham avançou raspando os degraus e a alma do marido da condessa Labinska subiu nele com o corpo de

Octave de Saville, sem se dar conta direito de que não era nem sua libré e nem sua carruagem.

O cocheiro perguntou para onde seu senhor ia.

— Para casa — respondeu Olaf-de Saville, confuso e surpreso por não reconhecer a voz do criado vestido de verde que, ordinariamente, lhe dirigiria aquela pergunta com um sotaque húngaro dos mais pronunciados.

O brougham em que se encontrara era atapetado de damasco azul escuro, um cetim de botões dourados revestia o seu cupê, e o conde se espantava com aquela diferença, aceitando-a ao mesmo tempo, como o fazemos nos sonhos em que os objetos habituais se apresentam sob aspectos bem diferentes, sem, no entanto, deixarem de ser reconhecíveis. Ele se sentia menor do que de costume. Além disso, pensava ter vindo à casa do doutor vestindo um terno e, sem se lembrar de ter mudado de roupa, via-se trajando um paletó de verão com forro leve que nunca fizera parte de seu guarda-roupa. Sua mente experimentava um desconforto desconhecido e seus pensamentos, tão lúcidos pela manhã, trabalhavam penosamente. Atribuindo aquele estado singular às cenas estranhas da noite, não se preocupou mais com isso. Apoiou a cabeça no canto da carruagem e se deixou entrar em um devaneio flutuante, em uma vaga sonolência que não era nem a vigília, nem o sono.

A brusca parada do cavalo e a voz do cocheiro gritando “Abram a porta!”, trouxeram-no de volta a si. Ele baixou o vidro, colocou a cabeça para fora e viu sob a luz do poste uma rua desconhecida, uma casa que não era sua.

— Onde diabos você me trouxe, animal? — gritou. — Estamos no Faubourg Saint-Honoré, na mansão Labinski, então?

— Desculpe, meu senhor, eu não tinha entendido — murmurou o cocheiro, fazendo seu cavalo tomar a direção indicada.

Durante o trajeto, o conde transfigurado se fez várias questões às quais não conseguia responder. Como o seu carro tinha partido sem ele, já que ordenara que o esperasse? Como ele mesmo se encontrava no carro de outra pessoa? Supôs que uma ligeira indicação de febre perturbava a nitidez de suas percepções, ou que talvez o doutor taumaturgo, para atingir mais vivamente sua credulidade, fizera-lhe respirar durante seu sono algum frasco de haxixe ou de qualquer outra droga alucinógena cujas ilusões se dissipariam com uma noite de descanso.

A carruagem chegou à mansão Labinski. O porteiro, interpelado, recusou-se a abrir a porta, dizendo que não havia recepção naquela noite, que o senhor tinha voltado fazia mais de uma hora e que a madame se retirara para seus apartamentos.

— Que engraçado! Você está ébrio ou louco? — disse Olaf-de Saville, empurrando o colosso que se erguia gigantesca-mente na soleira do portão entreaberto, como uma daquelas estátuas em bronze que, nos contos árabes, defendem o acesso dos castelos encantados dos cavaleiros errantes.

— O senhor é quem está ébrio ou louco, senhorzinho — replicou o porteiro, que de seu carmesim natural se tornou azul de raiva.

— Miserável! — rugiu Olaf-de Saville. — Se eu não me respeitasse...

— Cale-se ou vou parti-lo em meu joelho e jogar seus pedaços na calçada — replicou o gigante, abrindo uma mão mais larga e maior do que a colossal mão de gesso exposta no luveiro da rua Richelieu. — É melhor não bancar o valentão comigo, meu rapazinho, só porque bebeu uma ou duas garrafas de Champagne a mais.

Olaf-de Saville, exasperado, empurrou o criado tão rudemente que este adentrou sob o pórtico. Alguns valetes que não tinham ido dormir ainda vieram em seu socorro ante o ruído da alteração.

— Você está demitido, seu animal, brutamontes, briguento, celerado! Eu sequer quero que você passe a noite na mansão. Salve-se ou eu o mato como se fosse um cão com raiva. Não me faça verter o ignóbil sangue de um laçao.

E o conde, desprovido de seu corpo, lançou-se com os olhos injetados de sangue, espuma nos lábios e os punhos crispados na direção do enorme criado, que, reunindo as duas mãos de seu agressor em uma das suas, segurou-as, quase as esmagando pela pressão de seus grossos dedos curtos, carnudos e nodosos como os de um torturador da Idade Média.

— Vamos ver, calma lá — dizia o gigante, no fundo bastante bondoso, não temendo mais nada de seu adversário e lhe dando umas sacudidas para que mantivesse o respeito. — Há algum bom senso em se colocar num estado desses quando se está vestido como um homem respeitável e em vir em seguida como um arruaceiro fazer alvoroços noturnos em casas respeitáveis? Devemos respeito ao vinho e esse com que o senhor tanto se embebedou deve ser famoso! É só por isso que eu não acabo com o senhor e me contentarei em lhe colocar delicadamente na rua, onde a patrulha vai prendê-lo se continuar com seus escândalos. Uma noite no xadrez refrescaria suas ideias.

— Infames! — gritou Olaf-de Saville, interpelando os lacaios. — Vocês deixam esse canalha abjeto insultar o seu senhor, o nobre conde Labinski!

Diante daquele nome, os valetes fizeram uma vaia imensa de comum acordo; uma gargalhada enorme, homérica e convulsiva inflou todos aqueles peitorais adornados com listras.

— Esse senhorzinho acha que é o conde Labinski! *Haha! Hihi!* Que boa piada!

Um suor gelado molhou as têmporas de Olaf-de Saville. Um pensamento penetrante lhe atravessou o cérebro como uma lâmina de aço e ele sentiu a medula congelar em seus ossos. Smarra⁶⁸ colocara seu joelho sobre seu peito ou ele estava vivendo a vida real? Sua razão tinha afundado no oceano sem fundo do magnetismo ou se tornara o brinquedo de alguma maquinação diabólica? Nenhum de seus lacaios, de hábitos tão trêmulos, tão submissos, tão prosternados diante dele, o reconheceu. Haviam mudado seu corpo como o fizeram com sua roupa e seu carro?

— Para que o senhor esteja bem seguro de não ser o conde Labinski — disse um dos mais insolentes do grupo —, veja logo ali, é o conde em pessoa quem está descendo as escadas, atraído pelo barulho de seu alvoroço.

O cativo porteiro virou seus olhos para o fundo do pátio e viu de pé sob o toldo da marquise um jovem de porte elegante e esbelto, com rosto oval, olhos negros, nariz aquilino, bigode fino, que não era outro senão ele mesmo,

68 Referência ao conto “Smarra ou os demônios da noite” (1821), de Charles Nodier, no qual um demônio assume a aparência de uma mulher.

ou seu espectro modelado pelo diabo, com uma semelhança capaz de iludir.

O porteiro soltou as mãos que mantinha presas. Os valetes se organizaram respeitosamente contra a muralha, os olhares baixos, as mãos pendentes, em uma imobilidade absoluta, como os *içoğlans* ante a aproximação do *Padeshah*.⁶⁹ Prestavam as honrarias que recusaram ao verdadeiro conde àquele fantasma.

O esposo de Prascovie, embora intrépido como um eslavo, isso já diz tudo, sentiu um pavor indizível ante a aproximação daquele Menecmo,⁷⁰ que, mais terrível do que o do teatro, misturava-se à vida positiva e tornava seu gêmeo irreconhecível.

Uma antiga lenda da família lhe voltava à memória e aumentava ainda mais seu terror. A cada vez que um Labinski estava para morrer, ele era alertado disso pela aparição de um fantasma absolutamente parecido consigo. Entre as nações do Norte, ver seu duplo, mesmo em sonho, sempre foi visto

69 No império otomano, eram chamados de *içoğlans* os criados domésticos do palácio do sultão. Já *Padeshah* é um título dado aos soberanos do mundo muçulmano.

70 Referência a uma comédia do dramaturgo romano Plauto (230–180 a.C.), intitulada *Os Menecmos*, protagonizada por dois gêmeos idênticos, Menecmo e Sósicles, que por vezes também é chamado pelo nome do irmão.

como um presságio fatal. E o intrépido guerreiro do Cáucaso, ante o aspecto daquela visão exterior de seu eu, foi tomado de um intransponível horror supersticioso. Ele, que havia mergulhado seu braço na goela de canhões prestes a atirar, recuou diante de si mesmo.

Octave-Labinski avançou na direção de sua antiga forma, a alma do conde se debatia, indignava-se e estremecia, e lhe disse com um tom de polidez altiva e glacial:

— Meu senhor, pare de se comprometer com esses valetes. Caso deseje falar com o senhor conde Labinski, ele fica disponível do meio-dia às duas horas. A senhora condessa recebe às quintas-feiras as pessoas que tiveram a honra de lhe serem apresentadas.

Uma vez pronunciada lentamente aquela frase, lhe dando valor a cada sílaba, o falso conde se retirou com um passo tranquilo e as portas se fecharam outra vez atrás dele.

Levaram para o carro um Olaf-de Saville desmaiado. Quando recuperou os sentidos, estava deitado em um leito que não tinha a forma do seu, em um quarto em que não se lembrava de já ter entrado. Perto dele, encontrava-se um criado estranho que lhe erguia a cabeça e lhe fazia respirar um frasco de éter.

— O senhor se sente melhor? — perguntou Jean ao conde, que tomava pelo seu patrão.

— Sim, foi apenas uma fraqueza passageira — respondeu Olaf-de Saville.

— Posso me retirar ou é melhor que eu fique de vigília, meu senhor?

— Não, deixe-me sozinho, mas, antes de se retirar, acenda os candelabros perto do espelho.

— O senhor não tem medo de que esta viva claridade o impeça de dormir?

— De modo algum. Além disso, não estou com sono agora.

— Não vou me deitar e, se o senhor tiver necessidade de alguma coisa, virei correndo ao primeiro tilintar da sineira — disse Jean, internamente alarmado pela palidez e pelos traços descompostos do conde.

Quando Jean se retirou após ter acendido as velas, o conde se apressou para o espelho e, no cristal profundo e puro em que tremulavam as cintilações das luzes, viu uma cabeça jovem, doce e triste, com abundantes cabelos negros, olhos de um azul escuro, bochechas pálidas, cobertas por uma barba cuidadosa e castanha, uma cabeça que não era a sua e que do fundo do espelho lhe observava com um ar surpreso. Primeiro, ele se esforçou para crer que um brincalhão mau-caráter enquadrava sua máscara na moldura incrustada de cobre e madrepérola do espelho

com chanfros venezianos. Passou a mão atrás e não sentiu nada além das tábuas do revestimento. Não havia ninguém.

Suas mãos, que ele tateava, estavam mais magras, mais longas, com mais veias. No dedo anelar, projetava-se a protuberância de um grosso anel de ouro com uma aventurina engastada sobre a qual estava gravado um brasão — um escudo de prata dividido em quartos e com o timbre de uma coroa de barão. Aquele anel nunca havia pertencido ao conde, que usava um de ouro com uma águia preta de asas estendidas, com bico, pernas e garras também em ouro; o conjunto encimado pela coroa de pérolas. Vasculhou os bolsos, nos quais encontrou uma pequena carteira contendo cartões de visita com o nome: “Octave de Saville”.

O riso dos lacaios na mansão Labinski, a aparição de seu duplo e a fisionomia desconhecida substituindo seu reflexo no espelho poderiam ser, a rigor, as ilusões de um cérebro doente; mas aquelas roupas diferentes e aquele anel que usava em seu dedo eram provas materiais, palpáveis, testemunhos impossíveis de recusar. Uma metamorfose completa havia se operado nele contra sua vontade; um mágico, com certeza, um demônio, talvez, roubara sua forma, sua nobreza, seu nome, toda a sua personalidade, não lhe deixando nada além de sua alma sem meios de manifestá-la.

Os historiadores fantásticos de Peter Schlemihl e da Noite de São Silvestre voltaram-lhe à memória; mas as personagens de La Mothe Fouqué e de Hoffmann⁷¹ só tinham perdido, respectivamente, sua sombra e seu reflexo. E se aquela privação bizarra de uma projeção que todo mundo possui inspirava suspeitas inquietantes, ao menos ninguém lhes negava que fossem elas mesmas.

Sua posição, por outro lado, era bem mais desastrosa. Não podia reclamar seu título de conde Labinski sob a forma na qual se encontrava aprisionado. Passaria aos olhos de todo o mundo por um imprudente impostor, ou, ao menos, por um louco. Sua própria esposa não o reconheceria fantasiado com aquela aparência mentirosa. Como provar sua identidade? Claro, havia mil circunstâncias íntimas, mil detalhes misteriosos desconhecidos para qualquer outra pessoa, que, evocados para Prascovie, a fariam reconhecer

71 Peter Schlemihl é o protagonista do romance *A estranha história de Peter Schlemihl ou o homem que vendeu sua sombra* (1813), do escritor alemão Adelbert von Chamisso (1781–1838), narrativa que, como o título anuncia, trata de um pacto através do qual o herói vende sua sombra em troca de riquezas. Gautier parece ter se enganado, portanto, ao atribuir essa história a Friedrich de La Motte-Fouqué (1777–1843) também um autor romântico de língua alemã. E. T. A. Hoffmann (1776–1822), por sua vez, foi um dos mais importantes autores de narrativas fantásticas do século 19, dentre elas, *As aventuras da Noite de São Silvestre*.

a alma de seu marido sob aquele disfarce; mas de que valeria aquela convicção isolada, caso ele a obtivesse, contra a unanimidade da opinião? Estava real e absolutamente desprovido de seu eu. Outra ansiedade: sua transformação se limitava à mudança exterior do porte e dos traços ou ele realmente estava vestindo o corpo de outra pessoa? Neste caso, o que haviam feito com o seu? Um poço de cal o havia consumido ou se tornara propriedade de um audaz ladrão? O duplo visto na mansão Labinski poderia ser um espectro, uma visão, mas também um ser físico, vivo, instalado naquela pele que lhe roubara aquele médico com cara de faquir, com sua habilidade infernal.

Uma ideia atroz lhe mordeu o coração com suas presas de víbora:

— Mas esse conde de Labinski fictício, moldado na minha forma pelas mãos do demônio, esse vampiro que habita agora minha mansão, a quem meus valetes obedecem contra minha vontade, talvez a esta hora esteja colocando seu pé fendido na soleira do quarto em que apenas eu penetrei, com o coração emocionado como na primeira noite, e Prascovie talvez lhe esteja sorrindo docemente e inclinando com um rubor divino sua cabeça encantadora sobre aquele ombro marcado pela garra do diabo, tomando por mim aquela larva mentirosa, aquele brucolaco, aquela

empusa,⁷² aquele hediondo filho da noite e do inferno. E se eu corresse para a mansão, se eu colocasse fogo nela para gritar por Prascovie nas chamas: “Estão enganando você. Não é Olaf, seu bem amado, que você tem sobre seu coração! Você vai cometer inocentemente um crime abominável e do qual minha alma desesperada ainda se lembrará quando as eternidades tiverem cansado as mãos de tanto virarem suas ampuhetas!”.

Ondas flamejantes afluíam no cérebro do conde, ele dava gritos de raiva inarticulados, mordida os punhos, girava no quarto como uma fera selvagem. A loucura ia mergulhá-lo na obscura consciência que restava de si mesmo. Correu à pia de Octave, encheu uma bacia de água e mergulhou a cabeça nela, que saiu fumegante daquele banho gelado.

O sangue-frio lhe voltou. Disse a si mesmo que o tempo da magia e da bruxaria tinha passado, que apenas a morte desligava a alma do corpo, que não se fazia desaparecer

72 Brucolacos são uma espécie de criatura vampírica do imaginário grego antigo, assim como as empusas. Elas, por sua vez, são conhecidas como espectros ou fantasmas demoníacos, monstros que sugavam o sangue de homens jovens. No entanto, a acepção pluralizada só surge na Antiguidade Tardia, antes disso, como aparece nas comédias de Aristófanes, Empusa poderia ser uma criatura metamorfa ou a própria deusa Hécate, deusa da magia.

daquela maneira, no meio de Paris, um conde polonês com vários milhões de créditos junto aos Rothschild,⁷³ aliado das maiores famílias, marido amado de uma mulher elegante, condecorado com a ordem de Santo André de primeira classe, e que tudo isso não era sem dúvida nada mais do que uma piada de muito mal gosto do sr. Balthazar Cherbonneau, que se explicaria pelo modo mais natural do mundo como os espantalhos dos romances de Ann Radcliffe.⁷⁴

Como estava quebrado de cansaço, atirou-se à cama de Octave e adormeceu com um sono pesado, opaco, semelhante à morte, que ainda durava quando Jean veio colocar as cartas e jornais na mesa, achando que seu patrão estava desperto.

73 Trata-se de uma família judia de banqueiros famosos, originários da Alemanha, donos da maior fortuna conhecida durante o século 19.

74 Ann Radcliffe (1764–1823) foi uma importante autora inglesa especializada em narrativas góticas, em que os elementos sobrenaturais eram cientificamente explicados.

O conde abriu os olhos e deu uma olhada investigadora ao seu redor. Viu um quarto de dormir confortável, mas simples. Um tapete de desenhos ovalados, imitando a pele de leopardo, cobria o piso. Cortinas de tapeçaria, as quais Jean acabava de entreabrir, pendiam das janelas e mascaravam as portas. As paredes eram revestidas de um papel verde uniforme aveludado, imitando tecido. Um pêndulo formado de um bloco de mármore negro, com quadro de platina, encimado por uma estatueta em prata oxidada da Diana de Gabies, reduzida por Barbedienne⁷⁵ e acompanhada por dois vasos antigos também em prata, decoravam a lareira de mármore branco com veios azulados. O espelho de Veneza, no qual o conde

75 Diana de Gabies é o nome de uma estátua grega antiga atribuída ao escultor Praxiteles (c. 395–330 a.C.), que por muito tempo esteve exposta na Itália. Mas, desde o começo do século 20, integra a coleção do Museu do Louvre, em Paris. Ferdinand Barbedienne (1810–1892) foi um escultor francês, conhecido por suas obras em bronze.

havia descoberto na véspera que não possuía mais seu rosto habitual, e um retrato de uma mulher idosa, pintado por Flandrin,⁷⁶ sem dúvida da mãe de Octave, eram os únicos ornamentos daquele cômodo, um pouco triste e severo. Um divã, uma poltrona à Voltaire colocada perto da lareira, uma escrivaninha com gavetas, coberta por papéis e livros, compunham o mobiliário do cômodo, mas que em nada lembrava as suntuosidades da mansão Labinski.

— O senhor já vai se levantar? — disse Jean, com aquela voz contida com a qual se habituara durante a doença de Octave e apresentou ao conde a camisa colorida, a calça de flanela com pés e a gandoura de Alger, as roupas matinais de seu patrão. Por mais que repugnasse ao conde colocar os trajes de um estranho, a menos que continuasse nu, precisava aceitar aqueles que Jean lhe apresentava. Ele apoiou seus pés sobre a pele sedosa e negra que servia de tapete no quarto.

76 O sobrenome Fladrin pode se referir a vários pintores franceses do século 19, dentre eles: Jean Hippolyte Flandrin (1809–1864), seus irmãos Auguste Flandrin (1804–1842) e Paul Fladrin (1811–1902), ou ainda seu filho Paul Hippolyte Flandrin (1856–1921). Gautier certamente se refere a um dos três irmãos, possivelmente a Jean Hippolyte, seu contemporâneo, que também tinha uma predileção especial pelo imaginário italiano.

Logo já tinha terminado a sua toailete, e Jean, sem parecer conceber a menor dúvida sobre a identidade do falso Octave de Saville que estava ajudando a se vestir, disse-lhe:

— Que horas o senhor deseja almoçar?

— Na hora de sempre — respondeu o conde que, a fim de não criar impedimentos nas ações que contava fazer para recuperar sua personalidade, resolvera aceitar exteriormente sua incompreensível transformação.

Jean se retirou, Olaf-de Saville abriu as duas cartas que lhe haviam sido trazidas com os jornais, esperando encontrar nelas algumas informações. A primeira continha censuras amicais e se queixavam das boas relações de camaradagem interrompidas sem motivo. Um nome desconhecido para ele a assinava. A segunda era do notário de Octave e o apressava a ir sacar um montante de renda acumulada havia muito tempo, ou, ao menos, que designasse um propósito àqueles capitais que permaneciam improdutivos.

— Veja só, parece que o Octave de Saville cuja pele estou ocupando contra a minha vontade existe realmente — disse o conde. — Não é nenhum ser fantástico, nenhum personagem de Achim von Arnim ou de Clemens Brentano.⁷⁷ Ele tem um

77 Achim von Arnim (1781–1831) e Clemens Brentano (1778–1842) foram dois importantes escritores românticos alemães, autores de algumas narrativas fantásticas.

apartamento, amigos, um notário, rendas para investir, tudo o que constitui o estado civil de um cavalheiro. No entanto, tenho certeza de que sou o conde Olaf Labinski.

Uma olhada lançada ao espelho o convenceu de que aquela opinião não seria compartilhada com mais ninguém. Na pura clareza do dia, nas duvidosas luzes das velas, o reflexo era idêntico.

Continuando a visita domiciliar, abriu as gavetas da mesa. Em uma, encontrou títulos de propriedade, duas notas de mil francos e cinquenta luíses, dos quais se apropriou sem escrúpulos para as necessidades dos planos que ia começar a executar; e, na outra, uma carteira de couro russo fechada por uma fechadura com segredo.

Jean entrou, anunciando o sr. Alfred Humbert, que penetrou o quarto com a familiaridade de um antigo amigo, sem esperar que o criado lhe viesse dar a resposta do patrão.

— Bom dia, Octave — disse o recém-chegado, belo rapaz com ar cordial e franco. — O que você está fazendo? No que se tornou? Está vivo ou morto? Ninguém o vê em lugar algum. A gente escreve, você não responde. Eu deveria brigar com você, mas, eu juro, não tenho amor próprio quando tenho afeto por alguém e vim apertar sua mão. Que diabo! Não se deixa um amigo do colégio morrer de melancolia no fundo desse apartamento lúgubre como a cela de Carlos

V no monastério de Yuste.⁷⁸ Você cismou que está doente. Está entediado, é só isso. Mas eu o forcçarei a se distrair e vou levá-lo obrigado a um alegre almoço em que Gustave Raimbaud vai enterrar sua liberdade de rapaz.

Concluindo aquele discurso com um tom meio irritado, meio cômico, sacudiu vigorosamente à maneira inglesa a mão do conde.

— Não — respondeu o marido de Prascovie, entrando no espírito de seu papel —, eu estou pior hoje do que de costume. Não me sinto disposto. Vou entristecê-lo e aborrecê-lo.

— De fato, você está bem pálido e com uma cara cansada. Que fique para uma ocasião melhor, então! Eu vou indo, pois estou três dúzias de ostras verdes e uma garrafa de vinho de Sauternes atrasado — disse Alfred, dirigindo-se à porta. — Raimbaud ficará bravo em não ver você.

Aquela visita aumentou a tristeza do conde. Jean o tomava por seu patrão. Alfred por seu amigo. Uma última prova lhe faltava. A porta se abriu, uma dama cujos cachos estavam entremeados de fios de prata e que se assemelhava

78 Carlos V (1500–1558) foi imperador do Sacro Império Romano-Germânico e rei de Espanha (sob o nome de Carlos I). Ao fim de sua vida, abdicou do trono em prol de seu filho e retirou-se para o Mosteiro de São Jerônimo de Yuste, um palácio medieval espanhol.

de uma maneira flagrante com o retrato pendurado na parede entrou no quarto, sentou-se no sofá e disse ao conde:

— Como você está, meu pobre Octave? Jean me disse que você voltou tarde ontem e em um estado de fraqueza alarmante. Cuide-se bem, meu querido filho, pois você sabe o quanto eu o amo, apesar do desgosto que me causa essa inexplicável tristeza cujo segredo você nunca quis me confiar.

— Nada tema, minha mãe, não é nada grave — respondeu Olaf-de Saville. — Estou bem melhor hoje.

A senhora de Saville, tranquilizada, levantou-se e saiu, não querendo incomodar seu filho, pois sabia que ele não gostava de ter sua solidão perturbada por muito tempo.

— Eis que sou definitivamente Octave de Saville — exclamou o conde quando a velha senhora partiu. — A mãe dele me reconhece e não percebe uma alma estrangeira sob a epiderme de seu filho. Portanto, talvez eu esteja emparedado para sempre neste invólucro. Que estranha prisão para um espírito, o corpo de outro! No entanto, é duro renunciar ser o conde Olaf Labinski, perder seu brasão, sua esposa, sua fortuna e se ver reduzido a uma pobre existência burguesa. Oh! Eu dilaceraria essa pele de Nesso⁷⁹ que se prende ao

79 Na mitologia grega, Nesso é um centauro conhecido por seu conflito com Hércules, cuja esposa, Djanira, tentou raptar. Antes

meu eu para conseguir sair dela e a devolveria somente aos pedaços para seu primeiro proprietário. E se eu voltasse à mansão? Não! Eu faria um escândalo inútil e o porteiro me jogaria na rua, pois não tenho mais vigor neste pijama de doente; vejamos, procuremos, pois é preciso que eu sabia um pouco da vida desse tal de Octave de Saville que está em mim agora.

E ele tentou abrir a carteira. A trava tocada ao acaso cedeu e o conde primeiro sacou dos bolsos de couro vários papéis escurecidos com uma escrita apertada e fina, em seguida um pedaço de pergaminho. Sobre o quadrado de pergaminho, uma mão pouco hábil, mas fiel, desenhara, com a memória do coração e a verossimilhança que nem sempre os grandes artistas alcançam, um retrato a lápis da condessa Prascovie Labinska, que era impossível não ser reconhecida logo à primeira vista.

O conde permaneceu estupefato por aquela descoberta. A surpresa foi seguida por um furioso movimento de ciúme; como o retrato da condessa se encontrava na carteira secreta daquele jovem desconhecido? De onde viera, quem o fizera, quem lhe havia dado aquilo? Prascovie, tão religiosamente

de morrer, o centauro engana Djanira ao lhe dar sua pele envenenada, o que resultaria na morte dela.

adorada, teria descido de seu céu de amor para uma intriga vulgar? Que piada infernal ele estava encarnando, ele, o marido, no corpo do amante daquela mulher, que, até ali, acreditava ser tão pura? Depois de ter sido o esposo, ia ser o admirador! Que sarcástica metamorfose! Que inversão de posições de deixar louco! Poderia enganar a si mesmo, sendo, ao mesmo tempo, Clitandre e George Dandin!⁸⁰

Todas aquelas ideias zumbiam tumultuosamente em seu crânio. Sentia sua razão quase escapando e fez, para retomar um pouco da calma, um esforço supremo de vontade. Sem escutar o aviso de Jean de que o almoço estava servido, continuou o exame da carteira misteriosa com uma trepidação nervosa.

As páginas compunham uma espécie de diário psicológico abandonado e retomado em diversas épocas. Eis aqui alguns fragmentos devorados pelo conde com uma curiosidade ansiosa:

*Ela nunca me amará, nunca, nunca! Li em seus olhos
tão doces aquela palavra tão cruel, que nem Dante*

80 Trata-se de dois personagens da peça *George Dandin ou o marido confuso* (1668), de Molière (1622–1673), na qual o marido do título se vê enganado por Clitandre, que corteja sua esposa, Angélique.

encontrou nada de mais duro para inscrever sobre as portas de bronze da Cidade Dolente: “Abandone qualquer esperança”. O que eu fiz a Deus para ser condenado à danação estando vivo? Amanhã, depois de amanhã, para sempre será a mesma coisa! Os astros podem entrecruzar suas órbitas, as estrelas formarem nódulos em conjunção, nada em minha sorte mudará. Com uma palavra, ela dissipou o sonho. Com um gesto, quebrou a asa da quimera. As combinações fabulosas das impossibilidades não me oferecem nenhuma chance. Os números, rejeitados um bilhão de vezes na roda da fortuna, não serão sorteados. Não há número vencedor para mim!

Que infeliz eu sou! Sei que o paraíso está fechado para mim e fico estupidamente sentado na soleira, as costas apoiadas na porta, que não deve se abrir e eu choro em silêncio, sem me mover, sem me esforçar, como se meus olhos fossem fontes de água pura. Não tenho coragem de me levantar e de me embrenhar no deserto imenso ou na Babel tumultuosa dos homens. Algumas vezes, de noite, quando não consigo dormir, penso em Prascovie. Se durmo, sonho com ela. Oh! Como estava bela naquele dia, no jardim da villa Salviati, em Florença! Aquele vestido branco e aquelas

fitas pretas eram encantadores e fúnebres! O branco para ela, o preto para mim! Em algumas vezes, as fitas, levantadas pela brisa, formavam uma cruz sobre aquele fundo de flagrante brancura; um espírito invisível rezava bem baixo a missa pela morte de meu coração.

Se alguma catástrofe inaudita colocasse sobre minha fronte a coroa dos imperadores e dos califas, se a terra sangrasse para mim suas veias de ouro, se as minas de diamante de Golconda e de Visapour⁸¹ me deixassem escavar em suas jazidas reluzentes, se a lira de Byron ressoasse sob meus dedos, se as mais perfeitas obras-primas da arte antiga e moderna me prestassem suas belezas, se eu descobrisse um mundo, pois então, ainda assim, nada adiantaria! Para que serve o destino? Eu tinha vontade de ir à Constantinopla, não a teria encontrado. Como fiquei em Florença, eu a vi e estou morrendo.

Eu teria me matado, mas ela respira neste ar em que vivemos e talvez meu lábio ávido aspirará um eflúvio longínquo de seu sopro perfumado. Que felicidade

81 Golconda e Visapour são duas importantes minas de diamantes indianas.

inefável! E, depois, designariam para minha alma culpada um planeta de exílio, e eu não teria a chance de me fazer amar por ela em outra vida. Continuar separados no além, ela no paraíso, eu no inferno, que pensamento avassalador!

Por que tive de amar precisamente a única mulher que não pode me amar? Outras que são consideradas belas, que estavam livres, sorriam-me com seus sorrisos mais ternos e pareciam estar pedindo uma declaração que não vinha. Oh! Como ele é feliz! Ele! Que sublime vida anterior deve ter tido para Deus o estar recompensando com o dom magnífico desse amor?

Era inútil ler mais daquilo. A suspeita que o conde havia concebido pelo aspecto do retrato de Prascovie se evaporara desde as primeiras linhas daquelas tristes confidências. Compreendeu que a imagem amada da modelo, recomeçada mil vezes, fora acariciada de longe, com aquela paciência infatigável do amor infeliz, e que ela era a Nossa Senhora de uma pequena capela mística, diante da qual ele se ajoelhava em adoração e sem esperança.

— Mas e se esse Octave fez um pacto com o diabo para roubar meu corpo e surpreender sob minha forma o amor de Prascovie?!

A inverossimilhança de semelhante suposição, em pleno século 19, logo fez o conde abandoná-la; no entanto, ficara estranhamente perturbado.

Sorrindo de sua própria credulidade, almoçou a refeição já fria servida por Jean, vestiu-se e pediu o carro. Quando este estava atrelado, pediu para ser conduzido à casa do doutor Balthazar Cherbonneau. Atravessou aquelas salas, em que na véspera entrara sendo ainda chamado de conde Olaf Labinski, e de onde saíra saudado por todo o mundo pelo nome de Octave de Saville. O médico estava sentado, como de hábito, sobre o divã do cômodo do fundo, segurando seu pé na mão e parecendo mergulhado em uma meditação profunda.

Ante o ruído dos passos do conde, o doutor levantou a cabeça.

— Ah, é o senhor, meu caro Octave! Eu ia passar em sua casa, mas é bom sinal quando o doente vem ver o médico.

— Outra vez Octave! — disse o conde. — Acho que vou ficar louco de raiva!

Depois, cruzando os braços, colocou-se diante do médico e, olhando-o com um olhar fixo terrível, disse:

— O senhor bem sabe, doutor Balthazar Cherbonneau, que não sou Octave, mas sim o conde Olaf Labinski, a quem

ontem à noite o senhor roubou, aqui mesmo, minha pele com suas bruxarias exóticas.

Àquelas palavras, o doutor deu uma enorme gargalhada, jogou-se sobre suas almofadas e colocou os punhos ao lado do corpo para conter as convulsões de sua alegria.

— Controle essa alegria intempestiva, doutor, da qual o senhor poderia se arrepender. Eu estou falando sério.

— Que seja, que seja! Isso prova que a anestesia e a hipocondria, motivo pelo qual eu o tratava, transformaram-se em demência. Será preciso mudar a dieta. Eis tudo.

— Não sei o que me segura, seu doutor do diabo, para não o estrangular com minhas mãos — gritou o conde, avançando na direção de Cherbonneau.

O doutor sorriu da ameaça do conde, a quem tocou com a ponta de uma pequena varinha de aço. Olaf-de Saville sentiu uma comoção terrível e acreditou que seu braço se quebrara.

— Oh, temos os meios de controlar os doentes quando se rebelam — disse o médico, deixando cair sobre o conde aquele olhar frio como uma ducha, capaz de domar os loucos e fazer os leões deitarem de barriga no chão. — Volte para sua casa, tome um banho, essa superexcitação se acalmará.

Olaf-de Saville, atordoado pelo choque elétrico, saiu da casa do doutor Cherbonneau mais confuso e perturbado

do que nunca. Mandou o levarem até Passy, na casa do doutor B***,⁸² para se consultar com ele.

— Sou vítima de uma alucinação bizarra — disse ao célebre médico. — Quando me olho em um espelho, meu rosto não me aparecesse com seus traços naturais. A forma dos objetos que me rodeiam mudou. Não reconheço nem as paredes nem os móveis do meu quarto. Parece-me que sou uma outra pessoa e não eu mesmo.

— Com qual aspecto o senhor está se vendo? — perguntou o médico. — O erro pode estar vindo dos olhos ou do cérebro.

— Eu me vejo com os cabelos pretos, os olhos azuis escuros, um rosto pálido emoldurado por uma barba.

— A descrição física de um passaporte não seria mais exata. Não há no senhor nem alucinação intelectual, nem perversão da vista. O senhor é, com efeito, tal qual o diz.

— Não sou! Na verdade, tenho os cabelos loiros, os olhos pretos, a tez bronzeada e um bigode cortado à moda húngara.

82 Segundo nota da edição *Contes fantastiques*, de Théophile Gautier (La Bibliothèque Gallimard, 1999, p. 310), trata-se do doutor Antoine Émile Blanche (1820–1893), um “psiquiatra, que cuidou de várias personalidades, em particular Nerval e Maupassant”, e cuja casa Gautier e seu grande amigo Baudelaire frequentavam.

— Aqui já começa uma ligeira alteração das faculdades intelectuais — respondeu o médico.

— E, no entanto, doutor, eu não estou nem um pouco louco.

— Sem dúvida. Apenas os sábios vêm até mim sozinhos. Um pouco de cansaço, algum excesso de estudo ou de prazer deve ter causado essa perturbação. O senhor está enganado. A visão é real, a ideia é quimérica. Em vez de um loiro que se vê moreno, o senhor é um moreno que se crê loiro.

— E, no entanto, estou certo de ser o conde Olaf Labinski e todo o mundo me chama de Octave de Saville desde ontem.

— É precisamente o que estava dizendo — respondeu o doutor. — O senhor é Octave de Saville e imagina ser o senhor conde Labinski, que me lembro de ter visto e que, com efeito, é loiro. Isso explica perfeitamente como o senhor está vendo outro rosto no espelho. Este rosto, que é o seu, não corresponde à sua ideia interior e o surpreende. Reflita sobre isso: todo mundo o está chamando de senhor de Saville e que, por consequência, não compartilha de sua crença. Venha passar uma quinzena de dias aqui. Os banhos, o descanso, os passeios sob as grandes árvores dissiparão essa influência aflitiva.

O conde baixou a cabeça e prometeu voltar. Não sabia mais no que acreditar. Retornou ao apartamento da

rua Saint-Lazare e viu por acaso sobre a mesa o convite da Condessa Labinska, que Octave mostrara ao sr. Cherbonneau.

— Com esse talismã — exclamou —, amanhã poderei vê-la!

Quando os valetes levaram para seu carro o verdadeiro conde Labinski, expulso de seu paraíso na terra pelo falso anjo guardião em pé na soleira do portão, o Octave transfigurado voltou para o pequeno salão branco e dourado para esperar a companhia da condessa.

Apoiado contra o mármore branco da lareira, cujo vão estava repleto de flores, via-se o fundo refletido pelo espelho, colocado em simetria sobre o console de pés entalhados e dourados. Por mais que soubesse o segredo de sua metamorfose, ou, para ser mais preciso, de sua transfiguração, tinha dificuldade em se persuadir de que aquela imagem tão diferente da sua era o duplo de seu próprio rosto, e não conseguia desgrudar seus olhos daquele fantasma estrangeiro a que, no entanto, ele se tornara. Olhava-se e via outra pessoa. Involuntariamente, verificava se o conde Olaf não estava inclinado perto dele à prateleira da lareira enquanto projetava seu reflexo no espelho. Mas estava mesmo sozinho. O doutor Cherbonneau fizera as coisas conscientemente.

Ao fim de alguns minutos, Octave-Labinski nem pensava mais no maravilhoso avatar que fizera sua alma passar para o corpo do esposo de Prascovie; seus pensamentos tomaram um curso mais adequado à sua situação. Aquele evento incrível, longe de qualquer possibilidade, acontecera! Logo se encontraria na presença da bela criatura adorada, e ela não o repeliria! A única solução que pôde conciliar sua felicidade com a imaculada virtude da condessa tinha se concretizado!

Aproximando-se daquele momento supremo, sua alma experimentava transes e ansiedades atrozes. As timidez do verdadeiro amor a faziam desfalecer como se ainda estivesse vestida com a forma desdenhosa de Octave de Saville.

A entrada da criada particular colocou fim àquele tumulto de pensamentos que lutavam entre si. À sua aproximação, não conseguiu conter um sobressalto nervoso e todo o seu sangue afluiu para o seu coração quando ela lhe disse:

— Agora a senhora condessa pode receber o senhor.

Octave-Labinski seguiu a criada, pois não conhecia as pessoas da mansão e não queria trair sua ignorância por seu passo incerto.

A criada o introduziu em um cômodo bastante vasto, com um gabinete de toaleta ornado de todos os refinamentos do luxo mais delicado. Uma sequência de armários de uma

madeira preciosa, esculpidos por Knecht e Lienhart, e cujas portas eram separadas por colunas torcidas ao redor das quais se enrolavam em espirais frágeis galhinhos de hera com folhas em coração e flores em sininhos recortadas com um talento infinito, formavam uma espécie de bosque arquitetural, um pórtico de arranjo caprichoso, de uma elegância rara e de uma execução perfeita. Naqueles armários, estavam guardados os vestidos de veludo e de seda, as cachemiras, as capas, as rendas, as peles de marta-zibelina, de raposa-cinzenta, os chapéus de mil formas, toda a parafernália da linda dama.

Na frente, repetia-se o mesmo motivo, com a diferença de que os painéis das portas eram substituídos por espelhos móveis com dobradiças, como as folhas de um biombo, de modo que era possível se ver neles de frente, de perfil, por trás, e julgar o efeito de um corpete ou de um penteado.

Na terceira parede, reinava uma longa pia com acabamento em alabastro e ônix, no qual as torneiras de prata regurgitavam água quente e fria em imensas cubas japonesas assentadas em suportes circulares do mesmo metal. Frascos de cristal da Boêmia que, sob o fogo das velas, bruxuleavam como diamantes e rubis, os quais continham essências e perfumes.

As paredes e o teto eram estofados com cetim verde-água, como o interior de uma caixa de joias. Um espesso tapete de Esmirna, com tons suavemente sortidos, acolchoava o piso.

No meio do quarto, sobre um pedestal de veludo verde, estava apoiado um grande cofre de forma bizarra, feito em aço de Coração cinzelado, esmaltado e decorado com arabescos tão elaborados que faziam parecer simples os ornamentos da sala dos embaixadores de Alambra.⁸³ A arte oriental parecia ter dito sua última palavra naquele trabalho maravilhoso, no qual os dedos das fadas Peri deviam ter tomado parte.⁸⁴ Era naquele cofre que a condessa Prascovie Labinska guardava seus adereços, joias dignas de uma rainha, e que ela muito raramente usava, considerando, com razão, que não valiam a pele que cobriam. Ela era bela demais para ter necessidade de ser rica. Seu instinto feminino lhe dizia isso. Por essa razão, não os trazia à luz senão em ocasiões solenes em que o fausto hereditário da antiga casa Labinski devia aparecer com todo seu esplendor. Nunca antes diamantes foram tão pouco usados.

Perto da janela, cujas amplas cortinas caíam em pregas poderosas, diante de uma penteadeira de princesa, na frente de um espelho estendido por dois anjos esculpido pela senhorita

83 Alambra é um palácio em Granada, no sul da Espanha, cuja Sala dos Embaixadores é conhecida por seu tamanho e beleza.

84 “Peri”, na mitologia persa, é uma espécie de criatura feérica feminina de imensa beleza, comparada com as fadas, as ninfas e até mesmo os anjos. Elas também são representadas como musas para os poetas e seres pertencentes a uma raça superior.

de Fauveau,⁸⁵ com aquela elegância longilínea e flexível que caracteriza seu talento, estava sentada a condessa Prascovie Labinska, radiante de frescor e beleza, iluminada pela claridade branca de dois castiçais de seis velas. Um albornoz de Túnis de uma fineza ideal, enfeitado com fitas azuis e brancas alternadamente opacas e transparentes, envelopava-a como uma suave nuvem. O fino tecido tinha deslizado sobre a pele acetinada dos ombros e deixava ver a base e o prolongamento de um pescoço que teriam feito parecer cinzento o pescoço nevado do cisne. Em meio às pregas, saíam aos borbotões as rendas de um penhoar de cambraia, adorno noturno que nenhum cinto retinha. Os cabelos da condessa estavam desfeitos e se alongavam atrás dela em mechas opulentas como o manto de uma imperatriz. Quando emergiu como uma flor dos mares de azul jônico, ajoelhada em sua concha de madrepérola, certamente as tranças de ouro fluido, das quais pérolas foram extraídas da Vênus Afrodite, eram menos loiras, menos espessas e menos pesadas! Misture o âmbar de Ticiano e a prata de Paolo Veronese com o verniz dourado de Rembrandt;⁸⁶ faça

85 Félicie de Fauveau (1801–1886) foi uma escultora francesa conhecida nos meios românticos e pré-rafaelitas.

86 Ticiano Vecelli (c. 1490–1576) foi um conhecido pintor veneziano; enquanto Rembrandt van Rijn (1606–1669) foi um dos mais famosos pintores holandeses.

passar o sol através do topázio e o resultado ainda não será o tom maravilhoso daquela opulenta cabeleira, que parecia emitir luz em vez de recebê-la e que teria merecido flamejar, mais do que a de Berenice,⁸⁷ como nova constelação em meio aos antigos astros! Duas mulheres se dividiam, penteando-a, enrolando-a e arrumando-a em cachos cuidadosamente ajeitados para que o contato com o travesseiro não os amassasse.

Durante aquela delicada operação, a condessa fazia dançar na ponta de seu pé uma chinela de veludo branco bordada com fios de ouro, tão pequena a ponto de fazer inveja às *khanums*⁸⁸ e às odaliscas do Padischah. Às vezes, jogando para trás as pregas sedosas do albornoz, descobria seu braço alvo e repuxava com a mão alguns cabelos que escapavam, com um movimento de uma graça zombeteira.

Entregue assim à sua pose indiferente, ela lembrava aquelas esbeltas figuras de toaletes gregas que ornavam os

87 Referência a Berenice II (c. 266–221 a.C.), filha do rei Magas de Cirene e da rainha Apama. Conta-se que sua cabeleira era particularmente bela, motivo pelo qual a rainha prometeu oferecê-la aos deuses caso seu marido voltasse com vida da guerra, o que de fato fez, entregando-a ao templo de Ártemis. Pouco depois, a cabeleira desapareceu e, segundo a crença, fora transformada pelos deuses em uma constelação chamada “Cabeleira de Berenice”.

88 Trata-se de um título feminino persa que pode ser traduzido como “senhora” ou “princesa”, equivalente ao masculino *khan*.

vasos antigos e cujos contornos, puros e suaves e de beleza jovem e leve, nenhum artista conseguiu reencontrar. Ela estava mil vezes mais sedutora do que naquele jardim da *villa* Salviati em Florença; e se Octave já não estivesse louco de amor, infalivelmente o ficaria. Mas, por sorte, não se pode acrescentar nada ao que já é infinito.

Octave-Labinski sentiu diante daquilo como se estivesse vendo o mais terrível dos espetáculos, seus joelhos tremiam e falhavam sob si. Sua boca ficou seca e a angústia lhe apertou a garganta como a mão de um togue. Chamas vermelhas turbilhonavam ao redor de seus olhos. Aquela beleza o paralisava.

Fez um esforço corajoso, dizendo a si mesmo que aquelas maneiras apavoradas e estúpidas, cabíveis a um amante rejeitado, seriam perfeitamente ridículas da parte de um marido, por mais apaixonado que estivesse por sua esposa, então, caminhou bastante resoluto na direção da condessa.

— Ah, é o senhor, Olaf! Como voltou tarde essa noite! — disse a condessa sem se virar, pois sua cabeça estava sendo segurada pelas longas tranças que suas criadas penteavam e, livrando-se das dobras do albornoz, estendeu-lhe uma de suas belas mãos.

Octave-Labinski pegou aquela mão mais suave e mais fresca do que uma flor, levou-a a seus lábios e imprimiu um

longo, um ardente beijo, com toda a sua alma se concentrando naquele pequeno lugar.

Não sabemos qual delicadeza sensitiva, qual instinto de pudor divino, qual irracionalidade do coração advertiu a condessa, mas uma nuvem rosa cobriu subitamente seu rosto, seu colo e seus braços, que tomaram a tonalidade com a qual se colore as altas montanhas sobre a neve virgem surpreendida pelo primeiro beijo do sol. Ela estremeceu e puxou lentamente sua mão, meio irritada, meio envergonhada. Os lábios de Octave lhe haviam produzido uma impressão parecida com a de um ferro quente. No entanto, logo se recompôs e sorriu de sua infantilidade.

— O senhor não está me respondendo, caro Olaf. Saiba que há mais de seis horas que eu não o vejo. O senhor está me negligenciando — disse com um tom de reprovação. — Antigamente, o senhor não teria me deixado abandonada assim toda uma longa noite. O senhor ao menos pensou em mim?

— Sempre — respondeu Octave-Labinski.

— Oh! Não, não sempre. Eu sinto quando o senhor pensa em mim, mesmo de longe. Esta noite, por exemplo, estava sozinha, sentada ao meu piano, tocando uma peça de Weber e embalando o meu tédio com música. Sua alma voejou alguns minutos ao meu redor em um turbilhão de

sonoras notas; depois foi embora, não sei em que parte do último acorde, e não voltou. Não minta, tenho certeza do que estou dizendo.

Prascovie, de fato, não estava enganada. Fora o momento em que, na casa do doutor Balthazar Cherbonneau, o conde Olaf Labinski se inclinou sobre o vidro de água mágica, evocando uma imagem adorada com toda a forma de um pensamento fixo. A partir dali, submerso no oceano sem fundo do sono magnético, não tinha mais nem pensamento, nem sentimento, nem vontade.

Tendo acabado de fazer a toailete noturna da condessa, as mulheres se retiraram. Octave-Labinski ainda permanecia de pé, seguindo Prascovie com um olhar inflamado. Incomodada e fulminada por aquele olhar, a condessa se envolveu em seu albornoz como Polímnia⁸⁹ em sua veste esvoaçante. Apenas sua cabeça aparecia acima das dobras brancas e azuis, preocupada, mas encantadora.

Ainda que nenhuma perspicácia humana conseguisse adivinhar o misterioso deslocamento de almas operado pelo doutor Cherbonneau pelo meio da fórmula do sannyâsi Brâmane-Logum, Prascovie não reconhecia, nos olhos de Octave-Labinski, a expressão habitual dos olhos de Olaf, a

89 Na mitologia grega, Polímnia é a musa da poesia lírica.

de um amor puro, calmo, constante, eterno como o amor dos anjos. Uma paixão terrena incendiava aquele olhar, que a atordoava e a fazia corar. Não se dava conta do que tinha se passado, mas alguma coisa acontecera. Mil suposições estranhas atravessaram sua mente: para Olaf, ela não era nada mais do que uma mulher vulgar, desejada por sua beleza como uma cortesã? A comunhão sublime de suas almas havia sido rompida por alguma dissonância que ignorava? Olaf estava amando outra? As corrupções de Paris haviam contaminado seu casto coração? Rapidamente, ela se fez essas questões sem conseguir respondê-las de uma maneira satisfatória e disse a si mesma que estava louca; mas, no fundo, sentia ter razão. Um terror secreto a invadiu como se estivesse na presença de um perigo desconhecido, mas percebido por aquela segunda visão da alma à qual sempre erramos em não obedecer.

Levantou-se agitada e nervosa e se dirigiu até a porta de seu quarto de dormir. O falso conde a acompanhou, um braço na cintura, como Otelo conduzindo Desdêmona em cada saída do palco na peça de Shakespeare. Mas quando ela ficou sobre a soleira da porta, virou-se, deteve-se um instante, branca e fria como uma estátua, lançou um olhar apavorado ao rapaz, entrou, fechou a porta agilmente e passou o ferrolho.

— O olhar de Octave! — exclamou, caindo meio desfalecida sobre uma pequena poltrona. Quando recuperou os sentidos, disse a si mesma: — Mas como pode ser que aquele olhar, cuja expressão nunca me esqueci, possa cintilar esta noite nos olhos de Olaf? Como vi a chama escura e desesperada luzir através das pupilas de meu marido? Octave morreu? Será que sua alma brilhou um instante diante de mim como se para me dizer adeus antes de deixar este mundo? Olaf! Olaf! Se eu me enganei, se cedi loucamente a vãos terrores, você me perdoará, mas se eu o tivesse acolhido essa noite, teria acreditado estar me entregando a outro.

A condessa se assegurou de que o ferrolho estava bem preso, acendeu a lamparina suspensa no teto, aconchegou-se em sua cama como uma criança medrosa com um sentimento de angústia indefinível e apenas adormeceu quase de manhã. Sonhos incoerentes e bizarros atormentaram seu sono agitado. Os olhos ardentes, os olhos de Octave, fixavam-se sobre ela no fundo de um nevoeiro e lhe lançavam línguas de fogo, enquanto que, ao pé de sua cama, uma figura negra e sulcada de rugas mantinha-se acorçada, murmurando sílabas em uma língua desconhecida. O conde Olaf apareceu também naquele sonho absurdo, mas vestido com uma forma que não era a sua.

Não tentaremos pintar o desapontamento de Octave quando se encontrou diante de uma porta fechada e que

escutou o ranger interior do ferrolho. Sua esperança suprema sucumbia. E agora? Recorrera a meios terríveis, estranhos, tinha se entregue a um mágico, talvez um demônio, arriscando sua vida no mundo e sua alma em outro para conquistar uma mulher que lhe escapava, mesmo sendo entregue a ele sem defesas pelas feitiçarias da Índia. Renegado como amante, também o era como marido; a invencível pureza de Prascovie desfazia as maquinações mais infernais. Na soleira do quarto de dormir, ela lhe aparecera como um anjo branco de Swedenborg,⁹⁰ fulminando o espírito maligno.

Não podia ficar toda a noite naquela situação ridícula. Procurou os aposentos do conde e, ao fim de uma sequência de cômodos, viu um no qual se elevava um leito com colunas de ébano, cortinas de tapeçaria, no qual, em meio aos ramos e aos arabescos, brasões haviam sido bordados. Panóplias de armas orientais, couraças e elmos de cavaleiros atingidos pelo reflexo de uma lâmpada lançavam luzes vagas sobre a sombra; um couro da Boêmia com ouro engastado cintilava nas paredes. Três ou quatro grandes poltronas esculpidas e um

90 Emanuel Swedenborg (1688–1772) foi um cientista místico e filósofo sueco, conhecido pela sua teoria neoplatônica das “correspondências”, que teve grande impacto sobre os poetas românticos, parnasianos e simbolistas franceses e, notadamente, sobre Charles Baudelaire.

aparador todo entalhado com figuras humanas completavam aquele mobiliário de um gosto feudal e que não teria ficado deslocado na grande sala de um solar gótico; aquilo não era, por parte do conde, uma frívola imitação da moda, mas uma pia lembrança. Aquele cômodo reproduzia exatamente aquele que morara na casa de sua mãe e, embora com frequência brigassem com ele por conta daquele cenário de quinto ato, sempre se recusara a mudar o estilo.

Octave-Labinski, esgotado de cansaço e emoções, atirou-se sobre a cama e adormeceu amaldiçoando o doutor Balthazar Cherbonneau. Felizmente, o dia lhe trouxe ideias mais felizes. Prometeu a si mesmo se portar dali em diante de maneira mais moderada, de apagar seu olhar e de tomar as maneiras de um marido; ajudado pelo criado de quarto do conde, arrumou-se sobriamente e se dirigiu com um passo tranquilo à sala de refeições, onde a senhora condessa o esperava para o desjejum.

O ctave-Labinski desceu seguindo os passos do criado, pois ignorava onde se encontrava a sala de refeições naquela casa cujo dono ele parecia ser. A sala de refeições era um vasto cômodo no térreo dando para o pátio, com um estilo nobre e severo, evocando, ao mesmo tempo, algo de um solar e de uma abadia. Armários de carvalho escuro de um tom quente e rico, divididos em painéis e em compartimentos simétricos, subiam até o teto, lugar no qual feixes acentuados e esculpidos formavam nichos hexagonais coloridos de azul e ornados de leves arabescos dourados. Nos longos painéis dos armários, Philippe Rousseau pintara as quatro estações, simbolizadas, não por figuras mitológicas, mas por troféus de natureza morta compostos de produções que se reportavam a cada época do ano. Quadros de caças de Jadin faziam par com as naturezas mortas de Philippe Rousseau e, acima de cada uma delas, irradiava um imenso prato de Bernard Palissy ou de Léonard de

Limoges,⁹¹ como um disco de escudo de porcelana do Japão, de porcelana majólica ou de cerâmica árabe, com verniz matizado de todas as cores do prisma. Massacres de cervos, chifres de auroques se alternavam com faianças e, nas duas pontas da sala, grandes estantes, altas como retábulos de igrejas espanholas, elevavam sua arquitetura trabalhada e esculpida com ornamentos capazes de rivalizar com as mais belas obras de Berruguete, de Cornejo Duque e de Verbruggen.⁹² Sobre suas prateleiras sustentadas por mãos francesas brilhava confusamente a antiga prataria da família Labinski, jarros com alças quiméricas, saleiros à moda antiga, taças, cálices, peças de centro de mesa feitas em complexas formas pelo bizarro espírito dos alemães e dignas de figurarem nos tesouros da Abóboda-Verde de Dresde.⁹³ Em frente àquelas antigas pratarias, faiscavam

91 Philippe Rousseau (1816–1887) e Louis Godefroy Jadin (1805–1882) foram dois pintores franceses que se especializaram em retratar paisagens, naturezas mortas e animais. Bernard Palissy (c. 1510–c. 1590) e Léonard de Limoges (1505–1577), além de pintores, eram artesãos de inspiração renascentista.

92 Tratam-se de Alonso Berruguete (1488–1561), pintor, escultor e arquiteto espanhol; Pedro Duque y Cornejo (1677–1757), escultor e pintor barroco, também espanhol; e Gaspar Peeter Verbruggen, o velho (1635–1681) pintor flamengo especializado em arranjos florais.

93 Nome dado a um importante museu alemão, fundado em 1723, no castelo de Dresde, na Saxônia.

os produtos maravilhosos da ourivesaria moderna, as obras-primas de Wagner, de Duponchel, de Rudolphi, de Froment-Meurice. Jogos de chá em vermelho, ilustrados com figuras humanas, foram feitos por Feuchère e de Vechte⁹⁴, pratos nigelados, baldes de vinho de Champagne com alças de ramos de videira e bacanais em baixo relevo; *réchauds* elegantes como tripés de Pompéia, sem falar dos cristais de Boêmia, dos vidros de Veneza, dos serviços em antigas porcelanas da Saxônia e de Sèvres.⁹⁵

Cadeiras de carvalho estofadas com marroquino verde estavam arrumadas ao longo das paredes e, sobre a mesa de pés esculpidos em forma de garras de águia, caía do teto uma luz uniforme e pura, atenuada pelos vidros brancos e foscos que guarneciam o nicho central deixado vazio. Uma

94 O prussiano Charles-Louis Wagner (1799–1841), o dinamarquês Frederic Rudolphi (1808–1872?) e os franceses Henri Duponchel (1794–1868), François-Désiré Froment-Meurice (1801–1855), Antoine Vechte (1800–1868) e Jean-Jacques Feuchère (1807–1852) foram importantes artesãos, escultores e, particularmente, ourives do século 19.

95 A porcelana de Meissen, também chamada de porcelana da Saxônia, é o nome da primeira produção do tipo feita na Europa, na cidade de Meissen, no estado alemão da Saxônia. Sèvres, por sua vez, é uma cidade francesa igualmente conhecida pela qualidade e autenticidade de suas porcelanas.

guirlanda transparente de vinhas emoldurava aquele painel leitoso com suas folhagens verdes.

Sobre a mesa, servida à moda russa,⁹⁶ as frutas já estavam postas, decoradas com uma fileira de violetas, e os pratos aguardavam a faca dos convivas sob suas cúpulas de metal polido, reluzentes como elmos de emires. Dois valetes, vestidos com culotes curtos e gravatas brancas, mantinham-se imóveis e silenciosos atrás das duas poltronas, colocadas uma diante da outra, como duas estátuas da domesticidade.

Octave assimilou todos aqueles detalhes com uma única e rápida olhada para não ficar involuntariamente preocupado com a novidade dos objetos que deveriam lhe ser familiares.

Um deslizar ligeiro sobre as pedras do piso, um frufu de tafetá lhe fez girar a cabeça. Era a condessa Prascovie Labinska que se aproximava e que se sentara após ele lhe ter feito um pequeno sinal amigável.

Ela usava um penhoar de seda xadrez verde e branco, guarnecido de uma borda do mesmo tecido, recortada como dentes de lobo. Seus cabelos, reunidos em espessos cachos

96 Isto é, ao contrário da moda francesa de então, quando todos os pratos eram trazidos à mesa ao mesmo tempo. Na moda russa, os pratos eram trazidos aos poucos, segundo o atual costume francês: primeiro a entrada, ou entradas; depois o prato principal; seguido pelo queijo; sobremesa; café etc.

sobre as têmporas e enrolados na base da nuca em uma trança de ouro semelhante à voluta de um uma marquise jônica, compunham um penteado tão simples quanto nobre, do qual um estatuário grego nada teria querido mudar. Sua tez de rosa encarnado estava um pouco pálida pela emoção da véspera e pelo sono agitado da noite; uma imperceptível auréola nacarada rodeava seus olhos habitualmente tão calmos e tão puros. Tinha um ar cansado e lânguido, mas, assim emocionada, sua beleza era ainda mais penetrante, adquiria alguma coisa de humano: a deusa se fazia mulher. O anjo, recolhendo suas asas, deixava de planar.

Mais prudente daquela vez, Octave escondeu a chama de seus olhos e mascarou seu mudo êxtase com um ar indiferente.

A condessa esticou seu pequeno pé calçado com uma pantufa de couro castanho na lã sedosa do tapete felpudo, colocado sob a mesa para neutralizar o frio contato com o mosaico de mármore branco e vermelho de Verona que pavimentava a sala de refeições; fez um ligeiro movimento de ombros como se enregelada por um último arrepio de febre e, fixando seus belos olhos de um azul polar sobre o convidado que tomava por seu marido, pois o amanhecer fizera evaporar os pressentimentos, os terrores e os fantasmas noturnos, ela lhe disse com uma voz harmoniosa e terna, cheia de castas carícias, uma frase... em polonês!!!

Com o conde, ela frequentemente se servia da cara língua materna nos momentos de doçura e intimidade, sobretudo na presença dos criados franceses, aos quais aquele idioma era desconhecido.

O parisiense Octave sabia latim, italiano, espanhol, algumas palavras de inglês, mas, como todos os galo-romanos, ignorava inteiramente as línguas eslavas. Os cavalos de frisa⁹⁷ de consoantes que defendiam as raras vogais do polonês lhe teriam impedido a aproximação mesmo se apenas tentasse roçá-las. Em Florença, a condessa sempre falara com ele em francês ou em italiano e a ideia de aprender o idioma no qual Mickiewicz quase se igualou a Byron não lhe viera à mente. A gente nunca pensa em tudo.

Ao ouvir aquela frase, passou-se no cérebro do conde, habitado pelo *eu* de Octave, um fenômeno muito singular: os sons estranhos ao parisiense, seguindo as dobras de uma orelha eslava, chegaram ao lugar habitual em que a alma de Olaf os acolhia para os traduzir em pensamentos e ali evocaram uma espécie de memória física. Seu significado apareceu confusamente a Octave. Palavras enterradas nas

97 Expressão que, por extensão de sentido, designa um obstáculo de difícil superação. Em sua origem, referia-se a uma estrutura de madeira repleta de estacas utilizada como defesa no período medieval.

circunvoluções cerebrais, no fundo das gavetas secretas da lembrança, apresentaram-se zumbindo, bem prontas à réplica. Mas como estas vagas reminiscências não foram colocadas em comunicação com a mente, logo se dissiparam e tudo voltou a ser opaco. O embaraço do pobre apaixonado era atroz. Não havia sequer cogitado aquelas complicações ao vestir a pele do conde Olaf Labinski e compreendeu que, ao roubar a forma de outra pessoa, havia se exposto a rudes decepções.

Prascovie, surpresa pelo silêncio de Octave, e achando que ele não a havia escutado distraído por algum devaneio, repetiu sua frase lentamente e com uma voz mais alta.

Se por um lado estava escutando melhor o som das palavras, por outro, o falso conde não compreendia melhor o seu significado. Fazia esforços desesperados para adivinhar do que poderia se tratar, mas, para quem não as conhece, as compactas línguas do norte não têm nenhuma transparência. Se um francês pode pressupor o que uma italiana está dizendo, ele era como um surdo escutando uma polonesa falar. Um ardente rubor cobriu suas faces a contragosto. Ele mordeu os lábios e para conter seu desconforto cortou raivosamente o pedaço de comida colocado em seu prato.

— Na verdade, parece até que não está me escutando, meu caro senhor — disse a condessa, desta vez em francês.
— Ou que o senhor não me compreende...

— De fato — balbuciou Octave-Labinski, não sabendo o que dizer... — Essa maldita língua é tão difícil!

— Difícil! Sim, talvez para os estrangeiros, mas para aquele que a balbuciou sobre os joelhos de sua mãe, ela escapa dos lábios como o sopro da vida, como a própria emanção do pensamento.

— Sim, sem dúvida, mas há momentos em que me parece que não a sei mais.

— O que o senhor está dizendo agora, Olaf? Ora! Que teria esquecido a língua de seus ancestrais, a língua da santa pátria, a língua que lhe possibilita reconhecer seus irmãos entre os homens e — arriscou ela mais baixo — a língua na qual me disse pela primeira vez que me amava?!

— O hábito de usar outro idioma... — acrescentou Octave-Labinski, no limite da razão.

— Olaf, estou vendo que Paris o estragou — replicou a condessa com um tom de reprovação. — Eu tinha razão em não querer vir para cá. Quem me diria que quando o nobre conde Labinski voltasse a suas terras não saberia mais responder às felicitações de seus vassallos?

O encantador rosto de Prascovie adquiriu uma expressão dolorosa. Pela primeira vez, a tristeza lançou sua sombra sobre aquela fronte pura como a de um anjo. Aquele esquecimento singular a atingia na parte mais íntima da alma e lhe parecia quase como uma traição.

O resto da refeição se passou em silêncio: Prascovie ficara mal-humorada com aquele que tomava pelo conde. Octave estava agoniado, pois temia outras questões que seria forçado a deixar sem resposta.

A condessa se levantou e retornou aos seus aposentos.

Octave, deixado sozinho, brincava com o cabo de uma faca que tinha vontade de fincar no coração, pois sua posição era intolerável. Contara com uma surpresa, e agora se encontrava envolvido nos meandros de um beco sem saída de uma existência que não conhecia: ao tomar o corpo do conde Olaf Labinski, teria sido necessário lhe roubar também aquelas noções anteriores, as línguas que possuía, suas lembranças de infância, os mil detalhes íntimos que compunham o *eu* de um homem, as relações que ligavam sua existência às outras existências e, para isso, todo o saber do doutor Balthazar Cherbonneau não teria sido suficiente. Que raiva! Estar naquele paraíso cujo limiar mal ousava olhar de longe; morar sob o mesmo teto que Prascovie; vê-la e falar com ela; beijar sua bela mão com os próprios lábios de seu marido e não conseguir enganar seu pudor celestial; e se trair a cada instante por alguma inexplicável estupidez! “Estava escrito lá em cima que Prascovie nunca me amaria! No entanto, fiz o maior dos sacrifícios ao qual pode descer o orgulho humano. Renunciei ao meu *eu* e consenti em aproveitar das carícias destinadas a outro sob uma forma estranha!”

Estava naquele ponto de seu monólogo quando o cavaliço se arriscou, bem assustado com tal ousadia, a murmurar:

— Vultur ou Rustem? Eles não saem já há oito dias.

— Rustem – respondeu Octave-Labinski, assim como poderia ter dito Vultur, mas o último nome tinha se prendido a sua mente distraída.

Vestiu-se com os trajes de montaria e partiu para o Bosque de Bolonha, querendo dar um banho de ar fresco em sua exaltação nervosa.

Rustem não precisava ser incitado, era um animal magnífico da raça de puro-sangue árabe que carregava em seu peitoral, em um bolso oriental de veludo bordado de ouro, seus títulos de nobreza, os quais remontavam aos primeiros anos da Hégira.⁹⁸ Parecia compreender o pensamento daquele que o montava e assim que deixou o pavimento e alcançou a terra, partiu como uma flecha sem que Octave lhe fizesse sentir as esporas. Após duas horas de uma corrida furiosa, o cavaleiro e o animal voltaram à mansão; um acalmado e o outro fumegando com as narinas vermelhas.

98 É o nome dado à fuga de Maomé para a Medina em 622 d. C., a marca do início do calendário islâmico.

O suposto conde entrou em busca da condessa, a qual encontrou em seu salão, trajada com um vestido de tafetá branco, com camadas de babados até a cintura, um laço de fitas no canto do cabelo, pois era precisamente quinta-feira, o dia em que ficava em casa e recebia suas visitas.

— E então — disse-lhe com um gracioso sorriso, pois o mau-humor não poderia permanecer muito tempo em seus lábios. — Recuperou sua memória correndo pelas alamedas do bosque?

— Meu Deus, não, minha querida — respondeu Octave-Labinski. — Mas eu preciso lhe fazer uma confidência.

— Não conheço de antemão todos os seus pensamentos? Não somos mais transparentes um para o outro?

— Ontem, fui visitar aquele médico do qual me falaram tanto.

— Sim, o doutor Balthazar Cherbonneau, que fez uma longa viagem para as Índias e que, dizem, aprendeu com os brâmanes uma miríade de segredos, uns mais maravilhosos do que os outros. O senhor queria inclusive me levar junto, mas não fiquei curiosa, pois sei que me ama e estar diante disso me basta.

— Ele fez na minha frente experiências tão estranhas, realizou tais prodígios, que ainda estou com o espírito perturbado. Aquele homem bizarro, que dispõe de um poder

irresistível, mergulhou-me em um sono magnético tão profundo que quando despertei não me encontrei mais com as mesmas faculdades. Havia perdido a memória de várias coisas. O passado flutuava em uma névoa confusa. Só meu amor pela senhora permaneceu intacto.

— O senhor estava errado, Olaf, ao se submeter à influência desse médico. Deus, que criou a alma, tem o direito de tocá-la, mas o homem, ao tentar fazê-lo, comete uma ação ímpia — a condessa Prascovie Labinska disse em um tom grave. — Espero que não retorne mais lá, e que, quando eu lhe disser algo amável, em polonês, o senhor me compreenda como outrora.

Enquanto passeava a cavalo, Octave havia imaginado aquela desculpa do magnetismo para compensar os erros que não conseguia deixar de acumular em sua nova existência, mas ainda não chegara ao fim de seus problemas. Abrindo a folha da porta, um criado anunciou um visitante.

— O sr. Octave de Saville.

Por mais que devesse esperar mais cedo ou mais tarde aquele reencontro, o verdadeiro Octave empalideceu àquelas simples palavras como se a trombeta do julgamento final lhe tivesse bruscamente explodido à orelha. Precisou convocar toda a sua coragem e dizer a si mesmo que estava em situação vantajosa para vacilar. Instintivamente, apertou com seus

dedos o encosto de uma espreguiçadeira e assim conseguiu se manter de pé com uma aparência firme e tranqüila.

O conde Olaf, revestido com a aparência de Octave, avançou na direção da condessa a quem saudou profundamente.

— O senhor conde Labinski... O sr. Octave de Saville...
— falou a condessa Labinska, apresentando os cavalheiros um ao outro.

Os dois homens se cumprimentaram friamente, lançando-se olhares ferozes através da máscara de mármore da polidez mundana, que por vezes recobre paixões tão atrozes.

— O senhor tem me evitado desde Florença, sr. Octave — disse a condessa com uma voz amigável e familiar — e estava com medo de deixar Paris sem revê-lo. O senhor era mais assíduo à *villa* Salviati e eu o contava então entre meus amigos fiéis.

— Senhora — o falso Octave respondeu com um tom forçado —, eu viajei, estava sofrendo, fiquei até mesmo doente e, ao receber seu gracioso convite, me perguntei se eu deveria aproveitá-lo, pois não convém ser egoísta e abusar da indulgência que demonstram para com alguém entediante.

— Entediado, talvez. Entediante, não — replicou a condessa. — O senhor sempre foi melancólico, mas um de

seus poetas não diz que a melancolia: “Após a ociosidade, é o melhor dos males.”⁹⁹

— É um rumor que as pessoas felizes fazem correr para não precisarem lamentar por aqueles que sofrem — disse Olaf-de Saville.

A condessa lançou um olhar de uma inefável doçura para o conde, preso na forma de Octave, como que para lhe pedir perdão pelo amor que involuntariamente lhe inspirara.

— O senhor me crê mais frívola do que sou. Toda dor verdadeira tem minha piedade e, quando não posso aliviá-la, sei me compadecer. Gostaria de vê-lo feliz, caro sr. Octave, mas por que se encerrou em sua tristeza, recusando obstinadamente a vida que lhe chegava com suas alegrias, seus encantos e seus deveres? Por que recusou a amizade que eu lhe oferecia?

99 Trata-se de um verso do longo poema dramático *À quoi rêvent les jeunes filles* [Com que sonham as garotas] (1832), de Alfred de Musset (1810-1857). A estrofe completa se compõe dos seguintes versos: « *Eh bien, moi, tout cela m'amuse à la folie. / Je ne fais pas la guerre à la mélancolie. / Après l'oisiveté, c'est le meilleur des maux. / En général d'ailleurs, c'est ma pierre de touche ; / Elle ne pousse pas, cette plante farouche, / Sur la majestueuse obésité des sots.* » [Pois bem, a mim tudo isso diverte à loucura. / Não guerreio contra a melancolia. / Após a ociosidade, é o melhor dos males. / Em geral, aliás, é minha pedra de toque; / Ela não cresce, essa planta selvagem / Sobre a majestosa obesidade dos tolos.].

Aquelas frases tão simples e tão francas impressionavam de modo diferente os dois ouvintes. Octave escutava nelas a confirmação da sentença pronunciada no jardim de Salviati por aquela bela boca que a mentira nunca corrompeu; Olaf tirava delas uma prova a mais da inalterável virtude da esposa, que não podia sucumbir senão por um artifício diabólico. Assim, uma raiva súbita o dominou vendo seu espectro animado por uma outra alma, instalada em sua própria mansão, e se jogou em direção à garganta do falso conde.

— Ladrão, bandido, celerado, devolva minha pele!

Diante daquele ato tão extraordinário, a condessa tocou a sineta e criados levaram o conde embora.

— O pobre Octave ficou louco! — disse Prascovie enquanto carregavam Olaf, que se debatia em vão.

— Sim, louco de amor! — respondeu o verdadeiro Octave. — Condessa, a senhora é decididamente linda demais!

Duas horas após aquela cena, o falso conde recebeu do verdadeiro uma carta lacrada com o timbre de Octave de Saville, o infeliz despossuído não tinha outros à sua disposição. Romper o lacre de uma missiva selada com suas armas produziu um efeito bizarro no usurpador da identidade de Olaf Labinski, mas tudo devia ser singular naquela posição anormal.

A carta continha as seguintes linhas, traçadas por uma mão contida e uma escrita que parecia falsificada, pois Olaf não tinha o hábito de escrever com os dedos de Octave:

Lida por qualquer outro além do senhor, essa carta parecerá ter vindo de uma casa de loucos, mas o senhor me entenderá. Uma confluência inexplicável de circunstâncias fatais, que desde que a terra gira ao redor do sol talvez nunca antes tenham acontecido, força-me a uma atitude que nenhum homem tomou. Eu escrevo a mim mesmo e coloco sobre esse endereço

um nome que é o meu, um nome que o senhor me roubou assim como roubou minha pessoa. De quais maquinações tenebrosas sou vítima, em qual círculo de ilusões infernais coloquei o pé? Eu ignoro. O senhor sem dúvida o sabe. Se não for um covarde, o cano de minha pistola ou a ponta de minha espada lhe perguntará esse segredo em um terreno onde qualquer homem de honra ou infame responde às questões que lhe são feitas. Será preciso que amanhã um de nós cesse de ver a luz do céu. Esse amplo universo é agora estreito demais para nós dois. Matarei meu corpo habitado por seu espírito impostor ou o senhor matará o seu, onde minha alma está indignada de ter sido aprisionada. Não tente me fazer passar por louco. Terei a coragem de ser racional e, por toda parte em que eu lhe encontrar, vou insultá-lo com uma polidez de cavalheiro, com o sangue frio de um diplomata. Os bigodes do sr. Conde Olaf Labinski podem desagradar ao sr. Octave de Saville e todos os dias passamos a pé pela saída da Ópera, mas espero que minhas frases, ainda que obscuras, não tenham nenhuma ambiguidade para o senhor e que minhas testemunhas se entendam perfeitamente com as suas em relação à hora, ao lugar e às condições do combate.

Esta carta lançou Octave em uma grande perplexidade. Não podia recusar o cartel¹⁰⁰ do conde e, no entanto, repugnava-lhe lutar contra si mesmo, pois mantinha por seu antigo invólucro certo carinho. A ideia de ser obrigado a participar daquele combate por algum ultraje flagrante o fez se decidir pela aceitação, embora, a rigor, pudesse colocar seu adversário na camisa de força da loucura e fazer com que assim lhe prendessem os braços, mas aquele meio violento repugnava sua delicadeza. Se, arrastado por uma paixão inelutável, cometera um ato repreensível e escondera o amante sob a máscara do esposo para triunfar sobre uma virtude acima de qualquer sedução, não era, contudo, um homem sem honra e sem coragem. Somente optara, aliás, por tomar aquela decisão extrema após três anos de lutas e de sofrimentos, no momento em que sua vida, consumida pelo amor, estava lhe escapando. Não conhecia o conde; não era seu amigo. Não lhe devia nada, e se aproveitara do modo perigoso que o doutor Balthazar Cherbonneau lhe oferecera.

Onde conseguir testemunhas? Sem dúvida, entre os amigos do conde, mas Octave, depois de um dia morando na mansão, não tinha conseguido se relacionar com eles.

100 A convocação para um duelo.

Sobre a lareira, destacavam-se duas ânforas de *céladon* craquelado,¹⁰¹ cujas alças eram formadas por dragões dourados. Uma continha anéis, broches, sinetes e outras joias delicadas; a outra, cartas de visita, em que, sob as coroas de duques, marqueses, condes, em caracteres góticos, arredondados ingleses, estavam inscritos em gravações habilidosas uma série de nomes poloneses, russos, húngaros, alemães, italianos, espanhóis, atestando a existência voltada a viagens do conde que tinha amigos de todos os países.

Octave pegou dois ao acaso: o conde Zamoieczki e o marquês de Sepulveda. Ordenou que atrelassem sua caruagem e foi conduzido até a casa deles. Encontrou tanto um quanto o outro. Não pareceram surpresos do pedido daquele que tomavam pelo conde Olaf Labinski. Totalmente desprovidos das sensibilidades das testemunhas burguesas, não perguntaram se o caso podia ser resolvido e mantiveram um silêncio de bom gosto sobre o motivo da querela, como perfeitos cavalheiros que eram.

101 *Céladon* é o nome do esmalte de um tipo de porcelana chinesa de cor verde-acinzentada e que, por metonímia, designa também a porcelana que o utiliza. O efeito craquelado é uma técnica de revestimento em esmalte que cria rachaduras na peça, também difundida na China.

Por sua vez, o verdadeiro conde ou, se preferirem, o falso Octave, também era vítima de semelhante embaraço: lembrou-se de Alfred Humbert e de Gustave Raimbaud, de cujo almoço havia se recusado a participar, e decidiu chamá-los para aquele encontro. Os dois rapazes demonstraram alguma surpresa ao ver seu amigo envolvido num duelo, sendo que fazia mais de ano que ele quase não saía de seu quarto, e cujo humor sabiam ser mais pacífico do que briguento, mas, quando ele lhes disse que se tratava de um combate até a morte por um motivo que não podia ser revelado, não fizeram mais objeções e se dirigiram à mansão Labinski.

As condições logo foram combinadas. Uma moeda de ouro atirada ao ar decidiu a arma, os adversários já haviam declarado que a espada ou a pistola lhes convinha da mesma forma. Deviam se encontrar no Bosque de Bolonha às seis horas da manhã, na avenida des Poteaux, perto daquele telhado de palha sustentado por pilares rústicos, naquele lugar livre de árvores em que a areia batida apresentava uma arena propícia para aquele tipo de combate.

Quando tudo ficou combinado, já era quase meia-noite, e Octave se dirigiu para a porta dos aposentos de Prascovie. O ferrolho havia sido passado como na véspera e a voz zombeteira da condessa lhe lançou a seguinte piada através da porta:

— Volte quando souber polonês, eu sou patriota demais para receber um estrangeiro em meus aposentos.

De manhã, o doutor Cherbonneau, a quem Octave havia avisado, chegou trazendo uma sacola de instrumentos cirúrgicos e um pacote de bandagens. Subiram juntos na carruagem. Os senhores Zamoieczki e Sepulveda seguiam em seu cupê.

— Ora, ora, meu caro Octave — disse o doutor —, então sua aventura já está virando tragédia? Eu deveria ter deixado o conde dormindo em seu corpo por uns oito dias em meu sofá. Já prolonguei alguns sonos magnéticos por mais do que esse limite. Mas, embora eu tenha estudado a sabedoria dos brâmanes, dos panditas e dos sannîâsys da Índia, a gente sempre se esquece alguma coisa e surgem imperfeições até nos planos mais cuidadosamente arquitetados. Mas como a condessa Prascovie acolheu seu amante de Florença assim disfarçado?

— Creio que ela me reconheceu apesar de minha metamorfose — respondeu Octave. — Ou então foi seu anjo da guarda que lhe soprou à orelha para desconfiar de mim. Eu a encontrei tão casta, tão fria, tão pura quanto a neve dos polos. Sob uma forma amada, sua alma delicada adivinhou sem dúvida uma alma estranha. Bem lhe disse que o senhor

não podia fazer nada por mim. Estou ainda mais infeliz do que quando me fez a primeira visita.

— Quem poderia atribuir um limite às faculdades da alma — disse o doutor Balthazar Cherbonneau com um ar pensativo — sobretudo quando ela não foi alterada por nenhum pensamento terreno, tampouco maculada pelo lodo humano, e se mantém tal qual saiu das mãos do Criador na luz da contemplação do amor? Sim, o senhor tem razão, ela o reconheceu; seu pudor angelical estremeceu sob o olhar de desejo e, por instinto, saiu voando com suas asas brancas. Lamento, meu pobre Octave! Seu mal é, de fato, irremediável. Se estivéssemos na Idade Média, eu lhe diria: vá para um claustro.

— Eu penso nisso com frequência — respondeu Octave.

Haviam chegado. O cupê do falso Octave já estava estacionando no lugar designado.

O bosque apresentava àquela hora matinal um aspecto verdadeiramente pitoresco, que a alta sociedade fazia com que perdesse ao longo do dia. Era aquele ponto do verão em que o sol não teve ainda tempo de escurecer o verde da folhagem. Tons frescos e transparentes, lavados pelo orvalho da noite, nuançavam o matagal e dele emanava um perfume de jovem vegetação. As árvores, naquele lugar, são particularmente belas, seja porque encontraram um terreno mais

favorável, seja porque são as últimas sobreviventes de uma antiga plantação. Seus troncos vigorosos, cobertos de musgo ou sedosos com uma casca prateada, agarravam-se ao solo com raízes nodosas, projetavam galhos com torções bizarras e poderiam servir de modelos aos estudos dos pintores e dos decoradores que vão bem longe em busca de outras menos notáveis. Alguns pássaros, que os ruídos do dia faziam se calar, piavam alegremente sob as folhas; um coelho furtivo atravessava em três pulos a areia da alameda e corria para se esconder na grama, assustado com o barulho das rodas.

Aquelas poesias da natureza, surpreendida em sua nudez, ocupavam pouco, como devem imaginar, a mente dos dois adversários e de suas testemunhas.

Ver o doutor Cherbonneau causou uma impressão desagradável no conde Olaf Labinski, mas ele logo se recompôs.

As espadas foram medidas, os lugares designados aos combatentes, que, após terem tirado seus ternos, ficaram em guarda, ponta contra ponta.

As testemunhas gritaram:

— Comecem!

Em todo duelo, por mais implacáveis que sejam os adversários, há um momento de imobilidade solene. Cada combatente estuda seu inimigo em silêncio e tece seu plano, meditando sobre o ataque e se preparando para a resposta;

depois as espadas se procuram, provocam-se, tateiam-se por assim dizer, sem se afastar. Isso dura alguns segundos que parecem minutos, horas, para a audiência ansiosa.

Aqui, as condições do duelo, aparentemente ordinárias para os expectadores, eram tão estranhas para os combatentes que ficaram assim em guarda muito mais tempo do que o costume. Com efeito, cada um tinha diante de si seu próprio corpo e devia enfiar o aço numa carne que, ainda na véspera, lhe pertencia. O combate se complicava com uma espécie de suicídio imprevisto e, embora ambos fossem corajosos, Octave e o conde experimentavam um instintivo horror ao se encontrarem com a espada na mão em frente a seus fantasmas, prontos para partirem para cima de si mesmos.

As testemunhas, perdendo a paciência, iam gritar mais uma vez: “Senhores, vamos! Comecem logo!”, quando os ferros enfim se relaram em suas bases.

Alguns ataques foram detidos com presteza ora por um, ora por outro.

O conde, graças à sua educação militar, era um hábil esgrimista; havia acertado o peitoral dos mestres mais célebres, mas, se ainda possuía a teoria, não tinha mais a prática daquele braço musculoso habituado a botar para correr os muridas de Shamil; era o fraco punho de Octave que segurava sua espada.

Octave, ao contrário, no corpo do conde, encontrava um vigor desconhecido e, embora menos preparado, sempre afastava de seu peito o ferro que o procurava.

Em vão, Olaf se esforçava para atingir seu adversário e arriscava ataques perigosos. Octave, mais frio e mais firme, frustrava todas as fintas.

A cólera começava a tomar conta do conde, cujo jogo se tornava nervoso e desordenado. Mesmo se isso significasse permanecer como Octave de Saville, queria matar aquele corpo impostor que podia enganar Prascovie, pensamento que o deixava na mais inexprimível das fúrias.

Arriscando se fazer transpassar, tentou um golpe direto para chegar, através de seu próprio corpo, à alma e à vida de seu rival, mas a espada de Octave se enlaçou ao redor da sua com um movimento tão ágil, tão seco, tão irresistível, que o ferro, arrancado de seu punho, saltou ao ar e foi cair a alguns passos mais longe.

A vida de Olaf estava à disposição de Octave; ele só precisava avançar para perfurá-lo de um lado a outro. O rosto do conde se crispou, não porque tivesse medo da morte, mas pensava que ia deixar sua esposa para aquele ladrão de corpos, que nada poderia desmascarar dali em diante.

Octave, longe de aproveitar sua vantagem, jogou sua espada e, fazendo um sinal às testemunhas para não

intervirem, caminhou até o conde estupefato, a quem pegou pelo braço e arrastou para o bosque espesso.

— O que o senhor quer de mim? — perguntou o conde.

— Por que não me matar quando poderia tê-lo feito? Por que não continuar o combate, após deixar eu pegar minha espada de volta, se lhe repugnava atingir um homem desarmado? O senhor bem sabe que o sol não deve projetar nossas duas sombras juntas sobre a areia, e que é preciso que a terra absorva um de nós.

— Escute-me pacientemente — respondeu Octave.

— Sua felicidade está nas minhas mãos. Posso me manter para sempre neste corpo em que estou alojado hoje e que lhe pertence como propriedade legítima. Agrada-me reconhecer agora que não há testemunhas perto de nós e que só os pássaros, que não o irão repetir, podem nos escutar: se recomeçassemos o duelo, eu o mataria. O conde Olaf Labinski, que represento tão mal quanto consigo, é mais forte na esgrima que Octave de Saville, cujo rosto é seu agora, e que serei forçado a suprimir por mais que lamente. E esta morte, embora não real, já que minha alma sobreviverá, deixará minha mãe desolada.

O conde, reconhecendo a verdade daquelas observações, manteve um silêncio que parecia uma sorte de aquiescência.

— O senhor nunca conseguirá, se eu me opor a isso, a se reintegrar em sua individualidade. O senhor viu a que resultou suas duas tentativas. Outras lhe fariam ser considerado um monomaníaco. Ninguém acreditará em uma palavra de suas alegações e, quando demonstrar a pretensão de ser o conde Olaf Labinski, todo mundo cairá na gargalhada na sua frente, como já deve estar convencido. Vão prendê-lo e passará o resto da sua vida a protestar, em meio a banhos frios, que o senhor é efetivamente o marido da bela condessa Prascovie Labinska. As almas compadecidas dirão ao escutá-lo: “Pobre Octave!”. O senhor será incompreendido como o Chabert de Balzac,¹⁰² que queria provar que não estava morto.

Isso era tão matematicamente verdadeiro que o conde, abatido, deixou pender sua cabeça sobre o peito.

— Já que o senhor é por enquanto Octave de Saville, sem dúvida deve ter fuçado suas gavetas, folheado seus papéis. Logo, não ignora que ele nutriu por três anos pela condessa Prascovie Labinska um amor perdido, sem esperança, que em vão tentou extirpar do coração e que somente irá embora com sua própria vida, isso se não o seguir no túmulo.

102 Menção à personagem principal da novela *O coronel Chabert*, de Honoré de Balzac (1799–1850), na qual o militar do título, durante as Guerras Napoleônicas, é dado como morto, retornando anos depois e precisando provar que continua vivo.

— Sim, eu sei — disse o conde, mordendo os lábios.

— Pois bem, para chegar a ela, empreguei um meio horrível, aterrador e que somente uma paixão delirante poderia arriscar; por mim, o doutor Cherbonneau tentou uma obra que faria recuar os taumaturgos de todos os países e de todos os séculos. Após ter feito nós dois mergulharmos no sono, fez nossas almas mudarem de invólucro magneticamente. Milagre inútil! Vou lhe devolver o seu corpo. Prascovie não me ama! Na forma de esposo, reconheceu a alma do pretendente. Seu olhar se congelou na porta do quarto conjugal como no jardim da *villa* Salviati.

Um desgosto tão verdadeiro se traía na entonação de Octave, que o conde pôs fé às suas palavras.

— Eu sou um apaixonado — acrescentou Octave, sorrindo —, e não um ladrão. E já que o único bem pelo qual tenho desejo nesta terra não pode me pertencer, não vejo porque eu ficaria com seus títulos, seus castelos, suas terras, seu dinheiro, seus cavalos, suas armas. Vamos, dê-me o braço, vamos assumir um ar de reconciliação, agradecer nossas testemunhas, levar conosco o doutor Cherbonneau e voltar ao laboratório mágico de onde saímos transfigurados. O velho brâmane bem saberá desfazer o que fez.

— Meus senhores — disse Octave, mantendo-se no papel do conde Olaf Labinski por alguns minutos ainda —,

nós trocamos, meu adversário e eu, explicações confidenciais que tornam a continuação do combate inútil. Nada esclarece mais as ideias de pessoas honestas do que amassar um pouco as espadas.

Os senhores Zamoieczki e Sepulveda subiram em seu carro. Alfred Humbert e Gustave Raimbaud voltaram para o seu cupê. O conde Olaf Labinski, Octave de Saville e o doutor Balthazar se dirigiram depressa para a rua du Regard.

Durante o trajeto do Bosque de Bolonha à rua du Regard, Octave de Saville disse ao doutor Cherbonneau:

— Meu caro doutor, vou colocar mais uma vez sua ciência à prova; preciso que reintegre nossas almas cada uma em seu domicílio habitual. Isso não lhe deve ser difícil. Espero que o conde Labinski não fique irritado com o senhor por ter lhe feito trocar um palácio por uma cabana e por ter alojado sua personalidade brilhante por algumas horas em meu pobre indivíduo. Aliás, o senhor é tão poderoso que não precisa temer nenhuma vingança.

Após ter feito um sinal de aquiescência, o doutor Balthazar Cherbonneau disse:

— A operação será muito mais simples desta vez do que o foi na outra. Os imperceptíveis filamentos que mantêm a alma no corpo foram quebrados recentemente nos senhores e eles não tiveram tempo para se reatarem, suas vontades não vão criar o obstáculo que opõe a resistência instintiva do

magnetizado ao magnetizador. O senhor conde sem dúvida perdoará um velho erudito como eu de não ter conseguido resistir ao prazer de praticar uma experiência pela qual nem sempre encontramos muitas justificativas, já que essa tentativa, aliás, serviu apenas para confirmar com brilho uma virtude que impulsiona a delicadeza à adivinhação e triunfa no lugar em que qualquer outro sucumbiu. Os senhores verão, se quiserem, essa transformação passageira como um sonho bizarro e, talvez, mais tarde, não ficarão incomodados de terem experimentado essa sensação estranha que bem poucos homens conheceram, a de ter habitado dois corpos. A metempsicose não é uma doutrina nova, mas, antes de transmigrar em uma outra existência, as almas bebem da taça do esquecimento, e nem todo mundo pode, como Pitágoras, lembrar-se de ter assistido à guerra de Troia.¹⁰³

— O favor de me reinstalar em minha individualidade — respondeu polidamente o conde — equivale ao desgosto de ter me desapropriado dela, digo isso sem nenhuma má intenção para com o sr. Octave de Saville, que sou ainda e que vou deixar de ser.

103 Conta-se que o filósofo e matemático grego Pitágoras (c 570–495 a.C.) se lembrava de suas reencarnações anteriores, dentre elas, o herói Euforbo, que lutou ao lado dos troianos na defesa de sua cidade e foi morto por Menelau.

Octave sorriu com os lábios do conde Labinski àquela frase, que apenas chegava até ele através de um invólucro estrangeiro. O silêncio se estabeleceu entre aqueles três personagens, a quem sua situação anormal tornava qualquer conversa difícil.

O pobre Octave divagava sobre sua esperança esmaecida e seus pensamentos não estavam, é preciso confessar, precisamente num mar de rosas. Como todos os pretendentes preteridos, perguntava-se ainda porque não era amado, como se o amor tivesse um porquê! A única razão que se pode dar sobre isso é *porque sim*, resposta lógica em seu laconismo obstinado que as mulheres opõem a qualquer pergunta embaraçosa. No entanto, ele se reconhecia vencido e sentia que a engrenagem da vida, posta em movimento dentro de si por um instante pelo doutor Cherbonneau, estava de novo quebrada e rangendo em seu coração como a de um relógio que deixaram cair no chão. Octave não desejara causar a sua mãe o desgosto de seu suicídio, buscava um lugar no qual finaria silenciosamente com seu tormento disfarçado sob o nome científico de uma doença plausível. Se tivesse sido pintor, poeta ou músico, ele teria cristalizado sua dor em obras-primas, e Prascovie, vestida de branco, teria sido coroada de estrelas semelhantes às da Beatriz de Dante, teria planado sobre sua inspiração como um anjo

luminoso, mas, nós o dissemos no começo dessa história, por mais instruído e distinto que fosse, Octave não era um daqueles espíritos de elite que deixam gravado neste mundo o traço de sua passagem. Alma obscuramente sublime, não sabia nada além de amar e morrer.

O carro entrou no pátio da velha residência da rua du Regard, pátio cujo chão estava recortado de grama verde onde os passos dos visitantes tinham gerado um caminho e que as altas muralhas cinzentas das construções inundavam de sombras frias como aquelas que caem das arcadas de um claustro. O Silêncio e a Imobilidade velavam sobre a soleira como duas estátuas invisíveis para proteger a meditação do sábio.

Octave e o conde desembarcaram e o doutor ultrapassou o degrau com um passo mais ágil do que se poderia esperar para sua idade e sem se apoiar no braço que o valete em pé lhe apresentava, com aquela polidez que os lacaios das grandes mansões demonstravam para com as pessoas frágeis ou idosas.

Assim que as portas duplas foram fechadas atrás deles, Olaf e Octave se sentiram envolvidos por aquele calor atmosférico, que lembrava o doutor da Índia, o único lugar que conseguia respirar à vontade, mas que quase sufocava as pessoas que não tinham sido, como ele, calcinadas por

trinta anos de sóis tropicais. As encarnações de Vishnu continuam a fazer caretas em suas molduras, mais bizarras de dia do que sob a luminária; Shiva, o deus azul, zombava em seu pedestal; e Durga, mordendo seu lábio calejado com suas presas de javali, parecia agitar seu rosário de crânios. A morada guardava sua impressão misteriosa e mágica.

O doutor Balthazar Cherbonneau conduziu seus dois subordinados ao cômodo onde tinha operado a primeira transformação. Fez girar o disco de vidro da máquina elétrica, agitou as hastes de ferro do tanque mesmeriano, abriu as bocas de calor de maneira a fazer a temperatura subir rapidamente, leu duas ou três linhas em papiros tão antigos que se pareciam com velhas cascas prestes a virar poeira e, depois de alguns minutos, disse a Octave e ao conde:

— Meus senhores, estou à disposição. Querem que comecemos?

Enquanto o doutor se dedicava àqueles preparativos, reflexões inquietantes passavam pela cabeça do conde.

“Quando eu estiver adormecido, o que esse velho mágico com cara de macaco, que bem poderia ser o diabo em pessoa, vai fazer com a minha alma? Vai restituí-la ao meu corpo ou carregá-la para o inferno com ele? Essa troca que deve me devolver o que é meu não será uma nova armadilha, um stratagema maquiavélico para alguma

bruxaria cujo objetivo me escapa? No entanto, minha posição quase não tem como ser pior. Octave possui meu corpo e, como ele muito bem disse essa manhã, ao reivindicá-lo com meu rosto atual, acabaria por ser preso como louco. Se ele quisesse se livrar definitivamente de mim, não precisaria fazer nada mais do que empurrar a ponta de sua espada; eu estava desarmado, à sua mercê. A justiça dos homens não tinha nada a ver com aquilo; as formas do duelo estavam perfeitamente regulares e tudo se passava segundo o costume. Vamos! Pensemos em Prascovie, e nada de terror infantil! Tentemos o único modo que me resta de reconquistá-la!”

E ele, como Octave, pegou a haste de ferro que o doutor Balthazar Cherbonneau lhe apresentava.

Iluminados pelos condutores de metal carregados ao máximo pelo fluído magnético, os dois jovens rapazes logo entraram em um esvaziamento tão profundo que teria parecido com a morte para qualquer pessoa desprevenida: o doutor fez seus passes de mágica, concluiu os ritos, pronunciou as sílabas como da primeira vez; e logo duas pequenas faíscas apareceram acima de Octave e do conde com um tremular luminoso. O doutor reconduziu à sua morada primeva a alma do conde Olaf Labinski, que seguiu com um voo apressado o gesto do magnetizador.

Durante esse tempo, a alma de Octave se afastava lentamente do corpo de Olaf e, em vez de se juntar outra vez ao seu, elevava-se, elevava-se com toda a alegria de estar livre, e não parecia se preocupar em voltar para a sua prisão. O doutor se sentiu tocado de piedade por aquela psiquê que palpitava as asas e se perguntou se seria um bem conduzi-la de volta até aquele vale de miséria. Durante aquele minuto de hesitação, a alma continuou a subir. Lembrando-se de seu papel, o sr. Cherbonneau repetiu com a pronúncia mais imperiosa a irresistível monossílabo e fez um movimento fulgurante de vontade; a pequena luz tremeluzente já estava fora do círculo de atração e, atravessando o vidro superior da janela, desapareceu.

O doutor cessou os esforços que sabia serem supérfluos e despertou o conde que, vendo-se em um espelho com seus traços habituais, gritou de alegria, lançou uma olhada sobre o corpo ainda imóvel de Octave como para provar a si mesmo que tinha definitivamente se livrado daquele invólucro e correu para fora, após ter saudado com a mão o sr. Balthazar Cherbonneau.

Alguns instantes depois, o ruído surdo das rodas de uma carruagem sob a abóboda se fez escutar, e o doutor Balthazar Cherbonneau ficou só, cara a cara com o cadáver de Octave de Saville.

— Pela tromba de Ganesha! — exclamou o aluno do brâmane de Elefanta quando o conde ia embora. — Aí está uma coisa chata! Abri a porta da gaiola, o passarinho saiu voando e agora já está fora da esfera deste mundo, tão longe que o próprio sannyâsi Brâmane-Logum não conseguiria pegá-lo de volta. Fiquei com um corpo nos braços. Eu bem poderia dissolvê-lo em um banho corrosivo tão eficaz que não restaria nem um átomo apresentável, ou fazer dele uma múmia de Faraó em algumas horas, semelhante àquelas que os caixões coloridos de hieróglifos encerravam. Mas iam começar a fazer buscas, vasculhariam minha casa, abririam minhas caixas, fariam com que eu tivesse de enfrentar toda sorte de interrogatórios entediados...

Então uma ideia luminosa atravessou a mente do doutor; pegou uma pena e traçou rapidamente algumas linhas sobre uma folha de papel, que trancou na gaveta de sua mesa.

O papel continha as seguintes palavras:

“Não tendo parentes próximos, nem distantes, lego todos os meus bens ao sr. Octave de Saville, por quem nutro um afeto particular, deixando-lhe a responsabilidade de fazer uma doação de cem mil francos ao hospital bramânico de Ceilão, para os animais velhos, cansados ou doentes; de fornecer mil e duzentos francos de renda vitalícia ao

meu criado indiano e ao meu criado inglês; e de entregar à biblioteca Mazarine¹⁰⁴ o manuscrito das leis de Manu.”¹⁰⁵

Aquele testamento feito a um morto por uma pessoa viva não é das coisas mais bizarras deste conto inverossímil, e, ainda assim, real, mas essa singularidade vai ser explicada agora mesmo.

O doutor tocou o corpo de Octave de Saville, cujo o calor da vida ainda não tinha abandonado, olhou no espelho seu rosto enrugado, escurecido e marcado como uma ameixa seca, com um ar singularmente desdenhoso e, fazendo sobre ele o gesto com o qual se joga fora um velho terno quando o alfaiate lhe traz um novo, murmurou a fórmula do sannyâsi Brâmane-Logum.

Logo o corpo do doutor Balthazar Cherbonneau rolou como se fulminado pelo tapete, e o de Octave de Saville se ergueu forte, alerta e vivaz.

Octave-Cherbonneau manteve-se em pé por alguns minutos diante daquela casca magra, ossuda e lívida que, não sendo mais sustentada pela alma poderosa que lhe dava

104 Uma prestigiada biblioteca da capital francesa.

105 As Leis de Manu, mais conhecidas como o Código de Manu é um conjunto de escritos bramânicos redigidos em sânscrito que estabelecem o sistema de castas hindu. É considerado um dos mais antigos textos jurídicos conhecidos.

vida havia pouco, apresentou quase na mesma hora os sinais da mais extrema senilidade e adquiriu rapidamente uma aparência cadavérica.

— Adeus, pobre resto humano, miserável trapo de cotovelos rotos, puído em todas as costuras, que arrastei por setenta anos pelas cinco partes do mundo! Você me serviu bastante bem, e não o deixo sem lamentar um pouco. Nós nos habituamos um ao outro a viver juntos por tanto tempo! Mas com este jovem invólucro, que minha ciência logo tornará robusto, poderei estudar, trabalhar, ler ainda algumas palavras do grande livro, sem que a morte o feche no parágrafo mais interessante dizendo: “Já basta!”

Após aquela oração fúnebre dirigida a si mesmo, Octave-Cherbonneau saiu com um passo tranquilo para ir tomar posse de sua nova existência.

O conde Olaf Labinski voltou à sua mansão e mandou perguntarem na mesma hora se a condessa podia recebê-lo.

Ele a encontrou sentada em um banco de musgo, na estufa, cujos painéis de cristal meio levantados deixavam entrar um ar morno e luminoso, em meio a uma verdadeira floresta virgem de plantas exóticas e tropicais. Ela estava lendo Novalis, um dos autores mais sutis, mais rarefeitos, mais imateriais que o espiritualismo alemão produziu. A condessa não gostava de livros que pintavam a vida com cores reais e

fortes — e a vida lhe parecia um pouco grosseira por conta de ter vivido em um mundo de elegância, de amor e de poesia.

Ela largou o seu livro e levantou lentamente os olhos para o conde. Temia encontrar ainda nas pupilas negras de seu marido aquele olhar ardente, tempestivo, carregado de pensamentos misteriosos, que a tinham tão penosamente perturbado e que lhe parecia — apreensível loucura, ideia extravagante — o olhar de outro!

Nos olhos de Olaf, radiava uma alegria serena, queimava um fogo semelhante a um amor casto e puro; a alma estranha que tinha mudado a expressão de seus traços tinha ido embora para sempre. Prascovie logo reconheceu seu adorado Olaf, e um rápido rubor de prazer delineou suas transparentes faces. Embora ignorasse as transformações realizadas pelo doutor Cherbonneau, sua delicadeza sensitiva pressentira todas aquelas mudanças sem que, no entanto, se desse conta.

— O que a senhora estava lendo aí, cara Prascovie? — perguntou Olaf, recolhendo o livro encadernado em marroquino azul do musgo. — Ah, a história de Heinrich von Offerdingen. É o mesmo volume que fui prontamente buscar para a senhora em Mogilev,¹⁰⁶ naquele dia em que demons-

106 Nome de um romance de Novalis, pseudônimo de Georg von Hardenberg (1772–1801), um dos autores mais importantes do romantismo alemão, conhecido pelos seus escritos místicos e

trou à mesa o desejo de tê-lo. À meia-noite, ele estava na sua cabeceira, ao lado de sua lâmpada, mas também por conta disso Ralph ficou ofegante!

— E eu lhe disse que nunca mais manifestaria a menor fantasia na sua frente. O senhor tem o caráter daquele nobre espanhol que rogava à sua amada para não olhar as estrelas, já que não lhe poderia dá-las.

— Se você ficasse olhando para uma delas — respondeu o conde —, eu tentaria subir aos céus e ir pedi-la a Deus.

Enquanto ouvia seu marido, a condessa ajeitou uma mecha rebelde de seus cachos, a qual cintilava como uma chama em um raio de ouro. Aquele movimento fizera sua manga deslizar e deixou nu o seu belo braço envolvido pelo bracelete de lagarto constelado de turquesas, o mesmo que usava naquele dia de sua aparição no Cascine, tão fatal para Octave.

— Que medo lhe causou outrora esse pobre lagartinho — disse o conde —, que matei com um golpe de bengala, quando a senhora desceu ao jardim pela primeira vez ante as minhas insistentes preces! Fiz com que o moldassem em

filosóficos. Mogilev, por sua vez, é uma cidade na atual Bielorrússia, que antes pertencera à República das Duas Nações e que, após 1795, foi incorporada ao Império Russo, junto com os demais territórios lituanos.

ouro e que o ornassem com algumas pedras; mas, mesmo em forma de joia, continuava a lhe parecer assustador e foi apenas ao fim de certo tempo que a senhora se decidiu por usá-lo.

— Oh, estou totalmente habituada com ele agora e está dentre as minhas joias preferidas, pois me lembra de uma lembrança muito cara.

— Sim — retomou o conde. — Naquele dia, nós combinamos que, no dia seguinte, eu lhe pediria oficialmente em casamento à sua tia.

A condessa, aliás, que reconhecia o olhar e o sotaque do verdadeiro Olaf, levantou-se tranquilizada por aqueles detalhes íntimos. Sorriu, pegou-lhe o braço e deu com ele algumas voltas na estufa, recolhendo ao passar, com sua mão livre, algumas flores cujas pétalas mordeu com seus lábios frescos, como aquela Vênus de Schiavone¹⁰⁷ que come rosas.

— Já que o senhor está com tão boa memória hoje — disse, atirando longe a flor que cortava com seus dentes de pérola —, o senhor deve ter reaprendido a usar sua língua materna... que ontem não sabia mais.

107 Andrea Meldolla, também chamado Andrea Schiavone (c. 1510–1563), foi um pintor italiano renascentista, de origem croata, que viveu em Veneza.

— Oh! — respondeu o conde em polonês. — É com ela que minha alma falará no céu para dizer que eu a amo, se as almas mantiverem a linguagem humana no paraíso.

Prascovie inclinou docemente sua cabeça no ombro de Olaf enquanto caminhava.

— Caro coração — murmurou ela —, eis tal como eu o amo. Ontem, o senhor estava me dando medo, e fugi como se fosse um estranho.

No dia seguinte, Octave de Saville, dotado de vida pelo espírito do velho doutor, seguiu sua antiga casca no cemitério; viu-se enterrar, escutou com um ar compenetrado muito bem encenado os discursos que pronunciaram sobre a sua fossa, nos quais deploravam a perda irreparável que a ciência acabava de sofrer. Depois, retornou para a rua Saint-Lazare e esperou a abertura do testamento que escrevera em seu favor.

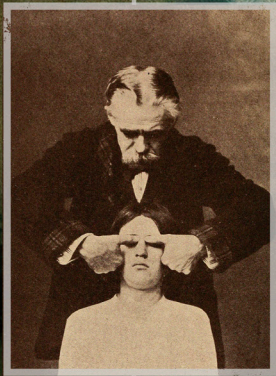
Naquele dia, leram nas manchetes dos jornais noturnos:

“O sr. doutor Balthazar Cherbonneau, conhecido pela sua longa estada feita nas Índias, por seus conhecimentos filológicos e por suas curas maravilhosas, encontrou a morte, ontem, em seu gabinete de trabalho. O exame minucioso do corpo afasta inteiramente a ideia de um crime. Sem dúvida, o sr. Cherbonneau sucumbiu por fadigas intelectuais excessivas ou pereceu em alguma experiência audaciosa. Dizem que um testamento de próprio punho descoberto na escrivaninha do

doutor lega à biblioteca Mazarine manuscritos extremamente preciosos e nomeia como seu herdeiro um jovem pertencente a uma distinta família, o sr. O. de S.”

Traduzido por Bruno Anselmi Matangrano

É bacharel em Letras (português e francês), mestre e doutor em Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP). Dedicou suas pesquisas às estéticas simbolista e decadentista, às vertentes do insólito ficcional e às representações de animais, monstros e seres fantásticos na literatura e no cinema. Em 2021, foi professor de literatura na Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e, atualmente, é professor de português na Escola Normal Superior (ENS), na cidade de Lyon, França. Organizou coletâneas de contos temáticos, tem diversos textos de ficção e artigos publicados em jornais, coletâneas e revistas. É autor dos livros *Contos para uma noite fria* (2014), *Os Ebálidas de Pseudo-Outis* (2022) e *Fantástico Brasileiro: o insólito literário do romantismo ao fantasismo* (2018), ensaio historiográfico escrito com Enéias Tavares. Como tradutor de francês, já teve oportunidade de trabalhar com obras de autores contemporâneos e de alguns célebres escritores clássicos como Théophile Gautier, Antoine de Saint-Exupéry, Maurice Leblanc, Charles Nodier, dentre outros.



SE :

For ever, elevator to reach space.
Journey to the moon and offers the



Avatar

Théophile Gautier

Personne ne pouvait rien comprendre à la maladie qui minait lentement Octave de Saville. Il ne gardait pas le lit et menait son train de vie ordinaire; jamais une plainte ne sortait de ses lèvres, et cependant il dépérissait à vue d'œil. Interrogé par les médecins que le forçaient à consulter la sollicitude de ses parents et de ses amis, il n'accusait aucune souffrance précise, et la science ne découvrait en lui nul symptôme alarmant: sa poitrine auscultée rendait un son favorable, et à peine si l'oreille appliquée sur son cœur y surprenait quelque battement trop lent ou trop précipité; il ne toussait pas, n'avait pas la fièvre, mais la vie se retirait de lui et fuyait par une de ces fentes invisibles dont l'homme est plein, au dire de Térence.

Quelquefois une bizarre syncope le faisait pâlir et froidir comme un marbre. Pendant une ou deux minutes on eût pu le croire mort; puis le balancier, arrêté par un doigt mystérieux, n'étant plus retenu, reprenait son mouvement, et Octave paraissait se réveiller d'un songe. On l'avait envoyé

aux eaux; mais les nymphes thermales ne purent rien pour lui. Un voyage à Naples ne produisit pas un meilleur résultat. Ce beau soleil si vanté lui avait semblé noir comme celui de la gravure d'Albert Durer; la chauve-souris qui porte écrit dans son aile ce mot, *melancholia*, fouettait cet azur étincelant de ses membranes poussiéreuses et voletait entre la lumière et lui; il s'était senti glacé sur le quai de la Mergellina, où les lazzaroni demi-nus se cuisent et donnent à leur peau une patine de bronze.

Il était donc revenu à son petit appartement de la rue Saint-Lazare et avait repris en apparence ses habitudes anciennes.

Cet appartement était aussi confortablement meublé que peut l'être une garçonnière. Mais comme un intérieur prend à la longue la physionomie et peut-être la pensée de celui qui l'habite, le logis d'Octave s'était peu à peu attristé; le damas des rideaux avait pâli et ne laissait plus filtrer qu'une lumière grise. Les grands bouquets de pivoine se flétrissaient sur le fond moins blanc du tapis; l'or des bordures encadrant quelques aquarelles et quelques esquisses de maîtres avait lentement rougi sous une implacable poussière; le feu découragé s'éteignait et fumait au milieu des cendres. La vieille pendule de Boule incrustée de cuivre et d'écaille verte retenait le bruit de son tic-tac, et le timbre

des heures ennuyées parlait bas comme on fait dans une chambre de malade; les portes retombaient silencieuses, et les pas des rares visiteurs s'amortissaient sur la moquette; le rire s'arrêtait de lui-même en pénétrant dans ces chambres mornes, froides et obscures, où cependant rien ne manquait du luxe moderne. Jean, le domestique d'Octave, s'y glissait comme une ombre, un plumeau sous le bras, un plateau sur la main, car, impressionné à son insu de la mélancolie du lieu, il avait fini par perdre sa loquacité.—Aux murailles pendaient en trophée des gants de boxe, des masques et des fleurets; mais il était facile de voir qu'on n'y avait pas touché depuis longtemps; des livres pris et jetés insouciamment traînaient sur tous les meubles, comme si Octave eût voulu, par cette lecture machinale, endormir une idée fixe. Une lettre commencée, dont le papier avait jauni, semblait attendre depuis des mois qu'on l'achevât, et s'étalait comme un muet reproche au milieu du bureau. Quoique habité, l'appartement paraissait désert. La vie en était absente, et en y entrant on recevait à la figure cette bouffée d'air froid qui sort des tombeaux quand on les ouvre.

Dans cette lugubre demeure où jamais une femme n'aventurait le bout de sa bottine, Octave se trouvait plus à l'aise que partout ailleurs,—ce silence, cette tristesse et cet abandon lui convenaient; le joyeux tumulte de la vie

l'effarouchait, quoiqu'il fit parfois des efforts pour s'y mêler; mais il revenait plus sombre des mascarades, des parties ou des soupers où ses amis l'entraînaient; aussi ne luttait-il plus contre cette douleur mystérieuse, et laissait-il aller les jours avec l'indifférence d'un homme qui ne compte pas sur le lendemain. Il ne formait aucun projet, ne croyant plus à l'avenir, et il avait tacitement envoyé à Dieu sa démission de la vie, attendant qu'il l'acceptât. Pourtant, si vous vous imaginiez une figure amaigrie et creusée, un teint terreux, des membres exténués, un grand ravage extérieur, vous vous tromperiez; tout au plus apercevrait-on quelques meurtrissures de bistre sous les paupières, quelques nuances orangées autour de l'orbite, quelque attendrissement aux tempes sillonnées de veines bleuâtres. Seulement l'étincelle de l'âme ne brillait pas dans l'œil, dont la volonté, l'espérance et le désir s'étaient envolés. Ce regard mort dans ce jeune visage formait un contraste étrange, et produisait un effet plus pénible que le masque décharné, aux yeux allumés de fièvre, de la maladie ordinaire.

Octave avait été, avant de languir de la sorte, ce qu'on nomme un joli garçon, et il l'était encore: d'épais cheveux noirs, aux boucles abondantes, se massaient, soyeux et lustrés, de chaque côté de ses tempes; ses yeux longs, veloutés, d'un bleu nocturne, frangés de cils recourbés, s'allumaient

parfois d'une étincelle humide; dans le repos, et lorsque nulle passion ne les animait, ils se faisaient remarquer par cette quiétude sereine qu'ont les yeux des Orientaux, lorsqu'à la porte d'un café de Smyrne ou de Constantinople ils font le kief après avoir fumé leur narguilhé. Son teint n'avait jamais été coloré, et ressemblait à ces teints méridionaux d'un blanc olivâtre qui ne produisent tout leur effet qu'aux lumières; sa main était fine et délicate, son pied étroit et cambré. Il se mettait bien, sans précéder la mode ni la suivre en retardataire, et savait à merveille faire valoir ses avantages naturels. Quoiqu'il n'eût aucune prétention de dandy ou de gentleman rider, s'il se fût présenté au Jockey-Club, il n'eût pas été refusé.

Comment se faisait-il que, jeune, beau, riche, avec tant de raisons d'être heureux, un jeune homme se consumât si misérablement? Vous allez dire qu'Octave était blasé, que les romans à la mode du jour lui avaient gâté la cervelle de leurs idées malsaines, qu'il ne croyait à rien, que de sa jeunesse et de sa fortune gaspillées en folles orgies il ne lui restait que des dettes;—toutes ces suppositions manquent de vérité.—Ayant fort peu usé des plaisirs, Octave ne pouvait en être dégoûté; il n'était ni splénétique, ni romanesque, ni athée, ni libertin, ni dissipateur; sa vie avait été jusqu'alors mêlée d'études et de distractions comme celle des autres jeunes

gens; il s'asseyait le matin au cours de la Sorbonne, et le soir il se plantait sur l'escalier de l'Opéra pour voir s'écouler la cascade des toilettes. On ne lui connaissait ni fille de marbre ni duchesse, et il dépensait son revenu sans faire mordre ses fantaisies au capital,—son notaire l'estimait;—c'était donc un personnage tout uni, incapable de se jeter au glacier de Manfred ou d'allumer le réchaud d'Escousse. Quant à la cause de l'état singulier où il se trouvait et qui mettait en défaut la science de la faculté, nous n'osons l'avouer, tellement la chose est invraisemblable à Paris, au dix-neuvième siècle, et nous laissons le soin de la dire à notre héros lui-même.

Comme les médecins ordinaires n'entendaient rien à cette maladie étrange, car on n'a pas encore disséqué d'âme aux amphithéâtres d'anatomie, on eut recours en dernier lieu à un docteur singulier, revenu des Indes après un long séjour, et qui passait pour opérer des cures merveilleuses.

Octave, présentant une perspicacité supérieure et capable de pénétrer son secret, semblait redouter la visite du docteur, et ce ne fut que sur les instances réitérées de sa mère qu'il consentit à recevoir M. Balthazar Cherbonneau.

Quand le docteur entra, Octave était à demi couché sur un divan: un coussin étayait sa tête, un autre lui soutenait le coude, un troisième lui couvrait les pieds; une gandoura l'enveloppait de ses plis souples et moelleux; il lisait ou

plutôt il tenait un livre, car ses yeux arrêtés sur une page ne regardaient pas. Sa figure était pâle, mais, comme nous l'avons dit, ne présentait pas d'altération bien sensible. Une observation superficielle n'aurait pas cru au danger chez ce jeune malade, dont le guéridon supportait une boîte à cigares au lieu des fioles, des lochs, des potions, des tisanes, et autres pharmacopées de rigueur en pareil cas. Ses traits purs, quoiqu'un peu fatigués, n'avaient presque rien perdu de leur grâce, et, sauf l'atonie profonde et l'incurable désespérance de l'œil, Octave eût semblé jouir d'une santé normale.

Quelque indifférent que fût Octave, l'aspect bizarre du docteur le frappa. M. Balthazar Cherbonneau avait l'air d'une figure échappée d'un conte fantastique d'Hoffmann et se promenant dans la réalité stupéfaite de voir cette création falote. Sa face extrêmement basanée était comme dévorée par un crâne énorme que la chute des cheveux faisait paraître plus vaste encore. Ce crâne nu, poli comme de l'ivoire, avait gardé ses teintes blanches, tandis que le masque, exposé aux rayons du soleil, s'était revêtu, grâce aux superpositions des couches du hâle, d'un ton de vieux chêne ou de portrait enfumé. Les méplats, les cavités et les saillies des os s'y accentuaient si vigoureusement, que le peu de chair qui les recouvrait ressemblait, avec ses mille rides fripées, à une peau mouillée appliquée sur une tête de mort. Les

rare poils gris qui flânaient encore sur l'occiput, massés en trois maigres mèches dont deux se dressaient au-dessus des oreilles et dont la troisième partait de la nuque pour mourir à la naissance du front, faisaient regretter l'usage de l'antique perruque à marteaux ou de la moderne tignasse de chien, et couronnaient d'une façon grotesque cette physionomie de casse-noisettes. Mais ce qui occupait invinciblement chez le docteur, c'étaient les yeux; au milieu de ce visage tanné par l'âge, calciné à des cieux incandescents, usé dans l'étude, où les fatigues de la science et de la vie s'écrivaient en sillages profonds, en pattes d'oie rayonnantes, en plis plus pressés que les feuillets d'un livre, étincelaient deux prunelles d'un bleu de turquoise, d'une limpidité, d'une fraîcheur et d'une jeunesse inconcevables. Ces étoiles bleues brillaient au fond d'orbites brunes et de membranes concentriques dont les cercles fauves rappelaient vaguement les plumes disposées en auréole autour de la prunelle nyctalope des hiboux. On eût dit que, par quelque sorcellerie apprise des brahmes et des pandits, le docteur avait volé des yeux d'enfant et se les était ajustés dans sa face de cadavre. Chez le vieillard, le regard marquait vingt ans; chez le jeune homme, il en marquait soixante.

Le costume était le costume classique du médecin: habit et pantalon de drap noir, gilet de soie de même couleur, et

sur la chemise un gros diamant, présent de quelque rajah ou de quelque nabab. Mais ces vêtements flottaient comme s'ils eussent été accrochés à un portemanteau, et dessinaient des plis perpendiculaires que les fémurs et les tibias du docteur cassaient en angles aigus lorsqu'il s'asseyait. Pour produire cette maigreur phénoménale, le dévorant soleil de l'Inde n'avait pas suffi. Sans doute Balthazar Cherbonneau s'était soumis, dans quelque but d'initiation, aux longs jeûnes des fakirs et tenu sur la peau de gazelle auprès des yoghis entre les quatre réchauds ardents; mais cette déperdition de substance n'accusait aucun affaiblissement. Des ligaments solides et tendus sur les mains comme les cordes sur le manche d'un violon reliaient entre eux les osselets décharnés des phalanges et les faisaient mouvoir sans trop de grincements.

Le docteur s'assit sur le siège qu'Octave lui désignait de la main à côté du divan, en faisant des coudes comme un mètre qu'on reploie et avec des mouvements qui indiquaient l'habitude invétérée de s'accroupir sur des nattes. Ainsi placé, M. Cherbonneau tournait le dos à la lumière, qui éclairait en plein le visage de son malade, situation favorable à l'examen et que prennent volontiers les observateurs, plus curieux de voir que d'être vus. Quoique la figure du docteur fût baignée d'ombre et que le haut de son crâne, luisant et arrondi comme un gigantesque œuf

d'autruche, accrochât seul au passage un rayon du jour, Octave distinguait la scintillation des étranges prunelles bleues qui semblaient douées d'une lueur propre comme les corps phosphorescents: il en jaillissait un rayon aigu et clair que le jeune malade recevait en pleine poitrine avec cette sensation de picotement et de chaleur produite par l'émétique.

«Eh bien, monsieur, dit le docteur après un moment de silence pendant lequel il parut résumer les indices reconnus dans son inspection rapide, je vois déjà qu'il ne s'agit pas avec vous d'un cas de pathologie vulgaire; vous n'avez aucune de ces maladies cataloguées, à symptômes bien connus, que le médecin guérit ou empire; et quand j'aurai causé quelques minutes, je ne vous demanderai pas du papier pour y tracer une anodine formule du *Codex* au bas de laquelle j'apposerai une signature hiéroglyphique et que votre valet de chambre portera au pharmacien du coin.»

Octave sourit faiblement, comme pour remercier M. Cherbonneau de lui épargner d'inutiles et fastidieux remèdes.

«Mais, continua le docteur, ne vous réjouissez pas si vite; de ce que vous n'avez ni hypertrophie du cœur, ni tubercules au poumon, ni ramollissement de la moelle épinière, ni épanchement séreux au cerveau, ni fièvre typhoïde ou

nerveuse, il ne s'ensuit pas que vous soyez en bonne santé. Donnez-moi votre main.»

Croyant que M. Cherbonneau allait lui tâter le pouls et s'attendant à lui voir tirer sa montre à secondes, Octave retroussa la manche de sa gandoura, mit son poignet à découvert et le tendit machinalement au docteur. Sans chercher du pouce cette pulsation rapide ou lente qui indique si l'horloge de la vie est détraquée chez l'homme, M. Cherbonneau prit dans sa patte brune, dont les doigts osseux ressemblaient à des pinces de crabe, la main fluette, veinée et moite du jeune homme; il la palpa, la pétrit, la malaxa en quelque sorte comme pour se mettre en communication magnétique avec son sujet. Octave, bien qu'il fût sceptique en médecine, ne pouvait s'empêcher d'éprouver une certaine émotion anxieuse, car il lui semblait que le docteur lui soutirait l'âme par cette pression, et le sang avait tout à fait abandonné ses pommettes.

«Cher monsieur Octave, dit le médecin en laissant aller la main du jeune homme, votre situation est plus grave que vous ne pensez, et la science, telle du moins que la pratique la vieille routine européenne, n'y peut rien: vous n'avez plus la volonté de vivre, et votre âme se détache insensiblement de votre corps; il n'y a chez vous ni hypocondrie, ni lypémanie, ni tendance mélancolique au

suicide.—Non!—cas rare et curieux, vous pourriez, si je ne m’y opposais, mourir sans aucune lésion intérieure ou externe appréciable. Il était temps de m’appeler, car l’esprit ne tient plus à la chair que par un fil; mais nous allons y faire un bon nœud.» Et le docteur se frotta joyeusement les mains en grimaçant un sourire qui détermina un remous de rides dans les mille plis de sa figure.

«Monsieur Cherbonneau, je ne sais si vous me guérez, et, après tout, je n’en ai nulle envie, mais je dois avouer que vous avez pénétré du premier coup la cause de l’état mystérieux où je me trouve. Il me semble que mon corps est devenu perméable, et laisse échapper mon moi comme un crible l’eau par ses trous. Je me sens fondre dans le grand tout, et j’ai peine à me distinguer du milieu où je plonge. La vie dont j’accomplis, autant que possible, la pantomime habituelle, pour ne pas chagriner mes parents et mes amis, me paraît si loin de moi, qu’il y a des instants où je me crois déjà sorti de la sphère humaine: je vais et je viens par les motifs qui me déterminaient autrefois, et dont l’impulsion mécanique dure encore, mais sans participer à ce que je fais. Je me mets à table aux heures ordinaires, et je parais manger et boire, quoique je ne sente aucun goût aux plats les plus épicés et aux vins les plus forts: la lumière du soleil me semble pâle comme celle de la lune,

et les bougies ont des flammes noires. J'ai froid aux plus chauds jours de l'été; parfois il se fait en moi un grand silence comme si mon cœur ne battait plus et que les rouages intérieurs fussent arrêtés par une cause inconnue. La mort ne doit pas être différente de cet état si elle est appréciable pour les défunts.

—Vous avez, reprit le docteur, une impossibilité de vivre chronique, maladie toute morale et plus fréquente qu'on ne pense. La pensée est une force qui peut tuer comme l'acide prussique, comme l'étincelle de la bouteille de Leyde, quoique la trace de ses ravages ne soit pas saisissable aux faibles moyens d'analyse dont la science vulgaire dispose. Quel chagrin a enfoncé son bec crochu dans votre foie? Du haut de quelle ambition secrète êtes-vous retombé brisé et moulu? Quel désespoir amer ruminez-vous dans l'immobilité? Est-ce la soif du pouvoir qui vous tourmente? Avez-vous renoncé volontairement à un but placé hors de la portée humaine?—Vous êtes bien jeune pour cela.—Une femme vous a-t-elle trompé?

—Non, docteur, répondit Octave, je n'ai pas même eu ce bonheur.

—Et cependant, reprit M. Balthazar Cherbonneau, je lis dans vos yeux ternes, dans l'habitude découragée de votre corps, dans le timbre sourd de votre voix, le titre d'une

pièce de Shakspeare aussi nettement que s'il était estampé en lettres d'or sur le dos d'une reliure de maroquin.

—Et quelle est cette pièce que je traduis sans le savoir? dit Octave, dont la curiosité s'éveillait malgré lui.

—*Love's labour's lost*, continua le docteur avec une pureté d'accent qui trahissait un long séjour dans les possessions anglaises de l'Inde.

—Cela veut dire, si je ne me trompe, *peines d'amour perdues*.

—Précisément.»

Octave ne répondit pas; une légère rougeur colora ses joues, et, pour se donner une contenance, il se mit à jouer avec le gland de sa cordelière: le docteur avait repleyé une de ses jambes sur l'autre, ce qui produisait l'effet des os en sautoir gravés sur les tombes, et se tenait le pied avec la main à la mode orientale. Ses yeux bleus se plongeaient dans les yeux d'Octave et les interrogeaient d'un regard impérieux et doux.

«Allons, dit M. Balthazar Cherbonneau, ouvrez-vous à moi, je suis le médecin des âmes, vous êtes mon malade, et, comme le prêtre catholique à son pénitent, je vous demande une confession complète, et vous pourrez la faire sans vous mettre à genou.

—A quoi bon? En supposant que vous ayez deviné juste, vous raconter mes douleurs ne les soulagerait pas. Je

n'ai pas le chagrin bavard,—aucun pouvoir humain, même le vôtre, ne saurait me guérir.

—Peut-être,» fit le docteur en s'établissant plus carrément dans son fauteuil, comme quelqu'un qui se dispose à écouter une confidence d'une certaine longueur.

«Je ne veux pas, reprit Octave, que vous m'accusiez d'un entêtement puéril, et vous laisser, par mon mutisme, un moyen de vous laver les mains de mon trépas; mais, puisque vous y tenez, je vais vous raconter mon histoire;—vous en avez deviné le fond, je ne vous disputerai pas les détails. Ne vous attendez à rien de singulier ou de romanesque. C'est une aventure très-simple, très-commune, très-usée; mais, comme dit la chanson de Henri Heine, celui à qui elle arrive la trouve toujours nouvelle, et il en a le cœur brisé. En vérité, j'ai honte de dire quelque chose de si vulgaire à un homme qui a vécu dans les pays les plus fabuleux et les plus chimériques.

—N'ayez aucune crainte; il n'y a plus que le commun qui soit extraordinaire pour moi, dit le docteur en souriant.

—Eh bien, docteur, je me meurs d'amour.»

II

Je me trouvais à Florence vers la fin de l'été, en 184... , la plus belle saison pour voir Florence. J'avais du temps, de l'argent, de bonnes lettres de recommandation, et alors j'étais un jeune homme de belle humeur, ne demandant pas mieux que de s'amuser. Je m'installai sur le Long-Arno, je louai une calèche et je me laissai aller à cette douce vie florentine qui a tant de charme pour l'étranger. Le matin, j'allais visiter quelque église, quelque palais ou quelque galerie tout à mon aise, sans me presser, ne voulant pas me donner cette indigestion de chefs-d'œuvre qui, en Italie, fait venir aux touristes trop hâtifs la nausée de l'art; tantôt je regardais les portes de bronze du baptistère, tantôt le Persée de Benvenuto sous la loggia dei Lanzi, le portrait de la Fornarina aux Offices, ou bien encore la Vénus de Canova au palais Pitti, mais jamais plus d'un objet à la fois. Puis je déjeunais au café Doney, d'une tasse de café à la glace, je fumais quelques cigares, parcourais les journaux, et, la boutonnière fleurie de gré ou de force par ces jolies bouquetières coiffées de grands

chapeaux de paille qui stationnent devant le café, je rentrais chez moi faire la sieste; à trois heures, la calèche venait me prendre et me transportait aux *Cascines*. Les *Cascines* sont à Florence ce que le bois de Boulogne est à Paris, avec cette différence que tout le monde s'y connaît, et que le rond-point forme un salon en plein air, où les fauteuils sont remplacés par des voitures, arrêtées et rangées en demi-cercle. Les femmes, en grande toilette, à demi couchées sur les coussins, reçoivent les visites des amants et des attentifs, des dandys et des attachés de légation, qui se tiennent debout et chapeau bas sur le marchepied.—Mais vous savez cela tout aussi bien que moi.—Là se forment les projets pour la soirée, s'assignent les rendez-vous, se donnent les réponses, s'acceptent les invitations; c'est comme une Bourse du plaisir qui se tient de trois heures à cinq heures, à l'ombre de beaux arbres, sous le ciel le plus doux du monde. Il est obligatoire, pour tout être un peu bien situé, de faire chaque jour une apparition aux *Cascines*. Je n'avais garde d'y manquer, et le soir, après dîner, j'allais dans quelques salons, ou à la Pergola, lorsque la cantatrice en valait la peine.

«Je passai ainsi un des plus heureux mois de ma vie; mais ce bonheur ne devait pas durer. Une magnifique calèche fit un jour son début aux *Cascines*. Ce superbe produit de la carrosserie de Vienne, chef-d'œuvre de Laurenzi, miroité

d'un vernis étincelant, historié d'un blason presque royal, était attelé de la plus belle paire de chevaux qui ait jamais piaffé à Hyde-Park ou à Saint-James au Drawing-Room de la reine Victoria, et mené à la Daumont de la façon la plus correcte par un tout jeune jockey en culotte de peau blanche et en casaque verte; les cuivres des harnais, les boîtes des roues, les poignées des portières brillaient comme de l'or et lançaient des éclairs au soleil; tous les regards suivaient ce splendide équipage qui, après avoir décrit sur le sable une courbe aussi régulière que si elle eût été tracée au compas, alla se ranger auprès des voitures. La calèche n'était pas vide, comme vous le pensez bien; mais dans la rapidité du mouvement on n'avait pu distinguer qu'un bout de bottine allongé sur le coussin du devant, un large pli de châle et le disque d'une ombrelle frangée de soie blanche. L'ombrelle se referma et l'on vit resplendir une femme d'une beauté incomparable. J'étais à cheval et je pus m'approcher assez pour ne perdre aucun détail de ce chef-d'œuvre humain. L'étrangère portait une robe de ce vert d'eau glacé d'argent qui fait paraître noire comme une taupe toute femme dont le teint n'est pas irréprochable,—une insolence de blonde sûre d'elle-même.—Un grand crêpe de Chine blanc, tout bossué de broderies de la même couleur, l'enveloppait de sa draperie souple et fripée à petits plis, comme une tunique

de Phidias. Le visage avait pour auréole un chapeau de la plus fine paille de Florence, fleuri de myosotis et de délicates plantes aquatiques aux étroites feuilles glauques; pour tout bijou, un lézard d'or constellé de turquoises cerclait le bras qui tenait le manche d'ivoire de l'ombrelle.

«Pardonnez, cher docteur, cette description de journal de mode à un amant pour qui ces menus souvenirs prennent une importance énorme. D'épais bandeaux blonds crespelés, dont les annelures formaient comme des vagues de lumière, descendaient en nappes opulentes des deux côtés de son front plus blanc et plus pur que la neige vierge tombée dans la nuit sur le plus haut sommet d'une Alpe; des cils longs et déliés comme ces fils d'or que les miniaturistes du moyen âge font rayonner autour des têtes de leurs anges, voilaient à demi ses prunelles d'un bleu vert pareil à ces lueurs qui traversent les glaciers par certains effets de soleil; sa bouche, divinement dessinée, présentait ces teintes pourprées qui lavent les valves des conques de Vénus, et ses joues ressemblaient à de timides roses blanches que ferait rougir l'aveu du rossignol ou le baiser du papillon; aucun pinceau humain ne saurait rendre ce teint d'une suavité, d'une fraîcheur et d'une transparence immatérielles, dont les couleurs ne paraissaient pas dues au sang grossier qui enlumine nos fibres; les premières rougeurs de l'aurore sur la cime des sierras-nevadas, le ton carné de

quelques camellias blancs, à l'onglet de leurs pétales, le marbre de Paros, entrevu à travers un voile de gaze rose, peuvent seuls en donner une idée lointaine. Ce qu'on apercevait du col entre les brides du chapeau et le haut du châle étincelait d'une blancheur irisée, au bord des contours, de vagues reflets d'opale. Cette tête éclatante ne saisissait pas d'abord par le dessin, mais bien par le coloris, comme les belles productions de l'école vénitienne, quoique ses traits fussent aussi purs et aussi délicats que ceux des profils antiques découpés dans l'agate des camées.

«Comme Roméo oublie Rosalinde à l'aspect de Juliette, à l'apparition de cette beauté suprême j'oubliai mes amours d'autrefois. Les pages de mon cœur redevinrent blanches: tout nom, tout souvenir en disparurent. Je ne comprenais pas comment j'avais pu trouver quelque attrait dans ces liaisons vulgaires que peu de jeunes gens évitent, et je me les reprochai comme de coupables infidélités. Une vie nouvelle data pour moi de cette fatale rencontre.

«La calèche quitta les Cascines et reprit le chemin de la ville, emportant l'éblouissante vision; je mis mon cheval auprès de celui d'un jeune Russe très-aimable, grand coureur d'eaux, répandu dans tous les salons cosmopolites d'Europe, et qui connaissait à fond le personnel voyageur de la haute vie; j'amenai la conversation sur l'étrangère, et j'appris que

c'était la comtesse Prascovie Labinska, une Lithuanienne de naissance illustre et de grande fortune, dont le mari faisait depuis deux ans la guerre du Caucase.

«Il est inutile de vous dire quelles diplomaties je mis en œuvre pour être reçu chez la comtesse que l'absence du comte rendait très-réservée à l'endroit des présentations; enfin, je fus admis;—deux princesses douairières et quatre baronnes hors d'âge répondaient de moi sur leur antique vertu.

«La comtesse Labinska avait loué une villa magnifique, ayant appartenu jadis aux Salviati, à une demi-lieue de Florence, et en quelques jours elle avait su installer tout le confortable moderne dans l'antique manoir, sans en troubler en rien la beauté sévère et l'élégance sérieuse. De grandes portières armoriées s'agrafaient heureusement aux arcades ogivales; des fauteuils et des meubles de forme ancienne s'harmonisaient avec les murailles couvertes de boiseries brunes ou de fresques d'un ton amorti et passé comme celui des vieilles tapisseries; aucune couleur trop neuve, aucun or trop brillant n'agaçait l'œil, et le présent ne dissonait pas au milieu du passé.—La comtesse avait l'air si naturellement châtelaine, que le vieux palais semblait bâti exprès pour elle.

«Si j'avais été séduit par la radieuse beauté de la comtesse, je le fus bien davantage encore au bout de quelques visites par son esprit si rare, si fin, si étendu; quand elle

parlait sur quelque sujet intéressant, l'âme lui venait à la peau, pour ainsi dire, et se faisait visible. Sa blancheur s'illuminait comme l'albâtre d'une lampe d'un rayon intérieur: il y avait dans son teint de ces scintillations phosphorescentes, de ces tremblements lumineux dont parle Dante lorsqu'il peint les splendeurs du paradis; on eût dit un ange se détachant en clair sur un soleil. Je restais ébloui, extatique et stupide. Abîmé dans la contemplation de sa beauté, ravi aux sons de sa voix céleste qui faisait de chaque idiome une musique ineffable, lorsqu'il me fallait absolument répondre, je balbutiais quelques mots incohérents qui devaient lui donner la plus pauvre idée de mon intelligence, quelquefois même un imperceptible sourire d'une ironie amicale passait comme une lueur rose sur ses lèvres charmantes à certaines phrases, qui dénotaient, de ma part, un trouble profond ou une incurable sottise.

«Je ne lui avais encore rien dit de mon amour; devant elle j'étais sans pensée, sans force, sans courage; mon cœur battait comme s'il voulait sortir de ma poitrine et s'élancer sur les genoux de sa souveraine. Vingt fois j'avais résolu de m'expliquer, mais une insurmontable timidité me retenait; le moindre air froid ou réservé de la comtesse me causait des transes mortelles, et comparables à celles du condamné qui, la tête sur le billot, attend que l'éclair de la hache lui traverse

le cou. Des contractions nerveuses m'étranglaient, des sueurs glacées baignaient mon corps. Je rougissais, je pâlisais et je sortais sans avoir rien dit, ayant peine à trouver la porte et chancelant comme un homme ivre sur les marches du perron.

«Lorsque j'étais dehors, mes facultés me revenaient et je lançais au vent les dithyrambes les plus enflammés. J'adressais à l'idole absente mille déclarations d'une éloquence irrésistible. J'égalais dans ces apostrophes muettes les grands poètes de l'amour.—Le Cantique des cantiques de Salomon avec son vertigineux parfum oriental et son lyrisme halluciné de haschich, les sonnets de Pétrarque avec leurs subtilités platoniques et leurs délicatesses éthérées, l'Intermezzo de Henri Heine avec sa sensibilité nerveuse et délirante n'approchent pas de ces effusions d'âme intarissables où s'épuisait ma vie. Au bout de chacun de ces monologues, il me semblait que la comtesse vaincue devait descendre du ciel sur mon cœur, et plus d'une fois je me croisai les bras sur ma poitrine, pensant les renfermer sur elle.

«J'étais si complètement possédé que je passais des heures à murmurer en façon de litanies d'amour ces deux mots:—Prascovie Labinska,—trouvant un charme indéfinissable dans ces syllabes tantôt égrenées lentement comme des perles, tantôt dites avec la volubilité fiévreuse du dévot que sa prière même exalte. D'autres fois, je traçais le nom

adoré sur les plus belles feuilles de vélin, en y apportant des recherches calligraphiques des manuscrits du moyen âge, rehauts d'or, fleurons d'azur, ramages de sinople. J'usais à ce labeur d'une minutie passionnée et d'une perfection puérule les longues heures qui séparaient mes visites à la comtesse. Je ne pouvais lire ni m'occuper de quoi que ce fût. Rien ne m'intéressait hors de Prascovie, et je ne décachetais même pas les lettres qui me venaient de France. A plusieurs reprises je fis des efforts pour sortir de cet état; j'essayai de me rappeler les axiomes de séduction acceptés par les jeunes gens, les stratagèmes qu'emploient les Valmont du café de Paris et les don Juan du Jockey-Club; mais à l'exécution le cœur me manquait, et je regrettais de ne pas avoir, comme le Julien Sorel de Stendhal, un paquet d'épîtres progressives à copier pour les envoyer à la comtesse. Je me contentais d'aimer, me donnant tout entier sans rien demander en retour, sans espérance même lointaine, car mes rêves les plus audacieux osaient à peine effleurer de leurs lèvres le bout des doigts rosés de Prascovie. Au quinzième siècle, le jeune novice le front sur les marches de l'autel, le chevalier agenouillé dans sa roide armure, ne devaient pas avoir pour la madone une adoration plus prosternée.»

M. Balthazar Cherbonneau avait écouté Octave avec une attention profonde, car pour lui le récit du jeune

homme n'était pas seulement une histoire romanesque, et il se dit comme à lui-même pendant une pause du narrateur: «Oui, voilà bien le diagnostic de l'amour-passion, une maladie curieuse et que je n'ai rencontrée qu'une fois,—à Chandernagor,—chez une jeune paria éprise d'un brahme; elle en mourut, la pauvre fille, mais c'était une sauvage; vous, monsieur Octave, vous êtes un civilisé, et nous vous guérirons.» Sa parenthèse fermée, il fit signe de la main à M. de Saville de continuer; et, repliant sa jambe sur la cuisse comme la patte articulée d'une sauterelle, de manière à faire soutenir son menton par son genou, il s'établit dans cette position impossible pour tout autre, mais qui semblait spécialement commode pour lui.

«Je ne veux pas vous ennuyer du détail de mon martyre secret, continua Octave; j'arrive à une scène décisive. Un jour, ne pouvant plus modérer mon impérieux désir de voir la comtesse, je devançai l'heure de ma visite accoutumée; il faisait un temps orageux et lourd. Je ne trouvai pas madame Labinska au salon. Elle s'était établie sous un portique soutenu de sveltes colonnes, ouvrant sur une terrasse par laquelle on descendait au jardin; elle avait fait apporter là son piano, un canapé et des chaises de jonc; des jardinières, comblées de fleurs splendides—nulle part elles ne sont si fraîches ni si odorantes qu'à Florence—remplissaient les entre-colonnements,

et imprégnaient de leur parfum les rares bouffées de brise qui venaient de l'Apennin. Devant soi, par l'ouverture des arcades, l'on apercevait les ifs et les buis taillés du jardin, d'où s'élançaient quelques cyprès centenaires, et que peuplaient des marbres mythologiques dans le goût tourmenté de Baccio Bandinelli ou de l'Ammanato. Au fond, au-dessus de la silhouette de Florence, s'arrondissait le dôme de Santa Maria del Fiore et jaillissait le beffroi carré du Palazzo Vecchio.

«La comtesse était seule, à demi couchée sur le canapé de jonc; jamais elle ne m'avait paru si belle; son corps nonchalant, alangui par la chaleur, baignait comme celui d'une nymphe marine dans l'écume blanche d'un ample peignoir de mousseline des Indes que bordait du haut en bas une garniture bouillonnée comme la frange d'argent d'une vague; une broche en acier niellé du Khorassan fermait à la poitrine cette robe aussi légère que la draperie qui voltige autour de la Victoire rattachant sa sandale. Des manches ouvertes à partir de la saignée, comme les pistils du calice d'une fleur, sortaient ses bras d'un ton plus pur que celui de l'albâtre où les statuaires florentins taillent des copies de statues antiques; un large ruban noir noué à la ceinture, et dont les bouts retombaient, tranchait vigoureusement sur toute cette blancheur. Ce que ce contraste de nuances attribuées au deuil aurait pu avoir de triste, était égayé par

le bec d'une petite pantoufle circassienne sans quartier en maroquin bleu, gaufrée d'arabesques jaunes, qui pointait sous le dernier pli de la mousseline.

«Les cheveux blonds de la comtesse, dont les bandeaux bouffants, comme s'ils eussent été soulevés par un souffle, découvraient son front pur, et ses tempes transparentes formaient comme un nimbe, où la lumière pétillait en étincelles d'or.

«Près d'elle, sur une chaise, palpitait au vent un grand chapeau de paille de riz, orné de longs rubans noirs pareils à celui de la robe, et gisait une paire de gants de Suède qui n'avaient pas été mis. A mon aspect, Prascovie ferma le livre qu'elle lisait—les poésies de Mickiewicz—et me fit un petit signe de tête bienveillant; elle était seule,—circonstance favorable et rare.—Je m'assis en face d'elle sur le siège qu'elle me désigna. Un de ces silences, pénibles quand ils se prolongent, régna quelques minutes entre nous. Je ne trouvais à mon service aucune de ces banalités de la conversation; ma tête s'embarrassait, des vagues de flammes me montaient du cœur aux yeux, et mon amour me criait: «Ne perds pas cette occasion suprême.»

«J'ignore ce que j'eusse fait, si la comtesse, devinant la cause de mon trouble, ne se fût redressée à demi en tendant vers moi sa belle main, comme pour me fermer la bouche.

«—Ne dites pas un mot, Octave; vous m'aimez, je le sais, je le sens, je le crois; je ne vous en veux point, car l'amour est involontaire. D'autres femmes plus sévères se montreraient offensées; moi, je vous plains, car je ne puis vous aimer, et c'est une tristesse pour moi d'être votre malheur.—Je regrette que vous m'ayez rencontrée, et maudis le caprice qui m'a fait quitter Venise pour Florence. J'espérais d'abord que ma froideur persistante vous laisserait et vous éloignerait; mais le vrai amour, dont je vois tous les signes dans vos yeux, ne se rebute de rien. Que ma douceur ne fasse naître en vous aucune illusion, aucun rêve, et ne prenez pas ma pitié pour un encouragement. Un ange au bouclier de diamant, à l'épée flamboyante, me garde contre toute séduction, mieux que la religion, mieux que le devoir, mieux que la vertu;—et cet ange, c'est mon amour:—j'adore le comte Labinski. J'ai le bonheur d'avoir trouvé la passion dans le mariage.»

«Un flot de larmes jaillit de mes paupières à cet aveu si franc, si loyal et si noblement pudique, et je sentis en moi se briser le ressort de ma vie.

«Prascovie, émue, se leva, et, par un mouvement de gracieuse pitié féminine, passa son mouchoir de batiste sur mes yeux:

«—Allons, ne pleurez pas, me dit-elle, je vous le défends. Tâchez de penser à autre chose, imaginez que je suis partie à

tout jamais, que je suis morte; oubliez-moi. Voyagez, travaillez, faites du bien, mêlez-vous activement à la vie humaine; consolez-vous dans un art ou un amour...»

«Je fis un geste de dénégation.

«—Croyez-vous souffrir moins en continuant à me voir? reprit la comtesse; venez, je vous recevrai toujours. Dieu dit qu'il faut pardonner à ses ennemis; pourquoi traiterait-on plus mal ceux qui nous aiment? Cependant l'absence me paraît un remède plus sûr.—Dans deux ans nous pourrons nous serrer la main sans péril,—pour vous,» ajouta-t-elle en essayant de sourire.

«Le lendemain je quittai Florence; mais ni l'étude, ni les voyages, ni le temps, n'ont diminué ma souffrance, et je me sens mourir: ne m'en empêchez pas, docteur!

—Avez-vous revu la comtesse Prascovie Labinska?» dit le docteur, dont les yeux bleus scintillaient bizarrement.

«Non, répondit Octave, mais elle est à Paris.» Et il tendit à M. Balthazar Cherbonneau une carte gravée sur laquelle on lisait:

«La comtesse Prascovie Labinska est chez elle le jeudi.»

III

Parmi les promeneurs assez rares alors qui suivaient aux Champs-Élysées l'avenue Gabriel, à partir de l'ambassade ottomane jusqu'à l'Élysée Bourbon, préférant au tourbillon poussiéreux et à l'élégant fracas de la grande chaussée l'isolement, le silence et la calme fraîcheur de cette route bordée d'arbres d'un côté et de l'autre de jardins, il en est peu qui ne se fussent arrêtés, tout rêveurs et avec un sentiment d'admiration mêlé d'envie, devant une poétique et mystérieuse retraite, où, chose rare, la richesse semblait loger le bonheur.

A qui n'est-il pas arrivé de suspendre sa marche à la grille d'un parc, de regarder longtemps la blanche villa à travers les massifs de verdure, et de s'éloigner le cœur gros, comme si le rêve de sa vie était caché derrière ces murailles? Au contraire, d'autres habitations, vues ainsi du dehors, vous inspirent une tristesse indéfinissable; l'ennui, l'abandon, la désespérance glacent la façade de leurs teintes grises et jaunissent les cimes à demi chauves des arbres; les statues ont

des lèpres de mousse, les fleurs s'étiolent, l'eau des bassins verdit, les mauvaises herbes envahissent les sentiers malgré le racloir; les oiseaux, s'il y en a, se taisent.

Les jardins en contre-bas de l'allée en étaient séparés par un saut-de-loup et se prolongeaient en bandes plus ou moins larges jusqu'aux hôtels, dont la façade donnait sur la rue du Faubourg-Saint-Honoré. Celui dont nous parlons se terminait au fossé par un remblai que soutenait un mur de grosses roches choisies pour l'irrégularité curieuse de leurs formes, et qui, se relevant de chaque côté en manière de coulisses, encadraient de leurs aspérités rugueuses et de leurs masses sombres le frais et vert paysage resserré entre elles.

Dans les anfractuosités de ces roches, le cactier raquette, l'asclépiade incarnate, le millepertuis, la saxifrage, le cymbalaire, la joubarbe, la lychnide des Alpes, le lierre d'Irlande trouvaient assez de terre végétale pour nourrir leurs racines et découpaient leurs verdure variées sur le fond vigoureux de la pierre;—un peintre n'eût pas disposé, au premier plan de son tableau, un meilleur repoussoir.

Les murailles latérales qui fermaient ce paradis terrestre disparaissaient sous un rideau de plantes grimpantes, aristoloches, grenadilles bleues, campanules, chèvre-feuille, gypsophiles, glycines de Chine, périplocas de Grèce dont les griffes, les vrilles et les tiges s'enlaçaient à un treillis vert, car

le bonheur lui-même ne veut pas être emprisonné; et grâce à cette disposition le jardin ressemblait à une clairière dans une forêt plutôt qu'à un parterre assez étroit circonscrit par les clôtures de la civilisation.

Un peu en arrière des masses de rocaille, étaient groupés quelques bouquets d'arbres au port élégant, à la frondaison vigoureuse dont les feuillages contrastaient pittoresquement: vernis du Japon, tuyas du Canada, planes de Virginie, frênes verts, saules blancs, micocouliers de Provence, que dominaient deux ou trois mélèzes. Au delà des arbres s'étalait un gazon de ray-grass, dont pas une pointe d'herbe ne dépassait l'autre, un gazon plus fin, plus soyeux que le velours d'un manteau de reine, de cet idéal vert d'émeraude qu'on n'obtient qu'en Angleterre devant le perron des manoirs féodaux, moelleux tapis naturels que l'œil aime à caresser et que le pas craint de fouler, moquette végétale où, le jour, peuvent seuls se rouler au soleil la gazelle familière avec le jeune baby ducal dans sa robe de dentelles, et, la nuit, glisser au clair de lune quelque Titania du West-End la main enlacée à celle d'un Oberon porté sur le livre du peerage et du baronetage.

Une allée de sable tamisé au crible, de peur qu'une valve de conque ou qu'un angle de silex ne blessât les pieds aristocratiques qui y laissaient leur délicate empreinte, circulait comme un ruban jaune autour de cette nappe verte, courte

et drue, que le rouleau égalisait, et dont la pluie factice de l'arrosoir entretenait la fraîcheur humide, même aux jours les plus desséchants de l'été.

Au bout de la pièce de gazon éclatait, à l'époque où se passe cette histoire, un vrai feu d'artifice fleuri tiré par un massif de géraniums, dont les étoiles écarlates flambaient sur le fond brun d'une terre de bruyère.

L'élégante façade de l'hôtel terminait la perspective; de sveltes colonnes d'ordre ionique soutenant l'attique surmonté à chaque angle d'un gracieux groupe de marbre, lui donnaient l'apparence d'un temple grec transporté là par le caprice d'un millionnaire, et corrigeaient, en éveillant une idée de poésie et d'art, tout ce que ce luxe aurait pu avoir de trop fastueux; dans les entre-colonnements, des stores rayés de larges bandes roses et presque toujours baissés abritaient et dessinaient les fenêtres, qui s'ouvraient de plein pied sous le portique comme des portes de glace.

Lorsque le ciel fantasque de Paris daignait étendre un pan d'azur derrière ce palazzino, les lignes s'en dessinaient si heureusement entre les touffes de verdure, qu'on pouvait les prendre pour le pied-à-terre de la Reine des fées, ou pour un tableau de Baron agrandi.

De chaque côté de l'hôtel s'avançaient dans le jardin deux serres formant ailes, dont les parois de cristal se diamentaient

au soleil entre leurs nervures dorées, et faisaient à une foule de plantes exotiques les plus rares et les plus précieuses l'illusion de leur climat natal.

Si quelque poète matineux eût passé avenue Gabriel aux premières rougeurs de l'aurore, il eût entendu le rossignol achever les derniers trilles de son nocturne, et vu le merle se promener en pantoufles jaunes dans l'allée du jardin comme un oiseau qui est chez lui; mais la nuit, après que les roulements des voitures revenant de l'Opéra se sont éteints au milieu du silence de la vie endormie, ce même poète aurait vaguement distingué une ombre blanche au bras d'un beau jeune homme, et serait remonté dans sa mansarde solitaire l'âme triste jusqu'à la mort.

C'était là qu'habitaient depuis quelque temps—le lecteur l'a sans doute déjà deviné—la comtesse Prascovie Labinska et son mari le comte Olaf Labinski, revenu de la guerre du Caucase après une glorieuse campagne, où, s'il ne s'était pas battu corps à corps avec le mystique et insaisissable Schamyl, certainement il avait eu affaire aux plus fanatiquement dévoués des Mourides de l'illustre scheyck. Il avait évité les balles comme les braves les évitent, en se précipitant au-devant d'elles, et les damas courbes des sauvages guerriers s'étaient brisés sur sa poitrine sans l'entamer. Le courage est une cuirasse sans défaut. Le comte Labinski possédait cette

valeur folle des races slaves, qui aiment le péril pour le péril, et auxquelles peut s'appliquer encore ce refrain d'un vieux chant scandinave: «Ils tuent, meurent et rient!»

Avec quelle ivresse s'étaient retrouvés ces deux époux, pour qui le mariage n'était que la passion permise par Dieu et par les hommes, Thomas Moore pourrait seul le dire en style d'*Amour des Anges*! Il faudrait que chaque goutte d'encre se transformât dans notre plume en goutte de lumière, et que chaque mot s'évaporât sur le papier en jetant une flamme et un parfum comme un grain d'encens. Comment peindre ces deux âmes fondues en une seule et pareilles à deux larmes de rosée qui, glissant sur un pétale de lis, se rencontrent, se mêlent, s'absorbent l'une l'autre et ne font plus qu'une perle unique? Le bonheur est une chose si rare en ce monde, que l'homme n'a pas songé à inventer des paroles pour le rendre, tandis que le vocabulaire des souffrances morales et physiques remplit d'innombrables colonnes dans le dictionnaire de toutes les langues.

Olaf et Prascovie s'étaient aimés tout enfants; jamais leur cœur n'avait battu qu'à un seul nom; ils savaient presque dès le berceau qu'ils s'appartiendraient, et le reste du monde n'existait pas pour eux; on eût dit que les morceaux de l'androgynie de Platon, qui se cherchent en vain depuis le divorce primitif, s'étaient retrouvés et réunis en eux; ils formaient

cette dualité dans l'unité, qui est l'harmonie complète, et, côte à côte, ils marchaient, ou plutôt ils volaient à travers la vie d'un essor égal, soutenu, planant comme deux colombes que le même désir appelle, pour nous servir de la belle expression de Dante.

Afin que rien ne troublât cette félicité, une fortune immense l'entourait comme d'une atmosphère d'or. Dès que ce couple radieux paraissait, la misère consolée quittait ses haillons, les larmes se séchaient; car Olaf et Prascovie avaient le noble égoïsme du bonheur, et ils ne pouvaient souffrir une douleur dans leur rayonnement.

Depuis que le polythéisme a emporté avec lui ces jeunes dieux, ces génies souriants, ces éphèbes célestes aux formes d'une perfection si absolue, d'un rythme si harmonieux, d'un idéal si pur, et que la Grèce antique ne chante plus l'hymne de la beauté en strophes de Paros, l'homme a cruellement abusé de la permission qu'on lui a donnée d'être laid, et, quoique fait à l'image de Dieu, le représente assez mal. Mais le comte Labinski n'avait pas profité de cette licence; l'ovale un peu allongé de sa figure, son nez mince, d'une coupe hardie et fine, sa lèvre fermement dessinée, qu'accentuait une moustache blonde aiguisée à ses pointes, son menton relevé et frappé d'une fossette, ses yeux noirs, singularité piquante, étrangeté gracieuse, lui donnaient l'air d'un de ces

anges guerriers, saint Michel ou Raphaël, qui combattent le démon, revêtus d'armures d'or. Il eût été trop beau sans l'éclair mâle de ses sombres prunelles et la couche hâlée que le soleil d'Asie avait déposée sur ses traits.

Le comte était de taille moyenne, mince, svelte, nerveux, cachant des muscles d'acier sous une apparente délicatesse; et lorsque dans quelque bal d'ambassade, il revêtait son costume de magnat, tout chamarré d'or, tout étoilé de diamants, tout brodé de perles, il passait parmi les groupes comme une apparition étincelante, excitant la jalousie des hommes et l'amour des femmes, que Prascovie lui rendait indifférentes.—Nous n'ajoutons pas que le comte possédait les dons de l'esprit comme ceux du corps; les fées bienveillantes l'avaient doué à son berceau, et la méchante sorcière qui gâte tout s'était montrée de bonne humeur ce jour-là.

Vous comprenez qu'avec un tel rival, Octave de Saville avait peu de chance, et qu'il faisait bien de se laisser tranquillement mourir sur les coussins de son divan, malgré l'espoir qu'essayait de lui remettre au cœur le fantastique docteur Balthazar Cherbonneau.—Oublier Prascovie eût été le seul moyen, mais c'était la chose impossible; la revoir, à quoi bon? Octave sentait que la résolution de la jeune femme ne faiblirait jamais dans son implacabilité douce, dans sa froideur compatissante. Il avait peur que ses blessures non

cicatrisées ne se rouvrissent et ne saignassent devant celle qui l'avait tué innocemment, et il ne voulait pas l'accuser, la douce meurtrière aimée!

IV

Deux ans s'étaient écoulés depuis le jour où la comtesse Labinska avait arrêté sur les lèvres d'Octave la déclaration d'amour qu'elle ne devait pas entendre; Octave, tombé du haut de son rêve, s'était éloigné, ayant au foie le bec d'un chagrin noir, et n'avait pas donné de ses nouvelles à Prascovie. L'unique mot qu'il eût pu lui écrire était le seul défendu. Mais plus d'une fois la pensée de la comtesse effrayée de ce silence s'était reportée avec mélancolie sur son pauvre adorateur:—l'avait-il oubliée? Dans sa divine absence de coquetterie, elle le souhaitait sans le croire, car l'inextinguible flamme de la passion illuminait les yeux d'Octave, et la comtesse n'avait pu s'y méprendre. L'amour et les dieux se reconnaissent au regard: cette idée traversait comme un petit nuage le limpide azur de son bonheur, et lui inspirait la légère tristesse des anges qui, dans le ciel, se souviennent de la terre; son âme charmante souffrait de savoir là-bas quelqu'un malheureux à cause d'elle; mais que peut l'étoile d'or scintillante au haut du firmament pour le

pâtre obscur qui lève vers elle des bras éperdus? Aux temps mythologiques, Phœbé descendit bien des cieux en rayons d'argent sur le sommeil d'Endymion; mais elle n'était pas mariée à un comte polonais.

Dès son arrivée à Paris, la comtesse Labinska avait envoyé à Octave cette invitation banale que le docteur Balthazar Cherbonneau tournait distraitement entre ses doigts, et en ne le voyant pas venir, quoiqu'elle l'eût voulu, elle s'était dit avec un mouvement de joie involontaire: «Il m'aime toujours!» C'était cependant une femme d'une angélique pureté et chaste comme la neige du dernier sommet de l'Himalaya.

Mais Dieu lui-même, au fond de son infini, n'a pour se distraire de l'ennui des éternités que le plaisir d'entendre battre pour lui le cœur d'une pauvre petite créature périssable sur un chétif globe, perdu dans l'immensité. Prascovie n'était pas plus sévère que Dieu, et le comte Olaf n'eût pu blâmer cette délicate volupté d'âme.

«Votre récit, que j'ai écouté attentivement, dit le docteur à Octave, me prouve que tout espoir de votre part serait chimérique. Jamais la comtesse ne partagera votre amour.

—Vous voyez-bien, monsieur Cherbonneau, que j'avais raison de ne pas chercher à retenir ma vie qui s'en va.

—J'ai dit qu'il n'y avait pas d'espoir avec les moyens ordinaires, continua le docteur; mais il existe des puissances

occultes que méconnaît la science moderne, et dont la tradition s'est conservée dans ces pays étranges nommés barbares par une civilisation ignorante. Là, aux premiers jours du monde, le genre humain, en contact immédiat avec les forces vives de la nature, savait des secrets qu'on croit perdus, et que n'ont point emportés dans leurs migrations les tribus qui, plus tard, ont formé les peuples. Ces secrets furent transmis d'abord d'initié à initié, dans les profondeurs mystérieuses des temples, écrits ensuite en idiomes sacrés incompréhensibles au vulgaire, sculptés en panneaux d'hiéroglyphes le long des parois cryptiques d'Ellora; vous trouverez encore sur les croupes du mont Mérou, d'où s'échappe le Gange, au bas de l'escalier de marbre blanc de Bénarès la ville sainte, au fond des pagodes en ruines de Ceylan, quelques brahmes centenaires épelant des manuscrits inconnus, quelques yoghis occupés à redire l'ineffable monosyllabe *om* sans s'apercevoir que les oiseaux du ciel nichent dans leur chevelure; quelques fakirs dont les épaules portent les cicatrices des crochets de fer de Jaggernat, qui les possèdent ces arcanes perdus et en obtiennent des résultats merveilleux lorsqu'ils daignent s'en servir.—Notre Europe, tout absorbée par les intérêts matériels, ne se doute pas du degré de spiritualisme où sont arrivés les pénitents de l'Inde: des jeûnes absolus, des contemplations effrayantes de fixité,

des postures impossibles gardées pendant des années entières, atténuent si bien leurs corps, que vous diriez, à les voir accroupis sous un soleil de plomb, entre des brasiers ardents, laissant leurs ongles grandis leur percer la paume des mains, des momies égyptiennes retirées de leur caisse et ployées en des attitudes de singe; leur enveloppe humaine n'est plus qu'une chrysalide, que l'âme, papillon immortel, peut quitter ou reprendre à volonté. Tandis que leur maigre dépouille reste là, inerte, horrible à voir, comme une larve nocturne surprise par le jour, leur esprit, libre de tous liens, s'élançe, sur les ailes de l'hallucination, à des hauteurs incalculables, dans les mondes surnaturels. Ils ont des visions et des rêves étranges; ils suivent d'extase en extase les ondulations que font les âges disparus sur l'océan de l'éternité; ils parcourent l'infini en tous sens, assistent à la création des univers, à la genèse des dieux et à leurs métamorphoses; la mémoire leur revient des sciences englouties par les cataclysmes plutoniens et diluviens, des rapports oubliés de l'homme et des éléments. Dans cet état bizarre, ils marmottent des mots appartenant à des langues qu'aucun peuple ne parle plus depuis des milliers d'années sur la surface du globe, ils retrouvent le verbe primordial, le verbe qui a fait jaillir la lumière des antiques ténèbres: on les prend pour des fous; ce sont presque des dieux!»

Ce préambule singulier surexcitait au dernier point l'attention d'Octave, qui, ne sachant où M. Balthazar Cherbonneau voulait en venir, fixait sur lui des yeux étonnés et petillants d'interrogations: il ne devinait pas quel rapport pouvaient offrir les pénitents de l'Inde avec son amour pour la comtesse Prascovie Labinska.

Le docteur, devinant la pensée d'Octave, lui fit un signe de main comme pour prévenir ses questions, et lui dit: «Patience, mon cher malade; vous allez comprendre tout à l'heure que je ne me livre pas à une digression inutile.—Las d'avoir interrogé avec le scalpel, sur le marbre des amphithéâtres, des cadavres qui ne me répondaient pas et ne me laissaient voir que la mort quand je cherchais la vie, je formai le projet—un projet aussi hardi que celui de Prométhée escaladant le ciel pour y ravir le feu—d'atteindre et de surprendre l'âme, de l'analyser et de la disséquer pour ainsi dire; j'abandonnai l'effet pour la cause, et pris en dédain profond la science matérialiste dont le néant m'était prouvé. Agir sur ces formes vagues, sur ces assemblages fortuits de molécules aussitôt dissous, me semblait la fonction d'un empirisme grossier. J'essayai par le magnétisme de relâcher les liens qui enchaînent l'esprit à son enveloppe; j'eus bientôt dépassé Mesmer, Deslon, Maxwel, Puysegur, Deleuze et les plus habiles, dans des expériences vraiment prodigieuses,

mais qui ne me contentaient pas encore: catalepsie, somnambulisme, vue à distance, lucidité extatique, je produisis à volonté tous ces effets inexplicables pour la foule, simples et compréhensibles pour moi.—Je remontai plus haut: des ravissements de Cardan et de saint Thomas d'Aquin je passai aux crises nerveuses des Pythies; je découvris les arcanes des Époptes grecs et des Nebiim hébreux; je m'initiai rétrospectivement aux mystères de Trophonius et d'Esculape, reconnaissant toujours dans les merveilles qu'on en raconte une concentration ou une expansion de l'âme provoquée soit par le geste, soit par le regard, soit par la parole, soit par la volonté ou tout autre agent inconnu.—Je refis un à un tous les miracles d'Apollonius de Thyane.—Pourtant mon rêve scientifique n'était pas accompli; l'âme m'échappait toujours; je la pressentais, je l'entendais, j'avais de l'action sur elle; j'engourdissais ou j'excitais ses facultés; mais entre elle et moi il y avait un voile de chair que je pouvais écarter sans qu'elle s'envolât; j'étais comme l'oiseleur qui tient un oiseau sous un filet qu'il n'ose relever, de peur de voir sa proie ailée se perdre dans le ciel.

«Je partis pour l'Inde, espérant trouver le mot de l'énigme dans ce pays de l'antique sagesse. J'appris le sanscrit et le prâcrit, les idiomes savants et vulgaires: je pus converser avec les pandits et les brahmes. Je traversai les jungles

où rauque le tigre aplati sur ses pattes; je longuai les étangs sacrés qu'écaille le dos des crocodiles; je franchis des forêts impénétrables barricadées de lianes, faisant envoler des nuées de chauves-souris et de singes, me trouvant face à face avec l'éléphant au détour du sentier frayé par les bêtes fauves pour arriver à la cabane de quelque yoghi célèbre en communication avec les Mounis, et je m'assis des jours entiers près de lui, partageant sa peau de gazelle, pour noter les vagues incantations que murmurait l'extase sur ses lèvres noires et fendillées. Je saisis de la sorte des mots tout-puissants, des formules évocatrices, des syllabes du Verbe créateur.

«J'étudiai les sculptures symboliques dans les chambres intérieures des pagodes que n'a vues nul œil profane et où une robe de brahme me permettait de pénétrer; je lus bien des mystères cosmogoniques, bien des légendes de civilisations disparues; je découvris le sens des emblèmes que tiennent dans leurs mains multiples ces dieux hybrides et touffus comme la nature de l'Inde; je méditai sur le cercle de Brahma, le lotus de Wishnou, le cobra capello de Shiva, le dieu bleu. Ganésa, déroulant sa trompe de pachyderme et clignant ses petits yeux frangés de longs cils, semblait sourire à mes efforts et encourager mes recherches. Toutes ces figures monstrueuses me disaient dans leur langue de pierre: «Nous ne sommes que des formes, c'est l'esprit qui agite la masse.»

«Un prêtre du temple de Tirounamalay, à qui je fis part de l'idée qui me préoccupait, m'indiqua, comme parvenu au plus haut degré de sublimité, un pénitent qui habitait une des grottes de l'île d'Éléphanta. Je le trouvai, adossé au mur de la caverne, enveloppé d'un bout de sparterie, les genoux au menton, les doigts croisés sur les jambes, dans un état d'immobilité absolue; ses prunelles retournées ne laissaient voir que le blanc, ses lèvres bridaiement sur ses dents déchaussées; sa peau, tannée par une incroyable maigreur, adhérait aux pommettes; ses cheveux, rejetés en arrière, pendaient par mèches roides comme des filaments de plantes du sourcil d'une roche; sa barbe s'était divisée en deux flots qui touchaient presque terre, et ses ongles se recourbaient en serres d'aigle.

«Le soleil l'avait desséché et noirci de façon à donner à sa peau d'Indien, naturellement brune, l'apparence du basalte; ainsi posé, il ressemblait de forme et de couleur à un vase canopique. Au premier aspect, je le crus mort. Je secouai ses bras comme ankylosés par une roideur cataleptique, je lui criai à l'oreille de ma voix la plus forte les paroles sacramentelles qui devaient me révéler à lui comme initié; il ne tressaillit pas, ses paupières restèrent immobiles.—J'allais m'éloigner, désespérant d'en tirer quelque chose, lorsque j'entendis un petillement singulier; une étincelle bleuâtre

passa devant mes yeux avec la fulgurante rapidité d'une lueur électrique, voltigea une seconde sur les lèvres entr'ouvertes du pénitent, et disparut.

«Brahma-Logum (c'était le nom du saint personnage) sembla se réveiller d'une léthargie: ses prunelles reprirent leur place; il me regarda avec un regard humain et répondit à mes questions. «Eh bien, tes désirs sont satisfaits: tu as vu une âme. Je suis parvenu à détacher la mienne de mon corps quand il me plaît;—elle en sort, elle y rentre comme une abeille lumineuse, perceptible aux yeux seuls des adeptes. J'ai tant jeûné, tant prié, tant médité, je me suis macéré si rigoureusement, que j'ai pu dénouer les liens terrestres qui l'enchaînent, et que Wishnou, le dieu aux dix incarnations, m'a révélé le mot mystérieux qui la guide dans ses Avatars à travers les formes différentes.—Si, après avoir fait les gestes consacrés, je prononçais ce mot, ton âme s'envolerait pour animer l'homme ou la bête que je lui désignerais. Je te lègue ce secret, que je possède seul maintenant au monde. Je suis bien aise que tu sois venu, car il me tarde de me fondre dans le sein de l'incréd, comme une goutte d'eau dans la mer.—Et le pénitent me chuchota d'une voix faible comme le dernier râle d'un mourant, et pourtant distincte, quelques syllabes qui me firent passer sur le dos ce petit frisson dont parle Job.

—Que voulez-vous dire, docteur? s'écria Octave; je n'ose sonder l'effrayante profondeur de votre pensée.

—Je veux dire, répondit tranquillement M. Balthazar Cherbonneau, que je n'ai pas oublié la formule magique de mon ami Brahma-Logum, et que la comtesse Prascovie serait bien fine si elle reconnaissait l'âme d'Octave de Saville dans le corps d'Olaf Labinski.»

V

La réputation du docteur Balthazar Cherbonneau comme médecin et comme thaumaturge commençait à se répandre dans Paris; ses bizarreries, affectées ou vraies, l'avaient mis à la mode. Mais, loin de chercher à se faire, comme on dit, une clientèle, il s'efforçait de rebuter les malades en leur fermant sa porte ou en leur ordonnant des prescriptions étranges, des régimes impossibles. Il n'acceptait que des cas désespérés, renvoyant à ses confrères avec un dédain superbe les vulgaires fluxions de poitrine, les banales entérites, les bourgeoises fièvres typhoïdes, et dans ces occasions suprêmes il obtenait des guérisons vraiment inconcevables. Debout à côté du lit, il faisait des gestes magiques sur une tasse d'eau, et des corps déjà roides et froids, tout prêts pour le cercueil, après avoir avalé quelques gouttes de ce breuvage en desserrant des mâchoires crispées par l'agonie, reprenaient la souplesse de la vie, les couleurs de la santé, et se redressaient sur leur séant, promenant autour d'eux des regards accoutumés déjà aux ombres du tombeau. Aussi

l'appelait-on le médecin des morts ou le résurrectionniste. Encore ne consentait-il pas toujours à opérer ces cures, et souvent refusait-il des sommes énormes de la part de riches moribonds. Pour qu'il se décidât à entrer en lutte avec la destruction, il fallait qu'il fût touché de la douleur d'une mère implorant le salut d'un enfant unique, du désespoir d'un amant demandant la grâce d'une maîtresse adorée, ou qu'il jugeât la vie menacée utile à la poésie, à la science et au progrès du genre humain. Il sauva de la sorte un charmant baby dont le croup serrait la gorge avec ses doigts de fer, une délicieuse jeune fille phthisique au dernier degré, un poète en proie au *delirium tremens*, un inventeur attaqué d'une congestion cérébrale et qui allait enfouir le secret de sa découverte sous quelques pelletées de terre. Autrement il disait qu'on ne devait pas contrarier la nature, que certaines morts avaient leur raison d'être, et qu'on risquait, en les empêchant, de déranger quelque chose dans l'ordre universel. Vous voyez bien que M. Balthazar Cherbonneau était le docteur le plus paradoxal du monde, et qu'il avait rapporté de l'Inde une excentricité complète; mais sa renommée de magnétiseur l'emportait encore sur sa gloire de médecin; il avait donné devant un petit nombre d'élus quelques séances dont on racontait des merveilles à troubler toutes les notions du possible ou de l'impossible, et qui dépassaient les prodiges de Cagliostro.

Le docteur habitait le rez-de-chaussée d'un vieil hôtel de la rue du Regard, un appartement en enfilade comme on les faisait jadis, et dont les hautes fenêtres ouvraient sur un jardin planté de grands arbres au tronc noir, au grêle feuillage vert. Quoiqu'on fût en été, de puissants calorifères soufflaient par leurs bouches grillées de laiton des trombes d'air brûlant dans les vastes salles, et en maintenaient la température à trente-cinq ou quarante degrés de chaleur, car M. Balthazar Cherbonneau, habitué au climat incendiaire de l'Inde, grelottait à nos pâles soleils, comme ce voyageur qui, revenu des sources du Nil Bleu, dans l'Afrique centrale, tremblait de froid au Caire, et il ne sortait jamais qu'en voiture fermée, frileusement emmaillotté d'une pelisse de renard bleu de Sibérie, et les pieds posés sur un manchon de fer-blanc rempli d'eau bouillante.

Il n'y avait d'autres meubles dans ces salles que des divans bas en étoffes malabares historiées d'éléphants chimériques et d'oiseaux fabuleux, des étagères découpées, coloriées et dorées avec une naïveté barbare par les naturels de Ceylan, des vases du Japon pleins de fleurs exotiques; et sur le plancher s'étalait, d'un bout à l'autre de l'appartement, un de ces tapis funèbres à ramages noirs et blancs que tissent pour pénitence les Thuggs en prison, et dont la trame semble faite avec le chanvre de leurs cordes d'étrangleurs; quelques

idoles indoues, de marbre ou de bronze, aux longs yeux en amande, au nez cerclé d'anneaux, aux lèvres épaisses et souriantes, aux colliers de perles descendant jusqu'au nombril, aux attributs singuliers et mystérieux, croisaient leurs jambes sur des piédouches dans les encoignures;—le long des murailles étaient appendues des miniatures gouachées, œuvre de quelque peintre de Calcutta ou de Lucknow, qui représentaient les neuf *Avatars* déjà accomplis de Wishnou, en poisson, en tortue, en cochon, en lion à tête humaine, en nain brahmine, en Rama, en héros combattant le géant aux mille bras Cartasuciriargunen, en Kitsna, l'enfant miraculeux dans lequel des rêveurs voient un Christ indien; en Bouddha, adorateur du grand dieu Mahadevi; et, enfin, le montraient endormi, au milieu de la mer lactée, sur la couleuvre aux cinq têtes recourbées en dais, attendant l'heure de prendre, pour dernière incarnation, la forme de ce cheval blanc ailé qui, en laissant retomber son sabot sur l'univers, doit amener la fin du monde.

Dans la salle du fond, chauffée plus fortement encore que les autres, se tenait M. Balthazar Cherbonneau, entouré de livres sanscrits tracés au poinçon sur de minces lames de bois percées d'un trou et réunies par un cordon de manière à ressembler plus à des persiennes qu'à des volumes comme les entend la librairie européenne. Une machine électrique,

avec ses bouteilles remplies de feuilles d'or et ses disques de verre tournés par des manivelles, élevait sa silhouette inquiétante et compliquée au milieu de la chambre, à côté d'un baquet mesmérique où plongeait une lance de métal et d'où rayonnaient de nombreuses tiges de fer. M. Cherbonneau n'était rien moins que charlatan et ne cherchait pas la mise en scène, mais cependant il était difficile de pénétrer dans cette retraite bizarre sans éprouver un peu de l'impression que devaient causer autrefois les laboratoires d'alchimie.

Le comte Olaf Labinski avait entendu parler des miracles réalisés par le docteur, et sa curiosité demi-crédule s'était allumée. Les races slaves ont un penchant naturel au merveilleux, que ne corrige pas toujours l'éducation la plus soignée, et d'ailleurs des témoins dignes de foi qui avaient assisté à ces séances en disaient de ces choses qu'on ne peut croire sans les avoir vues, quelque confiance qu'on ait dans le narrateur. Il alla donc visiter le thaumaturge.

Lorsque le comte Labinski entra chez le docteur Balthazar Cherbonneau, il se sentit comme entouré d'une vague flamme; tout son sang afflua vers sa tête, les veines des tempes lui sifflèrent; l'extrême chaleur qui régnait dans l'appartement le suffoquait; les lampes où brûlaient des huiles aromatiques, les larges fleurs de Java balançant leurs énormes calices comme des encensoirs l'enivraient de leurs émanations vertigineuses et

de leurs parfums asphyxiants. Il fit quelques pas en chancelant vers M. Cherbonneau, qui se tenait accroupi sur son divan, dans une de ces étranges poses de fakir ou de sannyâsi, dont le prince Soltikoff a si pittoresquement illustré son voyage de l'Inde. On eût dit, à le voir dessinant les angles de ses articulations sous les plis de ses vêtements, une araignée humaine pelotonnée au milieu de sa toile et se tenant immobile devant sa proie. A l'apparition du comte, ses prunelles de turquoise s'illuminèrent de lueurs phosphorescentes au centre de leur orbite dorée du bistre de l'hépatite, et s'éteignirent aussitôt comme recouvertes par une taie volontaire. Le docteur étendit la main vers Olaf, dont il comprit le malaise, et en deux ou trois passes l'entoura d'une atmosphère de printemps, lui créant un frais paradis dans cet enfer de chaleur.

«Vous trouvez-vous mieux à présent? Vos poumons, habitués aux brises de la Baltique qui arrivent toutes froides encore de s'être roulées sur les neiges centenaires du pôle, devaient haleter comme des soufflets de forge à cet air brûlant, où cependant je grelotte, moi, cuit, recuit et comme calciné aux fournaies du soleil.»

Le comte Olaf Labinski fit un signe pour témoigner qu'il ne souffrait plus de la haute température de l'appartement.

«Eh bien, dit le docteur avec un accent de bonhomie, vous avez entendu parler sans doute de mes tours de

passé, et vous voulez avoir un échantillon de mon savoir-faire; oh! je suis plus fort que Comus, Comte ou Bosco.

—Ma curiosité n'est pas si frivole, répondit le comte, et j'ai plus de respect pour un des princes de la science.

—Je ne suis pas un savant dans l'acception qu'on donne à ce mot; mais au contraire, en étudiant certaines choses que la science dédaigne, je me suis rendu maître de forces occultes inemployées, et je produis des effets qui semblent merveilleux, quoique naturels. A force de la guetter, j'ai quelquefois surpris l'âme,—elle m'a fait des confidences dont j'ai profité et dit des mots que j'ai retenus. L'esprit est tout, la matière n'existe qu'en apparence; l'univers n'est peut-être qu'un rêve de Dieu ou qu'une irradiation du Verbe dans l'immensité. Je chiffonne à mon gré la guenille du corps, j'arrête ou je précipite la vie, je déplace les sens, je supprime l'espace, j'anéantis la douleur sans avoir besoin de chloroforme, d'éther ou de toute autre drogue anesthésique. Armé de la volonté, cette électricité intellectuelle, je vivifie ou je foudroie. Rien n'est plus opaque pour mes yeux; mon regard traverse tout; je vois distinctement les rayons de la pensée, et comme on projette les spectres solaires sur un écran, je peux les faire passer par mon prisme invisible et les forcer à se réfléchir sur la toile blanche de mon cerveau. Mais tout cela est peu de chose à côté des prodiges qu'accomplissent certains yoghis

de l'Inde, arrivés au plus sublime degré d'ascétisme. Nous autres Européens, nous sommes trop légers, trop distraits, trop futiles, trop amoureux de notre prison d'argile pour y ouvrir de bien larges fenêtres sur l'éternité et sur l'infini. Cependant j'ai obtenu quelques résultats assez étranges, et vous allez en juger, dit le docteur Balthazar Cherbonneau en faisant glisser sur leur tringle les anneaux d'une lourde portière qui masquait une sorte d'alcôve pratiquée dans le fond de la salle.»

A la clarté d'une flamme d'esprit-de-vin qui oscillait sur un trépied de bronze, le comte Olaf Labinski aperçut un spectacle effrayant qui le fit frissonner malgré sa bravoure. Une table de marbre noir supportait le corps d'un jeune homme nu jusqu'à la ceinture et gardant une immobilité cadavérique; de son torse hérissé de flèches comme celui de saint Sébastien, il ne coulait pas une goutte de sang; on l'eût pris pour une image de martyr coloriée, où l'on aurait oublié de teindre de cinabre les lèvres des blessures.

«Cet étrange médecin, dit en lui-même Olaf, est peut-être un adorateur de Shiva, et il aura sacrifié cette victime à son idole.»

«Oh! il ne souffre pas du tout; piquez-le sans crainte, pas un muscle de sa face ne bougera;» et le docteur lui enlevait les flèches du corps, comme l'on retire les épingles d'une pelote.

Quelques mouvements rapides de mains dégagèrent le patient du réseau d'effluves qui l'emprisonnait, et il s'éveilla le sourire de l'extase sur les lèvres comme sortant d'un rêve bienheureux. M. Balthazar Cherbonneau le congédia du geste, et il se retira par une petite porte coupée dans la boiserie dont l'alcôve était revêtue.

«J'aurais pu lui couper une jambe ou un bras sans qu'il s'en aperçût, dit le docteur en plissant ses rides en façon de sourire; je ne l'ai pas fait parce que je ne crée pas encore, et que l'homme, inférieur au lézard en cela, n'a pas une séve assez puissante pour reformer les membres qu'on lui retranche. Mais si je ne crée pas, en revanche je rajeunis. Et il enleva le voile qui recouvrait une femme âgée magnétiquement endormie sur un fauteuil, non loin de la table de marbre noir; ses traits, qui avaient pu être beaux, étaient flétris, et les ravages du temps se lisaient sur les contours amaigris de ses bras, de ses épaules et de sa poitrine. Le docteur fixa sur elle pendant quelques minutes, avec une intensité opiniâtre, les regards de ses prunelles bleues; les lignes altérées se raffermirent, le galbe du sein reprit sa pureté virginale, une chair blanche et satinée remplit les maigreurs du col; les joues s'arrondirent et se veloutèrent comme des pêches de toute la fraîcheur de la jeunesse; les yeux s'ouvrirent scintillants dans un fluide vivace; le masque

de vieillesse, enlevé comme par magie, laissait voir la belle jeune femme disparue depuis longtemps.

«Croyez-vous que la fontaine de Jouvence ait versé quelque part ses eaux miraculeuses? dit le docteur au comte stupéfait de cette transformation. Je le crois, moi, car l'homme n'invente rien, et chacun de ses rêves est une divination ou un souvenir.—Mais abandonnons cette forme un instant repétrie par ma volonté, et consultons cette jeune fille qui dort tranquillement dans ce coin. Interrogez-la, elle en sait plus long que les pythies et les sibylles. Vous pouvez l'envoyer dans un de vos sept châteaux de Bohême, lui demander ce que renferme le plus secret de vos tiroirs, elle vous le dira, car il ne faudra pas à son âme plus d'une seconde pour faire le voyage; chose, après tout, peu surprenante, puisque l'électricité parcourt soixante-dix mille lieues dans le même espace de temps, et l'électricité est à la pensée ce qu'est le fiacre au wagon. Donnez-lui la main pour vous mettre en rapport avec elle; vous n'aurez pas besoin de formuler votre question, elle la lira dans votre esprit.»

La jeune fille, d'une voix atone comme celle d'une ombre, répondit à l'interrogation mentale du comte:

«Dans le coffret de cèdre il y a un morceau de terre saupoudrée de sable fin sur lequel se voit l'empreinte d'un petit pied.»

—A-t-elle deviné juste?» dit le docteur négligemment et comme sûr de l'infaillibilité de sa somnambule.

Une éclatante rougeur couvrit les joues du comte. Il avait en effet, au premier temps de leurs amours, enlevé dans une allée d'un parc l'empreinte d'un pas de Prascovie, et il la gardait comme une relique au fond d'une boîte incrustée de nacre et d'argent, du plus précieux travail, dont il portait la clef microscopique suspendue à son cou par un jaseron de Venise.

M. Balthazar Cherbonneau, qui était un homme de bonne compagnie, voyant l'embarras du comte, n'insista pas et le conduisit à une table sur laquelle était posée une eau aussi claire que le diamant.

«Vous avez sans doute entendu parler du miroir magique où Méphistophélès fait voir à Faust l'image d'Hélène; sans avoir un pied de cheval dans mon bas de soie et deux plumes de coq à mon chapeau, je puis vous régaler de cet innocent prodige. Penchez-vous sur cette coupe et pensez fixement à la personne que vous désirez faire apparaître; vivante ou morte, lointaine ou rapprochée, elle viendra à votre appel, du bout du monde ou des profondeurs de l'histoire.»

Le comte s'inclina sur la coupe, dont l'eau se troubla bientôt sous son regard et prit des teintes opalines, comme si l'on y eût versé une goutte d'essence; un cercle irisé des

couleurs du prisme couronna les bords du vase, encadrant le tableau qui s'ébauchait déjà sous le nuage blanchâtre.

Le brouillard se dissipa.—Une jeune femme en peignoir de dentelles, aux yeux vert de mer, aux cheveux d'or crespelés, laissant errer comme des papillons blancs ses belles mains distraites sur l'ivoire du clavier, se dessina ainsi que sous une glace au fond de l'eau redevenue transparente, avec une perfection si merveilleuse qu'elle eût fait mourir tous les peintres de désespoir:—c'était Prascovie Labinska, qui, sans le savoir, obéissait à l'évocation passionnée du comte.

«Et maintenant passons à quelque chose de plus curieux,» dit le docteur en prenant la main du comte et en la posant sur une des tiges de fer du baquet mesmérique. Olaf n'eut pas plutôt touché le métal chargé d'un magnétisme fulgurant, qu'il tomba comme foudroyé.

Le docteur le prit dans ses bras, l'enleva comme une plume, le posa sur un divan, sonna, et dit au domestique qui parut au seuil de la porte:

«Allez chercher M. Octave de Saville.»

VI

Le roulement d'un coupé se fit entendre dans la cour silencieuse de l'hôtel, et presque aussitôt Octave se présenta devant le docteur; il resta stupéfait lorsque M. Cherbonneau lui montra le comte Olaf Labinski étendu sur un divan avec les apparences de la mort. Il crut d'abord à un assassinat et resta quelques instants muet d'horreur; mais, après un examen plus attentif, il s'aperçut qu'une respiration presque imperceptible abaissait et soulevait la poitrine du jeune dormeur.

«Voilà, dit le docteur, votre déguisement tout préparé; il est un peu plus difficile à mettre qu'un domino loué chez Babin; mais Roméo, en montant au balcon de Vérone, ne s'inquiète pas du danger qu'il y a de se casser le cou; il sait que Juliette l'attend là-haut dans la chambre sous ses voiles de nuit; et la comtesse Prascovie Labinska vaut bien la fille des Capulets.»

Octave, troublé par l'étrangeté de la situation, ne répondait rien; il regardait toujours le comte, dont la tête

légèrement rejetée en arrière posait sur un coussin, et qui ressemblait à ces effigies de chevaliers couchés au-dessus de leurs tombeaux dans les cloîtres gothiques, ayant sous leur nuque roidie un oreiller de marbre sculpté. Cette belle et noble figure qu'il allait déposséder de son âme lui inspirait malgré lui quelques remords.

Le docteur prit la rêverie d'Octave pour de l'hésitation: un vague sourire de dédain erra sur le pli de ses lèvres, et il lui dit:

«Si vous n'êtes pas décidé, je puis réveiller le comte, qui s'en retournera comme il est venu, émerveillé de mon pouvoir magnétique; mais, pensez-y bien, une telle occasion peut ne jamais se retrouver. Pourtant, quelque intérêt que je porte à votre amour, quelque désir que j'aie de faire une expérience qui n'a jamais été tentée en Europe, je ne dois pas vous cacher que cet échange d'âmes a ses périls. Frappez votre poitrine, interrogez votre cœur. Risquez-vous franchement votre vie sur cette carte suprême? L'amour est fort comme la mort, dit la Bible.

—Je suis prêt, répondit simplement Octave.

—Bien, jeune homme, s'écria le docteur en frottant ses mains brunes et sèches avec une rapidité extraordinaire, comme s'il eût voulu allumer du feu à la manière des sauvages.—Cette passion qui ne recule devant rien me plaît. Il

n'y a que deux choses au monde: la passion et la volonté. Si vous n'êtes pas heureux, ce ne sera certes pas de ma faute. Ah! mon vieux Brahma-Logum, tu vas voir du fond du ciel d'Indra où les apsaras t'entourent de leurs chœurs voluptueux, si j'ai oublié la formule irrésistible que tu m'as râlée à l'oreille en abandonnant ta carcasse momifiée. Les mots et les gestes, j'ai tout retenu.—A l'œuvre! à l'œuvre! Nous allons faire dans notre chaudron une étrange cuisine, comme les sorcières de Macbeth, mais sans l'ignoble sorcellerie du Nord.—Placez-vous devant moi, assis dans ce fauteuil; abandonnez-vous en toute confiance à mon pouvoir. Bien! les yeux sur les yeux, les mains contre les mains.—Déjà le charme agit. Les notions de temps et d'espace se perdent, la conscience du moi s'efface, les paupières s'abaissent; les muscles, ne recevant plus d'ordres du cerveau, se détendent; la pensée s'assoupit, tous les fils délicats qui retiennent l'âme au corps sont dénoués. Brahma, dans l'œuf d'or où il rêva dix mille ans, n'était pas plus séparé des choses extérieures; saturons-le d'effluves, baignons-le de rayons.»

Le docteur, tout en marmottant ces phrases entrecoupées, ne discontinuait pas un seul instant ses passes: de ses mains tendues jaillissaient des jets lumineux qui allaient frapper le front ou le cœur du patient, autour duquel se formait peu à peu une sorte d'atmosphère visible, phosphorescente comme une auréole.

«Très-bien! fit M. Balthazar Cherbonneau, s'applaudissant lui-même de son ouvrage. Le voilà comme je le veux. Voyons, voyons, qu'est-ce qui résiste encore par là? s'écria-t-il après une pause, comme s'il lisait à travers le crâne d'Octave le dernier effort de la personnalité près de s'anéantir. Quelle est cette idée mutine qui, chassée des circonvolutions de la cervelle, tâche de se soustraire à mon influence en se pelotonnant sur la monade primitive, sur le point central de la vie? Je saurai bien la rattraper et la mater.»

Pour vaincre cette involontaire rébellion, le docteur rechargea plus puissamment encore la batterie magnétique de son regard, et atteignit la pensée en révolte entre la base du cervelet et l'insertion de la moelle épinière, le sanctuaire le plus caché, le tabernacle le plus mystérieux de l'âme. Son triomphe était complet.

Alors il se prépara avec une solennité majestueuse à l'expérience inouïe qu'il allait tenter; il se revêtit comme un mage d'une robe de lin, il lava ses mains dans une eau parfumée, il tira de diverses boîtes des poudres dont il se fit aux joues et au front des tatouages hiératiques; il ceignit son bras du cordon des brahmes, lut deux ou trois Slocas des poèmes sacrés, et n'omit aucun des rites minutieux recommandés par le sannyâsi des grottes d'Elephanta.

Ces cérémonies terminées, il ouvrit toutes grandes les bouches de chaleur, et bientôt la salle fut remplie d'une atmosphère embrasée qui eût fait se pâmer les tigres dans les jungles, se craqueler leur cuirasse de vase sur le cuir rugueux des buffles, et s'épanouir avec une détonation la large fleur de l'aloès.

«Il ne faut pas que ces deux étincelles du feu divin, qui vont se trouver nues tout à l'heure et dépouillées pendant quelques secondes de leur enveloppe mortelle, pâlissent ou s'éteignent dans notre air glacial,» dit le docteur en regardant le thermomètre, qui marquait alors 120 degrés Fahrenheit.

Le docteur Balthazar Cherbonneau, entre ces deux corps inertes, avait l'air, dans ses blancs vêtements, du sacrificateur d'une de ces religions sanguinaires qui jetaient des cadavres d'hommes sur l'autel de leurs dieux. Il rappelait ce prêtre de Vitziliputzili, la farouche idole mexicaine dont parle Henri Heine dans une de ses ballades, mais ses intentions étaient à coup sûr plus pacifiques.

Il s'approcha du comte Olaf Labinski toujours immobile, et prononça l'ineffable syllabe, qu'il alla rapidement répéter sur Octave profondément endormi. La figure ordinairement bizarre de M. Cherbonneau avait pris en ce moment une majesté singulière; la grandeur du pouvoir dont il disposait ennoblissait ses traits désordonnés, et si quelqu'un l'eût vu

accomplissant ces rites mystérieux avec une gravité sacerdotale, il n'eût pas reconnu en lui le docteur hoffmanique qui appelait, en le défiant, le crayon de la caricature.

Il se passa alors des choses bien étranges: Octave de Saville et le comte Olaf Labinski parurent agités simultanément comme d'une convulsion d'agonie, leur visage se décomposa, une légère écume leur monta aux lèvres; la pâleur de la mort décolora leur peau; cependant deux petites lueurs bleuâtres et tremblotantes scintillaient incertaines au-dessus de leurs têtes.

A un geste fulgurant du docteur qui semblait leur tracer leur route dans l'air, les deux points phosphoriques se mirent en mouvement, et, laissant derrière eux un sillage de lumière, se rendirent à leur demeure nouvelle: l'âme d'Octave occupa le corps du comte Labinski, l'âme du comte celui d'Octave: l'avatar était accompli.

Une légère rougeur des pommettes indiquait que la vie venait de rentrer dans ces argiles humaines restées sans âme pendant quelques secondes, et dont l'Ange noir eût fait sa proie sans la puissance du docteur.

La joie du triomphe faisait flamboyer les prunelles bleues de Cherbonneau, qui se disait en marchant à grands pas dans la chambre: «Que les médecins les plus vantés en fassent autant, eux si fiers de raccommoder tant bien que mal

l'horloge humaine lorsqu'elle se détraque: Hippocrate, Galien, Paracelse, Van Helmont, Boerhaave, Tronchin, Hahnemann, Rasori, le moindre fakir indien, accroupi sur l'escalier d'une pagode, en sait mille fois plus long que vous! Qu'importe le cadavre quand on commande à l'esprit!»

En finissant sa période, le docteur Balthazar Cherbonneau fit plusieurs cabrioles d'exultation, et dansa comme les montagnes dans le Sir-Hasirim du roi Salomon; il faillit même tomber sur le nez, s'étant pris le pied aux plis de sa robe brahminique, petit accident qui le rappela à lui-même et lui rendit tout son sang-froid.

«Réveillons nos dormeurs,» dit M. Cherbonneau après avoir essuyé les raies de poudre colorées dont il s'était strié la figure et dépouillé son costume de brahme,—et, se plaçant devant le corps du comte Labinski habité par l'âme d'Octave, il fit les passes nécessaires pour le tirer de l'état somnambulique, secouant à chaque geste ses doigts chargés du fluide qu'il enlevait.

Au bout de quelques minutes, Octave-Labinski (désormais nous le désignerons de la sorte pour la clarté du récit) se redressa sur son séant, passa ses mains sur ses yeux et promena autour de lui un regard étonné que la conscience du moi n'illuminait pas encore. Quand la perception nette des objets lui fut revenue, la première chose qu'il aperçut, ce

fut sa forme placée en dehors de lui sur un divan. Il se voyait! non pas réfléchi par un miroir, mais en réalité. Il poussa un cri,—ce cri ne résonna pas avec le timbre de sa voix et lui causa une sorte d'épouvante;—l'échange d'âmes ayant eu lieu pendant le sommeil magnétique, il n'en avait pas gardé mémoire et éprouvait un malaise singulier. Sa pensée, servie par de nouveaux organes, était comme un ouvrier à qui l'on a retiré ses outils habituels pour lui en donner d'autres. Psyché dépaycée battait de ses ailes inquiètes la voûte de ce crâne inconnu, et se perdait dans les méandres de cette cervelle où restaient encore quelques traces d'idées étrangères.

«Eh bien, dit le docteur lorsqu'il eut suffisamment joui de la surprise d'Octave-Labinski, que vous semble de votre nouvelle habitation? Votre âme se trouve-t-elle bien installée dans le corps de ce charmant cavalier, hetmann, hospodar ou magnat, mari de la plus belle femme du monde? Vous n'avez plus envie de vous laisser mourir comme c'était votre projet la première fois que je vous ai vu dans votre triste appartement de la rue Saint-Lazare, maintenant que les portes de l'hôtel Labinski vous sont toutes grandes ouvertes et que vous n'avez plus peur que Prascovie ne vous mette la main devant la bouche, comme à la villa Salviati, lorsque vous voudrez lui parler d'amour! Vous voyez bien que le vieux Balthazar Cherbonneau, avec sa figure de macaque, qu'il ne

tiendrait qu'à lui de changer pour une autre, possède encore dans son sac à malices d'assez bonnes recettes.

—Docteur, répondit Octave-Labinski, vous avez le pouvoir d'un Dieu, ou, tout au moins, d'un démon.

—Oh! oh! n'ayez pas peur, il n'y a pas la moindre diablerie là dedans. Votre salut ne périlite pas: je ne vais pas vous faire signer un pacte avec un parafe rouge. Rien n'est plus simple que ce qui vient de se passer. Le Verbe qui a créé la lumière peut bien déplacer une âme. Si les hommes voulaient écouter Dieu à travers le temps et l'infini, ils en feraient, ma foi, bien d'autres.

—Par quelle reconnaissance, par quel dévouement reconnaître cet inestimable service?

—Vous ne me devez rien; vous m'intéressiez, et pour un vieux Lascar comme moi, tanné à tous les soleils, bronzé à tous les événements, une émotion est une chose rare. Vous m'avez révélé l'amour, et vous savez que nous autres rêveurs un peu alchimistes, un peu magiciens, un peu philosophes, nous cherchons tous plus ou moins l'absolu. Mais levez-vous donc, remuez-vous, marchez, et voyez si votre peau neuve ne vous gêne pas aux entournures.»

Octave-Labinski obéit au docteur et fit quelques tours par la chambre; il était déjà moins embarrassé; quoique habité par une autre âme, le corps du comte conservait l'impulsion

de ses anciennes habitudes, et l'hôte récent se confia à ces souvenirs physiques, car il lui importait de prendre la démarche, l'allure, le geste du propriétaire expulsé.

«Si je n'avais opéré moi-même tout à l'heure le déménagement de vos âmes, je croirais, dit en riant le docteur Balthazar Cherbonneau, qu'il ne s'est rien passé que d'ordinaire pendant cette soirée, et je vous prendrais pour le véritable, légitime et authentique comte lithuanien Olaf de Labinski, dont le moi sommeille encore là-bas dans la chrysalide que vous avez dédaigneusement laissée. Mais minuit va sonner bientôt; partez pour que Prascovie ne vous gronde pas et ne vous accuse pas de lui préférer le lansquenet ou le baccarat. Il ne faut pas commencer votre vie d'époux par une querelle, ce serait de mauvais augure. Pendant ce temps, je m'occuperai de réveiller votre ancienne enveloppe avec toutes les précautions et les égards qu'elle mérite.»

Reconnaissant la justesse des observations du docteur, Octave-Labinski se hâta de sortir. Au bas du perron piaffaient d'impatience les magnifiques chevaux bais du comte, qui, en mâchant leurs mors, avaient devant eux couvert le pavé d'écume.—Au bruit de pas du jeune homme, un superbe chasseur vert, de la race perdue des heyduques, se précipita vers le marchepied, qu'il abattit avec fracas. Octave, qui s'était d'abord dirigé machinalement vers son modeste brougham,

s'installa dans le haut et splendide coupé, et dit au chasseur, qui jeta le mot au cocher: «A l'hôtel!» La portière à peine fermée, les chevaux partirent en faisant des courbettes, et le digne successeur des Almanzor et des Azolan se suspendit aux larges cordons de passementerie avec une prestesse que n'aurait pas laissé supposer sa grande taille.

Pour des chevaux de cette allure la course n'est pas longue de la rue du Regard au faubourg Saint-Honoré; l'espace fut dévoré en quelques minutes, et le cocher cria de sa voix de Stentor: La porte!

Les deux immenses battants, poussés par le suisse, livrèrent passage à la voiture, qui tourna dans une grande cour sablée et vint s'arrêter avec une précision remarquable sous une marquise rayée de blanc et de rose.

La cour, qu'Octave-Labinski détailla avec cette rapidité de vision que l'âme acquiert en certaines occasions solennelles, était vaste, entourée de bâtiments symétriques, éclairée par des lampadaires de bronze dont le gaz dardait ses langues blanches dans des fanoux de cristal semblables à ceux qui ornaient autrefois le Bucentaure, et sentait le palais plus que l'hôtel; des caisses d'orangers dignes de la terrasse de Versailles étaient posées de distance en distance sur la marge d'asphalte qui encadrait comme une bordure le tapis de sable formant le milieu.

Le pauvre amoureux transformé, en mettant le pied sur le seuil, fut obligé de s'arrêter quelques secondes et de poser sa main sur son cœur pour en comprimer les battements. Il avait bien le corps du comte Olaf Labinski, mais il n'en possédait que l'apparence physique; toutes les notions que contenait cette cervelle s'étaient enfuies avec l'âme du premier propriétaire,—la maison qui désormais devait être la sienne lui était inconnue, il en ignorait les dispositions intérieures;—un escalier se présentait devant lui, il le suivit à tout hasard, sauf à mettre son erreur sur le compte d'une distraction.

Les marches de pierre poncée éclataient de blancheur et faisaient ressortir le rouge opulent de la large bande de moquette retenue par des baguettes de cuivre doré qui dessinait au pied son moelleux chemin; des jardinières remplies des plus belles fleurs exotiques montaient chaque degré avec vous.

Une immense lanterne découpée et fenestrée, suspendue à un gros câble de soie pourpre orné de houppes et de nœuds, faisait courir des frissons d'or sur les murs revêtus d'un stuc blanc et poli comme le marbre, et projetait une masse de lumière sur une répétition de la main de l'auteur, d'un des plus célèbres groupes de Canova, *l'Amour embrassant Psyché*.

Le palier de l'étage unique était pavé de mosaïques d'un précieux travail, et aux parois, des cordes de soie suspendaient

quatre tableaux de Paris Bordone, de Bonifazio, de Palma le Vieux et de Paul Véronèse, dont le style architectural et pompeux s'harmonisait avec la magnificence de l'escalier.

Sur ce palier s'ouvrait une haute porte de serge relevée de clous dorés; Octave-Labinski la poussa et se trouva dans une vaste antichambre où sommeillaient quelques laquais en grande tenue, qui, à son approche, se levèrent comme poussés par des ressorts et se rangèrent le long des murs avec l'impassibilité d'esclaves orientaux.

Il continua sa route. Un salon blanc et or, où il n'y avait personne, suivait l'antichambre. Octave tira une sonnette. Une femme de chambre parut.

«Madame peut-elle me recevoir?

—Madame la comtesse est en train de se déshabiller, mais tout à l'heure elle sera visible.»

VII

Resté seul avec le corps d'Octave de Saville, habité par l'âme du comte Olaf Labinski, le docteur Balthazar Cherbonneau se mit en devoir de rendre cette forme inerte à la vie ordinaire. Au bout de quelques passes Olaf-de Saville (qu'on nous permette de réunir ces deux noms pour désigner un personnage double) sortit comme un fantôme des limbes du profond sommeil, ou plutôt de la catalepsie qui l'enchaînait, immobile et roide, sur l'angle du divan; il se leva avec un mouvement automatique que la volonté ne dirigeait pas encore, et chancelant sous un vertige mal dissipé. Les objets vacillaient autour de lui, les incarnations de Wishnou dansaient la sarabande le long des murailles, le docteur Cherbonneau lui apparaissait sous la figure du sannyâsi d'Elephanta, agitant ses bras comme des ailerons d'oiseau et roulant ses prunelles bleues dans des orbes de rides brunes, pareils à des cercles de besicles;—les spectacles étranges auxquels il avait assisté avant de tomber dans l'anéantissement magnétique

réagissaient sur sa raison, et il ne se reprenait que lentement à la réalité: il était comme un dormeur réveillé brusquement d'un cauchemar, qui prend encore pour des spectres ses vêtements épars sur les meubles, avec de vagues formes humaines, et pour des yeux flamboyants de cyclope les patères de cuivre des rideaux, simplement illuminées par le reflet de la veilleuse.

Peu à peu cette fantasmagorie s'évapora; tout revint à son aspect naturel; M. Balthazar Cherbonneau ne fut plus un pénitent de l'Inde, mais un simple docteur en médecine, qui adressait à son client un sourire d'une bonhomie banale.

«Monsieur le comte est-il satisfait des quelques expériences que j'ai eu l'honneur de faire devant lui? disait-il avec un ton d'obséquieuse humilité où l'on aurait pu déceler une légère nuance d'ironie;—j'ose espérer qu'il ne regrettera pas trop sa soirée et qu'il partira convaincu que tout ce qu'on raconte sur le magnétisme n'est pas fable et jonglerie, comme le prétend la science officielle.»

Olaf-de Saville répondit par un signe de tête en manière d'assentiment, et sortit de l'appartement accompagné du docteur Cherbonneau, qui lui faisait de profonds saluts à chaque porte.

Le brougham s'avança en rasant les marches, et l'âme du mari de la comtesse Labinska y monta avec le corps

d'Octave de Saville sans trop se rendre compte que ce n'était là ni sa livrée ni sa voiture.

Le cocher demanda où monsieur allait.

«Chez moi,» répondit Olaf-de Saville, confusément étonné de ne pas reconnaître la voix du chasseur vert qui, ordinairement, lui adressait cette question avec un accent hongrois des plus prononcés. Le brougham où il se trouvait était tapissé de damas bleu foncé; un satin bouton d'or capitonnait son coupé, et le comte s'étonnait de cette différence tout en l'acceptant comme on fait dans le rêve où les objets habituels se présentent sous des aspects tout autres sans pourtant cesser d'être reconnaissables; il se sentait aussi plus petit que de coutume; en outre, il lui semblait être venu en habit chez le docteur, et, sans se souvenir d'avoir changé de vêtement, il se voyait habillé d'un paletot d'été en étoffe légère qui n'avait jamais fait partie de sa garde-robe; son esprit éprouvait une gêne inconnue, et ses pensées, le matin si lucides, se débrouillaient péniblement. Attribuant cet état singulier aux scènes étranges de la soirée, il ne s'en occupa plus, il appuya sa tête à l'angle de la voiture, et se laissa aller à une rêverie flottante, à une vague somnolence qui n'était ni la veille ni le sommeil.

Le brusque arrêt du cheval et la voix du cocher criant «La porte!» le rappelèrent à lui; il baissa la glace, mit la tête

dehors et vit à la clarté du réverbère une rue inconnue, une maison qui n'était pas la sienne.

«Où diable me mènes-tu, animal? s'écria-t-il; sommes-nous donc faubourg Saint-Honoré, hôtel Labinski?

—Pardon, monsieur; je n'avais pas compris,» grommela le cocher en faisant prendre à sa bête la direction indiquée.

Pendant le trajet, le comte transfiguré se fit plusieurs questions auxquelles il ne pouvait répondre. Comment sa voiture était-elle partie sans lui, puisqu'il avait donné ordre qu'on l'attendit? Comment se trouvait-il lui-même dans la voiture d'un autre? Il supposa qu'un léger mouvement de fièvre troublait la netteté de ses perceptions, ou que peut-être le docteur thaumaturge, pour frapper plus vivement sa crédulité, lui avait fait respirer pendant son sommeil quelque flacon de haschich ou de toute autre drogue hallucinatrice dont une nuit de repos dissiperait les illusions.

La voiture arriva à l'hôtel Labinski; le suisse, interpellé, refusa d'ouvrir la porte, disant qu'il n'y avait pas de réception ce soir-là, que monsieur était rentré depuis plus d'une heure et madame retirée dans ses appartements.

«Drôle, es-tu ivre ou fou? dit Olaf-de Saville en repoussant le colosse qui se dressait gigantesquement sur le seuil de la porte entre-bâillée, comme une de ces statues en

bronze qui, dans les contes arabes défendent aux chevaliers errants l'accès des châteaux enchantés.

«Ivre ou fou vous-même, mon petit monsieur,» répliqua le suisse, qui, de cramoisi qu'il était naturellement, devint bleu de colère.

—Misérable! rugit Olaf-de Saville, si je ne me respectais...

—Taisez-vous ou je vais vous casser sur mon genou et jeter vos morceaux sur le trottoir, répliqua le géant en ouvrant une main plus large et plus grande que la colossale main de plâtre exposée chez le gantier de la rue Richelieu; il ne faut pas faire le méchant avec moi, mon petit jeune homme parce qu'on a bu une ou deux bouteilles de vin de Champagne de trop.»

Olaf-de Saville, exaspéré, repoussa le suisse si rudement, qu'il pénétra sous le porche. Quelques valets qui n'étaient pas couchés encore accoururent au bruit de l'altercation.

«Je te chasse, bête brute, brigand, scélérat! je ne veux pas même que tu passes la nuit à l'hôtel; sauve-toi, ou je te tue comme un chien enragé. Ne me fais pas verser l'ignoble sang d'un laquais.»

Et le comte, dépossédé de son corps, s'élançait les yeux injectés de rouge, l'écume aux lèvres, les poings crispés,

vers l'énorme suisse, qui, rassemblant les deux mains de son agresseur dans une des siennes, les y maintint presque écrasées par l'étau de ses gros doigts courts, charnus et noueux comme ceux d'un tortionnaire du moyen âge.

«Voyons, du calme, disait le géant, assez bonasse au fond, qui ne redoutait plus rien de son adversaire et lui imprimait quelques saccades pour le tenir en respect.—Y a-t-il du bon sens de se mettre dans des états pareils quand on est vêtu en homme du monde, et de venir ensuite comme un perturbateur faire des tapages nocturnes dans les maisons respectables? On doit des égards au vin, et il doit être fameux celui qui vous a si bien grisé! c'est pourquoi je ne vous assomme pas, et je me contenterai de vous poser délicatement dans la rue, où la patrouille vous ramassera si vous continuez vos esclandres;—un petit air de violon vous rafraîchira les idées.

—Infâmes, s'écria Olaf-de Saville en interpellant les laquais, vous laissez insulter par cette abjecte canaille votre maître, le noble comte Labinski!»

A ce nom, la valetaille poussa d'un commun accord une immense huée; un éclat de rire énorme, homérique, convulsif, souleva toutes ces poitrines chamarrées de galons: «Ce petit monsieur qui se croit le comte Labinski! ha! ha! hi! hi! l'idée est bonne!»

Une sueur glacée mouilla les tempes d'Olaf-de Saville. Une pensée aiguë lui traversa la cervelle comme une lame d'acier, et il sentit se figer la moelle de ses os. Smarra lui avait-il mis son genou sur la poitrine ou vivait-il de la vie réelle? Sa raison avait-elle sombré dans l'océan sans fond du magnétisme, ou était-il le jouet de quelque machination diabolique?—Aucun de ses laquais si tremblants, si soumis, si prosternés devant lui, ne le reconnaissait. Lui avait-on changé son corps comme son vêtement et sa voiture?

«Pour que vous soyez bien sûr de n'être pas le comte de Labinski, dit un des plus insolents de la bande, regardez là-bas, le voilà lui-même qui descend le perron, attiré par le bruit de votre algarade.»

Le captif du suisse tourna les yeux vers le fond de la cour, et vit debout sous l'auvent de la marquise un jeune homme de taille élégante et svelte, à figure ovale, aux yeux noirs, au nez aquilin, à la moustache fine, qui n'était autre que lui-même, ou son spectre modelé par le diable, avec une ressemblance à faire illusion.

Le suisse lâcha les mains qu'il tenait prisonnières. Les valets se rangèrent respectueusement contre la muraille, le regard baissé, les mains pendantes, dans une immobilité absolue, comme les icoglans à l'approche du padischa; ils rendaient à ce fantôme les honneurs qu'ils refusaient au comte véritable.

L'époux de Prascovie, quoique intrépide comme un Slave, c'est tout dire, ressentit un effroi indicible à l'approche de ce Ménechme, qui, plus terrible que celui du théâtre, se mêlait à la vie positive et rendait son jumeau méconnaissable.

Une ancienne légende de famille lui revint en mémoire et augmenta encore sa terreur. Chaque fois qu'un Labinski devait mourir, il en était averti par l'apparition d'un fantôme absolument pareil à lui. Parmi les nations du Nord, voir son double, même en rêve, a toujours passé pour un présage fatal, et l'intrépide guerrier du Caucase, à l'aspect de cette vision extérieure de son moi, fut saisi d'une insurmontable horreur superstitieuse; lui qui eût plongé son bras dans la gueule des canons prêts à tirer, il recula devant lui-même.

Octave-Labinski s'avança vers son ancienne forme, où se débattait, s'indignait et frissonnait l'âme du comte, et lui dit d'un ton de politesse hautaine et glaciale:

«Monsieur, cessez de vous compromettre avec ces valets. M. le comte de Labinski, si vous voulez lui parler, est visible de midi à deux heures. Madame la comtesse reçoit le jeudi les personnes qui ont eu l'honneur de lui être présentées.»

Cette phrase débitée lentement et en donnant de la valeur à chaque syllabe, le faux comte se retira d'un pas tranquille, et les portes se refermèrent sur lui.

On porta dans la voiture Olaf-de Saville évanoui. Lorsqu'il reprit ses sens, il était couché sur un lit qui n'avait pas la forme du sien, dans une chambre où il ne se rappelait pas être jamais entré; près de lui se tenait un domestique étranger qui lui soulevait la tête et lui faisait respirer un flacon d'éther.

«Monsieur se sent-il mieux? demanda Jean au comte, qu'il prenait pour son maître.

—Oui, répondit Olaf-de Saville; ce n'était qu'une faiblesse passagère.

—Puis-je me retirer ou faut-il que je veille, monsieur?

—Non, laissez-moi seul; mais, avant de vous retirer, allumez les torchères près de la glace.

—Monsieur n'a pas peur que cette vive clarté ne l'empêche de dormir?

—Nullement; d'ailleurs je n'ai pas sommeil encore.

—Je ne me coucherai pas, et si monsieur a besoin de quelque chose, j'accourrai au premier coup de sonnette,» dit Jean, intérieurement alarmé de la pâleur et des traits décomposés du comte.

Lorsque Jean se fut retiré après avoir allumé les bougies, le comte s'élança vers la glace, et, dans le cristal profond et pur où tremblait la scintillation des lumières, il vit une tête jeune, douce et triste, aux abondants cheveux noirs, aux

prunelles d'un azur sombre, aux joues pâles, duvetée d'une barbe soyeuse et brune, une tête qui n'était pas la sienne, et qui du fond du miroir le regardait avec un air surpris. Il s'efforça d'abord de croire qu'un mauvais plaisant encadrait son masque dans la bordure incrustée de cuivre et de burgau de la glace à biseaux vénitiens. Il passa la main derrière; il ne sentit que les planches du parquet; il n'y avait personne.

Ses mains, qu'il tâta, étaient plus maigres, plus longues, plus veinées; au doigt annulaire saillait en bosse une grosse bague d'or avec un chaton d'aventurine sur laquelle un blason était gravé,—un écu fascé de gueules et d'argent, et pour timbre un tortil de baron. Cet anneau n'avait jamais appartenu au comte, qui portait d'or à l'aigle de sable essorant, becqué, patté et onglé de même; le tout surmonté de la couronne à perles. Il fouilla ses poches, il y trouva un petit portefeuille contenant des cartes de visite avec ce nom: «Octave de Saville.»

Le rire des laquais à l'hôtel Labinski, l'apparition de son double, la physionomie inconnue substituée à sa réflexion dans le miroir pouvaient être, à la rigueur, les illusions d'un cerveau malade; mais ces habits différents, cet anneau qu'il ôtait de son doigt, étaient des preuves matérielles, palpables, des témoignages impossibles à récuser. Une métamorphose complète s'était opérée en lui à son insu, un magicien, à coup

sûr, un démon peut-être, lui avait volé sa forme, sa noblesse, son nom, toute sa personnalité, en ne lui laissant que son âme sans moyens de la manifester.

Les historiens fantastiques de Pierre Schlemil et de la Nuit de saint Sylvestre lui revinrent en mémoire; mais les personnages de Lamotte-Fouqué et d'Hoffmann n'avaient perdu, l'un que son ombre, l'autre que son reflet; et si cette privation bizarre d'une projection que tout le monde possède inspirait des soupçons inquiétants, personne du moins ne leur niait qu'ils ne fussent eux-mêmes.

Sa position, à lui, était bien autrement désastreuse: il ne pouvait réclamer son titre de comte Labinski avec la forme dans laquelle il se trouvait emprisonné. Il passerait aux yeux de tout le monde pour un impudent imposteur, ou tout au moins pour un fou. Sa femme même le méconnaîtrait affublé de cette apparence mensongère.—Comment prouver son identité? Certes, il y avait mille circonstances intimes, mille détails mystérieux inconnus de toute autre personne, qui, rappelés à Prascovie, lui feraient reconnaître l'âme de son mari sous ce déguisement; mais que vaudrait cette conviction isolée, au cas où il l'obtiendrait, contre l'unanimité de l'opinion? Il était bien réellement et bien absolument dépossédé de son moi. Autre anxiété: Sa transformation se bornait-elle au changement extérieur de la taille

et des traits, ou habitait-il en réalité le corps d'un autre? En ce cas, qu'avait-on fait du sien? Un puits de chaux l'avait-il consumé ou était-il devenu la propriété d'un hardi voleur? Le double aperçu à l'hôtel Labinski pouvait être un spectre, une vision, mais aussi un être physique, vivant, installé dans cette peau que lui aurait dérobée, avec une habileté infernale, ce médecin à figure de fakir.

Une idée affreuse lui mordit le cœur de ses crochets de vipère: «Mais ce comte de Labinski fictif, pétri dans ma forme par les mains du démon, ce vampire qui habite maintenant mon hôtel, à qui mes valets obéissent contre moi, peut-être à cette heure met-il son pied fourchu sur le seuil de cette chambre où je n'ai jamais pénétré que le cœur ému comme le premier soir, et Prascovie lui sourit-elle doucement et penche-t-elle avec une rougeur divine sa tête charmante sur cette épaule parafée de la griffe du diable, prenant pour moi cette larve menteuse, ce brucolaque, cette empouse, ce hideux fils de la nuit et de l'enfer. Si je courais à l'hôtel, si j'y mettais le feu pour crier, dans les flammes, à Prascovie: On te trompe, ce n'est pas Olaf ton bien-aimé que tu tiens sur ton cœur! Tu vas commettre innocemment un crime abominable et dont mon âme désespérée se souviendra encore quand les éternités se seront fatigué les mains à retourner leurs sabliers!»

Des vagues enflammées affluaient au cerveau du comte, il poussait des cris de rage inarticulés, se mordait les poings, tournait dans la chambre comme une bête fauve. La folie allait submerger l'obscur conscience qu'il lui restait de lui-même; il courut à la toilette d'Octave, remplit une cuvette d'eau et y plongea sa tête, qui sortit fumante de ce bain glacé.

Le sang-froid lui revint. Il se dit que le temps du magisme et de la sorcellerie était passé; que la mort seule déliait l'âme du corps; qu'on n'escamotait pas de la sorte, au milieu de Paris, un comte polonais accrédité de plusieurs millions chez Rothschild, allié aux plus grandes familles, mari aimé d'une femme à la mode, décoré de l'ordre de Saint-André de première classe, et que tout cela n'était sans doute qu'une plaisanterie d'assez mauvais goût de M. Balthazar Cherbonneau, qui s'expliquerait le plus naturellement du monde, comme les épouvantails des romans d'Anne Radcliffe.

Comme il était brisé de fatigue, il se jeta sur le lit d'Octave et s'endormit d'un sommeil lourd, opaque, semblable à la mort, qui durait encore lorsque Jean, croyant son maître éveillé, vint poser sur la table les lettres et les journaux.

VIII

Le comte ouvrit les yeux, et promena autour de lui un regard investigateur; il vit une chambre à coucher confortable, mais simple; un tapis ocellé, imitant la peau de léopard, couvrait le plancher; des rideaux de tapisserie, que Jean venait d'entr'ouvrir, pendaient aux fenêtres et masquaient les portes; les murs étaient tendus d'un papier velouté vert uni, simulant le drap. Une pendule formée d'un bloc de marbre noir, au cadran de platine, surmontée de la statuette en argent oxydé de la Diane de Gabies, réduite par Barbedienne, et accompagnée de deux coupes antiques, aussi en argent, décorait la cheminée en marbre blanc à veines bleuâtres; le miroir de Venise où le comte avait découvert la veille qu'il ne possédait plus sa figure habituelle, et un portrait de femme âgée, peint par Flandrin, sans doute celui de la mère d'Octave, étaient les seuls ornements de cette pièce, un peu triste et sévère; un divan, un fauteuil à la Voltaire placé près de la cheminée, une table à tiroirs, couverte de papiers et de livres, composaient

un ameublement commode, mais qui ne rappelait en rien les somptuosités de l'hôtel Labinski.

«Monsieur se lève-t-il?» dit Jean de cette voix ménagée qu'il s'était faite pendant la maladie d'Octave, et en présentant au comte la chemise de couleur, le pantalon de flanelle à pied et la gandoura d'Alger, vêtements du matin de son maître. Quoiqu'il répugnât au comte de mettre les habits d'un étranger, à moins de rester nu il lui fallait accepter ceux que lui présentait Jean, et il posa ses pieds sur la peau d'ours soyeuse et noire qui servait de descente de lit.

Sa toilette fut bientôt achevée, et Jean, sans paraître concevoir le moindre doute sur l'identité du faux Octave de Saville qu'il aidait à s'habiller, lui dit: «A quelle heure monsieur désire-t-il déjeuner?»

«A l'heure ordinaire,» répondit le comte, qui, afin de ne pas éprouver d'empêchement dans les démarches qu'il comptait faire pour recouvrer sa personnalité, avait résolu d'accepter extérieurement son incompréhensible transformation.

Jean se retira, et Olaf-de Saville ouvrit les deux lettres qui avaient été apportées avec les journaux, espérant y trouver quelques renseignements; la première contenait des reproches amicaux, et se plaignait de bonnes relations de camaraderie interrompues sans motif; un nom inconnu

pour lui la signait. La seconde était du notaire d'Octave, et le pressait de venir toucher un quartier de rente échu depuis longtemps, ou du moins d'assigner un emploi à ces capitaux qui restaient improductifs.

«Ah çà, il paraît, se dit le comte, que l'Octave de Saville dont j'occupe la peau bien contre mon gré existe réellement; ce n'est point un être fantastique, un personnage d'Achim d'Arnim ou de Clément Brentano: il a un appartement, des amis, un notaire, des rentes à émarger, tout ce qui constitue l'état civil d'un gentleman. Il me semble bien cependant, que je suis le comte Olaf Labinski.»

Un coup d'œil jeté sur le miroir le convainquit que cette opinion ne serait partagée de personne; à la pure clarté du jour, aux douteuses lueurs des bougies, le reflet était identique.

En continuant la visite domiciliaire, il ouvrit les tiroirs de la table: dans l'un il trouva des titres de propriété, deux billets de mille francs et cinquante louis, qu'il s'appropriâ sans scrupule pour les besoins de la campagne qu'il allait commencer, et dans l'autre un portefeuille en cuir de Russie fermé par une serrure à secret.

Jean entra, en annonçant M. Alfred Humbert, qui s'élança dans la chambre avec la familiarité d'un ancien ami, sans attendre que le domestique vînt lui rendre la réponse du maître.

«Bonjour, Octave, dit le nouveau venu, beau jeune homme à l'air cordial et franc; que fais-tu, que deviens-tu, es-tu mort ou vivant? On ne te voit nulle part; on t'écrit, tu ne réponds pas.—Je devrais te bouder, mais, ma foi, je n'ai pas d'amour-propre en affection, et je viens te serrer la main.—Que diable! on ne peut pas laisser mourir de mélancolie son camarade de collège au fond de cet appartement lugubre comme la cellule de Charles-Quint au monastère de Yuste. Tu te figures que tu es malade, tu t'ennuies, voilà tout; mais je te forcerai à te distraire, et je vais t'emmener d'autorité à un joyeux déjeuner où Gustave Raimbaud enterre sa liberté de garçon.»

En débitant cette tirade d'un ton moitié fâché, moitié comique, il secouait vigoureusement à la manière anglaise la main du comte qu'il avait prise.

«Non, répondit le mari de Prascovie, entrant dans l'esprit de son rôle, je suis plus souffrant aujourd'hui que d'ordinaire; je ne me sens pas en train; je vous attristerais et vous gênerais.

—En effet, tu es bien pâle et tu as l'air fatigué; à une occasion meilleure! Je me sauve, car je suis en retard de trois douzaines d'huîtres vertes et d'une bouteille de vin de Sauterne, dit Alfred en se dirigeant vers la porte: Raimbaud sera fâché de ne pas te voir.»

Cette visite augmenta la tristesse du comte.—Jean le prenait pour son maître, Alfred pour son ami. Une dernière épreuve lui manquait. La porte s'ouvrit; une dame dont les bandeaux étaient entremêlés de fils d'argent, et qui ressemblait d'une manière frappante au portrait suspendu à la muraille, entra dans la chambre, s'assit sur le divan, et dit au comte:

«Comment vas-tu, mon pauvre Octave? Jean m'a dit que tu étais rentré tard hier, et dans un état de faiblesse alarmante; ménage-toi bien, mon cher fils, car tu sais combien je t'aime, malgré le chagrin que me cause cette inexplicable tristesse dont tu n'as jamais voulu me confier le secret.

—Ne craignez rien, ma mère, cela n'a rien de grave, répondit Olaf de Saville; je suis beaucoup mieux aujourd'hui.»

Madame de Saville, rassurée, se leva et sortit, ne voulant pas gêner son fils, qu'elle savait ne pas aimer à être troublé longtemps dans sa solitude.

«Me voilà bien définitivement Octave de Saville, s'écria le comte lorsque la vieille dame fut partie; sa mère me reconnaît et ne devine pas une âme étrangère sous l'épiderme de son fils. Je suis donc à jamais peut-être claquemuré dans cette enveloppe; quelle étrange prison pour un esprit que le corps d'un autre! Il est dur pourtant de renoncer à être le comte Olaf Labinski, de perdre son blason, sa femme, sa fortune,

et de se voir réduit à une chétive existence bourgeoise. Oh! je la déchirerai, pour en sortir, cette peau de Nessus qui s'attache à mon moi, et je ne la rendrai qu'en pièces à son premier possesseur. Si je retournais à l'hôtel! Non!—Je ferais un scandale inutile, et le Suisse me jetterait à la porte, car je n'ai plus de vigueur dans cette robe de chambre de malade; voyons, cherchons, car il faut que je sache un peu la vie de cet Octave de Saville qui est moi maintenant. Et il essaya d'ouvrir le portefeuille. Le ressort touché par hasard céda, et le comte tira, des poches de cuir, d'abord plusieurs papiers, noircis d'une écriture serrée et fine, ensuite un carré de vélin;—sur le carré de vélin une main peu habile, mais fidèle, avait dessiné, avec la mémoire du cœur et la ressemblance que n'atteignent pas toujours les grands artistes, un portrait au crayon de la comtesse Prascovie Labinska, qu'il était impossible de ne pas reconnaître du premier coup d'œil.

Le comte demeura stupéfait de cette découverte. A la surprise succéda un furieux mouvement de jalousie; comment le portrait de la comtesse se trouvait-il dans le portefeuille secret de ce jeune homme inconnu, d'où lui venait-il, qui l'avait fait, qui l'avait donné? Cette Prascovie si religieusement adorée serait-elle descendue de son ciel d'amour dans une intrigue vulgaire? Quelle raillerie infernale l'incarnait, lui, le mari, dans le corps de l'amant de cette femme, jusque-là

crue si pure?—Après avoir été l'époux, il allait être le galant! Sarcastique métamorphose, renversement de position à devenir fou, il pourrait se tromper lui-même, être à la fois Clitandre et Georges Dandin!

Toutes ces idées bourdonnaient tumultueusement dans son crâne; il sentait sa raison près de s'échapper, et il fit, pour reprendre un peu de calme, un effort suprême de volonté. Sans écouter Jean qui l'avertissait que le déjeuner était servi, il continua avec une trépidation nerveuse l'examen du portefeuille mystérieux.

Les feuillets composaient une espèce de journal psychologique, abandonné et repris à diverses époques; en voici quelques fragments, dévorés par le comte avec une curiosité anxieuse:

«Jamais elle ne m'aimera, jamais, jamais! J'ai lu dans ses yeux si doux ce mot si cruel, que Dante n'en a pas trouvé de plus dur pour l'inscrire sur les portes de bronze de la Cité Dolente: «Perdez tout espoir.» Qu'ai-je fait à Dieu pour être damné vivant? Demain, après-demain, toujours, ce sera la même chose! Les astres peuvent entre-croiser leurs orbes, les étoiles en conjonction former des nœuds, rien dans mon sort ne changera. D'un mot, elle a dissipé le rêve; d'un geste, brisé l'aile à la chimère. Les combinaisons fabuleuses des impossibilités ne m'offrent aucune chance; les chiffres,

rejetés un milliard de fois dans la roue de la fortune, n'en sortiraient pas,—il n'y a pas de numéro gagnant pour moi!»

«Malheureux que je suis! je sais que le paradis m'est fermé et je reste stupidement assis au seuil, le dos appuyé à la porte, qui ne doit pas s'ouvrir, et je pleure en silence, sans secousses, sans efforts, comme si mes yeux étaient des sources d'eau vive. Je n'ai pas le courage de me lever et de m'enfoncer au désert immense ou dans la Babel tumultueuse des hommes.»

«Quelquefois, quand, la nuit, je ne puis dormir, je pense à Prascovie;—si je dors, j'en rêve;—oh! qu'elle était belle ce jour-là, dans le jardin de la villa Salviati, à Florence!—Cette robe blanche et ces rubans noirs,—c'était charmant et funèbre! Le blanc pour elle, le noir pour moi!—Quelquefois les rubans, remués par la brise, formaient une croix sur ce fond d'éclatante blancheur; un esprit invisible disait tout bas la messe de mort de mon cœur.»

«Si quelque catastrophe inouïe mettait sur mon front la couronne des empereurs et des califes, si la terre saignait pour moi ses veines d'or, si les mines de diamant de Golconde et de Visapour me laissaient fouiller dans leurs gangues étincelantes, si la lyre de Byron résonnait sous mes doigts, si les plus parfaits chefs-d'œuvre de

l'art antique et moderne me prêtaient leurs beautés, si je découvrais un monde, eh bien, je n'en serais pas plus avancé pour cela!»

«A quoi tient la destinée! j'avais envie d'aller à Constantinople, je ne l'aurais pas rencontrée; je reste à Florence, je la vois et je meurs.»

«Je me serais bien tué; mais elle respire dans cet air où nous vivons, et peut-être ma lèvre avide aspirera-t-elle—ô bonheur ineffable!—une effluve lointaine de ce souffle embaumé; et puis l'on assignerait à mon âme coupable une planète d'exil, et je n'aurais pas la chance de me faire aimer d'elle dans l'autre vie.—Être encore séparés là-bas, elle au paradis, moi en enfer: pensée accablante!»

«Pourquoi faut-il que j'aime précisément la seule femme qui ne peut m'aimer! d'autres qu'on dit belles, qui étaient libres, me souriaient de leur sourire le plus tendre et semblaient appeler un aveu qui ne venait pas. Oh! qu'il est heureux, lui! Quelle sublime vie antérieure Dieu récompense-t-il en lui par le don magnifique de cet amour?»

...Il était inutile d'en lire davantage. Le soupçon que le comte avait pu concevoir à l'aspect du portrait de Prascovie s'était évanoui dès les premières lignes de ces tristes confidences. Il comprit que l'image chérie,

recommencée mille fois, avait été caressée loin du modèle avec cette patience infatigable de l'amour malheureux, et que c'était la madone d'une petite chapelle mystique, devant laquelle s'agenouillait l'adoration sans espoir.

«Mais si cet Octave avait fait un pacte avec le diable pour me dérober mon corps et surprendre sous ma forme l'amour de Prascovie!»

L'invraisemblance, au dix-neuvième siècle, d'une pareille supposition, la fit bientôt abandonner au comte, qu'elle avait cependant étrangement troublé.

Souriant lui-même de sa crédulité, il mangea, refroidi, le déjeuner servi par Jean, s'habilla et demanda la voiture. Lorsqu'on eut attelé, il se fit conduire chez le docteur Balthazar Cherbonneau; il traversa ces salles où la veille il était entré s'appelant encore le comte Olaf Labinski, et d'où il était sorti salué par tout le monde du nom d'Octave de Saville. Le docteur était assis, comme à son ordinaire, sur le divan de la pièce du fond, tenant son pied dans sa main, et paraissait plongé dans une méditation profonde.

Au bruit des pas du comte, le docteur releva la tête.

«Ah! c'est vous, mon cher Octave; j'allais passer chez vous; mais c'est bon signe quand le malade vient voir le médecin.

—Toujours Octave! dit le comte, je crois que j'en deviendrai fou de rage!» Puis, se croisant les bras, il se plaça devant le docteur, et, le regardant avec une fixité terrible:

«Vous savez bien, monsieur Balthazar Cherbonneau, que je ne suis pas Octave, mais le comte Olaf Labinski, puisque hier soir vous m'avez, ici même, volé ma peau au moyen de vos sorcelleries exotiques.»

A ces mots, le docteur partit d'un énorme éclat de rire, se renversa sur ses coussins, et se mit les poings au côté pour contenir les convulsions de sa gaieté.

«Modérez, docteur, cette joie intempestive dont vous pourriez vous repentir. Je parle sérieusement.

—Tant pis, tant pis! cela prouve que l'anesthésie et l'hypocondrie pour laquelle je vous soignais se tournent en démente. Il faudra changer le régime, voilà tout.

—Je ne sais à quoi tient, docteur du diable, que je ne vous étrangle de mes mains,» cria le comte en s'avançant vers Cherbonneau.

Le docteur sourit de la menace du comte, qu'il toucha du bout d'une petite baguette d'acier.—Olaf-de Saville reçut une commotion terrible et crut qu'il avait le bras cassé.

«Oh! nous avons les moyens de réduire les malades lorsqu'ils se regimbent, dit-il en laissant tomber sur lui ce regard froid comme une douche, qui dompte les fous et

fait s'aplatir les lions sur le ventre. Retournez chez vous, prenez un bain, cette surexcitation se calmera.»

Olaf-de Saville, étourdi par la secousse électrique, sortit de chez le docteur Cherbonneau plus incertain et plus troublé que jamais. Il se fit conduire à Passy chez le docteur B***, pour le consulter.

«Je suis, dit-il au médecin célèbre, en proie à une hallucination bizarre; lorsque je me regarde dans une glace, ma figure ne m'apparaît pas avec ses traits habituels; la forme des objets qui m'entourent est changée; je ne reconnais ni les murs ni les meubles de ma chambre; il me semble que je suis une autre personne que moi-même.

— Sous quel aspect vous voyez-vous? demanda le médecin; l'erreur peut venir des yeux ou du cerveau.

— Je me vois des cheveux noirs, des yeux bleu foncé, un visage pâle encadré de barbe.

— Un signalement de passe-port ne serait pas plus exact: il n'y a chez vous ni hallucination intellectuelle, ni perversion de la vue. Vous êtes, en effet, tel que vous dites.

— Mais non! J'ai réellement les cheveux blonds, les yeux noirs, le teint hâlé et une moustache effilée à la hongroise.

— Ici, répondit le médecin, commence une légère altération des facultés intellectuelles.

— Pourtant, docteur, je ne suis nullement fou.

—Sans doute. Il n'y a que les sages qui viennent chez moi tout seuls. Un peu de fatigue, quelque excès d'étude ou de plaisir aura causé ce trouble. Vous vous trompez; la vision est réelle, l'idée est chimérique: au lieu d'être un blond qui se voit brun, vous êtes un brun qui se croit blond.

—Pourtant je suis sûr d'être le comte Olaf de Labinski, et tout le monde depuis hier m'appelle Octave de Saville.

—C'est précisément ce que je disais, répondit le docteur. Vous êtes M. de Saville et vous vous imaginez être M. le comte Labinski, que je me souviens d'avoir vu, et qui, en effet, est blond.—Cela explique parfaitement comment vous vous trouvez une autre figure dans le miroir; cette figure, qui est la vôtre, ne répond point à votre idée intérieure et vous surprend.—Réfléchissez à ceci, que tout le monde vous nomme M. de Saville et par conséquent ne partage pas votre croyance. Venez passer une quinzaine de jours ici: les bains, le repos, les promenades sous les grands arbres dissiperont cette influence fâcheuse.»

Le comte baissa la tête et promit de revenir. Il ne savait plus que croire. Il retourna à l'appartement de la rue Saint-Lazare, et vit par hasard sur la table la carte d'invitation de la comtesse Labinska, qu'Octave avait montrée à M. Cherbonneau.

«Avec ce talisman, s'écria-t-il, demain je pourrai la voir!»

IX

Lorsque les valets eurent porté à sa voiture le vrai comte Labinski chassé de son paradis terrestre par le faux ange gardien debout sur le seuil, l'Octave transfiguré rentra dans le petit salon blanc et or pour attendre le loisir de la comtesse.

Appuyé contre le marbre blanc de la cheminée dont l'âtre était rempli de fleurs, il se voyait répété au fond de la glace placée en symétrie sur la console à pieds tarabiscotés et dorés. Quoiqu'il fût dans le secret de sa métamorphose, ou, pour parler plus exactement, de sa transposition, il avait peine à se persuader que cette image si différente de la sienne fût le double de sa propre figure, et il ne pouvait détacher ses yeux de ce fantôme étranger qui était cependant devenu lui. Il se regardait et voyait un autre. Involontairement il cherchait si le comte Olaf n'était pas accoudé près de lui à la tablette de la cheminée projetant sa réflexion au miroir; mais il était bien seul; le docteur Cherbonneau avait fait les choses en conscience.

Au bout de quelques minutes, Octave-Labinski ne songea plus au merveilleux avatar qui avait fait passer son âme dans le corps de l'époux de Prascovie; ses pensées prirent un cours plus conforme à sa situation. Cet événement incroyable, en dehors de toutes les possibilités, et que l'espérance la plus chimérique n'eût pas osé rêver en son délire, était arrivé! Il allait se trouver en présence de la belle créature adorée, et elle ne le repousserait pas! La seule combinaison qui pût concilier son bonheur avec l'immaculée vertu de la comtesse s'était réalisée!

Près de ce moment suprême, son âme éprouvait des transes et des anxiétés affreuses: les timidités du véritable amour la faisaient défaillir comme si elle habitait encore la forme dédaignée d'Octave de Saville.

L'entrée de la femme de chambre mit fin à ce tumulte de pensées qui se combattaient. A son approche il ne put maîtriser un soubresaut nerveux, et tout son sang afflua vers son cœur lorsqu'elle lui dit:

«Madame la comtesse peut à présent recevoir monsieur.»

Octave-Labinski suivit la femme de chambre, car il ne connaissait pas les êtres de l'hôtel, et ne voulait pas trahir son ignorance par l'incertitude de sa démarche.

La femme de chambre l'introduisit dans une pièce assez vaste, un cabinet de toilette orné de toutes les recherches

du luxe le plus délicat. Une suite d'armoires d'un bois précieux, sculptées par Knecht et Lienhart, et dont les battants étaient séparés par des colonnes torsées autour desquelles s'enroulaient en spirales de légères brindilles de convolvulus aux feuilles en cœur et aux fleurs en clochettes découpées avec un art infini, formait une espèce de boiserie architecturale, un portique d'ordre capricieux d'une élégance rare et d'une exécution achevée; dans ces armoires étaient serrés les robes de velours et de moire, les cachemires, les mantelets, les dentelles, les pelisses de martre-zibeline, de renard bleu, les chapeaux aux milles formes, tout l'attirail de la jolie femme.

En face se répétait le même motif, avec cette différence que les panneaux pleins étaient remplacés par des glaces jouant sur des charnières comme des feuilles de paravent, de façon à ce que l'on pût s'y voir de face, de profil, par derrière, et juger de l'effet d'un corsage ou d'une coiffure.

Sur la troisième face régnait une longue toilette plaquée d'albâtre-onyx, où des robinets d'argent dégorgeaient l'eau chaude et froide dans d'immenses jattes du Japon enchâssées par des découpures circulaires du même métal; des flacons en cristal de Bohême, qui, aux feux des bougies, étincelaient comme des diamants et des rubis, contenaient les essences et les parfums.

Les murailles et le plafond étaient capitonnés de satin vert d'eau, comme l'intérieur d'un écrin. Un épais tapis de Smyrne, aux teintes moelleusement assorties, ouatait le plancher.

Au milieu de la chambre, sur un socle de velours vert, était posé un grand coffre de forme bizarre, en acier de Khorassan ciselé, niellé et ramagé d'arabesques d'une complication à faire trouver simples les ornements de la salle des Ambassadeurs à l'Alhambra. L'art oriental semblait avoir dit son dernier mot dans ce travail merveilleux, auquel les doigts de fée des Péris avaient dû prendre part. C'était dans ce coffre que la comtesse Prascovie Labinska enfermait ses parures, des bijoux dignes d'une reine, et qu'elle ne mettait que fort rarement, trouvant avec raison qu'ils ne valaient pas la place qu'ils couvraient. Elle était trop belle pour avoir besoin d'être riche: son instinct de femme le lui disait. Aussi ne leur faisait-elle voir les lumières que dans les occasions solennelles où le faste héréditaire de l'antique maison Labinski devait paraître avec toute sa splendeur. Jamais diamants ne furent moins occupés.

Près de la fenêtre, dont les amples rideaux retombaient en plis puissants, devant une toilette à la duchesse, en face d'un miroir que lui penchaient deux anges sculptés par mademoiselle de Fauveau avec cette élégance longue et fluette

qui caractérise son talent, illuminée de la lumière blanche de deux torchères à six bougies, se tenait assise la comtesse Prascovie Labinska, radieuse de fraîcheur et de beauté. Un bournous de Tunis d'une finesse idéale, rubané de raies bleues et blanches alternativement opaques et transparentes, l'enveloppait comme un nuage souple; la légère étoffe avait glissé sur le tissu satiné des épaules et laissait voir la naissance et les attaches d'un col qui eût fait paraître gris le col de neige du cygne. Dans l'interstice des plis bouillonnaient les dentelles d'un peignoir de batiste, parure nocturne que ne retenait aucune ceinture; les cheveux de la comtesse étaient défaits et s'allongeaient derrière elle en nappes opulentes comme le manteau d'une impératrice.—Certes, les torsades d'or fluide dont la Vénus Aphrodite exprimait des perles, agenouillée dans sa conque de nacre, lorsqu'elle sortit comme une fleur des mers de l'azur ionien, étaient moins blondes, moins épaisses, moins lourdes! Mêlez l'ambre du Titien et l'argent de Paul Véronèse avec le vernis d'or de Rembrandt; faites passer le soleil à travers la topaze, et vous n'obtiendrez pas encore le ton merveilleux de cette opulente chevelure, qui semblait envoyer la lumière au lieu de la recevoir, et qui eût mérité mieux que celle de Bérénice de flamboyer, constellation nouvelle, parmi les anciens astres! Deux femmes la divisaient, la polissaient, la crespelaient et l'arrangeaient

en boucles soigneusement massées pour que le contact de l'oreiller ne la froissât pas.

Pendant cette opération délicate, la comtesse faisait danser au bout de son pied une babouche de velours blanc brodée de canetille d'or, petite à rendre jalouses les khanouns et les odalisques du Padischa. Parfois, rejetant les plis soyeux du bournous, elle découvrait son bras blanc, et repoussait de la main quelques cheveux échappés, avec un mouvement d'une grâce mutine.

Ainsi abandonnée dans sa pose nonchalante, elle rappelait ces sveltes figures de toilettes grecques qui ornent les vases antiques et dont aucun artiste n'a pu retrouver le pur et suave contour, la beauté jeune et légère; elle était mille fois plus séduisante encore que dans le jardin de la villa Salviati à Florence; et si Octave n'avait pas été déjà fou d'amour, il le serait infailliblement devenu; mais, par bonheur, on ne peut rien ajouter à l'infini.

Octave-Labinski sentit à cet aspect, comme s'il eût vu le spectacle le plus terrible, ses genoux s'entre-choquer et se dérober sous lui. Sa bouche se sécha, et l'angoisse lui étreignit la gorge comme la main d'un Thugg; des flammes rouges tourbillonnèrent autour de ses yeux. Cette beauté le médusait.

Il fit un effort de courage, se disant que ces manières éfarées et stupides, convenables à un amant repoussé, seraient

parfaitement ridicules de la part d'un mari, quelque épris qu'il pût être encore de sa femme, et il marcha assez résolument vers la comtesse.

«Ah! c'est vous, Olaf! comme vous rentrez tard ce soir!» dit la comtesse sans se retourner, car sa tête était maintenue par les longues nattes que tressaient ses femmes, et la dégageant des plis du bournous, elle lui tendit une de ses belles mains.

Octave-Labinski saisit cette main plus douce et plus fraîche qu'une fleur, la porta à ses lèvres et y imprima un long, un ardent baiser,—toute son âme se concentrait sur cette petite place.

Nous ne savons quelle délicatesse de sensitive, quel instinct de pudeur divine, quelle intuition irraisonnée du cœur avertit la comtesse: mais un nuage rose couvrit subitement sa figure, son col et ses bras, qui prirent cette teinte dont se colore sur les hautes montagnes la neige vierge surprise par le premier baiser du soleil. Elle tressaillit et dégagea lentement sa main, demi-fâchée, demi-honteuse; les lèvres d'Octave lui avaient produit comme une impression de fer rouge. Cependant elle se remit bientôt et sourit de son enfantillage.

«Vous ne me répondez pas, cher Olaf; savez-vous qu'il y a plus de six heures que je ne vous ai vu; vous me négligez, dit-elle d'un ton de reproche; autrefois vous ne m'auriez pas

abandonnée ainsi toute une longue soirée. Avez-vous pensé à moi seulement?

—Toujours, répondit Octave-Labinski.

—Oh! non, pas toujours; je sens quand vous pensez à moi, même de loin. Ce soir, par exemple, j'étais seule, assise à mon piano, jouant un morceau de Weber et berçant mon ennui de musique; votre âme a voltigé quelques minutes autour de moi dans le tourbillon sonore des notes; puis elle s'est envolée je ne sais où sur le dernier accord, et n'est pas revenue. Ne mentez pas, je suis sûre de ce que je dis.»

Prascovie, en effet, ne se trompait pas; c'était le moment où chez le docteur Balthazar Cherbonneau le comte Olaf Labinski se penchait sur le verre d'eau magique, évoquant une image adorée de toute la force d'une pensée fixe. A dater de là, le comte, submergé dans l'océan sans fond du sommeil magnétique, n'avait plus eu ni idée, ni sentiment, ni volition.

Les femmes, ayant achevé la toilette nocturne de la comtesse, se retirèrent; Octave-Labinski restait toujours debout, suivant Prascovie d'un regard enflammé.—Gênée et brûlée par ce regard, la comtesse s'enveloppa de son bournous comme la Polymnie de sa draperie. Sa tête seule apparaissait au-dessus des plis blancs et bleus, inquiète, mais charmante.

Bien qu'aucune pénétration humaine n'eût pu deviner le mystérieux déplacement d'âmes opéré par le docteur

Cherbonneau au moyen de la formule du Sannyâsi Brahmah-Logum, Prascovie ne reconnaissait pas, dans les yeux d'Octave-Labinski, l'expression ordinaire des yeux d'Olaf, celle d'un amour pur, calme, égal, éternel comme l'amour des anges;—une passion terrestre incendiait ce regard, qui la troublait et la faisait rougir.—Elle ne se rendait pas compte de ce qui s'était passé, mais il s'était passé quelque chose. Mille suppositions étranges lui traversèrent la pensée: n'était-elle plus pour Olaf qu'une femme vulgaire, désirée pour sa beauté comme une courtisane? l'accord sublime de leurs âmes avait-il été rompu par quelque dissonance qu'elle ignorait? Olaf en aimait-il une autre? les corruptions de Paris avaient-elles souillé ce chaste cœur? Elle se posa rapidement ces questions sans pouvoir y répondre d'une manière satisfaisante, et se dit qu'elle était folle; mais, au fond, elle sentait qu'elle avait raison. Une terreur secrète l'envahissait comme si elle eût été en présence d'un danger inconnu, mais deviné par cette seconde vue de l'âme, à laquelle on a toujours tort de ne pas obéir.

Elle se leva agitée et nerveuse et se dirigea vers la porte de sa chambre à coucher. Le faux comte l'accompagna, un bras sur la taille, comme Othello reconduit Desdemone à chaque sortie dans la pièce de Shakspeare; mais quand elle fut sur le seuil, elle se retourna, s'arrêta un instant, blanche et

froide comme une statue, jeta un coup d'œil effrayé au jeune homme, entra, ferma la porte vivement et poussa le verrou.

«Le regard d'Octave!» s'écria-t-elle en tombant à demi évanouie sur une causeuse. Quand elle eut repris ses sens, elle se dit: «Mais comment se fait-il que ce regard, dont je n'ai jamais oublié l'expression, étincelle ce soir dans les yeux d'Olaf? Comment en ai-je vu la flamme sombre et désespérée luire à travers les prunelles de mon mari? Octave est-il mort? Est-ce son âme qui a brillé un instant devant moi comme pour me dire adieu avant de quitter cette terre! Olaf! Olaf! si je me suis trompée, si j'ai cédé follement à de vaines terreurs, tu me pardonneras; mais si je t'avais accueilli ce soir, j'aurais cru me donner à un autre.»

La comtesse s'assura que le verrou était bien poussé, alluma la lampe suspendue au plafond, se blottit dans son lit comme un enfant peureux avec un sentiment d'angoisse indéfinissable, et ne s'endormit que vers le matin: des rêves incohérents et bizarres tourmentèrent son sommeil agité.— Des yeux ardents—les yeux d'Octave—se fixaient sur elle du fond d'un brouillard et lui lançaient des jets de feu, pendant qu'au pied de son lit une figure noire et sillonnée de rides se tenait accroupie, marmottant des syllabes d'une langue inconnue; le comte Olaf parut aussi dans ce rêve absurde, mais revêtu d'une forme qui n'était pas la sienne.

Nous n'essayerons pas de peindre le désappointement d'Octave lorsqu'il se trouva en face d'une porte fermée et qu'il entendit le grincement intérieur du verrou. Sa suprême espérance s'écroulait. Eh quoi! il avait eu recours à des moyens terribles, étranges; il s'était livré à un magicien, peut-être à un démon, en risquant sa vie dans ce monde et son âme dans l'autre pour conquérir une femme qui lui échappait, quoique livrée à lui sans défense par les sorcelleries de l'Inde. Repoussé comme amant, il l'était encore comme mari; l'invincible pureté de Prascovie déjouait les machinations les plus infernales. Sur le seuil de la chambre à coucher elle lui était apparue comme un ange blanc de Swedenborg foudroyant le mauvais esprit.

Il ne pouvait rester toute la nuit dans cette situation ridicule; il chercha l'appartement du comte, et au bout d'une enfilade de pièces il en vit une où s'élevait un lit aux colonnes d'ébène, aux rideaux de tapisserie, où parmi les ramages et les arabesques étaient brodés des blasons. Des panoplies d'armes orientales, des cuirasses et des casques de chevaliers atteints par le reflet d'une lampe, jetaient des lueurs vagues dans l'ombre; un cuir de Bohême gaufré d'or miroitait sur les murs. Trois ou quatre grands fauteuils sculptés, un bahut tout historié de figurines complétaient cet ameublement d'un goût féodal, et qui n'eût pas été déplacé dans la grande salle d'un

manoir gothique; ce n'était pas de la part du comte frivole imitation de la mode, mais pieux souvenir. Cette chambre reproduisait exactement celle qu'il habitait chez sa mère, et quoiqu'on l'eût souvent raillé—sur ce décor de cinquième acte—il avait toujours refusé d'en changer le style.

Octave-Labinski, épuisé de fatigues et d'émotions, se jeta sur le lit et s'endormit en maudissant le docteur Balthazar Cherbonneau. Heureusement, le jour lui apporta des idées plus riantes; il se promit de se conduire désormais d'une façon plus modérée, d'éteindre son regard, et de prendre les manières d'un mari; aidé par le valet de chambre du comte, il fit une toilette sérieuse et se rendit d'un pas tranquille dans la salle à manger, où madame la comtesse l'attendait pour déjeuner.

X

Octave-Labinski descendit sur les pas du valet de chambre, car il ignorait où se trouvait la salle à manger dans cette maison dont il paraissait le maître; la salle à manger était une vaste pièce au rez-de-chaussée donnant sur la cour, d'un style noble et sévère, qui tenait à la fois du manoir et de l'abbaye:—des boiseries de chêne brun d'un ton chaud et riche, divisées en panneaux et en compartiments symétriques, montaient jusqu'au plafond, où des poutres en saillie et sculptées formaient des caissons hexagones coloriés en bleu et ornés de légères arabesques d'or; dans les panneaux longs de la boiserie, Philippe Rousseau avait peint les quatre saisons symbolisées, non pas par des figures mythologiques, mais par des trophées de nature morte composés de productions se rapportant à chaque époque de l'année; des Chasses de Jadin faisaient pendant aux natures mortes de Ph. Rousseau, et au-dessus de chaque peinture rayonnait, comme un disque de bouclier, un immense plat de Bernard Palissy ou de Léonard de Limoges, de porcelaine

du Japon, de majolique ou de poterie arabe, au vernis irisé par toutes les couleurs du prisme; des massacres de cerfs, des cornes d'aurochs alternaient avec les faïences, et, aux deux bouts de la salle de grands dressoirs, hauts comme des retables d'églises espagnoles, élevaient leur architecture ouvragée et sculptée d'ornements à rivaliser avec les plus beaux ouvrages de Berruguete, de Cornejo Duque et de Verbruggen; sur leurs rayons à crémaillère brillaient confusément l'antique argenterie de la famille des Labinski, des aiguères aux anses chimériques, des salières à la vieille mode, des hanaps, des coupes, des pièces de surtout contournées par la bizarre fantaisie allemande, et dignes de tenir leur place dans le trésor de la Voûte-Verte de Dresde. En face des argenteries antiques étincelaient les produits merveilleux de l'orfèvrerie moderne, les chefs-d'œuvre de Wagner, de Duponchel, de Rudolphi, de Froment-Meurice; thés en vermeil à figurines de Feuchère et de Vechte, plateaux niellés, seaux à vin de Champagne aux anses de pampre, aux bacchanales en bas-relief; réchauds élégants comme des trépièdes de Pompéi: sans parler des cristaux de Bohême, des verreries de Venise, des services en vieux Saxe et en vieux Sèvres.

Des chaises de chêne garnies de maroquin vert étaient rangées le long des murs, et sur la table aux pieds sculptés en serre d'aigle, tombait du plafond une lumière égale et pure

tamisée par les verres blancs dépolis garnissant le caisson central laissé vide.—Une transparente guirlande de vigne encadrait ce panneau laiteux de ses feuillages verts.

Sur la table, servie à la russe, les fruits entourés d'un cordon de violettes étaient déjà posés, et les mets attendaient le couteau des convives sous leurs cloches de métal poli, luisantes comme des casques d'émirs; un samovar de Moscou lançait en sifflant son jet de vapeur; deux valets, en culotte courte et en cravate blanche, se tenaient immobiles et silencieux derrière les deux fauteuils, placés en face l'un de l'autre, pareils à deux statues de la domesticité.

Octave s'assimila tous ces détails d'un coup d'œil rapide pour n'être pas involontairement préoccupé par la nouveauté d'objets qui auraient dû lui être familiers.

Un glissement léger sur les dalles, un froufrou de taffetas lui fit retourner la tête. C'était la comtesse Prascovie Labinska qui approchait et qui s'assit après lui avoir fait un petit signe amical.

Elle portait un peignoir de soie quadrillée vert et blanc, garni d'une ruche de même étoffe découpée en dents de loup; ses cheveux massés en épais bandeaux sur les tempes, et roulés à la naissance de la nuque en une torsade d'or semblable à la volute d'un chapiteau ionien, lui composaient une coiffure aussi simple que noble, et à laquelle un statuaire

grec n'eût rien voulu changer; son teint de rose carnée était un peu pâli par l'émotion de la veille et le sommeil agité de la nuit; une imperceptible auréole nacrée entourait ses yeux ordinairement si calmes et si purs; elle avait l'air fatigué et languissant; mais, ainsi attendrie, sa beauté n'en était que plus pénétrante, elle prenait quelque chose d'humain; la déesse se faisait femme; l'ange, reployant ses ailes, cessait de planer.

Plus prudent cette fois, Octave voila la flamme de ses yeux et masqua sa muette extase d'un air indifférent.

La comtesse allongea son petit pied chaussé d'une pantoufle en peau mordorée, dans la laine soyeuse du tapis-gazon placé sous la table pour neutraliser le froid contact de la mosaïque de marbre blanc et de brocatelle de Vérone qui pavait la salle à manger, fit un léger mouvement d'épaules comme glacée par un dernier frisson de fièvre, et, fixant ses beaux yeux d'un bleu polaire sur le convive qu'elle prenait pour son mari, car le jour avait fait évanouir les pressentiments, les terreurs et les fantômes nocturnes, elle lui dit d'une voix harmonieuse et tendre, pleine de chastes câlineries, une phrase en polonais!!! Avec le comte elle se servait souvent de la chère langue maternelle aux moments de douceur et d'intimité, surtout en présence des domestiques français, à qui cet idiome était inconnu.

Le Parisien Octave savait le latin, l'italien, l'espagnol, quelques mots d'anglais; mais, comme tous les Gallo-Romains, il ignorait entièrement les langues slaves.—Les chevaux de frise de consonnes qui défendent les rares voyelles du polonais lui en eussent interdit l'approche quand bien même il eût voulu s'y frotter.—A Florence, la comtesse lui avait toujours parlé français ou italien, et la pensée d'apprendre l'idiome dans lequel Mickiewicz a presque égalé Byron ne lui était pas venue. On ne songe jamais à tout!

A l'audition de cette phrase il se passa dans la cervelle du comte, habitée par le *moi* d'Octave, un très-singulier phénomène: les sons étrangers au Parisien suivant les replis d'une oreille slave, arrivèrent à l'endroit habituel où l'âme d'Olaf les accueillait pour les traduire en pensées, et y évoquèrent une sorte de mémoire physique; leur sens apparut confusément à Octave; des mots enfouis dans les circonvolutions cérébrales, au fond des tiroirs secrets du souvenir, se présentèrent en bourdonnant, tout prêts à la réplique; mais ces réminiscences vagues, n'étant pas mises en communication avec l'esprit, se dissipèrent bientôt, et tout redevint opaque. L'embarras du pauvre amant était affreux; il n'avait pas songé à ces complications en gantant la peau du comte Olaf Labinski, et il comprit qu'en volant la forme d'un autre on s'exposait à de rudes déconvenues.

Prascovie, étonnée du silence d'Octave, et croyant que, distrait par quelque rêverie, il ne l'avait pas entendue, répéta sa phrase lentement et d'une voix plus haute.

S'il entendait mieux le son des mots, le faux comte n'en comprenait pas davantage la signification; il faisait des efforts désespérés pour deviner de quoi il pouvait s'agir; mais pour qui ne les sait pas, les compactes langues du Nord n'ont aucune transparence, et si un Français peut soupçonner ce que dit une Italienne, il sera comme sourd en écoutant parler une Polonaise.—Malgré lui, une rougeur ardente couvrit ses joues; il se mordit les lèvres, et, pour se donner une contenance, découpa rageusement le morceau placé sur son assiette.

«On dirait en vérité, mon cher seigneur, dit la comtesse, cette fois, en français, que vous ne m'entendez pas, ou que vous ne me comprenez point..»

—En effet, balbutia Octave-Labinski, ne sachant trop ce qu'il disait.. cette diable de langue est si difficile!

—Difficile! oui, peut-être pour des étrangers, mais pour celui qui l'a bégayée sur les genoux de sa mère, elle jaillit des lèvres comme le souffle de la vie, comme l'effluve même de la pensée.

—Oui, sans doute, mais il y a des moments où il me semble que je ne la sais plus.

—Que contez-vous là, Olaf? quoi! vous l'auriez oubliée, la langue de vos aïeux, la langue de la sainte patrie, la langue qui vous fait reconnaître vos frères parmi les hommes, et, ajouta-t-elle plus bas, la langue dans laquelle vous m'avez dit la première fois que vous m'aimiez!

—L'habitude de me servir d'un autre idiome...» hasarda Octave-Labinski à bout de raisons.

«Olaf, répliqua la comtesse d'un ton de reproche, je vois que Paris vous a gâté; j'avais raison de ne pas vouloir y venir. Qui m'eût dit que lorsque le noble comte Labinski retournerait dans ses terres, il ne saurait plus répondre aux félicitations de ses vassaux?»

Le charmant visage de Prascovie prit une expression douloureuse; pour la première fois la tristesse jeta son ombre sur ce front pur comme celui d'un ange; ce singulier oubli la froissait au plus tendre de l'âme, et lui paraissait presque une trahison.

Le reste du déjeuner se passa silencieusement: Prascovie boudait celui qu'elle prenait pour le comte. Octave était au supplice, car il craignait d'autres questions qu'il eût été forcé de laisser sans réponse.

La comtesse se leva et rentra dans ses appartements.

Octave, resté seul, jouait avec le manche d'un couteau qu'il avait envie de se planter au cœur, car sa position était

intolérable: il avait compté sur une surprise, et maintenant il se trouvait engagé dans les méandres sans issue pour lui d'une existence qu'il ne connaissait pas: en prenant son corps au comte Olaf Labinski, il eût fallu lui dérober aussi ses notions antérieures, les langues qu'il possédait, ses souvenirs d'enfance, les mille détails intimes qui composent le *moi* d'un homme, les rapports liant son existence aux autres existences: et pour cela tout le savoir du docteur Balthazar Cherbonneau n'eût pas suffi. Quelle rage! être dans ce paradis dont il osait à peine regarder le seuil de loin; habiter sous le même toit que Prascovie, la voir, lui parler, baiser sa belle main avec les lèvres mêmes de son mari, et ne pouvoir tromper sa pudeur céleste, et se trahir à chaque instant par quelque inexplicable stupidité! «Il était écrit là-haut que Prascovie ne m'aimerait jamais! Pourtant j'ai fait le plus grand sacrifice auquel puisse descendre l'orgueil humain: j'ai renoncé à mon *moi* et consenti à profiter sous une forme étrangère de caresses destinées à un autre!»

Il en était là de son monologue quand un groom s'inclina devant lui avec tous les signes du plus profond respect, en lui demandant quel cheval il monterait aujourd'hui...

Voyant qu'il ne répondait pas, le groom se hasarda, tout effrayé d'une telle hardiesse, à murmurer:

«Vultur ou Rustem? ils ne sont pas sortis depuis huit jours.

—Rustem,» répondit Octave-Labinski, comme il eût dit Vultur, mais le dernier nom s'était accroché à son esprit distrait.

Il s'habilla de cheval et partit pour le bois de Boulogne, voulant faire prendre un bain d'air à son exaltation nerveuse.

Rustem, bête magnifique de la race Nedji, qui portait sur son poitrail, dans un sacchet oriental de velours brodé d'or, ses titres de noblesse remontant aux premières années de l'hégire, n'avait pas besoin d'être excité. Il semblait comprendre la pensée de celui qui le montait, et dès qu'il eut quitté le pavé et pris la terre, il partit comme une flèche sans qu'Octave lui fît sentir l'éperon. Après deux heures d'une course furieuse, le cavalier et la bête rentrèrent à l'hôtel, l'un calmé, l'autre fumant et les naseaux rouges.

Le comte supposé entra chez la comtesse, qu'il trouva dans son salon, vêtue d'une robe de taffetas blanc à volants étagés jusqu'à la ceinture, un nœud de rubans au coin de l'oreille, car c'était précisément le jeudi,—le jour où elle restait chez elle et recevait ses visites.

«Eh bien, lui dit-elle avec un gracieux sourire, car la bouderie ne pouvait rester longtemps sur ses belles lèvres, avez-vous rattrapé votre mémoire en courant dans les allées du bois?

—Mon Dieu, non, ma chère, répondit Octave Labinski; mais il faut que je vous fasse une confidence.

—Ne connais-je pas d'avance toutes vos pensées? ne sommes-nous plus transparents l'un pour l'autre?

—Hier, je suis allé chez ce médecin dont on parle tant.

—Oui, le docteur Balthazar Cherbonneau, qui a fait un long séjour aux Indes et a, dit-on, appris des brahmes une foule de secrets plus merveilleux les uns que les autres.—Vous vouliez même m'emmener; mais je ne suis pas curieuse,—car je sais que vous m'aimez, et cette science me suffit.

—Il a fait devant moi des expériences si étranges, opéré de tels prodiges, que j'en ai l'esprit troublé encore. Cet homme bizarre, qui dispose d'un pouvoir irrésistible, m'a plongé dans un sommeil magnétique si profond, qu'à mon réveil je ne me suis plus trouvé les mêmes facultés: j'avais perdu la mémoire de bien des choses; le passé flottait dans un brouillard confus: seul, mon amour pour vous était demeuré intact.

—Vous avez eu tort, Olaf, de vous soumettre à l'influence de ce docteur. Dieu, qui a créé l'âme, a le droit d'y toucher; mais l'homme, en l'essayant, commet une action impie, dit d'un ton grave la comtesse Prascovie Labinska.—J'espère que vous n'y retournerez plus, et que, lorsque je vous dirai quelque chose d'aimable—en polonais,—vous me comprendrez comme autrefois.»

Octave, pendant sa promenade à cheval, avait imaginé cette excuse de magnétisme pour pallier les bévues qu'il ne

pouvait manquer d'entasser dans son existence nouvelle; mais il n'était pas au bout de ses peines.—Un domestique, ouvrant le battant de la porte, annonça un visiteur.

«M. Octave de Saville.»

Quoiqu'il dût s'attendre un jour ou l'autre à cette rencontre, le véritable Octave pâlit à ces simples mots comme si la trompette du jugement dernier lui eût brusquement éclaté à l'oreille. Il eut besoin de faire appel à tout son courage et de se dire qu'il avait l'avantage de la situation pour ne pas chanceler; instinctivement il enfonça ses doigts dans le dos d'une causeuse, et réussit ainsi à se maintenir debout avec une apparence ferme et tranquille.

Le comte Olaf, revêtu de l'apparence d'Octave, s'avança vers la comtesse qu'il salua profondément.

«M. le comte Labinski... M. Octave de Saville...» fit la comtesse Labinska en présentant les gentilshommes l'un à l'autre.

Les deux hommes se saluèrent froidement en se lançant des regards fauves à travers le masque de marbre de la politesse mondaine, qui recouvre parfois tant d'atroces passions.

«Vous m'avez tenu rigueur depuis Florence, monsieur Octave, dit la comtesse d'une voix amicale et familière, et j'avais peur de quitter Paris sans vous voir.—Vous étiez plus assidu à la villa Salviati, et vous comptiez alors parmi mes fidèles.

—Madame, répondit d'un ton contraint le faux Octave, j'ai voyagé, j'ai été souffrant, malade même, et, en recevant votre gracieuse invitation, je me suis demandé si j'en profiterais, car il ne faut pas être égoïste et abuser de l'indulgence qu'on veut bien avoir pour un ennuyeux.

—Ennuyé peut-être; ennuyeux, non, répliqua la comtesse; vous avez toujours été mélancolique,—mais un de vos poètes ne dit-il pas de la mélancolie:

Après l'oisiveté, c'est le meilleur des maux.

—C'est un bruit que font courir les gens heureux pour se dispenser de plaindre ceux qui souffrent, dit Olaf-de Saville.»

La comtesse jeta un regard d'une ineffable douceur sur le comte, enfermé dans la forme d'Octave, comme pour lui demander pardon de l'amour qu'elle lui avait involontairement inspiré.

«Vous me croyez plus frivole que je ne suis; toute douleur vraie a ma pitié, et, si je ne puis la soulager, j'y sais compatir.—Je vous aurais voulu heureux, cher monsieur Octave; mais pourquoi vous êtes vous cloîtré dans votre tristesse, refusant obstinément la vie qui venait à vous avec ses bonheurs, ses enchantements et ses devoirs? Pourquoi avez-vous refusé l'amitié que je vous offrais?»

Ces phrases si simples et si franches impressionnaient diversement les deux auditeurs.—Octave y entendait la

confirmation de la sentence prononcée au jardin Salviati, par cette belle bouche que jamais ne souilla le mensonge; Olaf y puisait une preuve de plus de l'inaltérable vertu de la femme, qui ne pouvait succomber que par un artifice diabolique. Aussi une rage subite s'empara de lui en voyant son spectre animé par une autre âme installé dans sa propre maison, et il s'élança à la gorge du faux comte.

«Voleur, brigand, scélérat, rends-moi ma peau!»

A cette action si extraordinaire, la comtesse se pendit à la sonnette, des laquais emportèrent le comte.

«Ce pauvre Octave est devenu fou!» dit Prascovie pendant qu'on emmenait Olaf, qui se débattait vainement.

«Oui, répondit le véritable Octave, fou d'amour! Comtesse, vous êtes décidément trop belle!»

XI

Deux heures après cette scène, le faux comte reçut du vrai une lettre fermée avec le cachet d'Octave de Saville,—le malheureux dépossédé n'en avait pas d'autres à sa disposition. Cela produisit un effet bizarre à l'usurpateur de l'entité d'Olaf Labinski de décacheter une missive scellée de ses armes, mais tout devait être singulier dans cette position anormale.

La lettre contenait les lignes suivantes, tracées d'une main contrainte et d'une écriture qui semblait contrefaite, car Olaf n'avait pas l'habitude d'écrire avec les doigts d'Octave:

«Lue par tout autre que par vous, cette lettre paraîtrait datée des Petites-Maisons, mais vous me comprendrez. Un concours inexplicable de circonstances fatales, qui ne se sont peut-être jamais produites depuis que la terre tourne autour du soleil, me force à une action que nul homme n'a faite. Je m'écris à moi-même et mets sur cette adresse un nom qui est le mien, un nom que vous m'avez volé avec ma personne. De quelles machinations ténébreuses suis-je

victime, dans quel cercle d'illusions infernales ai-je mis le pied, je l'ignore;—vous le savez, sans doute. Ce secret, si vous n'êtes point un lâche, le canon de mon pistolet ou la pointe de mon épée vous le demandera sur un terrain où tout homme honorable ou infâme répond aux questions qu'on lui pose; il faut que demain l'un de nous ait cessé de voir la lumière du ciel. Ce large univers est maintenant trop étroit pour nous deux:—je tuerai mon corps habité par votre esprit imposteur ou vous tuerez le vôtre, où mon âme s'indigne d'être emprisonnée.—N'essayez pas de me faire passer pour fou,—j'aurai le courage d'être raisonnable, et, partout où je vous rencontrerai, je vous insulterais avec une politesse de gentilhomme, avec un sang-froid de diplomate; les moustaches de M. le comte Olaf Labinski peuvent déplaire à M. Octave de Saville, et tous les jours on se marche sur le pied à la sortie de l'Opéra, mais j'espère que mes phrases, bien qu'obscures, n'auront aucune ambiguïté pour vous, et que mes témoins s'entendront parfaitement avec les vôtres pour l'heure, le lieu et les conditions du combat.»

Cette lettre jeta Octave dans une grande perplexité. Il ne pouvait refuser le cartel du comte, et cependant il lui répugnait de se battre avec lui-même, car il avait gardé pour son ancienne enveloppe une certaine tendresse. L'idée d'être obligé à ce combat par quelque outrage éclatant le fit se décider pour

l'acceptation, quoique, à la rigueur, il pût mettre à son adversaire la camisole de force de la folie et lui arrêter ainsi le bras, mais ce moyen violent répugnait à sa délicatesse. Si, entraîné par une passion inéluctable, il avait commis un acte répréhensible et caché l'amant sous le masque de l'époux pour triompher d'une vertu au-dessus de toutes les séductions, il n'était pas pourtant un homme sans honneur et sans courage; ce parti extrême, il ne l'avait d'ailleurs pris qu'après trois ans de luttes et de souffrances, au moment où sa vie, consumée par l'amour, allait lui échapper. Il ne connaissait pas le comte; il n'était pas son ami; il ne lui devait rien, et il avait profité du moyen hasardeux que lui offrait le docteur Balthazar Cherbonneau.

Où prendre des témoins? sans doute parmi les amis du comte; mais Octave, depuis un jour qu'il habitait l'hôtel, n'avait pu se lier avec eux.

Sur la cheminée s'arrondissaient deux coupes de céladon craquelé, dont les anses étaient formées par des dragons d'or. L'une contenait des bagues, des épingles, des cachets et autres menus bijoux;—l'autre des cartes de visite où, sous des couronnes de duc, de marquis, de comte, en gothique, en ronde, en anglaise, étaient inscrits par des graveurs habiles une foule de noms polonais, russes, hongrois, allemands, italiens, espagnols, attestant l'existence voyageuse du comte, qui avait des amis dans tous les pays.

Octave en prit deux au hasard: le comte Zamoieczki et le marquis de Sepulveda.—Il ordonna d'atteler et se fit conduire chez eux. Il les trouva l'un et l'autre. Ils ne parurent pas surpris de la requête de celui qu'ils prenaient pour le comte Olaf Labinski.—Totement dénués de la sensibilité des témoins bourgeois, ils ne demandèrent pas si l'affaire pouvait s'arranger et gardèrent un silence de bon goût sur le motif de la querelle, en parfaits gentilshommes qu'ils étaient.

De son côté, le comte véritable, ou, si vous l'aimez mieux, le faux Octave, était en proie à un embarras pareil; il se souvint d'Alfred Humbert et de Gustave Raimbault, au déjeuner duquel il avait refusé d'assister, et il les décida à le servir en cette rencontre.—Les deux jeunes gens marquèrent quelque étonnement de voir engager dans un duel leur ami, qui depuis un an n'avait presque pas quitté sa chambre, et dont ils savaient l'humeur plus pacifique que batailleuse; mais, lorsqu'il leur eut dit qu'il s'agissait d'un combat à mort pour un motif qui ne devait pas être révélé, ils ne firent plus d'objections et se rendirent à l'hôtel Labinski.

Les conditions furent bientôt réglées. Une pièce d'or jetée en l'air décida de l'arme, les adversaires ayant déclaré que l'épée ou le pistolet leur convenait également. On devait se rendre au bois de Boulogne à six heures du matin dans l'avenue des Poteaux, près de ce toit de chaume soutenu par

des piliers rustiques, à cette place libre d'arbres où le sable tassé présente une arène propre à ces sortes de combats.

Lorsque tout fut convenu, il était près de minuit, et Octave se dirigea vers la porte de l'appartement de Prascovie. Le verrou était tiré comme la veille, et la voix moqueuse de la comtesse lui jeta cette raillerie à travers la porte:

«Revenez quand vous saurez le polonais, je suis trop patriote pour recevoir un étranger chez moi.»

Le matin, le docteur Cherbonneau, qu'Octave avait prévenu, arriva portant une trousse d'instruments de chirurgie et un paquet de bandelettes.—Ils montèrent ensemble en voiture. MM. Zamoieczki et de Sepulveda suivaient dans leur coupé.

«Eh bien, mon cher Octave, dit le docteur, l'aventure tourne donc déjà au tragique? J'aurais dû laisser dormir le comte dans votre corps une huitaine de jours sur mon divan. J'ai prolongé au delà de cette limite des sommeils magnétiques. Mais on a beau avoir étudié la sagesse chez les brahmes, les pandits et les sannîâsys de l'Inde, on oublie toujours quelque chose, et il se trouve des imperfections au plan le mieux combiné. Mais comment la comtesse Prascovie a-t-elle accueilli son amoureux de Florence ainsi déguisé?

—Je crois, répondit Octave, qu'elle m'a reconnu malgré ma métamorphose, ou bien c'est son ange gardien qui lui a

soufflé à l'oreille de se méfier de moi; je l'ai trouvée aussi chaste, aussi froide, aussi pure que la neige du pôle. Sous une forme aimée, son âme exquise devinait sans doute une âme étrangère.—Je vous disais bien que vous ne pouviez rien pour moi; je suis plus malheureux encore que lorsque vous m'avez fait votre première visite.

—Qui pourrait assigner une borne aux facultés de l'âme, dit le docteur Balthazar Cherbonneau d'un air pensif, surtout lorsqu'elle n'est altérée par aucune pensée terrestre, souillée par aucun limon humain, et se maintient telle qu'elle est sortie des mains du Créateur dans la lumière, la contemplation de l'amour?—Oui, vous avez raison, elle vous a reconnu; son angélique pudeur a frissonné sous le regard du désir et, par instinct, s'est voilée de ses ailes blanches. Je vous plains, mon pauvre Octave! votre mal est en effet irrémédiable.—Si nous étions au moyen âge, je vous dirais: Entrez dans un cloître.

—J'y ai souvent pensé,» répondit Octave.

On était arrivé.—Le coupé du faux Octave stationnait déjà à l'endroit désigné.

Le bois présentait à cette heure matinale un aspect véritablement pittoresque que la fashion lui fait perdre dans la journée: l'on était à ce point de l'été où le soleil n'a pas encore eu le temps d'assombrir le vert du feuillage; des teintes fraîches, transparentes, lavées par la rosée de la nuit, nuançaient les

massifs, et il s'en dégagait un parfum de jeune végétation. Les arbres, à cet endroit, sont particulièrement beaux, soit qu'ils aient rencontré un terrain plus favorable, soit qu'ils survivent seuls d'une plantation ancienne, leurs troncs vigoureux, plaqués de mousse ou satinés d'une écorce d'argent, s'agrafent au sol par des racines noueuses, projettent des branches aux coudes bizarres, et pourraient servir de modèles aux études des peintres et des décorateurs qui vont bien loin en chercher de moins remarquables. Quelques oiseaux que les bruits du jour font taire pépiaient gaiement sous la feuillée; un lapin furtif traversait en trois bonds le sable de l'allée et courait se cacher dans l'herbe, effrayé du bruit des roues.

Ces poésies de la nature surprise en déshabillé occupaient peu, comme vous le pensez, les deux adversaires et leurs témoins.

La vue du docteur Cherbonneau fit une impression désagréable sur le comte Olaf Labinski; mais il se remit bien vite.

L'on mesura les épées, l'on assigna les places aux combattants, qui, après avoir mis habit bas, tombèrent en garde pointe contre pointe.

Les témoins crièrent: «Allez!»

Dans tout duel, quel que soit l'acharnement des adversaires, il y a un moment d'immobilité solennelle; chaque

combattant étudie son ennemi en silence et fait son plan, méditant l'attaque et se préparant à la riposte; puis les épées se cherchent, s'agacent, se tâtent pour ainsi dire sans se quitter: cela dure quelques secondes, qui paraissent des minutes, des heures, à l'anxiété des assistants.

Ici, les conditions du duel, en apparence ordinaires pour les spectateurs, étaient si étranges pour les combattants, qu'ils restèrent ainsi en garde plus longtemps que de coutume. En effet, chacun avait devant soi son propre corps et devait enfoncer l'acier dans une chair qui lui appartenait encore la veille.—Le combat se compliquait d'une sorte de suicide non prévue, et, quoique braves tous deux, Octave et le comte éprouvaient une instinctive horreur à se trouver l'épée à la main en face de leurs fantômes et prêts à fondre sur eux-mêmes.

Les témoins impatientés allaient crier encore une fois: «Messieurs, mais allez donc!» lorsque les fers se froissèrent enfin sur leurs carres.

Quelques attaques furent parées avec prestesse de part et d'autre.

Le comte, grâce à son éducation militaire, était un habile tireur; il avait moucheté le plastron des maîtres les plus célèbres; mais, s'il possédait toujours la théorie, il n'avait plus pour l'exécution ce bras nerveux habitué à tailler des

croupières aux Mourides de Schamyl; c'était le faible poignet d'Octave qui tenait son épée.

Au contraire, Octave, dans le corps du comte, se trouvait une vigueur inconnue, et, quoique moins savant, il écartait toujours de sa poitrine le fer qui la cherchait.

Vainement Olaf s'efforçait d'atteindre son adversaire et risquait des bottes hasardeuses. Octave, plus froid et plus ferme, déjouait toutes les feintes.

La colère commençait à s'emparer du comte, dont le jeu devenait nerveux et désordonné. Quitte à rester Octave de Saville, il voulait tuer ce corps imposteur qui pouvait tromper Prascovie, pensée qui le jetait en d'inexprimables rages.

Au risque de se faire transpercer, il essaya un coup droit pour arriver, à travers son propre corps, à l'âme et à la vie de son rival; mais l'épée d'Octave se lia autour de la sienne avec un mouvement si preste, si sec, si irrésistible, que le fer, arraché de son poing, jaillit en l'air et alla tomber quelques pas plus loin.

La vie d'Olaf était à la discrétion d'Octave: il n'avait qu'à se fendre pour le percer de part en part.—La figure du comte se crispa, non qu'il eût peur de la mort, mais il pensait qu'il allait laisser sa femme à ce voleur de corps, que rien désormais ne pourrait démasquer.

Octave, loin de profiter de son avantage, jeta son épée, et, faisant signe aux témoins de ne pas intervenir, marcha vers le comte stupéfait, qu'il prit par le bras et qu'il entraîna dans l'épaisseur du bois.

«Que me voulez-vous? dit le comte. Pourquoi ne pas me tuer lorsque vous pouvez le faire? Pourquoi ne pas continuer le combat, après m'avoir laissé reprendre mon épée, s'il vous répugnait de frapper un homme sans armes? Vous savez bien que le soleil ne doit pas projeter ensemble nos deux ombres sur le sable, et qu'il faut que la terre absorbe l'un de nous.

—Écoutez-moi patiemment, répondit Octave. Votre bonheur est entre mes mains. Je puis garder toujours ce corps où je loge aujourd'hui et qui vous appartient en propriété légitime: je me plais à le reconnaître maintenant qu'il n'y a pas de témoins près de nous, et que les oiseaux seuls, qui n'iront pas le redire, peuvent nous entendre; si nous recommençons le duel, je vous tuerai. Le comte Olaf Labinski, que je représente du moins mal que je peux, est plus fort à l'escrime qu'Octave de Saville, dont vous avez maintenant la figure, et que je serai forcé, bien à regret, de supprimer; et cette mort, quoique non réelle, puisque mon âme y survivrait, désolerait ma mère.»

Le comte, reconnaissant la vérité de ces observations, garda un silence qui ressemblait à une sorte d'acquiescement.

«Jamais, continua Octave, vous ne parviendrez, si je m’y oppose, à vous réintégrer dans votre individualité; vous voyez à quoi ont abouti vos deux essais. D’autres tentatives vous feraient prendre pour un monomane. Personne ne croira un mot de vos allégations, et, lorsque vous prétendrez être le comte Olaf Labinski, tout le monde vous éclatera de rire au nez, comme vous avez déjà pu vous en convaincre. On vous enfermera, et vous passerez le reste de votre vie à protester sous les douches que vous êtes effectivement l’époux de la belle comtesse Prascovie Labinska. Les âmes compatissantes diront en vous entendant: Ce pauvre Octave! Vous serez méconnu comme le Chabert de Balzac, qui voulait prouver qu’il n’était pas mort.»

Cela était si mathématiquement vrai, que le comte abattu laissa tomber sa tête sur sa poitrine.

«Puisque vous êtes pour le moment Octave de Saville, vous avez sans doute fouillé ses tiroirs, feuilleté ses papiers; et vous n’ignorez pas qu’il nourrit depuis trois ans pour la comtesse Prascovie Labinska un amour éperdu, sans espoir, qu’il a vainement tenté de s’arracher du cœur et qui ne s’en ira qu’avec sa vie, s’il ne le suit pas encore dans la tombe.

—Oui, je le sais, fit le comte en se mordant les lèvres.

—Eh bien, pour parvenir à elle j’ai employé un moyen horrible, effrayant, et qu’une passion délirante pouvait seule

risquer; le docteur Cherbonneau a tenté pour moi une œuvre à faire reculer les thaumaturges de tous les pays et de tous les siècles. Après nous avoir tous deux plongés dans le sommeil, il a fait magnétiquement changer nos âmes d'enveloppe. Miracle inutile! Je vais vous rendre votre corps: Prascovie ne m'aime pas! Dans la forme de l'époux elle a reconnu l'âme de l'amant; son regard s'est glacé sur le seuil de la chambre conjugale comme au jardin de la villa Salviati.»

Un chagrin si vrai se trahissait dans l'accent d'Octave, que le comte ajouta foi à ses paroles.

«Je suis un amoureux, ajouta Octave en souriant, et non pas un voleur; et, puisque le seul bien que j'aie désiré sur cette terre ne peut m'appartenir, je ne vois pas pourquoi je garderai vos titres, vos châteaux, vos terres, votre argent, vos chevaux, vos armes.—Allons, donnez-moi le bras, ayons l'air réconciliés, remercions nos témoins, prenons avec nous le docteur Cherbonneau, et retournons au laboratoire magique d'où nous sommes sortis transfigurés; le vieux brahme saura bien défaire ce qu'il a fait.»

«Messieurs, dit Octave, soutenant pour quelques minutes encore le rôle du comte Olaf Labinski, nous avons échangé, mon adversaire et moi, des explications confidentielles qui rendent la continuation du combat inutile. Rien n'éclaircit les idées entre honnêtes gens comme de froisser un peu le fer.»

MM. Zamoieczki et Sepulveda remontèrent dans leur voiture. Alfred Humbert et Gustave Raimbaud regagnèrent leur coupé.—Le comte Olaf Labinski, Octave de Saville et le docteur Balthazar se dirigèrent grand train vers la rue du Regard.

XII

Pendant le trajet du bois de Boulogne à la rue du Regard, Octave de Saville dit au docteur Cherbonneau:

«Mon cher docteur, je vais mettre encore une fois votre science à l'épreuve: il faut réintégrer nos âmes chacune dans son domicile habituel.—Cela ne doit pas vous être difficile; j'espère que M. le comte Labinski ne vous en voudra pas pour lui avoir fait changer un palais contre une chaumière et loger quelques heures sa personnalité brillante dans mon pauvre individu. Vous possédez d'ailleurs une puissance à ne craindre aucune vengeance.»

Après avoir fait un signe d'acquiescement, le docteur Balthazar Cherbonneau dit: «L'opération sera beaucoup plus simple cette fois-ci que l'autre; les imperceptibles filaments qui retiennent l'âme au corps ont été brisés récemment chez vous et n'ont pas eu le temps de se renouer, et vos volontés ne feront pas cet obstacle qu'oppose au magnétiseur la résistance instinctive du magnétisé. M. le comte pardonnera sans doute à un vieux savant comme moi de n'avoir pu

résister au plaisir de pratiquer une expérience pour laquelle on ne trouve pas beaucoup de sujets, puisque cette tentative n'a servi d'ailleurs qu'à confirmer avec éclat une vertu qui pousse la délicatesse jusqu'à la divination, et triomphe là où toute autre eût succombé. Vous regarderez, si vous voulez, comme un rêve bizarre cette transformation passagère, et peut-être plus tard ne serez-vous pas fâché d'avoir éprouvé cette sensation étrange que très-peu d'hommes ont connue, celle d'avoir habité deux corps.—La métempsychose n'est pas une doctrine nouvelle; mais, avant de transmigrer dans une autre existence, les âmes boivent la coupe d'oubli, et tout le monde ne peut pas, comme Pythagore, se souvenir d'avoir assisté à la guerre de Troie.

—Le bienfait de me réinstaller dans mon individualité, répondit poliment le comte, équivaut au désagrément d'en avoir été exproprié, cela soit dit sans aucune mauvaise intention pour M. Octave de Saville que je suis encore et que je vais cesser d'être.»

Octave sourit avec les lèvres du comte Labinski à cette phrase, qui n'arrivait à son adresse qu'à travers une enveloppe étrangère, et le silence s'établit entre ces trois personnages, à qui leur situation anormale rendait toute conversation difficile.

Le pauvre Octave songeait à son espoir évanoui, et ses pensées n'étaient pas, il faut l'avouer, précisément couleur de

rose. Comme tous les amants rebutés, il se demandait encore pourquoi il n'était pas aimé—comme si l'amour avait un pourquoi! la seule raison qu'on en puisse donner est le *parce que*, réponse logique dans son laconisme entêté, que les femmes opposent à toutes les questions embarrassantes. Cependant il se reconnaissait vaincu et sentait que le ressort de la vie, retendu chez lui un instant par le docteur Cherbonneau, était de nouveau brisé et bruissait dans son cœur comme celui d'une montre qu'on a laissée tomber à terre. Octave n'aurait pas voulu causer à sa mère le chagrin de son suicide, et il cherchait un endroit où s'éteindre silencieusement de son chagrin inconnu sous le nom scientifique d'une maladie plausible. S'il eût été peintre, poète ou musicien, il aurait cristallisé sa douleur en chefs-d'œuvre, et Prascovie vêtue de blanc, couronnée d'étoiles, pareille à la Béatrice de Dante, aurait plané sur son inspiration comme un ange lumineux; mais, nous l'avons dit en commençant cette histoire, bien qu'instruit et distingué, Octave n'était pas un de ces esprits d'élite qui impriment sur ce monde la trace de leur passage. Ame obscurément sublime, il ne savait qu'aimer et mourir.

La voiture entra dans la cour du vieil hôtel de la rue du Regard, cour au pavé serti d'herbe verte où les pas des visiteurs avaient frayé un chemin et que les hautes murailles grises des constructions inondaient d'ombres froides comme

celles qui tombent des arcades d'un cloître: le Silence et l'Immobilité veillaient sur le seuil comme deux statues invisibles pour protéger la méditation du savant.

Octave et le comte descendirent, et le docteur franchit le marchepied d'un pas plus leste qu'on n'aurait pu l'attendre de son âge et sans s'appuyer au bras que le valet de pied lui présentait avec cette politesse que les laquais de grande maison affectent pour les personnes faibles ou âgées.

Dès que les doubles portes se furent refermées sur eux, Olaf et Octave se sentirent enveloppés par cette chaude atmosphère qui rappelait au docteur celle de l'Inde et où seulement il pouvait respirer à l'aise, mais qui suffoquait presque les gens qui n'avaient pas été comme lui torréfiés trente ans aux soleils tropicaux. Les incarnations de Wishnou grimaçaient toujours dans leurs cadres, plus bizarres au jour qu'à la lumière; Shiva, le dieu bleu, ricanait sur son socle, et Dourga, mordant sa lèvre calleuse de ses dents de sanglier, semblait agiter son chapelet de crânes. Le logis gardait son impression mystérieuse et magique.

Le docteur Balthazar Cherbonneau conduisit ses deux sujets dans la pièce où s'était opérée la première transformation; il fit tourner le disque de verre de la machine électrique, agita les tiges de fer du baquet mesmérien, ouvrit les bouches de chaleur de façon à faire monter rapidement

la température, lut deux ou trois lignes sur des papyrus si anciens qu'ils ressemblaient à de vieilles écorces prêtes à tomber en poussière, et, lorsque quelques minutes furent écoulées, il dit à Octave et au comte:

«Messieurs, je suis à vous; voulez-vous que nous commençons?»

Pendant que le docteur se livrait à ces préparatifs, des réflexions inquiétantes passaient par la tête du comte.

«Lorsque je serai endormi, que va faire de mon âme ce vieux magicien à figure de macaque qui pourrait bien être le diable en personne?—La restituera-t-il à mon corps ou l'emportera-t-il en enfer avec lui? Cet échange qui doit me rendre mon bien n'est-il qu'un nouveau piège, une combinaison machiavélique pour quelque sorcellerie dont le but m'échappe? Pourtant, ma position ne saurait guère empirer. Octave possède mon corps, et, comme il le disait très-bien ce matin, en le réclamant sous ma figure actuelle je me ferais enfermer comme fou. S'il avait voulu se débarrasser définitivement de moi, il n'avait qu'à pousser la pointe de son épée; j'étais désarmé, à sa merci; la justice des hommes n'avait rien à y voir; les formes du duel étaient parfaitement régulières et tout s'était passé selon l'usage.—Allons! pensons à Prascovie, et pas de terreur infantine! Essayons du seul moyen qui me reste de la reconquérir!»

Et il prit comme Octave la tige de fer que le docteur Balthazar Cherbonneau lui présentait.

Fulgurés par les conducteurs de métal chargés à outrance de fluide magnétique, les deux jeunes gens tombèrent bientôt dans un anéantissement si profond qu'il eût ressemblé à la mort pour toute personne non prévenue: le docteur fit les passes, accomplit les rites, prononça les syllabes comme la première fois, et bientôt deux petites étincelles apparurent au-dessus d'Octave et du comte avec un tremblement lumineux; le docteur reconduisit à sa demeure primitive l'âme du comte Olaf Labinski, qui suivit d'un vol empressé le geste du magnétiseur.

Pendant ce temps, l'âme d'Octave s'éloignait lentement du corps d'Olaf, et, au lieu de rejoindre le sien, s'élevait, s'élevait comme toute joyeuse d'être libre, et ne paraissait pas se soucier de rentrer dans sa prison. Le docteur se sentit pris de pitié pour cette Psyché qui palpait des ailes, et se demanda si c'était un bienfait de la ramener vers cette vallée de misère. Pendant cette minute d'hésitation, l'âme montait toujours. Se rappelant son rôle, M. Cherbonneau répéta de l'accent le plus impérieux l'irrésistible monosyllabe et fit une passe fulgurante de volonté; la petite lueur tremblotante était déjà hors du cercle d'attraction, et, traversant la vitre supérieure de la croisée, elle disparut.

Le docteur cessa des efforts qu'il savait superflus et réveilla le comte, qui, en se voyant dans un miroir avec ses traits habituels, poussa un cri de joie, jeta un coup d'œil sur le corps toujours immobile d'Octave comme pour se prouver qu'il était bien définitivement débarrassé de cette enveloppe, et s'élança dehors, après avoir salué de la main M. Balthazar Cherbonneau.

Quelques instants après, le roulement sourd d'une voiture sous la voûte se fit entendre, et le docteur Balthazar Cherbonneau resta seul face à face avec le cadavre d'Octave de Saville.

«Par la trompe de Ganésa! s'écria l'élève du brahme d'Elephanta lorsque le comte fut parti, voilà une fâcheuse affaire; j'ai ouvert la porte de la cage, l'oiseau s'est envolé, et le voilà déjà hors de la sphère de ce monde, si loin que le sannyâsi Brahma-Logum lui-même ne le rattraperait pas; je reste avec un corps sur les bras. Je puis bien le dissoudre dans un bain corrosif si énergique qu'il n'en resterait pas un atome appréciable, ou en faire en quelques heures une momie de Pharaon pareille à celles qu'enferment ces boîtes bariolées d'hiéroglyphes; mais on commencerait des enquêtes, on fouillerait mon logis, on ouvrirait mes caisses, on me ferait subir toutes sortes d'interrogatoires ennuyeux...»

Ici, une idée lumineuse traversa l'esprit du docteur; il saisit une plume et traça rapidement quelques lignes sur une feuille de papier qu'il serra dans le tiroir de sa table.

Le papier contenait ces mots:

«N'ayant ni parents, ni collatéraux, je lègue tous mes biens à M. Octave de Saville, pour qui j'ai une affection particulière,—à la charge de payer un legs de cent mille francs à l'hôpital brahminique de Ceylan, pour les animaux vieux, fatigués ou malades, de servir douze cents francs de rente viagère à mon domestique indien et à mon domestique anglais, et de remettre à la bibliothèque Mazarine le manuscrit des lois de Manou.»

Ce testament fait à un mort par un vivant n'est pas une des choses les moins bizarres de ce conte invraisemblable et pourtant réel; mais cette singularité va s'expliquer sur-le-champ.

Le docteur toucha le corps d'Octave de Saville, que la chaleur de la vie n'avait pas encore abandonné, regarda dans la glace son visage ridé, tanné et rugueux comme une peau de chagrin, d'un air singulièrement dédaigneux, et faisant sur lui le geste avec lequel on jette un vieil habit lorsque le tailleur vous en apporte un neuf, il murmura la formule du sannyâsi Brahma-Logum.

Aussitôt le corps du docteur Balthazar Cherbonneau roula comme foudroyé sur le tapis, et celui d'Octave de Saville se redressa fort, alerte et vivace.

Octave-Cherbonneau se tint debout quelques minutes devant cette dépouille maigre, osseuse et livide qui, n'étant plus soutenue par l'âme puissante qui la vivifiait tout à l'heure,

offrit presque aussitôt les signes de la plus extrême sénilité, et prit rapidement une apparence cadavéreuse.

«Adieu, pauvre lambeau humain, misérable guenille percée au coude, élimée sur toutes les coutures, que j'ai traînée soixante-dix ans dans les cinq parties du monde! tu m'as fait un assez bon service, et je ne te quitte pas sans quelque regret. On s'habitue l'un et l'autre à vivre si longtemps ensemble! mais avec cette jeune enveloppe, que ma science aura bientôt rendue robuste, je pourrai étudier, travailler, lire encore quelques mots du grand livre, sans que la mort le ferme au paragraphe le plus intéressant en disant: «C'est assez!»

Cette oraison funèbre adressée à lui-même, Octave-Cherbonneau sortit d'un pas tranquille pour aller prendre possession de sa nouvelle existence.

Le comte Olaf Labinski était retourné à son hôtel et avait fait demander tout de suite si la comtesse pouvait le recevoir.

Il la trouva assise sur un banc de mousse, dans la serre, dont les panneaux de cristal relevés à demi laissaient passer un air tiède et lumineux, au milieu d'une véritable forêt vierge de plantes exotiques et tropicales; elle lisait Novalis, un des auteurs les plus subtils, les plus raréfiés, les plus immatériels qu'ait produits le spiritualisme allemand;

la comtesse n'aimait pas les livres qui peignent la vie avec des couleurs réelles et fortes,—et la vie lui paraissait un peu grossière à force d'avoir vécu dans un monde d'élégance, d'amour et de poésie.

Elle jeta son livre et leva lentement les yeux vers le comte. Elle craignait de rencontrer encore dans les prunelles noires de son mari ce regard ardent, orageux, chargé de pensées mystérieuses, qui l'avait si péniblement troublée et qui lui semblait—appréhension folle, idée extravagante,—le regard d'un autre!

Dans les yeux d'Olaf éclatait une joie sereine, brûlait d'un feu égal un amour chaste et pur; l'âme étrangère qui avait changé l'expression de ses traits s'était envolée pour toujours: Prascovie reconnut aussitôt son Olaf adoré, et une rapide rougeur de plaisir nuança ses joues transparentes.—Quoiqu'elle ignorât les transformations opérées par le docteur Cherbonneau, sa délicatesse de sensitive avait pressenti tous ces changements sans pourtant qu'elle s'en rendît compte.

«Que lisiez-vous là, chère Prascovie? dit Olaf en ramassant sur la mousse le livre relié de maroquin bleu.—Ah! l'histoire de Henri d'Ofterdingen,—c'est le même volume que je suis allé vous chercher à franc étrier à Mohilev,—un jour que vous aviez manifesté à table le désir de l'avoir. A

minuit il était sur votre guéridon, à côté de votre lampe; mais aussi Ralph en est resté poussif!

—Et je vous ai dit que jamais plus je ne manifesterai la moindre fantaisie devant vous. Vous êtes du caractère de ce grand d'Espagne qui priait sa maîtresse de ne pas regarder les étoiles, puisqu'il ne pouvait les lui donner.

—Si tu en regardais une, répondit le comte, j'essayerais de monter au ciel et de l'aller demander à Dieu.»

Tout en écoutant son mari, la comtesse repoussait une mèche révoltée de ses bandeaux qui scintillait comme une flamme dans un rayon d'or. Ce mouvement avait fait glisser sa manche et mis à nu son beau bras que cerclait au poignet le lézard constellé de turquoises qu'elle portait le jour de cette apparition aux Cascines, si fatale pour Octave.

«Quelle peur, dit le comte, vous a causée jadis ce pauvre petit lézard que j'ai tué d'un coup de badine lorsque, pour la première fois, vous êtes descendue au jardin sur mes instantes prières! Je le fis mouler en or et orner de quelques pierres; mais, même à l'état de bijou, il vous semblait toujours effrayant, et ce n'est qu'au bout d'un certain temps que vous vous décidâtes à le porter.

—Oh! j'y suis habituée tout à fait maintenant, et c'est de mes bijoux celui que je préfère, car il me rappelle un bien cher souvenir.

—Oui, reprit le comte; ce jour-là, nous convînmes que, le lendemain, je vous ferais demander officiellement en mariage à votre tante.»

La comtesse, qui retrouvait le regard, l'accent du vrai Olaf, se leva, rassurée d'ailleurs par ces détails intimes, lui sourit, lui prit le bras et fit avec lui quelques tours dans la serre, arrachant au passage, de sa main restée libre, quelques fleurs dont elle mordait les pétales de ses lèvres fraîches, comme cette Vénus de Schiavone qui mange des roses.

«Puisque vous avez si bonne mémoire aujourd'hui, dit-elle en jetant la fleur qu'elle coupait de ses dents de perle, vous devez avoir retrouvé l'usage de votre langue maternelle... que vous ne saviez plus hier.

—Oh! répondit le comte en polonais, c'est celle que mon âme parlera dans le ciel pour te dire que je t'aime, si les âmes gardent au paradis un langage humain.»

Prascovie, tout en marchant, inclina doucement sa tête sur l'épaule d'Olaf.

«Cher cœur, murmura-t-elle, vous voilà tel que je vous aime. Hier vous me faisiez peur, et je vous ai fui comme un étranger.»

Le lendemain, Octave de Saville, animé par l'esprit du vieux docteur, reçut une lettre liserée de noir, qui le

priait d'assister aux service, convoi et enterrement de M. Balthazar Cherbonneau.

Le docteur, revêtu de sa nouvelle apparence, suivit son ancienne dépouille au cimetière, se vit enterrer, écouta d'un air de componction fort bien joué les discours que l'on prononça sur sa fosse, et dans lesquels on déplorait la perte irréparable que venait de faire la science; puis il retourna rue Saint-Lazare, et attendit l'ouverture du testament qu'il avait écrit en sa faveur.

Ce jour-là on lut aux *faits divers* dans les journaux du soir:

«M. le docteur Balthazar Cherbonneau, connu par le long séjour qu'il a fait aux Indes, ses connaissances philologiques et ses cures merveilleuses, a été trouvé mort, hier, dans son cabinet de travail. L'examen minutieux du corps éloigne entièrement l'idée d'un crime. M. Cherbonneau a sans doute succombé à des fatigues intellectuelles excessives ou péri dans quelque expérience audacieuse. On dit qu'un testament olographe découvert dans le bureau du docteur lègue à la bibliothèque Mazarine des manuscrits extrêmement précieux, et nomme pour son héritier un jeune homme appartenant à une famille distinguée, M. O. de S.»

MANIFESTO PELA DEMOCRATIZAÇÃO DO DOMÍNIO PÚBLICO

Um Livro Extraordinário passou pelo teste do tempo e sobreviveu para nos contar sua história. Essas obras nos levam a outros lugares, nos apresentam pessoas e novos modos de pensar; nos transformam em exploradores e renovam as maneiras como experimentamos a vida cotidiana.

Ler é um ato de liberdade que transforma leitores em turistas imaginários. Todos têm o direito de visitar o País das Maravilhas, a Terra do Nunca, Lilliput, Camelot e até de viajar dentro da barriga de uma baleia. Queremos falar a mesma língua de Mowgli, do Pequeno Príncipe, do barão Münchhausen, de Mulan. Merecemos um passaporte universal. Nos recusamos a ser estrangeiros nos mundos extraordinários.

Libertaremos os mundos imaginários das estantes empoeiradas do domínio público. Abriremos suas portas escondidas sob o manto de outras línguas. Destruiremos as muralhas para revelar tesouros escondidos em outras línguas a leitores de zero a mil anos!

— •

literatura
livre

O projeto Literatura Livre, do Instituto Mojo de Comunicação Intercultural, traduz para o português as melhores obras da literatura, gratuitamente, em formatos digitais. A biblioteca que formou a identidade humana ao longo de mais de dois milênios está sendo reconstruída e organizada por nossa equipe e nossos apoiadores como uma ponte temporal, com temas tão atuais hoje como quando foram escritos. Nossa missão é aproximar o antigo e o novo, desmistificar o desconhecido, iluminar o conhecimento. Histórias geram empatia e transmitem sentimentos desde antes da escrita, e nós as usamos para estreitar os laços que nos unem como uma só espécie. A realização deste bem social conta com o apoio de parceiros, instituições e pessoas. Conheça quem está fazendo essa magia junto com o Instituto Mojo em nosso site e em nossas redes.



Desde 2018 o Instituto Mojo promove a aproximação cultural sem fronteiras. Em um mundo unido pelos meios digitais e dividido pelas diferenças culturais e ideológicas, tomamos como nosso o esforço de reunir a todos os interessados em conhecer, respeitar e promover a sua cultura e a de outros. Nosso primeiro programa se concentra na veiculação gratuita de obras em domínio público nas mais diversas línguas, sempre em versões bilíngues. Visite nosso site e veja como apoiar as nossas ações.

  @institutomojo

www.mojo.org.br

FICHA TÉCNICA



**SESC — SERVIÇO SOCIAL DO
COMÉRCIO**

[SOCIAL SERVICE OF COMMERCE]

**Administração Regional no
Estado de São Paulo**

[Regional Administration of São Paulo State]

Presidente do Conselho Regional

[Regional Board Chairman]

Abram Szajman

Diretor do Departamento Regional

[Regional Department Director]

Danilo Santos de Miranda

Superintendente de Comunicação Social

[Social Communication Superintendent]

Aurea Leszczynski Vieira Gonçalves

Superintendente Técnico-Social

[Social-Technical Superintendent]

Rosana Paulo da Cunha

Gerentes

[Departments]

Sesc Digital

Fernando Amoedo Tuacek

Ação Cultural

[Cultural Action]

Érika Mourão Trindade Dutra

Assessoria de Relações Internacionais

[International Affairs]

Heloisa Pisani



**INSTITUTO MOJO DE COMUNICAÇÃO
INTERCULTURAL**

[MOJO INSTITUTE FOR INTERCULTURAL COMMUNICATION]

Diretor Executivo

[Executive Director]

Ricardo Giassetti

Vice-Diretor Executivo

[Vice Executive Director]

Bruno Girello

Diretoria

[Board]

Tatiana Bornato, Thiago Fogaça, Luiz Fuganti,

Paulo Buarque de Gusmão

Conselheiro de Negócios

[Business Advisor]

Abel Reis

Curadoria Acadêmica

[Scholar Curatorship]

Ana Maria Haddad Baptista

Organizador e Produtor Literatura Livre

[Executive Producer]

Ricardo Giassetti

Curadores e Editores

[Curators and Editors]

Ricardo Giassetti, Renato Roschel e Camille Pezzino

Revisores

[Proofreading]

Camilla Pezzino, Rebeca Benício e Adriana Zoudine

Direção de Arte

[Art Director]

George Farwell

Ilustrações

[Illustrations]

Chrismontez de Brito

Editoração Digital e Ebooks

[Digital Art and Ebooks]

Fernando Ribeiro

Desenvolvedor

[Developer]

Andre Resende

Tradutores

[Translators]

Adriana Zoudine, Bruno Anselmi Matangrano, Camille Pezzino, Carol Chiovatto, Francisco de Araújo, Gabriel Naldi, Giovane Rodrigues Silva, Lica Hashimoto, Luciana Cammarota, Luis S. Krausz, Mamede Jarouche, Nana Yoshida, Nina Rizzi, Renato Roschel, Ricardo Giassetti, Safa AC Jubran.

Literatura Livre

Sesc São Paulo — Primeira Temporada, 2020

[Free Literature]

[Sesc São Paulo — First Season, 2022]

O Leviaatã (*Der Leviathan*, 1938), Joseph Roth (1894–1939);
Crônicas do Japão (*Nihonshoki*, 720), Príncipe Toneri (676–735)
e Ō-no-Yasumaro (?–723); ***Viagens de Gulliver*** (*Gulliver's
Travels*, 1726), Jonathan Swift (1667–1745); ***El Zarco*** (*El Zarco*,
1901), Ignacio Manuel Altamirano (1834–1893);
Contos folclóricos africanos Vols. 1 e 2 (*The Folk Tales from
Southern Nigeria* (1910), Elphinstone Dayrell (1869–1917);
Zanzibar Tales (1901), George W. Bateman (1850–1940);
Where Animals Talk (1912), Robert Hamill Nassau (1835–
1921); ***Os miseráveis*** (*Albukhalā'*, 868), Aljāhiz (776–868); ***Sra.
Fragrância Primavera*** (*Mrs. Spring Fragrance*, 1912), Sui Sin Far
(Edith Maude Easton, 1865–1914); ***Contos de crianças chinesas***
(*Mrs. Spring Fragrance*, 1912), Sui Sin Far (Edith Maude Easton,
1865–1914); ***As roupas fazem as pessoas*** (*Kleider machen Leute*,
1874), Gottfried Keller (1819–1890); ***Contos sardos*** (*Racconti
Sardi*, 1894), Grazia Deledda (1871–1936); ***Pássaros sem ninho***
(*Aves sin nido*, 1889), Clorinda Matto de Turner (1853–1909);
Coração das trevas (*Heart of Darkness*, 1899), Joseph Conrad
(1857–1924); ***Histórias do tio Karel*** (*Outa Karel's Stories: South
African Folk-Lore Tales*, 1914), Sanni Metelerkamp (1867–1945)

Literatura Livre

Sesc São Paulo — Segunda Temporada, 2022

[Free Literature]

[Sesc São Paulo — Second Season, 2022]

Mil novecentos e oitenta e quatro (*Nineteen Eighty Four*, 1949), George Orwell (Eric Arthur Blair, 1903–1950) • **Contos de amor de loucura e de morte** (*Cuentos de amor de loucura y de muerte*, 1917), Horacio Quiroga (1878–1937) • **Contos da selva** (*Cuentos de la selva*, 1918), Horacio Quiroga (1878–1937) • **O boneco raivoso** (*El juguete rabioso*, 1926), Roberto Arlt (1900–1942) • **O ventre de Nápoles** (*Il ventre di Napoli*, 1884–1905), Matilde Serao (1856–1927) • **A metamorfose** (*Die Verwandlung*, 1915), Franz Kafka (1883–1924) • **Hōjōki — Anotações na solidão da cabana** (*Hōjōki ou 方丈記*, 1212), Kamo no Chōmei (1153 ou 55–1216) • **O retorno** (*Возвращение*, 1946), Andrei Platonov (1899–1951) • **Gravuras cariocas** (*Aguafuertes cariocas*, 1930), Roberto Arlt (1900–1942) • **Xingu** (*Xingu*, 1916), Edith Wharton (1862–1937) • **Avatar** (*Avatar*, 1856), Théophile Gautier (1811–1872) • **A Bota de Ferro** (*The Iron Heel*, 1908), Jack London (1876–1916) • **Na baía** (*At the Bay*, 1922), Katherine Mansfield (1888–1923) • **Livro do tigre e do raposo** (*Kitāb Annamir wa Atta^ʿlab*, séc. 9), Hārūn, Sahl Bin (m.c. 830 d.C.) • **Contos malévolos** (*Cuentos malevolos*, 1904), Clemente de Palma (1872–1946)